



**CARLOS  
FUENTES**

**A MORTE DE**

**ARTEMIO CRUZ**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

CARLOS FUENTES (1928-2012)



A morte de  
Artemio Cruz

1962

CORIANO  
ENS/BL.  
.MAY. 2012.

A  
*C. Wright Mills,  
Verdadeira voz da América do Norte,  
Amigo e companheiro na luta da América Latina.*

La préméditation de la mort est préméditation de liberté.

MONTAIGNE, *Essais*

Hombres que salís al suelo  
por una cuna de hielo  
y por un sepulcro entráis,  
ved cómo representáis...

CALDERÓN, *El gran teatro del mundo*

Moi seul, je sais ce que j'aurais pu faire ...  
Pour les autres, je ne suis tout  
au plus qu'un peu-etre.

STENDHAL, *O vermelho e o negro*

...de mí y de él y de nosotros tres  
¡siempre tres!...

GOROSTIZA, *Muerte sin fin*

No vale nada la vida: la vida no vale  
nada.

CANÇÃO POPULAR MEXICANA

# **A morte de Artemio Cruz**

Desperto... Desperta-me o contato desse objeto frio com o membro. Não sabia que, às vezes, pode-se urinar involuntariamente. Permaneço com os olhos fechados. Não escuto as vozes mais próximas. Se abrir os olhos, poderei escutá-las?... Mas as pálpebras pesam-me: dois chumbos; cobre na língua, martelos no ouvido, algo... algo como prata oxidada na respiração. Tudo isto metálico. Outra vez mineral. Urino sem saber. Talvez — estive inconsciente, lembro com um sobressalto —, durante essas horas, tenha comido sem saber. Pois mal clareava quando estiquei a mão e joguei — também sem querer — o telefone ao chão e permaneci de costas sobre o leito, com meus braços pendendo no ar; um formigar pelas veias do pulso. Agora desperto, mas não quero abrir os olhos. Embora não queira, algo brilha com insistência perto de meu rosto. Algo que se reproduz por trás de minhas pálpebras cerradas numa fuga de luzes negras e círculos azuis. Contraio os músculos do rosto, abro o olho direito e vejo-o refletido nas incrustações de vidro de uma bolsa de mulher. Sou isto. Sou isto. Sou este velho com as feições partidas pelos pedaços desiguais de vidro. Sou este olho. Sou este olho. Sou este olho sulcado pelas raízes de uma cólera acumulada, velha, esquecida, sempre atual. Sou este olho volumoso e verde entre as pálpebras. Pálpebras. Pálpebras. Pálpebras gordurosas. Sou este nariz. Este nariz. Quebrado. De amplas narinas. Sou estas faces. Faces. Onde nasce a barba grisalha. Nasce. Cara. Cara. Cara. Sou esta cara que nada tem a ver com a velhice ou

a dor. Cara. Com os dentes enegrecidos pelo fumo. Fumo. Fumo. A exalação de minha respiração embacia os vidros e uma mão retira a bolsa do criado-mudo.

— Olhe, doutor, está fingindo...

— Sr. Cruz...

— Até na hora da morte tinha que nos enganar! Não quero falar. Tenho a boca cheia de centavos velhos. Desse sabor. Mas abro um pouco os olhos e por entre os cílios distingo as duas mulheres, o médico que tem cheiro de coisas assépticas; de suas mãos suadas, que agora, sob o pijama, apalpam o meu peito, sobe um espasmo de álcool retificado. Trato de retirar essa mão.

— Vamos, Sr. Cruz, vamos...

Não, não, não vou separar os lábios: ou essa linha enrugada, sem lábios, no reflexo do vidro. Conservarei os braços estendidos sobre os lençóis. As cobertas chegam até o ventre. O estômago... ah... E as pernas permanecem abertas, com esse artefato frio entre as coxas. E o peito continua adormecido, com o mesmo formigar surdo que sinto... que... que sentia quando passava muito tempo sentado num cinema. Má circulação, na certa. Nada mais. Nada mais. Nada grave. Nada mais grave. Deve-se pensar no corpo. Cansa pensar no corpo. No próprio corpo. No corpo inteiro. Cansa. Não se pensa. Pronto. Penso, testemunho. Sou, corpo. Fica. Vai-se... vai-se... dissolve-se nesta fuga de nervos e escamas, de células e glóbulos dispersos. Meu corpo, em que este médico mete seus dedos. Medo. Sinto medo de pensar em meu próprio corpo. E o rosto? Teresa retirou a bolsa que o refletia. Tento recordá-lo no reflexo; era um rosto estilhaçado em vidros sem simetria, com o olho muito perto da orelha e muito longe de seu par, com a cara distribuída por três espelhos circulantes. Corre-me suor pela testa. Fecho os olhos outra vez e peço, peço que me sejam devolvidos meu rosto e meu corpo. Peço, mas sinto essa mão que me acaricia e gostaria de livrar-me de seu tato, mas faltam-me forças.



— Estás melhor?

Não a vejo. Não vejo Catalina. Vejo mais longe. Teresa está sentada na poltrona. Segura um jornal aberto. Meu jornal. É Teresa, mas seu rosto está escondido atrás das folhas abertas.

— Abram a janela.

— Não, não. Podes resfriar-te e complicar tudo.

— Deixa, mamãe. Não vêes que está fingindo?

Ah. Aspiro esse incenso. Ah. Os murmúrios na porta. Chega com esse cheiro de incenso e vestes negras, com o hissope à frente, para despedir-me com todo o rigor de uma advertência. Ah! caíram na armadilha.

— Padilla não chegou?

— Sim. Está lá fora.

— Manda-o entrar.

— Mas...

— Manda Padilla entrar antes.

Ah, Padilla, aproxima-te. Trouxeste o gravador? Se sabes o que te convém, trouxeste-o aqui como o levavas todas as noites à minha casa em Coyoacán. Hoje, mais que nunca, queres dar-me a impressão de que tudo segue normalmente. Não perturbes os ritos, Padilla. Ah sim, aproxima-te. Elas não querem.

— Aproxima-te, filha, para que te reconheça. Dize teu nome.

— Sou... sou Gloria.

Se ao menos pudesse distinguir melhor teu rosto. Se ao menos distinguisse melhor tua expressão. Deves perceber este cheiro de escamas mortas; deves olhar este peito arruinado, esta barba grisalha e em desordem, este fluido incontido do nariz, estes... Afastam-na de mim. O médico toma-me o pulso.

— Devo conferenciar com meus colegas.

Catalina roça-me a mão com a sua. Que carícia inútil. Não a vejo bem, mas tento fixar meu olhar no seu. Retenho-a. Pego sua mão gelada.

— Essa manhã esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

— O quê? Não fales. Não te canses. Não entendo.

— Gostaria de voltar ali, Catalina. Que inútil.

Sim: o padre estava junto a mim. Murmura suas palavras. Padilla liga o gravador. Escuto minha voz, minhas palavras. Ai, com um grito. Ai, grito. Ai, sobrevivi. São dois médicos que aparecem na porta. Sobrevivi. Regina, está doendo, está doendo. Regina, sinto que está doendo. Regina. Soldado. Abracem-me; está doendo. Cravaram-me um punhal comprido e frio no estômago; há alguém, há outro que me cravou um aço nas entranhas: aspiro este incenso e estou cansado. Deixo que o façam. Que me levantem pesadamente, enquanto gemo. Não lhes devo a vida. Não posso, não posso, não escolhi, a dor dobra-me a cintura, toco os meus pés gelados, não quero essas unhas azuis, minhas novas unhas azuis, aaaa aaaai, sobrevivi: que fiz ontem?; se penso no que fiz ontem não pensarei mais no que está acontecendo. Esse é um pensamento claro. Muito claro. Pensa ontem. Não estás tão louco; não sofres tanto; pudeste pensar isso. Ontem ontem ontem. Ontem Artemio Cruz voou de Hermosillo à Cidade do México. Sim. Ontem Artemio Cruz... Antes de ficar doente, ontem Artemio Cruz... Não, não ficou doente. Ontem Artemio Cruz estava em seu escritório e se sentiu muito doente. Ontem não. Esta manhã. Artemio Cruz. Não, doente, não. Não, Artemio Cruz, não. Outro. Num espelho colocado em frente à cama do doente. O outro. Artemio Cruz. Seu gêmeo. Artemio Cruz está doente: não vive; não, vive. Artemio Cruz viveu. Viveu durante alguns anos ... Não tem saudade de anos: anos não não. Viveu durante alguns dias. Seu gêmeo. Artemio Cruz. Seu duplo. Ontem Artemio Cruz, o que só viveu alguns dias antes de morrer, ontem Artemio Cruz... que sou eu... e é outro ... ontem...

Tu, ontem, fizeste o mesmo de todos os dias. Não sabes se vale a pena recordá-lo. Só quererias recordar, recostado ali, na

penumbra de teu interior, o que vai suceder: não queres prever o que já sucedeu. Em tua penumbra, os olhos olham para a frente; não sabem adivinhar o passado. Sim; ontem voarás de Hermosillo, ontem, 9 de abril de 1959, no voo regular da Companhia Mexicana de Aviação que sairá da capital de Sonora, onde fará um calor infernal, às nove e cinquenta e cinco da manhã e chegará a México, DF, às dezesseis e trinta em ponto. Da poltrona do quadrimotor verás uma cidade plana e cinzenta, um cinturão de adobe e telhados de folhas de metal. A aeromoça oferecer-te-á uma goma de mascar embrulhada em celofane — lembrarás isso em particular, pois será (deve ser, não penses tudo no futuro, desde agora) uma moça muito bonita e sempre terás bom olho para isso, embora tua idade te condene mais a imaginar as coisas que a fazê-las (usas mal as palavras: claro, nunca te sentirás condenado a isso, embora só possas imaginá-lo): o anúncio luminoso — No smoking, fasten seat belts — se acenderá no momento em que o avião, ao entrar no vale do México, descer abruptamente, como se perdesse o poder de se manter no ar fino e, em seguida, inclinar-se-á para a direita, e cairão malas, bolsas e maletas, levantar-se-á um grito comum, entrecortado por um soluço baixo e as chamas começarão a crepitar até que pare o quarto motor, na asa direita, e todos continuem gritando e só tu te mantinhas sereno, imóvel, mascando tua goma e observando as pernas da aeromoça que correrá pelo corredor tranquilizando os passageiros. Funcionará o sistema interno com que o motor combate o fogo e o avião aterrissará sem dificuldade, mas ninguém terá percebido que só tu, um velho de setenta e um anos, mantiveste a compostura. Sentir-te-ás orgulhoso de ti mesmo, sem demonstrá-lo. Pensarás que fizeste tantas coisas covardes, que a coragem é fácil para ti. Sorrirás e dir-te-ás que não, não, não é um paradoxo: é a verdade e, talvez, até uma verdade geral. Terás feito de automóvel a viagem a Sonora — um Volvo 1959, placas DF 712 — porque algumas personagens do governo teriam pensado em se

fazer de duros e deverias percorrer todo esse caminho a fim de assegurar a lealdade dessa cadeia de funcionários que compraste — compraste, sim, não te enganarás com tuas palavras sobre aniversários: eu os convencerei, persuadirei: não, comprarás — para que cobrem tributos — outra palavra feia — dos transportadores de pescado entre Sonora, Sinaloa e o Distrito Federal: darás dez por cento aos inspetores e o pescado chegará à cidade encarecido por essa cadeia de intermediários, e receberás um lucro vinte vezes superior ao valor original do produto. Empenhar-te-ás em recordá-lo e cumprirás teu desejo, embora tudo isso te pareça matéria de uma nota em teu jornal e penses que, na realidade, perdes tempo ao recordá-lo. Mas insistirás, seguirás em frente. Insistirás. Gostarias de recordar outras coisas, mas, sobretudo, gostarias de esquecer o estado em que te encontras. Desculpar-te-ás. Não te encontras. Encontrar-te-ás. Serás trazido desmaiado para tua casa; cairás em teu escritório; virá o doutor e dirá que será necessário esperar algumas horas para dar o diagnóstico. Virão outros médicos. Não saberão nada, não entenderão nada. Pronunciarão palavras difíceis. E quererás imaginar-te. Como um odre vazio e enrugado. Teu queixo tremerá, tua boca cheirá mal, tuas axilas cheirarão mal, federas todo entre as pernas. Ficarás estirado ali, sem tomar banho, sem fazer a barba: serás um depósito de suores, nervos irritados e funções fisiológicas inconscientes. Mas insistirás em recordar o que acontecerá ontem. Transportar-te-ás do aeroporto para teu escritório e percorrerás uma cidade impregnada de gases lacrimogêneos, pois a polícia acabará de dissolver essa manifestação na Plaza dei Caballito. Estudarás com teu redator-chefe as manchetes da primeira página, os editoriais e as caricaturas, e sentir-te-ás satisfeito. Receberás a visita de teu sócio americano, far-lhe-ás ver os perigos desses impropriamente chamados movimentos de depuração sindical. Depois, entrará em teu escritório o teu administrador, Padilla, e dir-te-á que os índios

andam agitando, e tu, através de Padilla, mandarás dizer ao comissário local que os corrija, pois é pago para isso. Trabalharás muito ontem de manhã. Estará vendo-te o representante desse dirigente latino-americano e obterás aumento de subsídio para teu periódico. Chamarás a cronista social e ordenarás que ponha em sua coluna uma calúnia sobre esse Couto que te está guerreando nos negócios de Sonora. Farás tantas coisas! E depois te sentarás com Padilla, a contar teus bens. Isso te divertirá muito. Toda uma parede de teu escritório estará coberta com esse quadro que indica a extensão de e as relações entre os negócios manejados: o jornal, as inversões em bens de raiz — México, Puebla, Guadalajara, Monterrey, Culiacán, Hermosillo, Guaymas, Acapulco —, os depósitos de enxofre em Jáltipan, as minas em Hidalgo, as concessões madeireiras em Tarahumara, a participação na cadeia de hotéis, a fábrica de tubos, o comércio de pescado, as companhias de investimentos, a rede de operações na Bolsa, as representações legais de companhias norte-americanas, a administração do empréstimo ferroviário, os postos de conselheiro em instituições creditícias, as ações de empresas estrangeiras — corantes, aço, detergentes — e um dado que não aparece no quadro: quinze milhões de dólares depositados em bancos de Zurique, Londres e Nova York. Acenderás um cigarro, apesar das advertências do médico, e contarás novamente a Padilla as etapas que integram essa riqueza. Empréstimos a curto prazo e altos juros aos camponeses do Estado de Puebla, ao acabar a Revolução; aquisição de terrenos próximos à cidade de Puebla, prevendo seu crescimento; graças a uma amistosa intervenção do então presidente, terrenos para loteamentos na Cidade do México; compra do diário metropolitano; aquisição de ações mineiras e criação de empresas mistas mexicano-americanas, em que figuraste como testa de ferro para cumprir a lei; homem de confiança dos investidores americanos; intermediário entre Chicago, Nova York e o governo do México; manejo da Bolsa

de Valores para elevá-los, depreciá-los, vender, comprar, conforme gosto e lucro; prosperidade e consolidação definitivas com o Presidente Alemán: aquisição de terrenos rurais arrebatados aos camponeses para projetar novos loteamentos em cidades do interior, concessões de exploração madeireira. Sim — suspirarás e pedirás um fósforo a Padilla —, vinte anos de confiança, de paz social, de colaboração de classes; vinte anos de progresso, desde a demagogia de Lázaro Cárdenas, vinte anos de proteção aos interesses de empresa, de líderes submissos, de greves dominadas. E então porás as mãos no ventre e tua cabeça de cabelos crespos, de tez azeitonada, baterá secamente sobre o vidro da mesa, e outra vez, agora tão perto, verás essa imagem de teu gêmeo doente, enquanto todos os ruídos fogem, rindo, para fora da tua cabeça e o suor de toda essa gente rodear-te-á, a carne de toda essa gente sufocar-te-á, far-te-á perder o conhecimento. O gêmeo refletido incorporar-se-á ao outro, que és tu, ao velho de setenta e um anos que jazerá, inconsciente, entre a cadeira giratória e a grande escrivaninha de aço: e estarás aqui e não saberás quais dados passarão para tua biografia e quais serão calados, escondidos. Não saberás. São dados vulgares e não serás o primeiro nem o único com semelhante folha de serviços. Conseguiste prazer. Já terás recordado isso. Mas recordarás outras coisas, outros dias, terás que os recordar. São dias que, distantes, próximos, lançados no esquecimento, rotulados pela lembrança — encontro e desencontro, amor fugaz, liberdade, rancor, fracasso, vontade —, foram e serão algo mais que os nomes que lhes possas dar: dias em que teu destino te perseguirá com faro de cão lebréu, te encontrará, te cobrará, te encarnará com palavras e atos, matéria complexa, opaca, adiposa, entrelaçada para sempre com a outra, a impalpável, a de teu ânimo absorvido pela matéria: gosto de marmelo fresco, ambição de unhas que crescem, tédio da calvície progressiva, melancolia do sol e do deserto, abulia dos pratos sujos, distração

dos rios tropicais, medo dos sabres e da pólvora, perda das planícies frescas, juventude dos cavalos negros, velhice da praia abandonada, encontro do envelope com o selo estrangeiro, repugnância ao incenso, enfermidade da nicotina, dor da terra vermelha, ternura do pátio à tarde, espírito de todos os objetos, matéria de todas as almas: corte de tua memória, que separa as duas metades; soldadura da vida, que volta a uni-las, dissolvê-las, persegui-las, encontrá-las: a fruta tem duas metades; hoje voltarão a se unir; recordarás a metade que deixaste para trás: o destino te encontrará; bocejarás: não se deve recordar; bocejarás: as coisas e seus sentimentos foram se desfazendo, caíram rompidos pelo caminho; ali, lá atrás, havia um jardim: se pudesses voltar a ele, se pudesses encontrá-lo outra vez, no fim; bocejarás: não mudaste de lugar; bocejarás: estás sobre a terra do jardim, mas os ramos pálidos negam as frutas, o leito seco nega as águas; bocejarás: os dias serão diferentes, idênticos, próximos, atuais; logo esquecerão a necessidade, a urgência, o assombro; bocejarás: abrirás os olhos e as verás ali, a teu lado, com essa falsa solicitude; murmurarás seus nomes: Catalina, Teresa: não deixarão de dissimular esse sentimento de falsidade e violação, de desaprovação irritada, que por necessidade deverá transformar-se, agora, em aparência de preocupação, afeto, dor: a máscara da solicitude será o primeiro sinal dessa mudança que tua enfermidade, teu aspecto, a decência, o olhar alheio, o costume herdado, impor-lhes-á; bocejarás: fecharás os olhos; bocejarás; tu, Artemio Cruz, ele: acreditarás em teus dias, com os olhos fechados!

## 1941: 6 de julho

Ele passou de automóvel rumo ao escritório. O motorista dirigia e ele ia lendo o jornal, mas nesse momento, casualmente, levantou os olhos e viu-as entrando na loja. Olhou-as e piscou; então, o carro distanciou-se e ele continuou a ler as notícias que chegavam de Sidi Barrani e El Alamein, olhando as fotografias de Rommel e Montgomery: o chofer suava sob o calor reinante e não podia ligar o rádio para distrair-se e ele pensou que não tinha feito mal em associar-se aos corretores de café colombiano, quando começou a guerra na África, e elas entraram na loja e a empregada pediu-lhes que se sentassem enquanto avisava a dona (pois sabia quem eram as duas mulheres, a mãe e a filha, e a dona ordenara que sempre a avisassem quando viessem à loja): a empregada caminhou silenciosamente pelos tapetes até a sala dos fundos, onde a dona da loja escrevia uns convites, apoiada na mesa de couro verde; deixou cair os óculos que pendiam de uma corrente de prata, quando a empregada entrou e disse que ali estavam a senhora e sua filha e a dona suspirou e disse: "Ah sim, ah sim, ah sim, a data já está próxima", e agradeceu-lhe o aviso e ajeitou o cabelo violáceo e franziu os lábios e apagou o cigarro mentolado e na sala da loja as duas mulheres se haviam sentado e não diziam nada nada até que viram aparecer a dona e então a mãe, que tinha esta ideia das conveniências, fingiu que continuava uma conversa que nunca começara e disse em voz alta: "...mas esse modelo que parece muito mais bonito. Não sei o que pensas, mas eu escolheria esse; é bonito mesmo, lindo, lindo". A moça concordou, pois estava acostumada a essas conversas que a mãe mantinha, não com ela, mas com a



pessoa que agora entrava e estendia a mão à filha, mas não à mãe, a quem saudava com um sorriso enorme e a cabeça violeta bem inclinada. A filha começou a deslocar-se para a direita do sofá, fazendo lugar para a dona, mas a mãe deteve-a com o olhar e um dedo sacudido à altura do peito; a filha não se moveu e olhou com simpatia a mulher de cabelo pintado que permanecia de pé e perguntava se já haviam escolhido o modelo preferido. A mãe disse que não, ainda não se haviam decidido, e por isso queriam ver todos os modelos outra vez, pois também disso dependia tudo o mais, isto é, detalhes como a cor das flores, os vestidos das damas, tudo isso.

- Sinto muito dar-lhe tanto trabalho; gostaria...
- Por favor, senhora. É um prazer atendê-la.
- Sim, queremos estar certas.
- Naturalmente.
- Não gostaríamos de nos enganar e depois, à última hora...
- Tem razão. É melhor escolher com calma e não ...
- Sim. Queremos estar certas.
- Vou dizer às moças que se preparem.

Ficaram sós e a filha esticou as pernas; a mãe olhou-a assustada e mexeu todos os dedos ao mesmo tempo, porque podia ver as ligas da moça, e também lhe disse que pusesse um pouco de saliva na meia da perna esquerda; a filha procurou e encontrou o lugar onde a seda se rompera e molhou o indicador com saliva e passou-o sobre o lugar. "E que estou com um pouco de sono", explicou, depois, à mãe. A senhora sorriu e acariciou-lhe a mão, e as duas continuaram sentadas sobre as almofadas de brocado rosa, sem falar, até que a filha disse estar com fome e a mãe respondeu que depois iriam almoçar alguma coisa no Sanborn's, embora ela só fosse acompanhá-la, porque havia engordado muito ultimamente.

- Não tens por que preocupar-te.
- Não?

— Tens uma aparência muito juvenil. Mas, depois, cuida-te. Em minha família, todas tivemos boa aparência quando jovens, mas depois dos quarenta perdemos a linha.

— Estás muito bem.

— Não te lembras, isso é que é, já não te lembras. E além disso...

— Hoje amanheci com fome. Comi bastante no café.

— Agora não te preocupes. Depois sim, toma cuidado.

— A maternidade engorda muito?

— Não, não é esse o problema; esse não é realmente o problema. Dez dias de dieta e ficas a mesma de antes. O problema é depois dos quarenta.

Lá dentro, enquanto preparava as duas modelos, a dona, ajoelhada, com alfinetes na boca, mexia nervosamente as mãos e ralhava com as moças por terem pernas tão curtas; como iriam parecer bem mulheres de pernas tão curtas? Precisavam fazer exercício, disse-lhes, ténis, equitação, tudo o que serve para melhorar a raça, e elas lhe disseram que parecia muito irritada e a dona respondeu que sim, que essas duas mulheres irritavam-na muito. Disse que a senhora não costumava nunca dar a mão; a menina era mais amável, mas um pouco distraída, como se nada mais estivesse ali; mas, enfim, não as conhecia bem e não podia falar e como diziam os americanos the customer is always right e deve-se aparecer no salão sorrindo, dizendo cheese, cheeeese e cheeeeeeeese. Era obrigada a trabalhar, mesmo que não tivesse nascido para trabalhar, e estava acostumada a estas senhoras ricas de agora. Felizmente, aos domingos podia reunir-se com as amigas de antes, com quem crescera, e sentir-se um ser humano, pelo menos uma vez por semana. Jogavam bridge, disse às moças e bateu palmas ao ver que estavam prontas. Uma pena, as pernas curtas. Enfiou com cuidado os alfinetes que estavam em sua boca na almofadinha de veludo.

- Virá ao *shower*?
- Quem? Teu noivo ou teu pai?
- Papai.
- Como queres que eu o saiba?

Ele viu passar a cúpula laranja e as colunas brancas, gordas, do Palácio das Belas Artes, mas olhou para cima, onde os fios se uniam, separavam, corriam — não eles, ele com a cabeça encostada na lã cinza do banco — paralelos ou juntos nos distribuidores de tensão: a fachada ocre, veneziana do Correio e as esculturas frondosas, os seios cheios e as cornucópias vazias do Banco de México: acariciou a fita de seda do chapéu de feltro marrom e com a ponta do pé fez balançar a correia do banco dobradiço da limusine, na sua frente: os mosaicos azuis do Sanborn's e a pedra lavrada e enegrecida do Convento de São Francisco. O automóvel parou na esquina da Isabel la Católica, e o chofer abriu-lhe a porta e tirou o quepe e ele, em troca, pôs o chapéu, penteando com os dedos os cabelos que ficaram para fora do chapéu, e a corte de vendedores de bilhetes e engraxates e mulheres embuçadas e meninos com o lábio superior cheio de ranho rodeou-o até que passou pela porta giratória e arrumou a gravata ante o vidro do vestíbulo, e atrás, no segundo vidro, o que dava para a Calle de Madero, um homem idêntico a ele, mas tão distante, arrumava o nó da gravata também, com os mesmos dedos manchados de nicotina, o mesmo terno xadrez, mas sem cor, rodeado pelos mendigos, e deixava cair a mão ao mesmo tempo que ele e depois dava-lhe as costas e caminhava para o centro da rua, enquanto ele procurava o elevador, desorientado por um momento.

Outra vez as mãos estendidas desanimaram-na e apertou o braço de sua filha para introduzi-la depressa nesse calor irreal, de inverno, nesse aroma de sabonetes e lavanda e papel couché recém-impresso. Ficou um instante olhando os artigos de beleza arrumados atrás do vidro e olhou para si mesma, piscando os olhos

para ver bem os cosméticos dispostos sobre uma tira de tafetá vermelho. Pediu um pote de coldcream Theatrical e dois tubos de batom da mesma cor, a cor desse tafetá, e procurou, sem êxito, as notas na bolsa de couro de crocodilo: "Olha, arranja-me uma nota de vinte pesos". Recebeu o pacote e o troco, e entraram no restaurante e acharam uma mesa para dois. A moça pediu suco de laranja e waffles com nozes à garçonete vestida de tehuana e a mãe não pôde resistir e pediu uma rosca com manteiga derretida e as duas olharam em seu redor, procurando distinguir rostos conhecidos, até que a moça pediu licença para tirar o casaco do vestido amarelo porque o calor que entrava pela janela era muito grande.

— Joan Crawford — disse a filha. — Joan Crawford.

— Não, não. Não se pronuncia assim. Assim não se pronuncia. Crofor, Cro-for; pronunciam assim.

— Crau-for.

— Não, não. Cro, cro, cro. O "a" e o "u", juntos, são pronunciados "o". Creio que é pronunciado assim.

— Não gostei muito do filme.

— Não, não é muito bom. Mas é bem engraçado.

— Eu me aborreci bastante.

— Mas insististe tanto em ir...

— Disseram que era muito bom, mas não é.

— Dá para passar o tempo.

— Cro-ford.

— Sim, acho que é assim que pronunciam, Cro-for. Acho que não pronunciam o "d".

— Cro-for.

— Acho que sim. A menos que me engane.

A moça derramou mel sobre os waffles e os cortou em pedacinhos quando se assegurou de que cada orifício tinha mel. Sorria à mãe cada vez que enchia a boca com essa farinha tostada e

melosa. A mãe não a olhava. Uma mão brincava com a outra, acariciava as pontas dos dedos com o polegar e parecia querer levantar as unhas: olhava as duas mãos próximas, sem querer olhar os rostos: como uma das mãos voltava a pegar a outra e como ia descobrindo-a, lentamente, sem pular um só poro da outra pele. Não, não tinham alianças nos dedos; deviam ser noivos ou coisa parecida. Tratou de desviar o olhar e fixar-se nesse charco de mel que inundava o prato de sua filha, mas sem querer voltava às mãos do par da mesa contígua e conseguia evitar seus rostos, mas não as mãos acariciadas. A filha passava a língua pelas gengivas, retirando os pedaços soltos de farinha e noz, e depois limpou os lábios e manchou o guardanapo de vermelho, mas antes de voltar a se pintar buscou com a língua as sobras do waffle e pediu à mãe um pedaço de rosca. Disse que não queria café porque a deixava nervosa, embora gostasse de café, mas agora não, porque já estava bastante nervosa. A senhora acariciou-lhe a mão e disse-lhe que deviam sair, porque ainda lhes faltava fazer muitas coisas. Pagou a conta e deixou a gorjeta e as duas se levantaram. O americano explicou que se injeta água fervendo nos depósitos; a água derrete-os e o enxofre é levado à superfície pelo ar comprimido. Voltou a explicar o sistema e o outro americano disse que estavam muito satisfeitos com as explorações e cortou várias vezes o ar com a mão, agitando-a muito perto do rosto seco e avermelhado, repetindo: "Domos, bom. Piritas, mau. Domos, bom. Piritas, mau. Domos, bom..." Ele tamborilava com os dedos sobre o vidro da mesa e assentia, acostumado a que eles, falando espanhol, acreditassem que ele não entendia, não porque falassem mal o espanhol, mas porque ele não entendia bem nada. "Piritas mau." O técnico estendeu o mapa da zona sobre a mesa e ele retirou os cotovelos enquanto desenrolavam a carta. O segundo explicou que a zona era tão rica que poderia ser explorada até boa parte do século XXI; ao máximo, até esgotar os depósitos; ao máximo. Voltou a repeti-lo

sete vezes e retirou o punho que havia deixado cair, no princípio da arenga, sobre essa mancha verde cheia de triângulos que indicavam os achados do geólogo. O americano piscou os olhos e disse que os bosques de cedro e acaju eram enormes e que nisso ele, o sócio mexicano, ficava com cem por cento dos lucros; os sócios americanos não intervinham, embora aconselhassem um reflorestamento contínuo; haviam visto esses bosques destruídos por toda parte: não percebiam que essas árvores significavam dinheiro? Mas isso era de sua conta, porque, com bosques ou sem eles, os depósitos ali estavam. Sorriu e se levantou. Cravou os polegares entre a cinta e o pano das calças e balançou o cigarro apagado entre os lábios, até que um dos americanos levantou-se com um fósforo aceso nas mãos. Aproximou-o do cigarro e ele o fez circular entre os lábios até que a ponta acesa brilhou. Pediu-lhes dois milhões de dólares em dinheiro sonante e eles lhe perguntaram para que fim: admitiam-no, com prazer, como sócio capitalista com trezentos mil dólares, mas ninguém poderia cobrar um centavo até que a inversão começasse a produzir: o geólogo limpou os óculos com um pedacinho de camurça que levava no bolso da camisa e o outro começou a andar da mesa até a janela e da janela à mesa, até que ele repetiu serem essas as suas condições: não se tratava sequer de um adiantamento, de um crédito, nem nada assim; era o pagamento que lhe deviam por ter conseguido a concessão; de outra forma, sem esse pagamento, não obteriam a concessão: recuperariam com o tempo o presente que lhe iriam fazer agora; mas sem ele, sem o testa de ferro, sem o front-man — pedia-lhes que desculpassem os termos —, não podiam obter a concessão e explorar os depósitos. Tocou a campainha e chamou seu secretário e o secretário leu rapidamente uma folha de cifras concisas e os americanos disseram OK várias vezes, OK, OK, OK, e ele sorriu e lhes ofereceu dois copos de uísque e lhes disse que poderiam explorar o enxofre até boa parte do século XXI, mas que

não seria explorado por eles em nenhum minuto do século XX e todos brindaram e os outros sorriram enquanto murmuravam em voz baixa f. da p. uma só vez.

Caminhavam as duas de braços dados. Caminhavam devagar com as cabeças baixas e se detinham ante cada vitrina e diziam que bonito, que caro, há outra melhor mais adiante, olha esse, que bonito, até que se cansavam e entravam num café e procuravam um bom lugar, longe da entrada onde apareciam os vendedores de bilhetes e se levantava o pó seco e espesso, longe também dos banheiros, e pediam dois Canada Dry de laranja. A mãe se empoava e olhava seus olhos ambarinos no espelho do estojo de pó de arroz, olhava o tom das duas bolsas de pele que começavam a rodeá-los e fechava a tampa com rapidez. As duas observavam o borbulhar do refresco de soda e anilina e esperavam o gás escapar para bebê-lo com pequenos goles. A moça, disfarçadamente, tirava o sapato e acariciava os dedos apertados e a senhora, sentada ante seu refresco de laranja, lembrava os quartos separados da casa, separados mas contíguos, e os ruídos que cada manhã e cada noite conseguiam atravessar a porta fechada: a tosse ocasional, a queda dos sapatos no chão, a batida do chaveiro sobre a mesinha, os gonzos barulhentos do guarda-roupa, às vezes até o ritmo da respiração no sono. Sentiu frio no ombro. Aproximara-se naquela manhã mesmo, caminhando na ponta dos pés, da porta fechada e sentira frio no ombro. Surpreendeu-se ao pensar que todos esses ruídos raros e normais eram ruídos secretos. Voltou à cama e meteu-se entre os cobertores e fixou o olhar no céu limpo, onde se espalhava um leque de luzes redondas, fugazes: a lantejoula da sombra dos castanheiros. Bebeu o resto de um chá gelado e dormiu até que a moça viera acordá-la, lembrando que tinha um dia cheio de ocupações. E só agora, com o copo gelado entre os dedos, lembrou-se dessas primeiras horas do dia. Inclinou-se na cadeira giratória até que as molas protestaram e perguntou ao secretário: "Houve

algum banco que se quisesse arriscar? Houve algum mexicano que tivesse confiança em mim?" Pegou o lápis amarelo e apontou-o para o rosto do secretário: que guardasse bem isso; que Padilla servisse de testemunha: ninguém quis correr o risco e ele não iria deixar que essa riqueza apodrecesse nas selvas do sul; se os gringos eram os únicos dispostos a dar dinheiro para a exploração, o que poderia fazer? O secretário chamou-lhe a atenção para a hora e ele suspirou e disse que estava bem.-Convidava-o para comer. Poderiam comer juntos. Conhecia um lugar novo? O secretário disse que sim, um lugar novo e muito agradável; pastéis ótimos, de nata de queijo, de huitlacoche; era perto. Poderiam ir juntos. Sentia-se cansado; não queria voltar ao escritório essa tarde. De certo modo, deveriam celebrar. Como não? Além disso, nunca haviam comido juntos. Desceram em silêncio e caminharam até a Avenida 5 de Mayo.

- Você é muito jovem. Que idade tem?
- Vinte e sete anos.
- Quando se formou?
- Há três anos. Mas...
- Mas o quê?
- A teoria é muito diferente da prática.
- E isso o faz rir? O que lhe ensinaram?
- Muito marxismo. Fiz até uma tese sobre a mais-valia.
- Deve ser uma boa disciplina, Padilla.
- Mas a prática é muito diferente.
- Você é marxista?
- Bem, todos meus amigos eram. Deve ser da idade.
- Onde fica o restaurante?
- Logo aqui, na esquina.
- Não gosto de caminhar.
- É aqui pertinho.

Dividiram os pacotes e andaram até a Bellas Artes, onde o chofer ficara esperando: continuavam a caminhar com as cabeças



baixas, dirigidas como antenas para as vitrinas, e subitamente a mãe segurou, tremendo, o braço da filha e deixou cair um pacote, porque, à sua frente, dois cães rosnavam com uma cólera gelada, separavam-se, rosnavam, mordiam-se os pescoços até fazê-los sangrar, corriam para o asfalto, voltavam a se engalfinhar com mordidas cortantes e rosnavados: dois vira-latas, maltratados e babosos, um macho e uma fêmea. A moça pegou o embrulho e levou sua mãe até o estacionamento.

Entraram no automóvel e o motorista perguntou se voltavam a Lomas e a filha respondeu que sim, que uns cachorros haviam assustado sua mamãe. A senhora disse que não era nada, que já passara: foi tão inesperado e tão perto dela, mas podiam regressar ao centro naquela tarde, pois ainda faltavam muitas compras, muitas lojas. A moça disse que havia tempo; ainda faltava mais de um mês. Sim, mas o tempo voa e teu pai não se preocupa com o casamento, deixa todo o trabalho para nós. Além disso, debes aprender a manter tua posição; não debes dar a mão para todo o mundo. Além disso, quero que chegue logo o casamento, pois creio que vai servir para que teu pai perceba que já é um homem maduro. Oxalá sirva para isso. Não percebe que já fez cinquenta e dois anos. Tomara que tenhas filhos logo. De qualquer modo, vai servir para que teu pai tenha que estar ao meu lado no casamento civil e no religioso, recebendo felicitações e vendo que todos o tratam como homem respeitável e maduro. Talvez tudo isso o impressione, talvez.

Sinto essa mão que me acaricia e gostaria de libertar-me de seu tato, mas não tenho forças. \_Que carícia inútil. Catalina. Que inútil. O que vais dizer-me? Pensas que encontraste finalmente as palavras que nunca te atreveste a pronunciar? Hoje? Que inútil! Que não se mova tua língua. Não lhe permitas o ócio de uma explicação. Sê fiel ao que sempre aparentaste; sê fiel até o fim. Olha, aprende com tua filha. Teresa. Nossa filha. Que difícil! Que

pronome inútil! Nossa. Ela não finge. Não tem nada a dizer. Olha-a. Sentada com as mãos e o vestido negro, esperando. Ela não finge. Antes, longe de mim, terá dito: "Tomara que tudo acabe logo. Pois ele é capaz de estar fingindo de doente, para mortificar-nos". Deve ter dito algo assim. Escutei uma coisa parecida quando acordei esta manhã desse sono comprido e tranquilo. Lembro-me vagamente do sonífero, do calmante de ontem à noite. E terás respondido: "Meu Deus, que não sofra demais"; terás querido dar uma forma distinta às palavras de tua filha. E não sabes que forma dar a essas palavras que murmuro: — Naquela manhã, esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

Ah, Padilla, aproxima-te. Trouxeste o gravador? Se sabes o que te convém, tê-lo-ás trazido aqui como o levavas todas as noites à minha casa de Coyoacán. Hoje, mais do que nunca, quererás dar-me a impressão de que tudo segue normalmente. Não perturbes os ritos, Padilla. Ah, sim, aproxima-te. Elas não querem.

— Não, licenciado, não o podemos permitir.

— É um costume de muitos anos, minha senhora.

— Não vê a sua cara?

— Deixe-me experimentar. Está tudo pronto. Basta ligar o gravador.

— O senhor se responsabiliza?

— Dom Artemio... Dom Artemio... Trago-lhe o que gravou esta manhã.

Concordo. Procuo sorrir. Como todos os dias. Homem de confiança, esse Padilla. Claro que merece minha confiança. Claro que merece boa parte da minha herança e a administração perpétua de todos os meus bens. Quem, a não ser ele? Ele sabe tudo. Ah, Padilla. Continuas colecionando todas as fitas de minhas conversas no escritório? Ah, Padilla, sabes tudo. Tenho de te pagar bem. Legote minha reputação.

Teresa está sentada, com o jornal aberto que lhe esconde o rosto.

E não sinto que ele chega, com esse cheiro de incenso e roupas negras e o hissope à frente para despedir-me com todo o rigor de uma advertência; ah! caíram no alçapão; e essa Teresa choraminga ali e agora tira a caixa de pó e retoca o nariz para voltar a choramingar outra vez. Imagino-me em meu último momento, o caixão na cova e uma multidão de mulheres choramingando e empoando os narizes sobre minha tumba. Bem, sinto-me melhor. Eu me sentiria otimamente se este cheiro, o meu, não se desprendesse das pregas dos lençóis, se não percebesse essas manchas ridículas com que os tingi... Estou respirando com essa rouquidão espasmódica? Vou receber assim esse borrão negro e defrontar seu ofício? Aaaaaj. Aaaaaj. Tenho de controlá-la... Crispo os punhos, aaai, os músculos faciais e tenho junto a mim esse rosto de farinha que vem assegurar a fórmula que amanhã, ou no passado — e nunca? nunca — aparecerá em todos os jornais, "com todos os confortos da Santa Madre Igreja..." E aproxima seu rosto barbeado de minhas faces ferventes de cãs. Persigna-se. Murmura o "eu, pecador" e só posso virar o rosto e dar um grunhido enquanto encho a cabeça com os pensamentos que gostaria de lançar-lhe à cara: a noite em que o carpinteiro pobre e sujo deu-se o luxo de cobrir a virgem perturbada que havia acreditado nas histórias e embustes familiares e que guardava pombinhas brancas entre as coxas, acreditando que assim daria à luz, com as pombinhas entre as pernas, no jardim, sob as saias, e agora o carpinteiro cobria-a cheio de um desejo justificado, porque deve ter sido muito linda, muito linda, e cobria-a enquanto crescem os choramingos indignados da intolerável Teresa, essa mulher pálida que deseja, gozosa, minha rebeldia final, o motivo para sua própria indignação final. Parece-me incrível vê-las ali, sentadas, sem agitação, sem

recriações. Quanto durará? Não me sinto tão mal agora. Talvez me recupere. Que golpe! não é? Tratarei de fazer cara boa, para ver se aproveitam e esquecem esses gestos de afeto forçado e esvaziam o peito, pela última vez, dos argumentos e insultos que trazem atravessados na garganta, nos olhos, nessa humanidade sem atrativos em que as duas se converteram. Má circulação, é só, nada mais grave. Bah. Aborrece-me vê-las ali. Deve haver algo mais interessante ao alcance dos olhos entrecerrados que veem pela última vez. Ah. Trouxeram-me a esta casa, não à outra. Seja. Quanta discrição. Terei que censurar Padilla pela última vez. Padilla sabe qual é a minha casa verdadeira. Lá poderia deleitar-me vendo as coisas que tanto amo. Estaria abrindo os olhos para ver um teto de vigas antigas e quentes; teria ao alcance da mão a casula de ouro que enfeita minha cabeceira, os candelabros do criado-mudo, o veludo dos espaldares, o cristal da Boêmia dos meus vasos. Teria a Serafín fumando perto de mim, aspiraria esse fumo. E ela estaria arrumada, como o tenho ordenado. Bem-arrumada, sem lágrimas, sem trapos negros. Lá não me sentiria velho e fatigado. Tudo estaria preparado para me lembrar que sou um homem vivo, um homem que ama, igual, igual, igual a antes. Porque estão sentadas ali, velhas feias, descuidadas, falsas, lembrando-me que não sou o mesmo de antes? Tudo está arrumado. Lá em minha casa tudo está arrumado. Sabem o que se deve fazer nesses casos. Impedem-me de recordar. Dizem-me que sou, agora, não que fui. Ninguém procura explicar nada antes que seja demasiado tarde. Bah. Como vou passar o tempo aqui? Sim, vejo que arrumaram tudo para fazer acreditar que todas as noites venho a este cômodo e durmo aqui. Vejo esse armário entreaberto e vejo o perfil de uns paletós que nunca usei, de umas gravatas sem rugas, de uns sapatos novos. Vejo uma escrivaninha em que amontoaram livros que ninguém leu, papéis que ninguém assinou. E esses móveis elegantes e vulgares: quando lhes arrancaram de cima os panos empoeirados? Ah... há

uma janela. Há um mundo lá fora. Há esse vento forte, de meseta, que agita umas árvores escuras e finas. É preciso respirar...

— Abram a janela...

— Não, não. Podes resfriar-te e complicar tudo.

— Teresa, teu pai não nos escuta...

— Está fingindo. Fecha os olhos e finge.

— Cala-te.

— Cala-te.

Vão calar-se. Vão afastar-se da cabeceira. Conservo os olhos fechados. Lembro-me de que saí para comer com Padilla, naquela tarde. Isso já lembrei. Ganhei deles em seu próprio jogo. Tudo isto cheira mal, mas está quente. O corpo engendra calor. Calor para os lençóis. Ganhei de muitos. Ganhei de todos. Sim, o sangue flui bem por minhas veias; logo me recuperarei. Sim. Flui tépido. Ainda dá calor. Eu os perdoo. Não me feriram. Está bem, falem, digam. Não me importa. Perdoo. Que calor. Logo estarei bem. Ah.

Sentir-te-ás satisfeito por te impores a eles; confessa: impuseste-te para que te admitam como seu par; poucas vezes sentiste-te mais feliz, porque desde que começaste a ser o que és, desde que aprendeste a apreciar o tato dos bons tecidos, o gosto das boas bebidas, o olfato das boas loções, tudo isso que nos últimos anos tem sido teu único e isolado prazer, desde então fixaste o olhar lá em cima, no norte, e desde então viveste com a nostalgia do erro geográfico que não te permitiu ser em tudo parte deles: admiras sua eficácia, suas comodidades, sua higiene, seu poder, sua vontade e olhas ao teu redor, e parecem-te intoleráveis a incompetência, a miséria, a sujeira, a abulia, a nudez desse pobre país que não tem nada; e mais te dói saber que, por mais que tentes, não poderás ser como eles, só podes ser um decalque, uma aproximação; pois, afinal, dize: tua visão das coisas, em teus momentos melhores ou piores, foi tão simplista como a deles? Nunca. Nunca pudeste pensar em branco e negro, em bons e maus,

em Deus e Diabo: admite que sempre, mesmo quando parecia o contrário, encontraste no negro o gérmen, o reflexo de seu oposto: tua própria crueldade, quando foste cruel, não estava tingida com certa ternura? Sabes que todo extremo contém sua própria oposição: a crueldade, a ternura; a covardia, o valor; a vida, a morte: de algum modo — quase inconscientemente, por ser quem és, de onde és e o que viveste — sabes disto, e por isso nunca te poderás parecer com eles, que não o sabem. Molesta-te? Sim, não é cômodo, é molesto, é muito mais cômodo dizer: aqui está o bem e aqui está o mal. O mal. Nunca poderás designá-lo. Talvez porque, mais desamparados, não queremos que se perca essa zona intermediária, ambígua, entre a luz e a sombra: essa zona onde podemos encontrar o perdão. Onde poderás encontrá-lo. Quem não será capaz, em um só momento da sua vida — como tu — de encarnar, ao mesmo tempo, o bem e o mal, de se deixar conduzir, ao mesmo tempo, por dois fios misteriosos, de cor diferente, que partem do mesmo novelo para depois subir com o fio branco e descer com o fio negro, mas apesar de tudo os dois se encontram novamente entre teus próprios dedos? Não quererás pensar em tudo isso. Detestar-me-ás por lembrá-lo. Quererias ser como eles, e agora, velho, quase o consegues. Mas quase. Só quase. Tu próprio impedirás o esquecimento: teu valor será gêmeo da covardia, teu ódio terá nascido de teu amor, toda tua vida terá contido e prometido tua morte: não terás sido bom nem mau, generoso ou egoísta, leal ou traidor. Deixarás que os demais afirmem tuas qualidades e teus defeitos; mas tu próprio, como poderás negar que cada uma de tuas afirmações se negará, que cada uma das tuas negações se afirmará? Ninguém saberá, menos tu, talvez. Tua existência será fabricada com todos os fios do tear, como as vidas de todos os homens. Não te faltará, nem te sobrará uma só oportunidade para fazeres de tua vida o que quiseres. E se fores uma coisa e não outra, será porque, apesar de tudo, terás que

escolher. Tuas opções não negarão o resto de tua vida possível, tudo o que deixarás para trás cada vez que escolhas: só a adelgaçamento, adelgaçamento a ponto de que tua opção e teu destino serão uma só coisa: a medalha já não terá duas faces; teu desejo será idêntico a teu destino. Morrerás? Não será a primeira vez. Terás vivido tanta vida morta, tantos momentos de mera gesticulação. Quando Catalina encostar o ouvido na porta que os separa e escutar teus movimentos; quando tu, do outro lado da porta, te moveres sem saber que está sendo escutado, sem saber que alguém vive suspensa dos ruídos e silêncios de tua vida atrás da porta, quem viverá nessa separação? Quando ambos sabem que bastaria uma palavra e, entretanto, calam, quem viverá nesse silêncio? Não, isso não quererias recordar. Gostarias de recordar outra coisa: esse nome, esse rosto que o passar dos anos gastará. Mas saberás que se recordas isso salvar-te-ás, com demasiada facilidade. Lembrarás primeiro o que te condena e, ali salvo, saberás que o demais, o que será salvador, será tua verdadeira condenação: lembrar o que queres. Lembrarás Catalina jovem, quando a conhecestes, e compararás com a mulher desvanecida de hoje. Recordarás e recordarás por quê. Encarnarás o que ela, e todos, pensaram então. Não saberás. Terás que o encarnar. Nunca escutarás as palavras dos outros. Terás que vivê-las. Fecharás os olhos: fecharás. Não aspirarás esse incenso. Não escutarás esses prantos. Recordarás outras coisas, outros dias. São dias que chegarão de noite à tua noite de olhos fechados e só poderás reconhecê-los pela voz: jamais com a vista. Deveras acreditar na noite e aceitá-la sem a ver, acreditar sem reconhecê-la, como se fosse o Deus de todos teus dias: a noite. Agora estarás pensando que bastará fechar os olhos para tê-la. Sorrirás, apesar da dor que volta a insinuar-se, e tratarás de estender um pouco as pernas. Alguém te tocará a mão, mas não responderás a essa carícia? atenção? angústia? cálculo? porque terás criado a noite com teus olhos fechados e do fundo desse oceano de

tinta navegará até ti um baixei de pedra que será alegrado em vão pelo sol do meio-dia, quente e sonolento: muralhas espessas enegrecidas, levantadas para defender a Igreja dos ataques dos índios e também para unir a conquista religiosa à conquista militar. Avançará para teus olhos fechados, com o rumor crescente de seus pífaros e tambores, a tropa rude, isabelina, espanhola, e atravessarás sob o sol a ampla esplanada com a cruz de pedra no centro e as capelas abertas, a prolongação do culto indígena, teatral, ao ar livre, nas esquinas. No alto da igreja levantada no fundo da esplanada, as abóbadas de tezontle repousarão sobre os esquecidos alfanjes mudéjares, sinal de mais um sangue superposto ao dos conquistadores. Avançarás até a fachada do primeiro barroco, ainda castelhano, mas já rico em colunas de vides profusas e claves aquilinas: a fachada da Conquista, severa e agradável, com um pé no mundo velho, morto, e outro no mundo novo que não começava aqui, mas também do outro lado do mar: o novo mundo chegou com eles, com uma fronte de muralhas austeras para proteger o coração sensual, alegre, cobiçoso. Avançarás e penetrarás na nave do batei, onde o exterior castelhano terá sido vencido pela plenitude, macabra e sorridente, deste céu índio de santos, anjos e deuses índios. Uma só nave, enorme, correrá até o altar folheado a ouro, sombria opulência de rostos mascarados, lúgubre e festivo rezar, sempre recompensado, com essa liberdade, a única concedida, de decorar um templo e enchê-lo com o sobressalto tranquilo, a resignação esculpida, o horror ao vazio, aos tempos mortos, dos que prolongavam a morosidade deliberada do trabalho livre, os instantes excepcionais de autonomia na cor e na forma, longe desse mundo exterior de chicotes e ferros e varíolas. Caminharás, na conquista de teu novo mundo, pela nave sem um espaço livre: cabeças de anjos, vides derramadas, florações policrômicas, frutos redondos, vermelhos, capturados entre trepadeiras de ouro, santos brancos fixados, santos de olhar



assombrado, santos de um céu inventado pelo índio à sua imagem e semelhança: anjos e santos com rostos de sol e lua, com a mão protetora das colheitas, com o dedo indicador dos cães guias, com os olhos cruéis, desnecessários, alheios, do ídolo, com o semblante rigoroso dos ciclos. Os rostos de pedra atrás das máscaras rosas, bondosas, ingênuas, mas impassíveis, mortas, máscaras: cria a noite, enche de vento o velame negro, fecha os olhos Artemio Cruz...

## 1919: 20 de maio

Ele contou a história dos últimos momentos de Gonzalo Bernal na prisão de Perales e isso lhe abriu as portas desta casa.

— Foi sempre tão puro — disse Dom Gamaliel Bernal, o pai; — sempre pensou que a ação contamina e nos obriga a trair, quando não é presidida pelo pensamento claro. Creio que por essa razão separou-se da casa. Bom, acho que em parte, porque esse vendaval arrastou-nos a todos, inclusive os que não nos movemos de nosso lugar. Não, o que quero explicar é que para meu filho o dever consistiu em aproximar-se para explicar, para oferecer ideias coerentes, sim, creio que para impedir que, como todas as causas, esta não suportasse a prova da ação. Não sei, seu pensamento era muito complicado. Pregava a tolerância. Gosto de saber que morreu com valentia. Gosto de vê-lo aqui.

Não havia chegado imediatamente para visitar o velho. Antes, percorreu certos lugares de Puebla, falou com certas pessoas, averiguou o que era preciso averiguar. Por isso, agora escutava sem mexer um músculo do rosto os pálidos argumentos do velho enquanto este inclinava novamente o crânio branco contra o espaldar de couro brilhante, dando o perfil à luz amarelada que granulava o pó espesso dessa biblioteca fechada, onde as altas estantes necessitavam de uma escada que corresse sobre rodas, riscando o chão pintado de ocre, para alcançar os grandes e grossos volumes encadernados, obras francesas e inglesas de geografia, belas-artes, ciências naturais, cuja leitura frequentemente exigia o uso da lupa que Dom Gamaliel segurava, imóvel, entre suas velhas mãos sedosas, sem perceber que a luz oblíqua atravessava o cristal

e se concentrava, brilhante, num vinco das calças de listras, cuidadosamente passadas: ele sim, observou. Um silêncio incômodo separava-os. — Desculpe-me; posso oferecer-lhe algo? Melhor: fique para jantar conosco.

Abriu as mãos num sinal de convite e prazer e a lupa caiu no regaço desse homem delgado, de carnes estendidas sobre os ossos endurecidos, de brilhantes florações de cãs amarelas no crânio, nos maxilares, sobre os lábios.

— Não me assustam os tempos que correm — havia dito antes, com a voz sempre exata e cortês, modulada dentro desses tons, comum fora deles; — de que serviria minha educação — fez um gesto com a lupa para as estantes carregadas de livros — se não me permitisse compreender a inevitabilidade das mudanças?

As coisas mudam de aparência, queiramos ou não; para que teimar em não ver, em suspirar pelo passado? Como é menos cansativo aceitar o imprevisto! Ou não o chamaríamos assim? O senhor,... perdão, esqueço sua patente... sim, tenente-coronel, tenente-coronel... digo, desconheço suas origens, sua vocação...aprecio-o porque compartilhou as últimas horas de meu filho. Então: o senhor, que agiu, pôde ter previsto tudo? Eu não agi e também não pude. Talvez tanto nossa atividade como nossa passividade se identifiquem nisso, no fato de que ambas são bastante cegas e impotentes. Embora devesse haver alguma diferença... o senhor não acha? Enfim...Ele não perdia de vista os olhos ambarinos do ancião, demasiado empenhados em criar um ambiente de cordialidade, demasiado seguros por trás da máscara de amabilidade paternal. Talvez esses movimentos senhoris das mãos, essa nobreza fixa do perfil e do queixo barbado, essa inclinação atenta da cabeça, fossem naturais. Ele pensou que, não obstante, mesmo a naturalidade pode ser fingida; às vezes, a máscara dissimula demasiado bem os gestos de um rosto que não existe fora ou sob ela. E a máscara de Dom Gamaliel parecia-se

tanto com seu rosto verdadeiro, que inquietava pensar na linha divisória, na sombra impalpável que poderia separá-los: pensou isso e também que algum dia poderia dizê-lo ao velho, sem rebuços.

Soaram ao mesmo tempo todos os relógios da casa e o velho levantou-se para acender a lâmpada de acetileno pousada sobre a escrivaninha de tampa corrediça. Lentamente, levantou a tampa e manuseou alguns papéis. Pegou um e deu meia-volta até a poltrona do recém-chegado. Sorriu, franziu a testa e voltou a sorrir enquanto colocava esse papel sobre os outros. Levou, com graça, o indicador à orelha; um cachorro ladrava e arranhava com as patas o outro lado da porta.

Aproveitou que o velho lhe desse as costas para descarregar a interrogação oculta. Nem um só traço do Sr. Bernal rompia a harmônica nobreza do conjunto: visto de costas, caminhava com elegância e eretamente: o cabelo branco, um pouco solto, coroava o ancião que se dirigia para a porta. Era inquietante — inquietou-se ao pensar nisso outra vez; — era demasiado perfeito. Possivelmente, sua cortesia não era mais que a companheira natural de sua ingenuidade. O pensamento molestou-o; o velho caminhava com passos lentos para a porta, o cão ladrava: a luta seria demasiado fácil, careceria de sabor. Mas se, pelo contrário, a amabilidade disfarçasse a astúcia do velho?

Quando parou o vaivém soberbo da sobrecasaca e a mão branca acariciou a maçaneta de cobre da porta. Dom Gamaliel olhou-o por sobre o ombro, com os olhos ambarinos, e com a mão livre acariciou a barba. O olhar parecia compreender os pensamentos do desconhecido e o sorriso, ligeiramente torcido, imitava o de um prestidigitador a ponto de descobrir a sorte inesperada. Se no gesto do velho o desconhecido pôde entender e aceitar um convite à cumplicidade silenciosa, o movimento de Dom

Gamaliel fora tão elegante, tão oculto, que não deu ao cúmplice a oportunidade de devolver o olhar e selar o pacto tácito.

Caíra a noite e a luz incerta da lâmpada apenas destacava as lombadas douradas dos livros e as gregas de prata no papel que cobria as paredes da biblioteca. Ao se abrir a porta, ele se lembrou da longa sucessão de salas desde o saguão principal da velha casa agreste até a biblioteca, abrindo-se, peça após peça, para o pátio de esmalte e azulejos. O mastim saltou de alegria e lambeu a mão do dono. Atrás do cachorro, apareceu a moça vestida de branco, um branco que contrastava com a luz noturna que se prolongava por trás dela.

Parou um instante no umbral, enquanto o cachorro saltou na direção do desconhecido e farejou-lhe pés e mãos. Rindo, o Sr. Bernal pegou-o pela coleira de couro vermelho e murmurou uma desculpa. Não a ouviu. De pé, abotoando o paletó com os movimentos precisos da vida militar, alisando-o como se ainda vestisse túnica de campanha, permaneceu imóvel ante a beleza da jovem, que não ultrapassava o limiar da porta.

— Minha filha Catalina.

Não se moveu. O cabelo liso e castanho que caía sobre o colo amplo, quente — de longe pôde ver o brilho da nuca —, os olhos simultaneamente duros e líquidos, com um olhar assustado, duas bolas de vidro: amarelos como os do pai, porém mais francos, menos acostumados a fingir com naturalidade, reproduzidos nas outras dualidades desse corpo esbelto e cheio, nos lábios úmidos e entreabertos, nos seios altos e apertados: olhos, lábios, seios duros e suaves, de uma consistência alternando entre o desamparo e o rancor. Mantinha as mãos juntas ante a coxa e a cintura fina, ao caminhar, pôs em movimento a gaze branca do vestido abotoado atrás, amplo em torno das cadeiras firmes, caído até o tornozelo fino. Avançou para ele uma carne de ouro pálido, que já na testa e nas faces revelava o claro-escuro matizado de todo o corpo, e

estendeu-lhe a mão em cujo contato ele buscou, sem encontrar, a unidade, a emoção delatada.

— Estive com teu irmão durante suas últimas horas. Falou-me então.

— O senhor teve sorte.

— Falou-me de todos, pediu-me que viesse vê-los. Portou-se como um valente até o fim.

— Não era um valente. Gostava demais de tudo ... isto.

Ela tocou o peito e, em seguida, mexeu a mão para fingir uma parábola no ar.

— Idealista, sim, muito idealista — murmurou o velho, e suspirou. — O senhor jantará conosco.

A moça segurou o braço de seu pai e ele, com o cachorro ao lado, seguiu-os pelos quartos estreitos e úmidos, sobrecarregados com jarrões de porcelana e tamboretas, relógios e armários envidraçados, móveis patinados e quadros religiosos de escasso valor e proporções amplas: os pés dourados das cadeiras e das mesinhas repousavam sobre o mesmo chão de madeira pintada, sem tapetes, e as lâmpadas continuavam apagadas. Só na sala de jantar uma grande aranha de vidro laminado iluminava a pesada mobília de acaju e a tela rachada de um quadro onde brilhavam os barres e as frutas incendiadas do trópico. Dom Gamaliel, com o guardanapo, espantou os mosquitos que voavam em redor da fruteira real, menos abundante que a pintada. Com um gesto, convidou-o a sentar-se. Ante ela, pôde finalmente fixar o olhar nos olhos imóveis da moça. Conhecia o motivo da visita? Adivinhava nos olhos do homem esse sentimento de triunfo, cumulado pela presença física da mulher? Distinguia o leve sorriso da sorte e da segurança? Sentia a afirmação possessiva apenas dissimulada? Os olhos dela só lhe devolviam essa estranha mensagem de dura fatalidade, como se se mostrasse disposta a aceitar tudo e, contudo, a converter sua resignação na oportunidade do próprio triunfo

sobre o homem que, dessa maneira silenciosa e sorridente, começava a fazê-la sua.

Ela estranhou a fortaleza com que sucumbia, o poder de sua fraqueza. Alçou o olhar para observar, impudicamente, os traços fortes do desconhecido. Não pôde evitar o encontro com os olhos verdes. Belo não, não era bonito. Mas essa pele azeitonada do rosto, espalhada pelo corpo com a mesma força linear, sinuosa, dos lábios grossos e os nervos que saltavam nas têmporas, prometia um tato desejável já que desconhecido. Embaixo da mesa, ele esticou o pé até tocar a ponta da sapatilha feminina. A moça baixou as pálpebras e olhou de esguelha o pai; retirou o pé. O anfitrião perfeito sorria com a benevolência de sempre; brincava com um copo entre os dedos.

A entrada da velha criada indígena com a caçarola de arroz rompeu o silêncio, e Dom Gamaliel afirmou que a temporada de secas acabava um pouco tarde naquele ano; felizmente, as massas de nuvens já se reuniam em torno das montanhas e as colheitas seriam boas: não tanto como no ano passado, mas boas. Era curioso — disse — como essa velha casa conservava sempre a umidade, essa umidade que manchava os cantos sombreados e dava vida aos fetos e aos pintassilgos do pátio. Era, talvez, um símbolo propício para uma família que cresceu e prosperou graças aos frutos da terra: enraizada no vale de Puebla — comia o arroz, recolhia-o no garfo com precisão — desde os princípios do século XIX e mais forte, sim, que todas as contingências absurdas de um país incapaz de tranquilidade, enamorado da convulsão. — Às vezes parece-me que a falta de sangue e de morte nos desespera. É como se só nos sentíssemos vivos rodeados de destruição e fuzilamentos — continuou, com sua voz cordial, o velho. — Mas nós continuaremos, continuaremos sem pre, porque aprendemos a sobreviver, sempre... Pegou o copo do convidado e encheu-o de vinho espesso.

— Mas deve-se pagar um preço para sobreviver — disse o hóspede com secura.

— Mas pode-se negociar o preço mais conveniente ...

Ao encher o copo de sua filha. Dom Gamaliel acariciou-lhe a mão. — Tudo consiste — prosseguiu — na elegância com que se procede. Não se deve alarmar ninguém, nem ferir suscetibilidades... A honra deve permanecer intacta.

Ele voltou a procurar o pé da moça. Desta vez, ela não o retirou. Levantou o copo e olhou o desconhecido sem enrubescer.

— Deve-se saber distinguir as coisas — murmurou o velho, ao secar os lábios com o guardanapo. — Os negócios, por exemplo, são uma coisa e a religião, outra.

— Veem-no tão piedoso, comungando todos os dias com sua filhinha? Pois aí onde o veem, tudo o que tem foi roubado dos padres, quando Juárez pôs em leilão os bens do clero e qualquer comerciante com um pouco de economias pôde apoderar-se de um território imenso...

Passou seis dias em Puebla, antes de apresentar-se na casa de Dom Gamaliel Bernal. A tropa foi dispersada pelo Presidente Carranza e então ele lembrou sua conversa com Gonzalo Bernal em Perales e tomou o caminho de Puebla: questão de puro instinto, mas também certeza de que no mundo destruído e confuso que a Revolução deixara, saber isto — um nome, um endereço, uma cidade — era saber muito. A ironia de ser ele quem regressava a Puebla, e não o fuzilado Bernal, divertia-o. Era, de certo modo, uma mascarada, uma substituição, uma brincadeira que podia ser vivida com a maior seriedade; mas também era um certificado de vida, da capacidade de sobreviver e de fortalecer o próprio destino com os alheios. Quando entrou em Puebla, quando distinguiu, do caminho de Cholula, os cogumelos vermelhos e amarelos das cúpulas espalhadas pelo vale, sentiu que chegava duplicado, com a vida de Gonzalo Bernal acrescentada à sua, com o destino do morto somado



ao seu: como se Bernal, ao morrer, houvesse delegado as possibilidades de sua vida irrealizada à dele. Talvez as mortes alheias sejam as que desenvolvem nossa vida, pensou. Mas não viera a Puebla para pensar.

— Este ano não pude nem comprar sementes. Foram-se acumulando as dívidas, pois no ano passado os camponeses se revoltaram e foram semear em terras ociosas. Alegaram que, se não lhes fossem dadas as terras que não se cultivavam, não voltariam a semear no terreno cultivado. E ele, por puro orgulho, negou-se e ficou sem colheita. Antes, os rurales poriam na ordem os revoltosos, mas agora... canta outro galo.

— E não é só isso. Também os devedores recuaram; já não querem mais pagar. Dizem que, com os juros que cobrou, já está pago de sobra. O senhor vê, coronel? Todos têm tanta fé em que agora mudarão as coisas...

— Ah, mas o velho continua sabido, sem dar o braço a torcer. Prefere morrer a renunciar, seja ao que for. Perdeu no último lance de dados e encolheu os ombros. Fez sinal ao dono da cantina para que servisse mais copos e todos agradeceram o gesto.

— Quem está endividado com esse Dom Gamaliel?

— Ora...quem não está?, diria eu.

— Tem algum amigo muito íntimo, algum confidente?

— Como não, o Padre Páez, aqui perto.

— Mas não despojou o clero?

— Pois... o padrezinho dá-lhe salvação eterna, em troca de que Dom Gamaliel dê a salvação da terra ao padrezinho.

O sol cegou-os ao saírem para a rua.

— Sorte do bem parido, que nem dá trabalho criar!

— Quem é essa mulher?

— Pois quem há de ser, coronel?... A filha do próprio.

Caminhou, olhando as pontas dos sapatos, pelas velhas ruas, traçadas como um tabuleiro de xadrez. Quando deixou de

escutar o ruído dos saltos sobre os paralelepípedos e os pés levantaram um pó ressecado e cinzento, olhou para os muros amendoados do antigo templo-fortaleza. Cruzou a ampla esplanada e entrou na nave silenciosa, grande e dourada. As pisadas ressoaram outra vez. Avançou até o altar.

Redondo, coberto com uma pele morta, o corpo do padre só brilhava, no fundo dos pômulos inflamados, em dois olhos de carvão. Desde que viu o desconhecido avançar pela nave e o espiou, escondido atrás de uma alta coxia, antigo coro das monjas que fugiram do México durante a República liberal, o cura distinguiu nos movimentos do outro a marcialidade inconsciente do homem acostumado ao estado de alerta, ao mando e ao ataque. Não era só a leve deformação dos jarretes do cavaleiro: era certa força nervosa do punho formado no contato diário com a pistola e as rédeas: mesmo quando, como agora, esse homem apenas caminhasse com o punho fechado, isso bastaria para que Páez reconhecesse uma força inquietante. Encarapitado no lugar secreto das monjas, pensou que um homem assim não vinha cumprir atos de devoção. Levantou a sotaina e desceu, lentamente, pela escada em caracol que levava ao velho convento desabitado. Barra levantada, ombros alçados até as orelhas, corpo negro e rosto branco e sem sangue, olhos penetrantes: descia pisando com cuidado. Os degraus precisavam de conserto urgente: seu antecessor caíra no ano 10, com consequências fatais. Mas Remigio Páez, semelhante a um morcego inchado, parecia penetrar, com seus olhinhos, todas as escuridões do cubo negro, úmido e enfeitado. E a escuridão, o perigo, obrigavam-no a despertar todos os sentidos e refletir: um militar na sua igreja, à paisana, sem companhia ou escolta? Ah, a novidade era demasiado grande para passar inadvertida. Bem que o previra. Passariam as batalhas, as violências, os sacrilégios — pensou no bando que, apenas dois anos antes, levava todas as casulas e todos os objetos sagrados — e a Igreja permanente, fundada para os

séculos dos séculos, voltaria a se entender com os poderes da cidade terrestre. Um militar vestido de civil... sem escolta...

Desceu, roçando com uma mão a parede tumefata, por onde gotejava um fio escuro. O padre lembrou-se de que logo começaria a época das chuvas. Já se encarregara, com todos os seus poderes, de avisar do púlpito e em cada uma de suas confissões: é um pecado, um grave pecado contra o Espírito Santo negar-se a receber os dons do céu; ninguém pode atentar contra os desígnios da Providência, e a Providência dispôs as coisas como são, e assim todos devem aceitá-las; todos devem lavrar as terras, colher as colheitas, entregar os frutos da terra a seu dono legítimo, um dono cristão, que paga as obrigações de seu privilégio entregando, pontualmente, os dízimos à Santa Madre Igreja. Deus castiga a rebeldia e Lúcifer sempre é vencido pelos arcanjos — Rafael, Gabriel, Miguel, Gamaliel... Gamaliel.

— E a justiça, padre?

— A justiça final é administrada lá em cima, filho. Não a busques neste vale de lágrimas.

As palavras — murmurou o padre, ao descansar, finalmente, no chão firme, sacudindo o pó da sotaina; — as palavras, malditos rosários de sílabas que inflamam o sangue e as ilusões daqueles que devem contentar-se em passar rapidamente por esta curta vida e folgar, em troca de sua prova mortal, na vida eterna. Cruzou o claustro e andou por uma coxia de arcadas. Justiça! Para quem, por quanto tempo? Quando a vida poderia ser tão agradável para todos, se todos compreendessem a fatalidade de seu destino e não andassem por aí, furtando, agitando-se, ambicionando...

— Sim, creio; sim, creio... — repetiu em voz baixa o padre, e abriu a porta lavrada da sacristia.

— Admirável trabalho, não é? — disse ao aproximar-se do homem alto parado em frente ao altar. — Os frades mostraram estampas e gravuras aos artesãos indígenas e eles foram

convertendo em formas cristãs os seus gostos. Dizem que há um ídolo escondido atrás de cada altar. Se é verdade, trata-se de um ídolo bom, que já não exige sangue como os deuses pagãos.

— O senhor é Páez?

— Remigio Páez — disse o sorriso torcido. — E o senhor: general, coronel, major...?

— Apenas Artemio Cruz.

— Ah.

Quando o tenente-coronel e o padre se despediram ante a fachada da igreja, Páez cruzou as mãos sobre o estômago e viu o visitante afastar-se. A manhã azul e límpida recortava e aproximava as linhas dos vulcões: o casal da mulher adormecida e seu guardião solitário. Piscou os olhos: não tolerava essa luz transparente: observava com gratidão o avanço das nuvens negras que logo umedeceriam o vale e apagariam o sol, todas as tardes, com sua pontual tormenta cinza.

Virou as costas para o vale e voltou à sombra do convento. Esfregou as mãos. Pouco importavam a altaneria e os insultos desse sujeito. Se essa era a maneira de salvar a situação e permitir que Dom Gamaliel passasse os últimos anos de sua existência ao abrigo de qualquer perigo, não seria Remigio Páez, ministro do Senhor, que desbarataria tudo com um alarde de indignação e um zelo de cruzado. Pelo contrário: agora se orgulhava, pensando no acerto da sua humildade. Se esse homem quisesse preservar seu orgulho, hoje e amanhã, o Padre Páez escutá-lo-ia de cabeça baixa, às vezes movida afirmativamente, como se aceitasse com dor as culpas que o poderoso insolente atribuía à Igreja. Pegou o chapéu negro do gancho, colocou-o descuidadamente sobre a cabeça de madeixas castanhas e dirigiu seus passos até a casa de Dom Gamaliel Bernal.

— Pode fazê-lo, como não? — disse o velho, nessa tarde, depois de conversar com o padre. — Mas, pergunto, que truque

utilizará para entrar aqui? Disse ao padre que viria ver-me hoje mesmo.

Não... não entendo bem, Catalina. Ela levantou o rosto. Pousou a mão sobre o lenço de estame em que, com esmero, desenhava flores. Três anos antes, comunicaram a notícia: Gonzalo morrerá. Desde então, pai e filha haviam-se aproximado até converter essa lenta conversa das tardes, sentados nas cadeiras de vime do pátio, em algo mais que um consolo: em um costume que, segundo o velho, haveria de prolongar-se até sua morte. Pouco importava que o poder e a riqueza de ontem estivessem em decadência; talvez esse fosse o tributo que devia ser pago ao tempo e à velhice. Dom Gamaliel instalou-se dentro de uma luta passiva. Não buscava submeter os camponeses, mas jamais aceitaria a invasão ilegal. Não exigiria o pagamento e os juros dos empréstimos aos devedores, mas já não poderiam contar com um só centavo, nunca mais.

Esperava que algum dia voltassem de joelhos, quando a necessidade obrigasse ao abandono do orgulho. Mas ele manter-se-ia firme com o seu. E agora... chega esse desconhecido e promete conceder empréstimos a todos os camponeses, com juros muito menores que os impostos por Dom Gamaliel, e se atreve, além disso, a propor que os direitos da velha propriedade passem gratuitamente às suas mãos, com a promessa de reembolso da quarta parte do que se possa obter. Isso ou nada.

— Imagino; as exigências não terminarão aí.

— As terras?

— Sim, maquina algo para tirar-me as terras, sem dúvida.

Ela, como todas as tardes, percorreu as gaiolas coloridas do pátio, cobrindo-as com capas de lona depois de observar os movimentos nervosos dos cenzontles (2) e dos pintarroxos que debicavam o alpiste e chilreavam, pela última vez, antes que o sol desaparecesse.

O velho não esperava por um truque de tal dimensão. O último homem que vira Gonzalo, seu companheiro de cela, o portador das últimas palavras de amor para o pai, a irmã, a esposa e o filho.

— Disse-me que pensou em Luisa e no menino antes de morrer.

— Papai. Combinamos que não...

— Não lhe disse nada. Não sabe que ela voltou a casar e que meu neto usa outro nome.

— Há três anos não fala nisso. Por que agora?

— Tens razão. Perdoamo-lo, não é? Penso que devemos perdoá-lo por ter passado para o inimigo. Penso que devemos tentar compreendê-lo...

— Pensei que todas as tardes, aqui, o senhor e eu o perdoávamos em silêncio.

— Sim, sim, é isso. Entendes-me sem necessidade de palavras. Que reconfortante! Entendes-me...

Por isso quando esse hóspede temido, esperado — porque alguém, algum dia, deveria chegar e dizer: "Vi-o. Conheci-o. Lembrou-os" —, levou adiante seu truque perfeito, sem sequer mencionar os problemas reais da rebelião camponesa e dos pagamentos suspensos. Dom Gamaliel, depois de conduzi-lo à biblioteca, desculpou-se e caminhou rapidamente — esse velho lento que identificava a pausa com a elegância — até o quarto de Catalina. — Arruma-te. Tira esse vestido negro; põe algo que te vá bem. Vai à biblioteca quando o relógio der sete horas.

Não disse nada mais. Ela obedeceria; esta seria a prova de todas as tardes melancólicas. Ela entenderia. Restava essa cartada para salvar as coisas: bastou, para Dom Gamaliel, sentir a presença e adivinhar a vontade desse homem para compreender — ou para dizer-se — que qualquer dilação seria suicida, que era difícil contrariá-lo e que o sacrifício exigido seria pequeno e, de certa

maneira, não muito repulsivo. Já fora advertido pelo Padre Páez: um homem alto, cheio de força, com uns olhos verdes hipnóticos e um falar cortante. Artemio Cruz.

Artemio Cruz. Assim se chamava, então, o novo mundo surgido da guerra civil; assim se chamavam aqueles que o vinham substituir. País desventurado — disse-se o velho enquanto caminhava, outra vez pausadamente, para a biblioteca e para essa presença indesejada, mas fascinante —, desventurado país que, a cada geração, tem que destruir os antigos senhores e substituí-los por novos, tão rapaces e ambiciosos quanto os anteriores. O velho imaginava-se como o produto final de uma civilização peculiarmente crioula: a dos déspotas esclarecidos. Agradava-lhe imaginar-se como um pai, às vezes duro, apesar de tudo provedor e sempre depositário de uma tradição de bom gosto, de cortesia, de cultura.

Por isso levava-o à biblioteca. Ali era mais evidente o caráter venerável — quase sagrado — do que Dom Gamaliel era e representava. Mas o hóspede não se deixou impressionar. Não escapou à perspicácia do velho, enquanto recostava a cabeça contra o espaldar de couro e entrecerrava os olhos para ver melhor seu contender, que esse homem carregava uma nova experiência, forjada a marteladas, acostuada a jogar tudo, porque não tinha nada. Nem sequer mencionou as verdadeiras razões de sua visita. Dom Gamaliel considerou melhor assim: talvez o recém-chegado compreendesse as coisas com tanta sutileza como ele, embora suas motivações fossem mais poderosas: a ambição — o velho sorriu ao lembrar-se desse sentimento, para ele apenas uma palavra; — o impulso imediato de cobrar os direitos ganhos com o sacrifício, a luta, as feridas: aquela cicatriz de sabre na testa. Dom Gamaliel não pensava sozinho: nos lábios silenciosos e no olhar eloquente do outro, estava escrito aquilo que o ancião, brincando com a lupa, sabia ler. O estranho não moveu um dedo quando Dom Gamaliel se

aproximou da escrivaninha e pegou aquele papel: a lista de seus devedores. Melhor. Por esse caminho, iriam se entender bem; talvez não fosse necessário mencionar esses assuntos tão incômodos, talvez tudo fosse resolvido por meios mais elegantes. O jovem militar compreendera logo o estilo do poder, repetiu-se Dom Gamaliel, e esse sentido de herança facilitou os amargos trâmites a que os obrigava a realidade.

— O senhor não viu como me olhava? — gritou a moça quando o hóspede se despediu. — Não percebeu o seu desejo... a porcaria nesses olhos?

— Sim, sim — o velho acalmou a filha com as mãos. — É natural.

És muito bonita, sabes? Mas saíste pouco de casa. É natural.

— Não sairei nunca!

Dom Gamaliel acendeu lentamente o charuto que lhe tingia de amarelo os espessos bigodes e a extremidade da barba no queixo. — Pensei que entenderias.

Moveu lentamente a cadeira de vime e olhou para o firmamento. Era uma das últimas noites de clima seco, de céu tão límpido que, forçando a vista, poder-se-ia perceber a cor verdadeira das estrelas. A moça ocultou as faces afogueadas entre as mãos.

— Que lhe disse o padre? É um herege! É um homem sem Deus, sem respeito... E o senhor acredita na história que ele inventou?

— Calma, calma. Nem sempre as fortunas são criadas à sombra da divindade.

— O senhor acredita nessa história? Por que Gonzalo morreu e não esse homem? Se os dois estavam condenados na mesma cela, por que não morreram ambos? Sei, sei; não é verdade o que nos veio contar; inventou essa história para humilhar o senhor e para que eu...



Dom Gamaliel parou de mexer-se. As coisas se estavam resolvendo tão bem, tão tranquilamente! E agora, da intuição da mulher, surgiam os argumentos que o velho já imaginara, pesara e desprezara como inúteis. — Tens a imaginação dos vinte anos. — Levantou-se e apagou o charuto. — Mas, se queres franqueza, serei franco. Esse homem pode nos salvar. Qualquer outra consideração seria desnecessária...

Suspirou e estendeu os braços para tocar as mãos da filha.

— Pensa nos últimos anos de teu pai. Crês que não mereço um pouco de...?

— Sim, papai, não digo nada...

— E pensa em ti própria.

Ela baixou a cabeça. — Sim, entendo. Sabia que algo assim ia acontecer desde que Gonzalo saiu de casa. Se vivesse...

— Mas não vive.

— Não pensou em mim. Quem sabe em quem pensou.

Fora do círculo de luz lançado pelo lampião que Dom

Gamaliel levantava para o alto, pelos velhos corredores frios, a moça obrigou-se a recolher essa multidão de imagens velhas e confusas; recordou os rostos tensos e suados dos companheiros de escola de Gonzalo, as longas discussões no quarto do fundo; lembrou o olhar iluminado, obstinado, ansioso, de seu irmão, esse corpo nervoso que parecia, às vezes, existir fora da realidade, que amava o conforto, as boas refeições, o vinho, os livros e que, em ímpetos periódicos de cólera, repudiava essa tendência sensual e conformista. Lembrou-se da frieza de Luisa, sua cunhada; as discussões violentas que terminavam quando a menina entrava na sala; o pranto afogado no riso da mulher de Gonzalo, quando lhes foi anunciada a morte; a saída em silêncio, numa madrugada, quando acreditava que todos dormiam e a jovem esperava atrás das cortinas da sala; a mão dura daquele homem de chapéu de coco e

bengala que segurava a de Luisa e a ajudava a subir, junto com o menino, para o coche negro carregado com os baús da viúva.

Só poderia vingar-se dessa morte — Dom Gamaliel beijou-lhe a testa e abriu a porta do quarto — abraçando esse homem, abraçando-o, mas negando a ternura que ele gostaria de encontrar nela. Matando-o em vida, destilando amargura até envenená-lo. Olhou-se no espelho, buscando em vão as novas feições que a mudança deveria ter imprimido em seu rosto. E assim ela e o pai também se vingariam do abandono de Gonzalo, de seu idealismo idiota: entregando a moça de vinte anos — por que lhe corriam lágrimas de compaixão ao pensar em si mesma, em sua juventude? — ao homem que acompanhara Gonzalo durante essas últimas horas que ela não podia lembrar, afastando a autocompaixão, transferindo-a para o irmão morto, sem um soluço de fúria, sem uma contração do rosto: se ninguém lhe explicava a verdade, ela se aferraria ao que acreditava ser a verdade. Tirou as meias negras. Ao roçar as mãos nas pernas, fechou os olhos: não devia admitir mais a lembrança do pé rude e forte que buscara o seu durante o jantar e que inundara o seu peito com um sentimento desconhecido, indomável. Talvez seu corpo não fosse obra de Deus — ajoelhou-se, apertou os dedos entrelaçados contra a testa —, mas de outros corpos, contudo seu espírito, sim. Não permitiria que esse corpo tomasse um caminho delicioso, espontâneo, anelante de carícias, enquanto seu espírito lhe ditava outro. Levantou o lençol e deitou-se na cama com os olhos fechados. Esticou a mão para apagar a lâmpada. Colocou o travesseiro sobre o rosto. Nisso não devia pensar. Não, não, não devia pensar. Só precisava dizer. Dizer o outro nome, contar a seu pai. Não. Não. Era desnecessário rebaixar seu pai. No mês entrante, quanto antes: que esse homem desfrutara o ágio, as terras, o corpo de Catalina Bernal... que mais dava... Ramón... Não, esse nome não, já não. Dormiu.

— O senhor mesmo disse. Dom Gamaliel — disse o hóspede quando regressou, na manhã seguinte. — Não se pode deter o curso das coisas. Vamos entregando essas terras aos camponeses, terras que, enfim, são terras temporárias, que lhes renderão muito pouco. Vamos parcelando-as para que só possam fazer cultivos menores. O senhor verá que, uma vez que tenham de nos agradecer isso, deixarão as mulheres encarregadas das terras más e voltarão a trabalhar nossas terras férteis. Olhe apenas: o senhor pode até passar por herói da reforma agrária, sem que isso lhe custe nada.

O velho observou-o, divertido, com um sorriso oculto pela espessura da barba: — O senhor já falou com ela?

— Já falei...

Ela não pôde conter-se. Tremeu-lhe o queixo quando ele aproximou a mão e tentou levantar o rosto de olhos fechados. Tocava pela primeira vez aquela pele lisa, dissolvida em creme, frutal. E acompanhava-os o odor penetrante das plantas do pátio, ervas sufocadas de umidade, cheiro de terra apodrecida. Queria-a. Soube, ao tocá-la, que a queria. Devia fazê-la compreender que seu amor era real, embora as aparências o desmentissem. Podia amá-la como amara outra vez, a primeira vez: sabia-se dono dessa ternura provada. Voltou a tocar as cálidas faces da moça: sua rigidez, ao sentir essa mão desconhecida sobre a pele, não bastou para dominar as lágrimas espremidas que apareciam entre as pálpebras.

— Não te queixarás; não terás razão para te queixares — murmurou o homem, aproximando o rosto dos lábios que se esquivavam ao contato. — Sei como amar-te...

— Devemos agradecer-lhe...que se tenha juntado a nós— respondeu com sua voz mais baixa.

Ele abriu a mão para acariciar a cabeleira de Catalina.

— Entendes, não é? Vais viver a meu lado; deves esquecer muitas coisas... Prometo respeitar tuas coisas... Deves prometer-me que nunca mais...

Ela alçou o olhar e apertou os olhos com um ódio que nunca sentira antes. Secou-lhe a saliva na boca. Quem era esse monstro? quem era esse homem que sabia tudo, que tomava tudo e que quebrava tudo?

— Cala-te... — disse a moça, e escapou da carícia.

— Já falei com ele. É um rapaz fraco. Não te queria de verdade.

Deixou-se dobrar logo.

A moça limpou com as mãos as partes do rosto que ele tocara. — Sim, não é forte como tu... não é um animal como tu...

Quis gritar quando ele lhe segurou o braço, sorriu e apertou-lhe a mão:

— O tal Ramoncito vai embora de Puebla. Não o tornarás a ver nunca mais...

Soltou-a. Ela caminhou até as gaiolas coloridas do pátio: o trinar dos passarinhos. Uma a uma, enquanto ele a contemplava sem se mexer, foi abrindo as portas pintadas. Um pintarroxo saiu e voou. O cenzontle resistia, acostumado à água e ao alpiste. Ela o colocou sobre o polegar, beijou-lhe a asa e lançou-o ao espaço. Fechou os olhos quando o último pássaro voou e deixou que o homem a segurasse, levasse até a biblioteca onde Dom Gamaliel esperava, outra vez sem pressa.

Sinto as mãos que me seguram pelas axilas e levantam-me para acomodar-me melhor contra os travesseiros macios e o linho fresco é como um bálsamo para meu corpo ardente e frio; sinto isto, mas ao abrir os olhos vejo à minha frente esse jornal aberto que oculta o rosto do leitor: penso que Vida Mexicana está ali, estará todos os dias, sairá todos os dias, e não haverá poder humano que o impeça. Teresa — é quem lê o jornal — larga-o assustada.

— O senhor sente algo? Sente-se mal?

Tenho que acalmá-la com a mão, e ela recolhe o jornal. Não; sinto-me contente, senhor de uma burla gigantesca. Talvez. Talvez

um golpe de mestre fosse deixar um testamento particular para ser publicado pelo jornal, em que relatasse a verdade sobre minha proba empresa de liberdade informativa... Não; por excitar-me, volta a pontada no ventre. Tento esticar a mão até Teresa, pedindo-lhe alívio, mas minha filha tornou a perder-se na leitura do jornal. Antes, vi o dia apagar-se por trás das vidraças e escutei esse rumor piedoso das cortinas. Agora, na penumbra do quarto de teto alto e closets de carvalho, não posso distinguir muito bem o grupo mais distante. O quarto é muito grande, mas ela está ali. Deve estar sentada rigidamente, com o lenço de renda entre as mãos e a tez sem pintura, e talvez não me escute quando murmuro:

— Naquela manhã esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

Só me escuta esse estranho que nunca vi, com suas faces barbeadas e suas sobranceiras negras, que me pede um ato de contrição, enquanto penso no carpinteiro e na virgem, e me oferece as chaves do céu.

— Que diria, o senhor... num transe assim...? Surpreendi-o. E Teresa tem que estragar tudo com seus gritos: — Deixe-o, padre, deixe-o! Não vê que não podemos fazer nada?! Se tem vontade de se condenar e morrer como viveu, frio e rindo-se de tudo...

O sacerdote afasta-a com um braço e aproxima seus lábios de minha orelha: quase me beija. — Não têm que nos escutar.

E consigo grunhir: — Então tenha coragem e corra com todas essas velhas.

Põe-se de pé, entre as vozes indignadas das mulheres, e toma-as pelo braço e Padilla se aproxima, mas elas não querem.

— Não, licenciado, não podemos permiti-lo.

— É um costume de muitos anos, senhora.

— O senhor se responsabiliza?

— Dom Artemio... Trago-lhe o que foi gravado esta manhã...

Concordo. Tento sorrir. Como todos os dias. Homem de confiança, esse Padilla.

— A tomada está junto da escrivaninha.

— Obrigado.

Sim, como não, é minha voz, minha voz de ontem — ontem, esta manhã? já não distinguirei — e pergunto a Pons, meu redator-chefe — ah, a fita guincha; ajusta-a bem, Padilla, escutei minha voz ao contrário: guincha como uma cacatua: — ali estou:

"— Como vêes a coisa, Pons?

"— Feia, mas fácil de resolver, no momento.

"— Agora sim, vai em frente com o jornal, sem paliativos. Dá-lhes duro. Não evites nada.

"— Tu que mandas, Artemio.

"— Felizmente o público está preparado.

"— Há tantos anos que se insiste.

"— Quero ver todos os editoriais e a primeira página... Procura-me em casa, a qualquer hora.

"— Já sabes, tudo segue a mesma linha. Desmascara-se a conjuração vermelha. Infiltração exótica alheia às essências da Revolução Mexicana...

"— A boa Revolução Mexicana!

"— ...líderes manejados por agentes estrangeiros. Tambroni está bem duro, Blanco faz uma boa coluna identificando o líder com o Anticristo e as caricaturas estão de arder... Como te sentes?

"— Ai, não muito bem... Indisposições. Já passará. Que vontade de sermos os de antes, eh?

"— Sim, que vontade...

"— Faze entrar o Sr. Corkery."

Tusso na fita magnética. Escuto os gonzos da porta que se abre e fecha. Sinto que nada se move em meu ventre, nada, nada, e os gases não saem, por mais que me esforce ... Mas vejo-os.

Entraram. Abre-se, fecha-se a porta de acaju, e não se escutam mais os passos sobre o tapete alto. Fecharam as janelas.

— Abram a janela.

— Não, não. Podes resfriar-te e complicar tudo...

— Abram...

"— Are you worried, Mr. Cruz?

"— Bastante. Sente-se e explicarei. Quer tomar algo? Aproxime o carrinho. Não me sinto muito bem."

Escuto o movimento das rodinhas, o entrechocar das garrafas.

"— You look OK."

Escuto como cai o gelo dentro do copo, a pressão da água gaseificada tirada do sifão.

"— Olhe, vou explicar o que ocorre, pois talvez não o tenham entendido. Informe a matriz que, se esse pretenso movimento de depuração sindical triunfar, podemos cortar o rabicho...

"— O rabicho?

"— Sim, xingamo-nos, em mexi..."

— Cortem isso! — grita Teresa, aproximando-se do gravador.  
— Que espécie de falta de respeito...?

Consigo mover a mão, desenhar uma careta. Perco algumas palavras da gravação.

"—...O que desejam esses líderes ferroviários?" Alguém assoa nervosamente o nariz. Onde?

"— ...explique às companhias, para que não acreditem ingenuamente que se trata de um movimento democrático, entenda-me, para afastar os dirigentes corruptos. Não.

"— I'm all ears, Mr. Cruz."

Sim, deve ser o gringo quem está espirrando. Ah, ah, ah.

— Não, não. Podes resfriar-te e complicar tudo.

— Abram.

Eu e não só eu, outros homens, poderíamos buscar na brisa o perfume de outra terra, o aroma arrancado pelo ar de outros meios-dias: aspiro, aspiro: longe de mim, longe deste suor frio, longe destes gases inflamados; obriguei-as a abrir a janela; posso respirar o que desejar, entreter-me escolhendo os cheiros que o vento traz: sim, bosques outonais, sim, folhas queimadas, ah sim, ameixas maduras, sim sim, trópicos apodrecidos, sim, salinas duras, pinhas abertas com um golpe de facão, tabaco estendido na sombra, fumaça de locomotivas, ondas de mar aberto, pinheiros cobertos de neve, ah, metal e guano, quantos sabores traz e leva esse movimento eterno: não, não, não me deixarão viver: sentam-se de novo, levantam-se e caminham e voltam a se sentar juntas, como se fossem uma única sombra, como se não pudessem pensar ou agir separadamente, sentam-se de novo, ao mesmo tempo, de costas para a janela, para impedir-me a passagem do ar, para sufocar-me, para obrigar-me a fechar os olhos e lembrar coisas já que não me deixam ver coisas, tocar coisas, cheirar coisas: maldita parelha, quanto demoraram para trazer um padre, apressar minha morte, arrancar-me confissões? Continua ali, de joelhos, com a cara lavada. Tento virar-lhe as costas. A dor no lado não me deixa fazê-lo. Aaaai. Logo terminará. Estarei absolvido. Quero dormir. Lá vem a pontada. Lá vem. Aaah-ai. E as mulheres. Não, estas não. As mulheres. As que amam. Como? Sim. Não. Não sei, esqueci o rosto. Por Deus, esqueci esse rosto. Não. Não o devo esquecer. Onde está. Ai, sim, era tão lindo esse rosto, como posso esquecê-lo? Era meu, como posso esquecê-lo? Aaaah-ai. Amei-te, como posso esquecer-te? Poste minha, como posso esquecer-te? Como eras, por favor, como eras? Posso crer em ti, durmo contigo, como eras? Como te invocarei? Quê? Por quê? Outra vez a injeção? Eh? Por quê? Não não não, outra coisa, rápido, recordo outra coisa; isso dói; aaaah-ai; isso dói; isso dorme... isso...



Fecharás os olhos, consciente de que tuas pálpebras não são opacas, de que, embora as feches, a luz penetra até a retina: a luz do sol que se deterá, enquadrada pela janela aberta, à altura de teus olhos fechados: os olhos fechados que eliminam o detalhe da visão, alteram o brilho e a cor, mas não eliminam a visão em si, a mesma luz desse centavo de cobre que se derreterá até o poente. Fecharás os olhos e pensarás ver mais: só verás o que teu cérebro desejar que vejas; mais que o oferecido pelo mundo; fecharás os olhos e o mundo exterior já não competirá com tua visão imaginativa. Fecharás as pálpebras, e essa luz imóvel, invariável, repetida do sol criará, por trás das tuas pálpebras, outro mundo em movimento: luz em movimento, luz que pode fatigar, amedrontar, confundir, alegrar, entristecer; além de tuas pálpebras fechadas, saberás que a intensidade de uma luz que penetrasse até o fundo dessa chapa reduzida e imperfeita poderia provocar sentimentos alheios a tua vontade, a teu estado. E, não obstante, poderás fechar os olhos, inventar uma cegueira passageira. Não poderás fechar teus ouvidos, simular uma surdez fictícia, deixar de tocar algo, como o ar, com teus dedos, imaginar uma insensibilidade absoluta; deter o passar contínuo da saliva pela língua e o palato, superar o sabor de ti mesmo; impedir a respiração trabalhosa que continuará enchendo de sua vida teus pulmões, teu sangue, escolher uma morte parcial. Sempre verás, sempre tocarás, sempre provarás, sempre cheirarás, sempre escutarás: terás gritado quando te atravessaram a pele com essa agulha cheia de um líquido tranquilizante; gritarás antes de sentir qualquer dor. O anúncio da dor viajará para teu cérebro antes que a própria dor seja sentida pela tua pele: viajará para prevenir-te da dor que sentirás, para te por em guarda a fim de que percebas, que sintas a dor com mais agudeza, porque perceber enfraquece, converte-nos em vítimas quando percebemos que só nós perceberemos as forças que não nos consultarão, não nos perceberão; sim: os órgãos da dor, mais lentos,

vencerão os da prevenção reflexa, e sentir-te-ás dividido, homem que receberá e homem que fará, homem sensitivo e homem motor, homem construído por órgãos que sentirão, transmitirão a sensação aos minúsculos milhões de fibras que se distenderão até teu córtex sensorial, até essa superfície da metade superior do cérebro que durante setenta e um anos receberá, acumulará, gastará, desnudará, devolverá as cores do mundo, os tatos da carne, os sabores da vida, os cheiros da terra, os ruídos do ar: devolvendo-os ao motor frontal, aos nervos, músculos e glândulas que transformarão teu próprio corpo e a fração do mundo exterior que te caberá, mas em teu meio-sono a fibra nervosa que conduzirá o impulso da luz não conectará com a zona da visão: escutarás a cor, como degustarás os tatos, tocarás os ruídos, verás os cheiros, cheirarás o gosto; abrirás os braços para não cair nos poços do caos, para recuperar a ordem de toda a tua vida, a ordem do fato recebido, transmitido ao nervo, projetado sobre a zona correta do cérebro, devolvido ao nervo convertido em efeito e outra vez em fato; estenderás os braços e por trás dos olhos fechados verás as cores de tua mente, e por fim sentirás, sem ver, a origem do tato que escutas: os lençóis, o roçar dos lençóis entre teus dedos crispados; abrirás as mãos e sentirás o suor das palmas, e talvez lembres que nasceste sem linhas de vida ou de sorte, de vida ou de amor: nasceste, nascerás com a palma lisa, mas bastará que nasças para que, em poucas horas, essa superfície em branco se encha de signos, de linhas, de prenuncies; morrerás com tuas linhas marcadas, esgotadas, mas bastará que morras para que em poucas horas desapareça qualquer marca do destino das tuas mãos: caos: não tem plural ordem, ordem: prender-te-ás aos lençóis e repetirás em silêncio, dentro de ti, as sensações que a ordem de teu cérebro abriga, aclara; localizarás mentalmente, com um esforço, os lugares que avisam a sede e a fome, o suor e o arrepio, o equilíbrio e a queda; localizarás no cérebro inferior o servente, o criado que cumpre as funções

imediatas e libera o outro, o superior, para o pensamento, a imaginação, o desejo: filho do artifício, da necessidade ou do azar, o mundo não será simples; não poderás conhecê-lo com a passividade, deixando que as coisas te sucedam; deveras pensar para que a associação de perigos não te derrote, imaginar para que a pura adivinhação não te negue, desejar para que o tecido do incerto não te devore; sobreviverás: tu reconhecerás: reconhecerás os demais e deixarás que eles — ela — te reconheçam; e saberás que te operas a cada indivíduo, porque cada indivíduo será um obstáculo a mais para alcançar as metas de teu desejo: desejarás: como quiseste que teu desejo e o objeto desejado fossem a mesma coisa; como sonharás com o cumprimento imediato, com a identificação sem separações do desejo e do desejado: repousarás com os olhos fechados, mas não deixarás de ver, não deixarás de desejar; recordarás, porque assim farás tua a coisa desejada; para trás, para trás, na nostalgia, poderás fazer teu tudo o que desejares; não para a frente, para trás: a memória é o desejo satisfeito: sobreviver com a memória, antes que seja demasiado tarde, antes que o caos te impeça de recordar.

## 1913: 4 de dezembro

Ele sentiu o oco do joelho da mulher, úmido, junto à sua cintura. Sempre suave dessa maneira leve e fresca: quando ele tirou o braço da cintura de Regina, ali também sentiu a umidade de cristais líquidos. Estendeu a mão para acariciar as costas todas, lentamente, e acreditou dormir: poderia permanecer assim durante horas, sem outra ocupação além de acariciar as costas de Regina. Quando fechou os olhos, percebeu a infinidade amorosa desse corpo jovem abraçado ao seu: pensou que a vida inteira não bastaria para percorrê-lo e descobri-lo, para explorar essa geografia macia, ondulante, de acidentes negros, rosados. O corpo de Regina esperava, e ele, sem voz e sem vista, estendeu-se na cama, tocando as barras de ferro com as pontas das mãos e dos pés: esticou-se para os dois extremos da cama. Viviam dentro deste cristal negro: a madrugada ainda estava longe. O mosquiteiro não pesava e isolava-os de tudo o que ficasse para fora dos dois corpos. Abriu os olhos. A face da moça aproximou-se da sua; a barba crescida raspou a pele de Regina. Não bastava a escuridão. Os olhos grandes de Regina brilhavam, entreabertos, como uma cicatriz negra e luminosa. Respirou fundo. As mãos de Regina uniram-se sobre a nuca do homem e os perfis voltaram a se aproximar. O calor das coxas fundiu-se numa só chama. Ele respirou: quarto de blusas e saias engomadas, de marmelos abertos sobre a mesa de nogueira, de velas apagadas. E, mais próximo, o tufo marinho da mulher umedecida e macia. As unhas fizeram um ruído de gato entre os lençóis; as pernas voltaram a se levantar, rápidas, para aprisionar a cintura do homem. Os lábios buscaram o colo. As pontas dos seios

tremeram alegremente quando ele aproximou seus lábios, rindo, separando a grande cabeleira revolta. Se Regina falasse: ele sentiu próximo o gozo e tapou-lhe os lábios com a mão. Sem língua e sem olhos: só a carne muda, abandonada a seu próprio prazer. Ela o entendeu. Apertou-se mais contra o corpo do homem. Sua mão desceu ao sexo do homem e a dele ao monte duro e quase sem pelos da menina: lembrou-a nua, de pé, jovem e dura em sua imobilidade, mas ondulante e macia enquanto caminhava: lavando-se em segredo, correndo as cortinas, abanando o braseiro. Voltaram a dormir, cada um possuindo o centro do outro. Só as mãos, uma mão se moveu no sono sorridente.

"— Seguir-te-ei.

"— Onde viverás?

"— Entrarei em cada aldeia antes que a tomem. E ali esperarei.

"— Deixas tudo?

"— Levarei alguns vestidos. Tu me darás com que comprar fruta e comida e te esperarei. Quando entrares na aldeia, já estarei ali. Com um vestido estarei pronta."

Essa saía que agora estava sobre a cadeira do quarto alugado. Quando desperta, gosta de tocá-la e tocar também as outras coisas: as travessas, os sapatos negros, os pequenos brincos deixados sobre a mesa. Gostaria, nesses momentos, de oferecer-lhe algo mais que estes dias de separações e encontros difíceis. Já em outras ocasiões, alguma ordem imprevista, a necessidade de dar caça ao inimigo, alguma derrota que os fazia retroceder para o norte, separavam-nos durante várias semanas. Ela, porém, como uma gaiivota, parecia distinguir, por cima das mil incidências da luta e da sorte, o movimento da maré revolucionária: se não na aldeia que combinaram, aparecia cedo ou tarde em outra. Iria de aldeia em aldeia, perguntando pelo batalhão, escutando as respostas dos velhos e das mulheres que ficavam nas casas:

"— Já faz quinze dias que passaram por aqui.

"— Dizem que não ficou ninguém vivo.

"— Quem sabe? Pode ser que regressem. Deixaram uns canhões esquecidos.

"— Tenha cuidado com os federais, que andam pegando todo o mundo que dá ajuda aos rebeldes." e acabariam por encontrar-se de novo, como agora. Ela teria o quarto pronto, com frutas e comida, e a saia estaria sobre uma cadeira. Esperá-lo-ia assim, pronta como se não quisesse perder um minuto com coisas desnecessárias. Mas nada é desnecessário. Vê-la caminhando, arrumando a cama, soltando o cabelo. Tirar-lhe as últimas roupas e beijar todo seu corpo, enquanto ela permanece de pé e ele se vai ajoelhando, percorrendo-a com os lábios, saboreando a pele e o velo, a umidade do caracol: recolhendo na boca os tremores da menina erguida que acabará por pegar a cabeça do homem entre as mãos para obrigá-lo a descansar, a deixar os lábios num só lugar. E ficará de pé, apertando a cabeça do homem, com um suspiro entrecortado, até que ele a sinta limpa e a puxe com os braços para a cama.

"— Artemio, voltarei a ver-te?

"— Nunca digas isso. Faz de conta que só nos conhecemos uma vez."

Nunca voltara a perguntar. Envergonhou-se de o fazer uma vez, de ter pensado que seu amor poderia ter fim ou medir-se como se mede o tempo das outras coisas. Não havia razão para lembrar onde, ou por quê, conheceu esse rapaz de vinte e quatro anos. Era desnecessário carregar algo além do amor e dos encontros durante os breves dias de licença, quando as tropas conquistavam uma praça forte e paravam para descansar, assegurar sua presença no território arrebatado à ditadura, abastecer-se e planejar a ofensiva seguinte. Assim, os dois decidiram, sem nunca o dizer. Nunca pensariam no perigo da guerra, nem no tempo da separação. Se um

deles não se apresentasse no encontro seguinte, cada qual seguiria seu caminho sem dizer nada: ele para o sul, até a capital; ela, de volta ao norte, às costas de Sinaloa, onde o conhecera e se deixara amar.

"— Regina... Regina...

"— Lembras-te daquela rocha que entrava pelo mar como um barco de pedra? Ainda deve estar lá.

"— Lá te conheci. Ias muito a esse lugar?

"— Todas as tardes. Forma-se uma laguna entre as pedras e pode-se ver a imagem refletida na água branca. Lá me olhava, e um dia teu rosto apareceu junto ao meu. À noite, as estrelas refletiam-se no mar. De dia, via-se o sol brilhar.

"— Não sabia o que fazer naquela tarde. Lutávamos e de repente tudo desmoronou, os pelotões se renderam e já me estava acostumando à outra vida. Então comecei a lembrar-me das outras coisas e encontrei-te sentada sobre essa pedra. Com as pernas molhadas.

"— Eu também queria. Apareceste a meu lado, a meu lado, refletido pelo mesmo mar. Não percebeste que eu também queria?"

A madrugada demorou a chegar, mas um véu cinzento descobriu o sono dos dois corpos, unidos pelas mãos. Ele acordou primeiro e olhou o sono de Regina. Parecia o fio mais tênue da urdidura dos séculos: parecia um gêmeo da morte: o sono. As pernas dobradas, o braço livre sobre o peito do homem, a boca úmida. Gostavam de amar na aurora: viviam esse amor como uma festa para celebrar o novo dia. A luz opaca apenas recolhia os perfis de Regina. Dentro de uma hora, escutar-se-iam os ruídos da aldeia. Agora, só a respiração da jovem morena que dorme cheia de serenidade, que é a parte viva do mundo em repouso. Só uma coisa teria direito de despertá-la, só uma felicidade teria direito de interromper essa felicidade do corpo sereno no sono, recortado sobre o lençol, envolto em si mesmo, com uma ternura de lua

enlutada. Tem direito? A imaginação do rapaz saltou por cima do amor: contemplou-a adormecida como se repousasse do novo amor que em breves segundos despertá-la-ia. Quando é maior a felicidade? Acariciou o seio de Regina. Imaginar o que será uma nova união; a própria união; a alegria fatigada da lembrança e novamente o desejo pleno, aumentado pelo amor, de um novo ato de amor: felicidade. Beijou a orelha de Regina e viu de perto seu primeiro sorriso: aproximou o rosto para não perder o primeiro gesto de alegria. Sentiu que a mão voltava a brincar com ele. O desejo floresceu por dentro, semeado de gotas pesadas: as pernas lisas de Regina voltaram a buscar a cintura de Artemio; a mão cheia sabia tudo: a ereção escapou dos dedos e despertou com ele; as coxas se separaram tremendo, cheias, e a carne erguida encontrou a carne aberta e entrou acariciada, rodeada pelo pulsar ansioso, coroada por ovaizinhos jovens, apertada nesse universo de pele macia e amorosa: reduzidos ao encontro do mundo, à semente da razão, às duas vozes que nomeiam em silêncio, que interiormente batizam todas as coisas: dentro, quando ele pensa em tudo menos nisto, pensa, conta as coisas, não pensa em nada, para que isto não se acabe: trata de encher a cabeça com mares e areias, frutos e ventos, casas e bichos, peixes e sementeiras, para que isto não se acabe: dentro, quando levanta o rosto com os olhos fechados e o pescoço se distende com toda a força das veias inchadas, quando Regina se perde e se deixa vencer e responde arfando, franzindo a testa e com os lábios sorridentes, que sim, que sim, que gosta, que sim, que não a deixe, que continue, que sim, que não acabe, que sim, até perceber que tudo aconteceu ao mesmo tempo, sem que um pudesse contemplar o outro, porque ambos eram a mesma coisa e diziam as mesmas palavras:

- Agora sou feliz.
- Agora sou feliz.
- Quero-te, Regina.



— Amo-te, meu homem.

— Faço-te feliz?

— Não acaba nunca; como dura; como me satisfazes" — enquanto nas ruas soou um barril de água lançado sobre o pó e os patos selvagens passaram grasnando junto ao rio e um assobio anunciou as coisas que ninguém poderia deter: as botas arrastaram o ruído das esporas, os cascos voltaram a fazer barulho e os cheiros de azeite e manteiga correram pelas portas e pelas casas. Ele estendeu a mão e procurou os cigarros no bolso da camisa. Ela se aproximou da janela e abriu-a. Ficou ali, respirando, com os braços abertos, na ponta dos pés. O círculo de montanhas pardas avançou com o sol até os olhos dos amantes. Subiu o cheiro da padaria da aldeia e, de mais longe, o cheiro das murtas enredadas no espinhal dos barrancos apodrecidos. Só ele viu o corpo nu, de braços abertos, que agora queriam pegar o dia pelos ombros e arrastá-lo com ela para a cama. — Queres tomar café?

— É muito cedo. Deixa-me acabar o cigarro.

A cabeça de Regina encostou-se no ombro do rapaz. A mão grande e nervuda acariciou a cadeira. Os dois sorriram.

— Quando era menina, a vida era bonita. Havia muitos momentos bonitos. As férias, os recreios, os dias de verão, os brinquedos. Não sei por quê, quando cresci, comecei a esperar coisas. Quando menina, não. Por isso comecei a ir àquela praia. Disse-me que era melhor esperar. Não sabia por que mudara tanto durante aquele verão e deixara de ser menina.

— Ainda és, sabes?

— Contigo? Com tudo o que fazemos?

Ele riu e beijou-a, e ela dobrou o joelho, na posição de uma ave de asas fechadas, aninhada no peito dele. Pendurou-se no pescoço do homem, entre risos e chorinhos fingidos:

— E tu?

— Eu não me lembro. Encontrei-te e quero-te muito. —  
Dize-me. Por que soube, quando te vi, que nada mais importaria?  
Sabes? Disse-me que naquele momento deveria decidir-me. Que se  
te afastasses, perderia toda a minha vida. Tu não?

— Sim, eu também. Não pensaste que eu era um soldado a  
mais, procurando algo para divertir-se?

— Não, não. Não vi teu uniforme. Só vi teus olhos refletidos  
na água, e então já não pude ver meu reflexo sem o teu ao lado.

— Linda; amor; anda e vê se temos café.

Quando se separaram, nessa manhã idêntica a todas as de  
um amor de sete meses jovens, ela lhe perguntou se a tropa voltaria  
a partir logo. Ele disse que não sabia o que o general pensava fazer.  
Talvez tivessem que partir para desbaratar alguns grupos de  
federais derrotados que ainda estavam na comarca, mas, em todo o  
caso, o quartel ficaria nessa aldeia. Havia água abundante e gado  
nas proximidades. Era um bom lugar para parar um pouco. Vinham  
cansados, desde Sonora, e mereciam um repouso. Às onze horas,  
deveria haver notícias no comando do lugar. Por toda aldeia que  
passava o general averiguava as condições de trabalho e expedia  
decretos reduzindo a jornada a oito horas e dividindo a terra entre  
os camponeses. Se havia uma fazenda no lugar, mandava queimar a  
casa demarcatória. Se havia prestamistas e sempre estavam ali, caso  
não houvessem fugido com os federais —, declarava nulas todas as  
dívidas. O mal é que a maioria da população estava em armas e  
quase todos eram camponeses, de forma que faltava quem se  
encarregasse de aplicar os decretos do general. Então era melhor  
tirar o dinheiro dos ricos que permaneciam em cada aldeia e  
esperar que a Revolução triunfasse para legalizar o referente às  
terras e à jornada de oito horas. Agora devia chegar à capital e  
correr da presidência o bêbado Huerta, o assassino de Dom  
Panchito Madero. Quantas voltas! — murmurou enquanto enfiava a  
camisa caqui dentro da calça branca — quantas voltas! De Veracruz,

da terra natal, até a Cidade do México, e dali até Sonora, quando o Professor Sebastián lhe pediu que fizesse ali o que os velhos já não podiam: ir para o norte, e pegar em armas e libertar o país. Não era ninguém então, embora estivesse para fazer vinte e um anos. Palavra, nem sequer dormira com uma mulher. E como iria negar-se ao Professor Sebastián, que lhe havia ensinado as três coisas que sabia: ler, escrever e odiar os padres?

Deixou de falar quando Regina colocou as xícaras de café sobre a mesa.

— Como está quente!

Era cedo. Saíram abraçados pela cintura. Ela com sua saia engomada; ele com seu chapéu de feltro e a túnica branca. O casario em que viviam era perto do barranco; as campainhas inclinavam-se para o vazio e um coelho dilacerado pelos caninos de um coiote apodrecia entre a folhagem. No fundo, corria um riacho. Regina tentou vê-lo, como se esperasse encontrar, outra vez, o reflexo de sua ficção. As mãos se uniram: o caminho para a aldeia encarapitava-se à beira da ribanceira e das montanhas vinham os ecos dos estorninhos. Não: ruído de cascos ligeiros, perdidos entre as nuvens de pó.

— Tenente Cruz! Tenente Cruz!

O rosto sempre sorridente de Loreto, o ajudante do general, perdeu-se, ao deter o cavalo com um único relincho, seco, por trás do suor e do pó que o embalsamava.

— Venha já — arquejou enquanto limpava o rosto com um lenço; — há novidades; partimos logo, logo. Já tomou café? No quartel estão servindo ovos.

— Já tenho os meus — respondeu com um sorriso.

O abraço de Regina foi um abraço de pó. Só quando o cavalo de Loreto se afastou, quando a terra pousou, emergiu a mulher inteira, presa aos ombros de seu jovem amante.

— Espera-me aqui.

- Que pensas que seja?
- Deve haver grupos dispersos nos arredores. Nada de grave.
- Espero-te aqui?
- Sim. Não te movas. Estarei de volta esta noite ou, no mais tardar, amanhã cedo.
- Artemio...Um dia voltaremos para lá?
- Quem sabe? Quem sabe quanto vai durar? Não penses nisso.

Sabes que te quero muito?

- E eu a ti. Muito. Creio que sempre.

Fora, no pátio central do quartel, nas cavaleriças, a tropa havia recebido a nova ordem de marcha e preparava as coisas com a calma de um rito. Rodavam os canhões enfileirados, puxados por mulas brancas e olheirentas; seguiam-nos os carros carregados de munição, nos trilhos que comunicavam o pátio com a estação. A cavalaria ajustava as rédeas, desatava os alforjes de rações, assegurava-se da firmeza das selas, acariciava as crinas hirsutas desses cavalos de guerra, tão dóceis e pacientes em seu trato com os homens: manchados de pólvora, com os ventres invadidos pelos carrapatos da planície; duzentos cavalos movendo-se pausadamente ante o quartel, alazões, malhados, de um negro poeirento. A infantaria lubrificava os fuzis e desfilava ante o anão risonho que distribuía os cartuchos. Chapéus do norte: chapéus de feltro cinza, de aba dobrada. Lenços amarrados ao pescoço. Cartucheiras à cintura. Poucas botas: calças de mescla e sapatos de couro amarelo, ou sandálias. Camisa de riscado, sem gola. Aqui e ali — nas ruas, nos pátios, na estação — chapéus yaquis (3) enfeitados com ramagens: os músicos com as baquetas na mão e os instrumentos metálicos ao ombro. Os últimos goles de aguardente. Braseiros cobertos de frituras. Pratos de ovos do rancho. Uma gritaria levantou-se na estação: um vagão chegava, cheio de índios tnayos,

com um tamborilar agudo e uma agitação de arcos coloridos e flechas rústicas.

Ele abriu caminho: no interior, ante o mapa mal fixado na parede, o general explicava: -- Os federais lançaram uma contraofensiva às nossas costas, em território libertado pela Revolução; pretendem surpreender-nos pela retaguarda. Esta madrugada, uma sentinela divisou, da montanha, uma fumaceira espessa que se levantava na direção das vilas ocupadas pelo Coronel Jiménez. Veio contar-me e lembrei-me de que o coronel, em cada vila, havia mandado juntar um grande monte de tábuas e dormentes para incendiar no caso de ser atacado e avisar-nos. Assim aconteceu. Temos que nos dividir. Metade volta para o outro lado da montanha para ajudar Jiménez. A outra metade vai dar duro sobre os grupos que derrotamos ontem e ver se não vem para nós outra grande ofensiva do sul. Nessa aldeia só ficará uma brigada. Mas parece difícil que cheguem até aqui. Major Gavilán... Tenente Aparicio... Tenente Cruz: o senhor volta para o norte.

As fogueiras acesas por Jiménez estavam se apagando quando ele passou, por volta do meio-dia, pelo posto de observação na encosta da montanha. Lá embaixo via-se o trem abarrotado de gente: corria sem apitar e levava os morteiros e os canhões, as caixas de munição e as metralhadoras. O grupo da cavalaria desceu com dificuldade as ladeiras escarpadas, e os canhões, da estrada, começavam a disparar sobre as vilas que se supunha estarem ocupadas de novo pelos federais.

— Vamos mais depressa — disse. — Esse fogo durará umas duas horas, e depois vamos explorar.

Nunca compreendeu por que, quando os cascos de seu cavalo tocaram o primeiro terreno plano, abaixou a cabeça e perdeu a noção da tarefa concreta que lhe havia sido designada. A presença dos seus homens apagou-se, juntamente com o sentimento firme de alcançar um objetivo, e em seu lugar apareceu essa ternura, esse

choro interno por algo perdido, esse desejo de voltar e esquecer tudo entre os braços de Regina. Era como se a esfera acesa do sol houvesse vencido a presença próxima da cavalaria e o rumor distante do canhoneio: em vez desse mundo real, outro, sonhado, em que só ele e seu amor tinham direito à vida e razão para salvá-la.

"— Lembra-te daquela rocha que entrava pelo mar como um barco de pedra?"

Contemplou-a novamente, desejando beijá-la, temendo despertá-la, certo de que, contemplando-a, já a fazia sua: só um homem é dono — pensou — de todas as imagens secretas de Regina, e esse homem a possui e jamais renunciará a ela. Ao contemplá-la, contemplava-se. As mãos soltaram as rédeas: tudo o que é, todo o seu amor, está fundido na carne dessa mulher que os contém a ambos. Gostaria de voltar... explicar-lhe quanto a ama... as minúcias de seu sentimento... para que Regina saiba...

O cavalo relinchou e empinou; o cavaleiro caiu sobre o terreno duro, de arbustos e pequenas árvores espinhentas. As granadas dos federais choveram sobre o destacamento, e ele, ao levantar-se, só pôde distinguir, entre a fumaça, o peito ardente de seu cavalo, a couraça que deteve o fogo. Ao redor do corpo caído caracolavam sem sentido mais de cinquenta cavalos; mais acima, não havia luz; o céu desceu um degrau e era um céu de pólvora, não mais alto que os homens. Correu até uma das árvores baixas: as nuvens de fumaça escondiam mais que esses ramos nus. A trinta metros começava um bosque baixo, mas denso. Uma gritaria sem sentido chegou a seus ouvidos. Saltou para agarrar as rédeas de um cavalo solto e trepou com uma só perna sobre as ancas: escondeu seu corpo atrás do cavalo e fustigou-o: o cavalo galopou e ele, com a cabeça balançando e os olhos cheios de seu cabelo revoltado, agarrou-se com desespero à sela e às rédeas. Desapareceu finalmente o brilho da manhã: a sombra permitiu-lhe abrir os olhos, desprender-se da carne do animal e girar até segurar um tronco.

E ali voltou a sentir o de antes. Rodeavam-no todos os rumores confusos da batalha, mas, entre a proximidade e o rumor que chegava a seus ouvidos, interpôs-se uma distância enorme: aqui, a leve agitação dos ramos, os movimentos furtivos das lagartixas, eram ouvidos distintamente. Sozinho, encostado ao tronco, voltou a sentir essa vida doce, serena, que fluía com languidez por seu sangue: esse bem-estar do corpo que se impunha a qualquer intenção rebelde do pensamento. Seus homens? O coração bateu normalmente, sem sobressaltos. Estariam procurando-o? Os braços, as pernas se sentiram contentes, limpos, cansados. Que fariam sem suas ordens? Os olhos procuraram, no teto de folhas, o voo escondido de algum pássaro. Teriam perdido a disciplina; correriam também para esconder-se nesse bosquezinho providencial? Mas a pé não podia cruzar de novo a montanha. Deveria esperar aqui. E se o prendessem? Já não pôde pensar: um gemido separou os ramos, perto do rosto do tenente, e um homem caiu em seus braços: seus braços o recusaram por um momento e, depois, voltaram a segurar esse corpo, de que pendia um trapo vermelho, sem força, de carnes rasgadas. O ferido apoiou a cabeça no ombro do companheiro:

— Estão... dando... duro...

Sentiu o braço destruído sobre sua espádua, manchando-a e jorrando um sangue sorado. Afastou o rosto torcido de dor: pômulos altos, boca aberta, olhos fechados, bigode e barba em desordem, curtos, como os seus. Se tivesse olhos verdes, seria seu gêmeo...

— Há saída? Estamos perdendo? Sabes alguma coisa da cavalaria? Retiraram?

— Não... não... foram... pra frente.

O ferido desmaiou, abraçado a ele com uma força estranha, cheia de solitudes silenciosas. O tenente segurou esse peso de chumbo lavrado sobre seu próprio corpo. Os canhões voltaram

a seu ouvido. Um vento incerto mexia as copas das árvores. Outra vez, o silêncio e a quietude rompidos pela metralha. Segurou o braço são do ferido e se desembaraçou do corpo lançado sobre o seu. Segurou-lhe a cabeça e encostou-o no solo de raízes nodosas. Destampou o cantil e bebeu um grande gole: aproximou-o dos lábios do ferido: a água escorreu pelo queixo enegrecido; mas o coração batia: perto do peito do ferido, ele, de joelhos, perguntou-se se continuaria a bater por muito tempo. Abriu a pesada fivela de prata do cinturão do ferido e deu-lhe as costas. Que estaria acontecendo lá fora? Quem estaria ganhando? Levantou-se e andou para o interior do bosque, longe do ferido.

Caminhou à;, apalpadelas, às vezes afastando as plantas baixas, sempre apalpando. Não estava ferido. Não necessitava de ajuda. Parou junto a uma fonte e encheu o cantil. Um riacho, morto antes de nascer, escorria da fonte e ia perder-se fora do bosque, sob o sol. Tirou a túnica e com as duas mãos enxaguou o peito, as axilas, os ombros ardentes, secos, ásperos, os músculos tensos dos braços, a pele azei tonada, lisa, rija. O borbulhar impediu: quis olhar-se refletido na fonte. Esse corpo não era dele: Regina havia-lhe dado outra posse: reclamara-o com cada carícia. Não era dele. Era mais dela. Salvá-lo para ela. Já não viviam sós e isolados; já haviam rompido os muros da separação: já eram dois e um só, para sempre. Passaria a Revolução; passariam as vilas e as vidas, mas isso não passaria. Já era sua vida, a de ambos. Enxaguou o rosto. Saiu novamente para a planície.

Os cavaleiros revolucionários vinham da planície para o bosque e a montanha. Correram velozmente a seu lado, enquanto ele, desorientado, desceu para as vilas em chamas. Escutou o chicotear sobre as ancas dos cavalos, o troar seco de alguns fuzis, e ficou só na planície. Fugiam? Voltou-se, levando as mãos à cabeça. Não entendia. Era preciso partir de um lugar, com uma missão clara, e nunca perder esse fio dourado: só dessa maneira era



possível compreender o que sucedia. Bastaria um minuto de distração para que todo o xadrez da guerra se convertesse num jogo irracional, incompreensível, feito de movimentos desgarrados, abruptos, carentes de sentido. Essa nuvem de pó... esses cavalos furiosos que avançavam a galope... esse cavaleiro que grita e agita um ferro branco... esse trem parado ao longe... essa poeirada cada vez mais próxima... esse sol cada minuto mais perto da cabeça aturdida... essa espada que lhe roça a testa... essa cavalgada que passa a seu lado e arroja-o ao solo...

Levantou-se acariciando a ferida da testa. Devia alcançar o bosque de novo: era o único refúgio. Cambaleou. O sol derreteu o olhar e esfumou em borrões o horizonte, a pradaria seca, a linha de montanhas. Ao chegar ao arvoredo, agarrou um tronco; desabotoou a túnica e rasgou a manga da camisa. Cuspiu nela e levou a umidade à testa lacerada. Amarrou o pedaço de trapo em volta da cabeça: a cabeça que estalava, quando os ramos fizeram barulho a seu lado, sob o peso de umas botas desconhecidas. O olhar dolorido subiu pelas pernas próximas: o soldado era da tropa revolucionária e carregava nos ombros outro corpo, um saco sangrento, desengonçado, com o braço coagulado. — Encontrei-o na entrada do bosque. Estava morrendo. Pegaram o braço dele, meu... meu tenente.

O soldado alto e preto aguçou os olhos até distinguir as insígnias.

— Acho que morreu. Pesa como um morto.

Descarregou o corpo e encostou-o à árvore: fizera o mesmo meia hora, quinze minutos antes. O soldado aproximou o rosto da boca do ferido; voltou a reconhecer a boca aberta, os pômulos altos, os olhos fechados.

— Sim. Já morreu. Se houvesse chegado um pouco antes, talvez o salvasse.

Fechou os olhos do morto com a mão quadrada. Fechou a fivela de prata e, inclinando a cabeça, disse por entre seus dentes brancos: — Caramba, tenente. Se não houvesse alguns valentes como este no mundo, onde estaríamos nós?

Deu as costas para o soldado e o morto, e voltou a correr para a planície. Era preferível. Embora não ouvisse, nem visse nada. Embora o mundo passasse a seu lado como uma sombra desatinada. Embora todos os ruídos da guerra e da paz — cenizontes, vento, bramidos distantes —, que continuavam, se convertessem nesse tambor único, surdo, que englobava todos os barulhos e reduzia-os a uma tristeza só. Tropeçou num cadáver. Ajoelhou-se a seu lado, sem saber por quê, minutos antes de que essa voz abrisse caminho por entre o tamborilar opaco de todos os ruídos.

— Tenente... Tenente Cruz...

A mão parou sobre o ombro do tenente; ele levantou o rosto.

— O senhor está ferido, tenente. Venha conosco. Os federais fugiram. Jiménez manteve a praça. Volte conosco ao quartel em Rio Hondo. As forças de cavalaria travaram uma grande batalha; multiplicaram-se, na verdade. Venha. O senhor não está bem. Prendeu-se aos ombros do oficial.

Murmurou:

— Ao quartel. Sim, vamos.

O fio estava perdido. O fio que lhe permitiu percorrer, sem perder-se, o labirinto da guerra. Sem se perder, sem desertar. Não tinha forças para segurar as rédeas. Mas o cavalo estava amarrado à montaria do Major Gavilán, durante esse passeio lento através da montanha que separa a planície do combate do vale onde ela espera. O fio ficou para trás. Lá embaixo, a aldeia de Rio Hondo não mudou: é o mesmo casario de telhas quebradas e paredes de adobe, rosa, avermelhado, branco, cercado de cactos, que abandonara

naquela manhã. Pensou distinguir, junto aos lábios verdes do barranco, a casa, a janela onde Regina deve esperá-lo.

Gavilán trotava à sua frente; as sombras do entardecer arrojaram a ficção da montanha sobre os corpos cansados dos dois militares. O cavalo do major parou um momento, esperando para que o do tenente se lhe emparelhasse. Gavilán ofereceu-lhe um cigarro. Assim que apagou o fósforo, os cavalos voltaram a trotar. Mas ele já vira, ao acender o cigarro, toda a dor no rosto do major, e baixou a cabeça. Tinha merecido. Saberiam a verdade de sua deserção durante a batalha e arrancar-lhe-iam as insígnias. Mas não saberiam a verdade completa: não saberiam que se quis salvar para voltar ao amor de Regina, nem o entenderiam se lhes explicasse. Também não saberiam que abandonara o soldado ferido, que pudera salvar essa vida. O amor de Regina pagaria a culpa do soldado abandonado. Assim deveria ser. Baixou a cabeça e acreditou que, pela primeira vez na vida, sentia vergonha. Vergonha: não era isso que se revelava nos olhos claros, diretos do Major Gavilán. O oficial acariciou com a mão livre á sua barba loira, empastada de pó e sol.

— Devemos-lhe a vida, tenente. O senhor e seus homens detiveram o ataque. O general dar-lhe-á uma acolhida de herói... Artemio... Posso chamá-lo de Artemio?

O major sorriu. Colocou a mão livre sobre o ombro do tenente e continuou, com um riso seco:

— Lutamos juntos há tanto tempo e o senhor vê, nem sequer nos tuteamos. Com os olhos, o Major Gavilán solicitou uma resposta. A noite caiu com seu cristal sem matéria e o último clarão surgiu por trás das montanhas, já distantes, escondidas na escuridão, recolhidas. No quartel, ardiam chamas que à tarde não puderam ver de longe.

— São uns cães! — disse de repente o major com a voz entrecortada. — Entraram de surpresa na aldeia, como naquela

outra. Claro que não puderam chegar ao quartel. E se vingaram nos bairros vizinhos; ali fizeram das suas. Prometeram vingar-se de todos os lugares que nos ajudam. Tomaram dez reféns e mandaram dizer que os enforcariam se não lhes entregássemos o lugar. O general respondeu-lhes com fogo de morteiros.

As ruas estavam cheias de soldados e gente, de cães soltos e meninos, soltos como os cachorros, que choravam no limiar das portas. Alguns incêndios ainda persistiam e as mulheres estavam sentadas no meio da rua sobre os colchões e os utensílios resgatados.

— O Tenente Artemio Cruz — murmurou Gavilán, agachando-se para alcançar o ouvido de alguns soldados.

— O Tenente Cruz — correu o murmúrio dos soldados para as mulheres.

O povo abriu caminho para os dois cavalos: o malhado do major, nervoso no meio da multidão que o apertava, e o negro do tenente, de cabeça baixa, que se deixava levar pelo primeiro. Algumas mãos se estenderam: eram os homens do destacamento de cavalaria comandado pelo tenente. Apertaram-lhe a perna como cumprimento; apontaram para a testa, onde o sangue havia manchado o trapo amarrado; murmuraram uma felicitação surda pelo triunfo. Atravessaram a aldeia: ao fundo se despenhava o barranco e as árvores mexiam-se na brisa noturna. Ele levantou o olhar: o casario branco. Procurou a janela, todas estavam fechadas. O fulgor das velas iluminava a entrada de algumas casas. Os grupos negros, embuçados, estavam acorados em entradas diversas.

— Não os retirem! — gritou o Tenente Aparicio, do seu cavalo, enquanto o fazia caracolear e afastava com o chicote as mãos que se levantavam, implorando. — Que todos gravem bem! Que saibam contra quem lutamos! Obrigam os homens da aldeia a matar seus irmãos. Vejam bem. Assim mataram a tribo yaqui, por não querer que lhe arrebatassem as terras. Da mesma forma,

mataram os trabalhadores de Rio Blanco e Cananea, por não quererem morrer de fome. Assim matarão todos se não acabarmos com eles. Vejam. O dedo do Tenente Aparicio percorreu o amontoado de árvores próximas ao barranco: as cordas de pita, malfeitas, cruas, arrancavam, ainda, sangue dos pescoços; mas de olhos abertos, línguas roxas, estavam mortos os corpos inânimes, mexidos pelo vento que soprava da serra. À altura dos olhares — uns perdidos, outros enfurecidos, ternos na maioria, incompreensivos, cheios de dor quieta —, só as sandálias enlameadas, os pés nus de um menino, os sapatos negros de uma mulher. Ele desceu do cavalo. Aproximou-se. Abraçou a saia engomada de Regina com um grito cortado, soluçante; com seu primeiro pranto de homem.

Aparicio e Gavilán levaram-no ao quarto da moça. Obrigaram-no a se deitar, trocaram-lhe o pano sujo por uma venda, limparam-lhe a ferida. Quando saíram, abraçou o travesseiro e escondeu o rosto. Queria dormir, nada mais, e em segredo disse-se que talvez o sono pudesse voltar a igualá-los, a reuni-los. Deu-se conta de que era impossível; de que agora, sobre essa cama de mosquiteiros amarelecidos, podia ser percebido, com intensidade superior à da presença, o cheiro da cabeleira úmida, do corpo liso, das coxas cálidas. Estava ali como nunca o estivera em realidade, mais viva que nunca na cabeça enfebreçada do rapaz: mais ela, mais sua, agora que a recordava. Talvez, durante seus breves meses de amor, nunca tivesse visto a beleza dos olhos com tanta emoção, nem pudera compará-los, como agora, com seus gêmeos brilhantes: joias negras, fundo mar quieto sob o sol, fundo de areia movida pelo tempo, cerejas escuras da árvore de carne e entranhas quentes. Nunca lhe dissera isso. Não houvera tempo. Não houvera tempo para lhe dizer tantas coisas do amor. Nunca houvera tempo para a última palavra. Talvez, fechando os olhos, ela regressasse inteira, para viver das carícias ansiosas que pulsavam nas pontas dos dedos

do homem. Talvez bastasse imaginá-la para sempre tê-la a seu lado. Quem sabe se a lembrança pode realmente prolongar as coisas, entrelaçar as pernas, abrir as janelas de madrugada, pentear os cabelos e ressuscitar os cheiros, os ruídos, o tato? Levantou-se. Às apalpadelas, no quarto escuro, procurou a garrafa de aguardente. De repente, não servia para esquecer, como dizem todos, mas para fazer com que as recordações surgissem mais depressa.

Regressaria às pedras daquela praia, enquanto o álcool branco lhe incendiava o estômago. Regressaria. Para onde? Para essa praia mítica que nunca existira? Essa mentira da menina adorada, essa ficção de um encontro junto ao mar, inventado por ela para que ele se sentisse limpo, inocente, seguro do amor? Jogou o copo de aguardente ao chão. Para isso servia a bebida, para desbaratar as mentiras. Era uma bela mentira.

"— Onde nos conhecemos?

"— Não te lembras?

"— Dize-me.

"— Não te lembras daquela praia? Eu ia lá todas as tardes.

"— Lembro-me agora. Viste o reflexo de meu rosto junto ao teu.

"— Lembra-te: e nunca quiseste ver-me sem teu reflexo junto ao meu.

"— Sim, lembro-me."

Ele deveria acreditar nessa bela mentira, sempre, até o fim. Não era real: ele não havia entrado naquela vila sinaloense como em tantas outras, buscando a primeira mulher que passasse, incauta, pela rua. Não era verdade que aquela moça de dezoito anos havia sido montada à força em um cavalo e violada em silêncio no dormitório comum dos oficiais, longe do mar, de face para a serra espinhosa e seca. Não era realidade que ele havia sido perdoado em silêncio pela honradez de Regina: quando a resistência cedeu ao prazer, e os braços que nunca haviam tocado um homem tocaram-

no pela primeira vez com alegria, e a boca úmida, aberta, só repetia, como na noite passada, que sim, que sim, que gostara dele, que com ele gostara, que queria mais, que tivera medo dessa felicidade. Regina do olhar sonhador e ardente. Como aceitou a verdade de seu prazer e admitiu que estava apaixonada por ele; como inventou a história do mar e do reflexo da água parada para esquecer o que depois, ao amá-la, poderia envergonhá-lo. Mulher da vida, Regina, potranca cheia de sabor, límpida fada da surpresa, mulher sem escusas, sem palavras de justificação. Nunca conheceu o tédio; nunca o aborrecera com queixas sofredoras. Estaria ali sempre, numa aldeia ou noutra. Talvez agora mesmo sumisse a fantasia de um corpo inerte pendendo de uma corda e ela ... ela já estivesse numa outra aldeia. Nada mais lhe ocorreu. Sim: como sempre. Saiu em silêncio e foi para o sul. Atravessou as linhas dos federais e encontrou um quartinho na vila seguinte. Sim; porque ela não poderia viver sem ele, nem ele sem ela. Sim. Tudo era questão de sair, pegar o cavalo, empunhar a pistola, continuar a ofensiva e encontrá-la na parada seguinte.

Na escuridão, procurou a farda. Cruzou as cartucheiras sobre o peito. Fora, o cavalo negro, o tranquilo, estava amarrado a um poste. O povo não se afastava dos enforcados, mas ele já não olhou para esse lado. Montou no cavalo e correu na direção do quartel.

— Para onde foram esses filhos da puta? — gritou a um dos soldados que montavam guarda no quartel.

— Pro outro lado do barranco, chefe. Dizem que estão entrincheirados junto à ponte, à espera de reforços. Que querem tomar esta aldeia outra vez. Entre, coma algo.

Desmontou. Caminhou sem pressa para as fogueiras do pátio, onde eram mexidas, sobre os paus cruzados, as panelas de barro e se levantava o rumor de mãos de mulher sovando a massa de farinha. Meteu a concha no caldo fervente, salpicou cebola, chili

em pó, orégano; mastigou as tortilhas nortistas, duras, frescas; os pés de porco. Estava vivo.

Arrancou do círculo de ferro oxidado a tocha que iluminava a entrada do quartel. Fincou as esporas na barriga do cavalo negro: os que ainda caminhavam pela rua saíram para o lado: o cavalo, surpreendido, tentou empinar, mas ele apertou o freio, voltou a fincar as esporas, e sentiu, afinal, que o cavalo entendia. Já não era o cavalo do homem ferido, do homem hesitante que, naquela tarde, atravessara a montanha. Era outro cavalo; entendeu. Agitou a crina para que ele entendesse: contava com uma montada de guerra, tão furiosa e veloz como seu cavaleiro. E o cavaleiro levantava a tocha e iluminava, já, o campo que rodeava a aldeia para desembocar no poente sobre o barranco.

Uma fogueira iluminava, também, a entrada do poente. Os quepes dos peões reverberavam com palidez avermelhada. Mas os cascos do cavalo negro arrastavam toda a força da terra, iam recolhendo grama e pó e espinho, iam deixando uma esteira de chispas derramadas pela tocha empunhada pelo homem que se lançou para o poente, saltando por cima da fogueira, disparando a pistola contra os olhos injetados, contra as nuças escuras, sobre os corpos que não entendiam, que faziam retroceder os canhões, que não sabiam distinguir na noite a solidão do cavaleiro que deve chegar ao sul, à vila seguinte, onde o esperam...

— Abram caminho, peões filhos da mãe! — gritam as mil vozes desse homem.

A voz da dor e do desejo, a voz da pistola, o braço que brande a tocha sobre as caixas de pólvora e faz explodir os canhões e põe em fuga os cavalos sem cavaleiro, em meio ao caos de relinchos e chamados e ruídos que agora têm um eco distante nas vozes perdidas da aldeia, no sino que começa a repicar na torre avermelhada da igreja, no pulsar da terra que suporta os cascos da cavalaria revolucionária, que agora cruza a ponte e encontra a



destruição e a fuga e as fogueiras apagadas, mas que não encontram os federais nem o tenente, o que cavalga para o sul, com a tocha no alto, com os olhos acesos de seu cavalo: para o sul, com o fio entre as mãos, para o sul.

Eu sobrevivi. Regina. Como te chamavas? Não. Tu, Regina. Como te chamavas, soldado sem nome? Sobrevivi. Vocês morreram. Eu sobrevivi. Ah, deixaram-me em paz. Pensam que estou dormindo. Lembrei-te, lembrei teu nome. Mas não tens nome. E os dois avançam para mim, de mãos dadas, com os olhos vazios, pensando que me vão convencer, provocar minha compaixão. Ah, não. Não devo a vida a vocês. Devo-a ao meu orgulho, ouvem? devo-a ao meu orgulho. Desafiei. Ousei. Virtudes? Humildade? Caridade? Ah, pode-se viver sem isso, pode-se viver. Não se pode viver sem orgulho. Caridade? Serviria para quem? Humildade? Tu, Catalina, que terias feito de minha humildade? Com ela terias me vencido com desprezo, terias me abandonado. Já sei que te perdoas imaginando a santidade desse sacramento. Ah! Tirando minha riqueza, teria importado bem pouco o divórcio. E tu, Teresa, embora te mantenha, me odeias, me insultas, que terias feito, odiando-me na miséria, insultando-me na pobreza? Imaginem-se sem meu orgulho, fariseias, imaginem-se perdidas nessa multidão de pés inchados, esperando eternamente um caminhão em todas as esquinas da cidade, imaginem-se perdidas nessa multidão de pés inchados, imaginem-se empregadas numa loja, num escritório, batendo a máquina, fazendo pacotes, economizando para comprar um automóvel a prestações, oferecendo velas à Virgem para manter a ilusão, pagando mensalidades de um terreno.

Suspirando por uma geladeira, imaginem-se sentadas num cinema de bairro todos os sábados, comendo chocolates, tratando de encontrar um táxi na saída, tomando lanche fora uma vez por mês, imaginem-se com todas as justificações que lhes evitei, imaginem-se tendo que gritar que como o México não há igual para

sentirem-se vivas, imaginem-se tendo que se sentir orgulhosas com os sarapes e Cantinflas e a música de mariachi e a mole camponesa para sentir-se vivas, ah-hai, imaginem-se tendo que confiar realmente nas promessas, na peregrinação aos santuários, na eficácia da oração para manter-se vivas, — Domine, non sum dignus...

"— Como vai? Primeiro, querem cancelar todos os empréstimos de bancos norte-americanos à Ferrovia do Pacífico. O senhor sabe quanto a ferrovia paga anualmente de juros sobre os empréstimos? Trinta e nove milhões de pesos. Segundo, querem afastar todos os defensores da recuperação das ferrovias. Sabe quanto ganhamos? Dez milhões por ano. Terceiro, querem afastar-nos, nós, que administramos os empréstimos norte-americanos às ferrovias. O senhor sabe quanto ganhou e quanto ganhei no ano passado...?

"— Three million pesos each...

"— Isso mesmo. E não termina aí a coisa. Faça o favor de telegrafar à National Fruits Express que esses líderes comunistas querem cancelar o aluguel de carros-frigorífico, que proporciona vinte milhões de pesos anuais à companhia e uma boa comissão para nós. Adeus."

Ah, ah! Isso estava bem explicado. Mandriões. Se não lhes defendo os interesses, mandriões. Oh, afastem-se todos, deixem-me ouvir. Quero ver se não me entendem. Se não compreendem o que quer dizer um braço dobrado assim ...

"— Senta-te, benzinho. Agora te atendo. Díaz: tenha muito cuidado para que não se filtre uma única linha sobre a repressão da polícia contra esses agitadores.

"— Mas parece que há um morto, senhor. Além disso, foi bem no centro da cidade. Vai ser difícil...

"— Nada, nada. São ordens de cima.

"— Mas sei que um jornal de trabalhadores vai publicar a notícia.

"— E em que está pensando? Eu não lhe pago para pensar? Não lhe pagam em sua 'fonte' para pensar? Avise à Procuradoria, para que fechem essa oficina..."

Como necessito de pouca coisa para pensar. Uma chispa. Uma faísca para dar vida a esta rede complexa, enorme. Outros seres necessitam de uma energia elétrica que me mataria. Preciso de navegar em águas turvas, comunicar-me com grandes distâncias, repelir os inimigos. Ah, sim. Vira isso. Não me interessa.

"— Maria Luisa. Este Juan Felipe Couto, como sempre, quer bancar o esperto... É tudo, Díaz... Passa-me o copo de água, boneca. Digo: quer bancar o esperto. Como com Federico Robles, lembrás? Mas comigo não poderá ...

"— Quando, chefe?

"— Obteve com minha ajuda a concessão para construir essa estrada em Sonora. Ajudei-o inclusive para que aprovassem um orçamento três vezes superior ao custo real da obra, em troca de que a estrada passasse pelos terrenos de irrigação que comprei aos habitantes das aldeias. Acabo de saber que o malandro também comprou umas terrinhas no lugar e pensa desviar o traçado da estrada para que passe por suas propriedades...

"— Mas que sujo! Parece tão decente...

"— Então, bonequinha, sabes: pões uns mexericos na tua coluna, falando do iminente divórcio de nosso digno cidadão. Bem de leve, só para assustar.

"— Além disso, temos umas fotos de Couto num cabaré com uma garota que certamente não é a Sra. Couto.

"— Reserva-a para o caso de uma resposta..."

Dizem que as células da esponja não estão ligadas por nada e, contudo, a esponja continua unida: dizem, lembro-me disso porque dizem que, se se rasgar violentamente a esponja, ela, feita

em pedaços, volta a se unir, nunca perde sua unidade, busca a maneira de agregar novamente suas células dispersas, nunca morre, ah, nunca morre.

— Naquela manhã esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

— Dominaste-o e o arrancaste a mim.

Põe-se de pé entre as vozes indignadas das mulheres e segura-as pelo braço e eu continuo pensando no carpinteiro e depois em seu filho e no que evitaríamos se o deixassem solto com seus doze agentes de relações públicas, solto como uma cabra, vivendo da história dos milagres, filando refeições, camas e oferendas para os curandeiros sagrados, até que a velhice e o esquecimento o derrotassem e Catalina e Teresa e Gerardo sentam-se nas poltronas do fundo do quarto. Quanto demorarão para trazer um padre, apressar minha morte, arrancar-me confissões? Ah, gostariam de saber. Como vou divertir-me. Como! Como! Tu, Catalina, serias capaz de dizer-me o que nunca me disseste para amolecer-me e saber isso. Ah, mas eu sei o que gostarias de saber. E o rosto afilado He tua filha não o esconde. Não tardará em aparecer por aqui esse pobre-diabo a inquirir, a lacrimejar, a ver se afinal pode desfrutar tudo isso. Ah, como me conhecem mal! Pensam que uma fortuna assim se dilapida entre três farsantes, entre três morcegos que nem sabem voar? Três morcegos sem asas: três ratazanas. Que me desprezam. Sim. Que não podem evitar o ódio dos mendigos. Que detestam as peles que as cobrem, as casas em que moram, as joias que brilham, porque eu as dei. Não, não me toquem agora...

— Deixem-me...

— É que Gerardo chegou... Gerardito... teu genro... olha-o.

— Ah, o pobre-diabo...

— Dom Artemio...

— Mãe, não aguento, não aguento, não aguento!

- Está doente...
- Bah, já me levantarei, verão...
- Disse-te que estava fingindo.
- Deixa-o descansar.
- Digo-te que está fingindo! Fingindo como sempre para divertir-se à nossa custa como sempre, como sempre.
- Não, não, o médico diz...
- Que sabe o médico? Eu o conheço melhor. É outra burla.
- Não digas nada!

Não digas nada. Esse azeite. Passam-me esse azeite nos lábios. Nas pálpebras. Nas fossas nasais. Não sabem o que custou. Não tiveram que decidir. Nas mãos. Nos pés gelados que já não sinto. Elas não sabem. Não tiveram que expor tudo. Nos olhos. Abrem-me as pernas e untam-me as coxas com esse azeite.

— Ego te absolvo.

Eles não sabem. Ela não falou. Não disse.

Tu viverás setenta e um anos sem perceber: não te deterás para pensar que teu sangue circula, teu coração bate, tua vesícula esvazia-se de líquidos serosos, teu fígado segrega bÍlis, teu rim produz urina, teu pâncreas regula o açúcar em teu sangue: não provocaste essas funções com teu pensamento; saberás que respiras, mas não o pensarás porque não depende de teu pensamento; desentender-te-ás e viverás: poderias dominar tuas funções, fingir a morte, cruzar o fogo, suportar um leito de cacos de vidro; simplesmente, viverás e deixarás que as funções se entendam por si. Até hoje. Hoje, quando as funções involuntárias te obrigarão a perceber, te dominarão e acabarão destruindo tua personalidade: pensarás que respiras a cada vez que o ar passe trabalhosamente para teus pulmões, pensarás que o sangue circula a cada vez que as veias do abdome batam com essa presença dolorosa: vencer-te-ão porque te obrigarão a perceber a vida ao invés de vivê-la. Triunfo. Tentarás imaginá-lo — é tal a lucidez que te obriga a perceber o

menor pulsar, todos os movimentos de atração, de repulsão e, ainda mais terrível, o movimento do que já não se move — e dentro de ti, em tuas entranhas, essa membrana serosa revestirá a cavidade de teu abdome e se dobrará em torno das vísceras e uma de suas pregas, essa prega de tecido, vasos sanguíneos e linfáticos, que une o estômago e o intestino com as paredes abdominais, essa prega de células adiposas, deixará de ser irrigada pela grossa artéria do rio celíaco de teu sangue, que alimenta teu estômago e tuas vísceras abdominais, penetra na raiz da prega e desce obliquamente para a raiz do intestino médio, depois de ter corrido atrás do pâncreas, originando outra artéria que irriga um terço de teu duodeno e a mandíbula de teu pâncreas; penetra cruzando teu duodeno, tua aorta, tua veia cava inferior, tua uretra direita, teu nervo genitofemural e as veias de teus testículos. Essa artéria correrá, manchada, espessa, encarnada, durante setenta e um anos, sem que o saibas. Hoje saberás. Vai parar. O fluxo vai secar.

Durante setenta e um anos essa artéria fará um esforço esgotante: no curso de sua atividade, há um momento em que, pressionada por um segmento de tua coluna vertebral, deverá avançar, ao mesmo tempo, para baixo, para a frente e abruptamente outra vez para trás. Durante setenta e um anos, tua artéria mesentérica passará, pressionada, por esta prova, por este salto mortal. Hoje já não poderá. Hoje não resistirá à pressão. Hoje, no veloz movimento de pistão para baixo, para a frente, para trás, parará, convulsa, congestionada, esgotada, massa de sangue paralisado, rocha roxa que obstruirá teu intestino: sentirás esse bater da pressão crescente, senti-lo-ás: é teu sangue que para pela primeira vez, que desta vez não alcança a margem da tua vida, para congelando-se na fervura de teu intestino, apodrecendo, estancando, sem haver alcançado a margem da tua vida:

E é quando Catalina se aproximará de ti, perguntar-te-á se não queres nada, a ti, que só poderás atender tua dor crescente,

tratar de repeli-la com a vontade de sono, de repouso, enquanto Catalina não pode evitar esse gesto, essa mão estendida que logo retirará, temerosa, para uni-la à outra junto a seus peitos de matrona, para separá-la novamente e, desta vez, aproximá-la, tremendo, da tua testa: acariciará tua testa e tu não perceberás, perdido na concentração aguda da dor, não perceberás que, pela primeira vez em muitas décadas, Catalina aproxima a mão de tua testa, acaricia tua testa, afasta os cabelos grisalhos, empapados de suor, que a cobrem e volta a acariciá-la, com um temor agradecido, afinal, de que a ternura o vença, com uma ternura envergonhada de si própria, com uma vergonha que afinal parece ser aplacada pela certeza de que não percebes que ela te acaricia, talvez transmita, com os dedos na testa, umas palavras que querem mesclar-se a essa tua lembrança que não deixa de correr, perdida no fundo destas horas, inconsciente, alheia à tua vontade, mas fundida em tua memória involuntária, a que desliza entre os resquícios de tua dor e te repete, agora, as palavras que não escutaste então. Ela também pensará em teu orgulho. Ali nascerá a faísca. Ali a escutarás, nesse espelho comum, nesse lago que refletirá os rostos de ambos, que os afogará quando se beijarem, no reflexo líquido de seus rostos: por que não olhas para o lado? Ali estaria Catalina em tua carne; por que tentas beijá-la no frio reflexo da água?

Por que ela não aproxima o rosto do teu, por que, como tu, funde-o nas águas paradas e repete, agora que não a escutas: "Deixei-me levar"? Talvez sua mão te fale de uma liberdade excessiva que derrota a liberdade. A liberdade que levanta uma torre sem fim, não alcança o céu, mas divide o abismo, rompe a terra: nomearás: separação; recusarás: orgulho; sobreviverás, Artemio Cruz; sobreviverás porque te exporás; te exporás ao risco da liberdade; vencerás o risco e, sem inimigos, converter-te-ás em teu próprio inimigo para continuar a batalha do orgulho; vencidos todos, só te faltará vencer a ti mesmo: teu inimigo sairá do espelho

para travar a batalha final; a ninfa inimiga, a ninfa de alento pesado, filha de deuses, mãe do sedutor caprino, mãe do único deus morto no tempo do homem; do espelho sairá a mãe do Grande Deus Pã, a ninfa do orgulho, teu duplo, outra vez teu duplo: teu último inimigo, na terra despovoada dos vencidos por teu orgulho; sobreviverás; descobrirás que a virtude é só desejável, mas a soberba é só necessária; e, contudo, essa mão que neste momento acaricia tua testa chegará afinal, com sua vozinha, para silenciar o grito dos retos, para recordar-te que só, afinal, embora seja afinal, a soberba é supérflua e a humildade necessária: seus dedos pálidos tocarão tua testa enfebrecida, quererão acalmar tua dor, quererão dizer-te hoje o que não te disseram há quarenta e três anos.



## 1924: 3 de junho

Ele não a ouviu dizer, quando ela despertou de sua insônia. "Deixei-me levar." Deitada a seu lado. A cabeleira castanha cobria-lhe o rosto e em todas as dobras da carne sentiu essa umidade fatigada, esse cansaço do verão. Passou a mão na boca e previu o novo dia de sol vertical, o aguaceiro da tarde, a transição noturna da canícula para o frescor e não quis recordar o que acontecera à noite. Escondeu o rosto no travesseiro e repetiu: — Deixei-me levar.

A aurora borrou os penachos da noite e entrou, fria e clara, pela janela entreaberta do quarto. Definiu de novo os detalhes que a escuridão confundira num só abraço.

"Sou jovem; tenho direito..."

Vestiu a camisola e fugiu do lado do homem antes que o sol ultrapassasse a linha das montanhas.

"Tenho direito, está bendito pela Igreja."

Agora, da janela de seu quarto, viu-o coroando o distante Citlaltépetl. Embalou a criança nos braços e permaneceu junto à janela.

"Oh, que fraqueza; sempre o despertar, esta fraqueza, este ódio, este desprezo que não acabo de sentir..."

Seu olhar cruzou-se com o desse índio sorridente que passava pela grade da horta, tirava o chapéu de palha e inclinava a cabeça...

"...quando desperto e olho seu corpo adormecido junto a mim..." Os dentes brancos brilhavam, sobretudo quando se aproximava.

"Quer-me de verdade?"

O senhor enfiou a camisa dentro das calças justas e o índio voltou as costas para a janela da mulher.

"Já se passaram cinco anos..."

Ela deu as costas para o campo.

— Que te traz tão cedo, Ventura?

— Minhas orelhas me guiaram. Deixa-me encher o casco?

— Está tudo pronto na aldeia?

Ventura concordou; caminhou até o tanque; afundou o casco na água; bebeu um gole; voltou a enchê-lo.

"Talvez ele mesmo tenha esquecido as razões de nosso casamento..." — E que dizem tuas orelhas?

— Que o velho Dom Pizarro não o pode ver nem pintado.

— Isso já sei.

— E as orelhas dizem que se vai aproveitar da confusão do domingo para desferrar-se...

"...e agora ame-me de verdade..."

— Benditas sejam tuas orelhas. Ventura.

— Bendita seja minha mãe, que me ensinou a estar com elas sempre bem lavadas e sem cera.

— Já sabes o que deve ser feito.

"...ame-me e admire minha beleza..."

O índio riu sem ruído, acariciou a aba de seu chapéu desfiado e olhou para o terraço coberto por um telheiro, onde essa bela mulher já se havia sentado na cadeira de balanço.

"...minha paixão..."

Ventura lembrava-a, há muitos anos, sempre sentada ali, às vezes com o ventre redondo e grande, outras esbelta e silenciosa, sempre alheia ao tráfego das carroças carregadas de grãos, aos bramidos dos touros ferrados, ao desprender seco das ameixas durante o verão no pomar plantado pelo novo dono em volta da casa de campo. "...o que sou..."

Ela observava os dois homens. Observava com o olhar de um coelho que mede a distância que o separa dos lobos. A morte de Dom Gamaliel privara-a, subitamente, das defesas orgulhosas dos primeiros meses: o padre representou uma continuidade da ordem e das hierarquias e, depois, o primeiro embaraço justificou o isolamento, o pudor, as advertências.

"Meu Deus, por que não posso ser a mesma de noite e de dia?"

E ele, ao virar o rosto para seguir o olhar do índio, encontrou o rosto imóvel de sua mulher e pensou que durante esses primeiros anos a frieza fora-lhe indiferente; ele mesmo havia carecido de vontade para atender esse mundo, esse mundo secundário do que não acaba por se integrar, formar, encontrar seu nome, sentir antes de nomear. "... de noite e de dia?..."

Outro, mais urgente, solicitava-o.

("— O senhor governo não se ocupa conosco, Sr. Artemio, por isso viemos pedir-lhe que o senhor nos dê uma mão.

"— Estou aqui para isso, rapazes. Terão sua estrada vicinal, prometo, mas com uma condição: não levem suas colheitas ao moinho de Dom Cástulo Pizarro. Não veem que esse velho nega-se a repartir um bocado de terra que seja? Não o favoreçam. Tragam tudo para meu moinho e deixem-me colocar as colheitas no mercado.

"— O senhor tem razão, mas Dom Pizarro vai matar-nos se fizermos isso.

"— Ventura: distribui os rifles para os rapazes, a fim de que aprendam a defender-se.")

Ela se moveu lentamente. Lembrava, contava dias e frequentemente meses durante os quais seus lábios não se abriram. "Ele nunca me censurou a frieza com que o trato durante o dia."

Tudo parecia mover-se sem sua participação e o homem forte que desmontava com os dedos calosos e a testa sulcada de pó

e suor passava ao longe com o chicote entre as mãos para desabar na cama, para voltar a acordar antes do sol e empreender, todos os dias, o grande passeio da fadiga ao longo das terras que deviam produzir, render: ser, conscientemente, seu pedestal.

"Parece bastar-lhe essa paixão com que o aceito durante a noite."

Terras de milho, no pequeno vale irrigado que rondava as sedes das velhas fazendas: Bernal, Labastida, Pizarro; terras de pita e pulque mais além, onde começava outra vez o mato.

("— Há queixas. Ventura?

"— Dissimulam-nas, senhor, porque, apesar de tudo, agora estão melhor que antes. Mas percebem que o senhor dividiu mais terra estéril, ficando com a irrigada.

"— E que mais?

"— Que o senhor continua cobrando juros sobre o que empresta, como Dom Gamaliel fizera antes.

"— Olha, Ventura. Vai e explica-lhes que os juros realmente altos são cobrados aos latifundiários como esse Pizarro e aos comerciantes. Se se sentem lesados com meus empréstimos, suspendo-os. Pensava que lhes prestava um serviço...

"— Não, isso não...

"— Conta-lhes que dentro em pouco vou cobrar as hipotecas de Pizarro e então vou entregar-lhes os terrenos irrigados deixados pelo velho. Dize-lhes que se aguentem e tenham confiança, que logo verão.") Era um homem.

"Mas esse cansaço, essa preocupação o afastam. Não pedi esse amor apressado que me deu de tarde em tarde."

Dom Gamaliel, apaixonado pela sociedade, os passeios e as comodidades da cidade de Puebla, esqueceu o casarão de campo e deixou que o genro administrasse tudo a seu gosto.

"Aceitei como ele quis. Ele me pediu que não aceitasse dúvidas ou ponderações. Meu pai. Estava comprada e devia

permanecer aqui... "

Mas enquanto seu pai vivesse e ela, a cada quinze dias, pudesse viajar para Puebla e passar o dia a seu lado, encher os armários com os doces e queijos preferidos, cumprir com ele as devoções da Igreja de São Francisco, ajoelhar-se ante a múmia do Beato Sebastião de Aparício, percorrer o mercado de Parián, dar a volta na fortaleza, persignar-se nas grandes pias de pedra da catedral herreriana e simplesmente olhar o ir e vir de seu pai pela biblioteca do pátio...

"Ah sim, como não? Ele me protegia, apoiava-me."

... não se perderiam de todo as razões de uma vida melhor e o mundo conhecido e querido, os anos da infância, teriam realidade suficiente para permitir-lhe seu regresso ao campo, ao marido, sem dor.

"Sem voz, nem atitude, comprada, muda testemunha dele."

Podia imaginar-se como uma visita de passagem por aquele mundo alheio, levantado a partir do barro por seu marido.

Possuía seu mundo real no pátio sombreado de Puebla, nos prazeres do linho fresco estendido sobre a mesa de acaju, no tato das vasilhas pintadas a mão e nos talheres de prata, no aroma.

"... de peras cortadas, marmelo, compotas de pêsego..."

"— Já sei que o senhor reduziu Dom León Labastida à ruína. Essas três casinholas de Puebla valem uma fortuna.

"— O senhor vê, Pizarro. Labastida pede e pede empréstimos, sem se importar com os juros. Ele mesmo teceu a corda para se enforcar.

"— Deve ter prazer ao ver como caem os velhos orgulhos. Mas comigo não vai poder. Não sou nenhum ingênuo poblano como esse Labastida.

"— O senhor cumpra pontualmente seus compromissos e não especule sobre o que possa acontecer.

"— Ninguém me quebra. Cruz, juro.")

Dom Gamaliel sentiu a proximidade da morte e preparou suas próprias exéquias com minúcias e luxo. O genro não pôde negar os mil pesos sonantes que o velho exigiu. O catarro crônico foi endurecendo, como uma bolha de vidro fundido posta ao sol, e logo o peito fechou-se e os pulmões só captavam o ar delgado e frio que conseguia imiscuir-se entre as malhas de uma massa de muco, irritação e sangue.

"Ah sim, objeto de um prazer ocasional."

O velho alugou uma carruagem marchetada de prata, coberta por um palio de veludo negro, e puxada por oito cavalos que deviam ostentar rédeas de prata e uma plumagem negra sobre a crina. Fez-se conduzir na cadeira de rodas até a varanda da sala enquanto a carruagem e os cavalos ajaezados passavam, iam e voltavam, pela rua ante seu olhar febril.

"Mãe? Que parto sem alegria, sem dor."

Disse à jovem esposa que tirasse os quatro candelabros de ouro do armário envidraçado e os polisse: deveriam rodeá-lo, tanto no velório como na missa de corpo presente. Pediu-lhe que ela mesma o barbeasse, porque a barba continuava a crescer durante várias horas: somente o pescoço e as faces, e um pouco de tesoura no cabelo e nos bigodes. Que o vestisse com o peito duro e o fraque e desse um veneno ao cachorro.

"Imóvel e muda; por orgulho."

Legou à filha as propriedades e designou o genro como usufrutuário e administrador. Só no testamento o mencionou. Tratou-a, mais que nunca, como a menina que havia crescido a seu lado, e jamais falou da morte do filho, nem daquela visita, a primeira. A morte parecia a ocasião de afastar piedosamente todos esses feitos e restaurar, num ato final, o mundo perdido.

"Tenho o direito de destruir seu amor, se seu amor é verdadeiro?"

Dois dias antes de morrer, abandonou a cadeira de rodas e deitou-se na cama. Apoiado numa massa de travesseiros, mantinha sua postura elegante e ereta, seu perfil aquilino e macio. As vezes estendia a mão para assegurar-se da proximidade de sua filha. O cachorro choramingava embaixo da cama. Os lábios lineares, afinal, abriram-se com um espasmo de terror e a mão já não se pôde estender. Permaneceu sobre o peito imóvel. Ela ficou ali contemplando essa mão. Era a primeira vez que presenciava a morte. Sua mãe havia morrido quando ela era muito pequena. Gonzalo morrera longe.

"Então, é essa quietude tão próxima, esta mão que não se move."

Muito poucas famílias acompanharam a grande carruagem em seu percurso até a Igreja de São Francisco, primeiro, e até o cemitério da colina, depois. Temiam, talvez, encontrar-se com ele. Seu marido mandou alugar a casa de Puebla.

"Que desamparo, dessa vez. Não bastava o menino. Não bastou Lorenzo. Pus-me a pensar no que poderia ter sido minha vida ao lado daquele, o dos barrotes; a vida que este impediu."

"— Lá está o dia todo o velho Pizarro, sentado na frente da casa da fazenda, com uma espingarda entre as mãos. Não tem mais que a casa.

"— Sim, Ventura. Não tem mais que a casa.

"— Também tem alguns homens que dizem ser muito corajosos e que lhe são fiéis até a morte.

"— Sim, Ventura. Não te esqueças de suas caras.")

Uma noite ela percebeu que o espiava sem querer. Insensivelmente foi esquecendo essa indiferença sem afetação dos primeiros anos para começar a buscar, nas horas pardas do entardecer, o olhar de seu marido, os movimentos pausados do homem que esticava as pernas sobre o tamborete de couro ou se

agachava para acender a velha lareira durante as horas frias do campo.

"Ah, devia ser um olhar débil, cheio de autocompaixão, solicitando o dele; inquieta, sim, porque não podia dominar a tristeza e o desamparo em que me deixou essa morte. Pensei que essa inquietação era só minha..."

Não percebeu que, ao mesmo tempo, um homem novo começou a observá-la com novos olhos de repouso e confiança, como se quisesse dar-lhe a entender que o tempo duro já havia passado.

("— Ora, todos perguntam quando o senhor dividirá as terras de Dom Pizarro.

"— Dize-lhes que se aguentem. Não veem que Pizarro ainda não acabou de render-se? Dize-lhes que se aguentem com seus rifles, caso o velho se atreva a meter-se comigo. Quando as coisas ficarem calmas, dividirei as terras.

"— Guardo seu segredo. Eu já sei que as terras boas de Dom Pizarro estão sendo vendidas pelo senhor a uns colonos em troca de lotes lá em Puebla.

"— Os pequenos proprietários dar-lhes-ão trabalho, Ventura. Vamos, toma isso e fica quieto..."

"— Obrigado, Dom Artemio. Já sabe que eu..."

E agora, asseguradas as fundações do bem-estar, começava outro homem, disposto a mostrar-lhe que sua força também servia para os atos da felicidade. A noite em que esses olhares, finalmente, pararam para desfrutar um instante de atenção silenciosa, ela pensou, pela primeira vez em muito tempo, na arrumação de seu cabelo e levou a mão à nuca de cabelo castanho.

"...enquanto ele me sorria, de pé junto à lareira, com isso, com uma espécie de candura... Tenho direito a negar-me uma felicidade possível?..."



"— Dize-lhes que me devolvam os rifles, Ventura. Já não precisam deles. Agora cada um tem sua terra e as extensões maiores são minhas ou de meus protegidos. Já não têm nada a temer.

"— Pois não, senhor. Estão de acordo e agradecem sua ajuda. Alguns andavam sonhando com muito mais, mas agora estão outra vez de acordo e dizem que é melhor que nada.

"— Escolhe uns dez ou doze dentre os mais machos e dá-lhes os rifles.

Não quero que haja descontentes de um lado ou outro.")

"Depois senti raiva. Deixei-me levar... E gostei. Que vergonha."

Ele desejava apagar a lembrança original e ser amado, sem memórias do ato que a obrigara a tomá-lo como marido. Deitado ao lado de sua mulher, pedia em silêncio — soube disso — que os dedos entrelaçados dessa hora fossem algo mais que uma resposta imediata.

"Talvez com aquele houvesse sentido algo mais; não sei; só conheci o amor de meu marido; ah, entregue com uma paixão exigente, como se não pudesse viver mais nenhum momento sem saber que eu o correspondo..."

Censurava-se pensando que as aparências eram provas contrárias. Como fazer-lhe crer que a havia amado desde o momento em que a vira passar por uma rua de Puebla, antes de saber quem era?

"Mas quando nos separamos, quando dormimos, quando começamos a viver um novo dia, careço disso, dos gestos dos ademanes que poderiam prolongar na vida diária esse amor da noite."

Poderia tê-lo dito, mas uma explicação obrigaria a outra e todas as explicações conduziriam a um dia e um lugar, um calabouço, uma noite de outubro. Queria evitar esse regresso;

soube que para consegui-lo só podia fazê-la sua sem palavras. Então, outra dúvida o assaltava. Compreenderia essa moça tudo o que ele queria dizer ao tomá-la nos braços? Saberla apreciar a intenção da ternura? Não era demasiado excessiva, imitada, aprendida, a resposta sexual dela? Não se perderia nesta representação involuntária da mulher qualquer promessa de compreensão verdadeira?

"Talvez fosse pudor. Talvez umas vontades de que este amor às escuras fosse, na verdade, excepcional."

Mas ele não se atrevia a perguntar, a falar. Confiava em que os fatos acabariam por se impor; o costume, a fatalidade, a necessidade, também. Até onde podia olhar? Seu único futuro era ao lado dele. Talvez esta simples evidência acabasse por fazê-la esquecer aquele, o do começo. Dormia junto da mulher com este desejo, sonho já.

"Eu pedindo perdão por haver esquecido no prazer as razões de meu rancor... Meu Deus, como posso responder a essa força, ao brilho desses olhos verdes? qual pode ser minha própria força, quando esse corpo feroz, terno, me toma entre os braços e não me pede licença, nem tem nome; as coisas acontecem antes que possa dar-lhes um nome..."

("— Há tanto silêncio esta noite, Catalina... Temes rompê-lo? Diz-te algo?

"— Não... Não fales.

"— Nunca me pedes nada. Gostaria que às vezes ...

"— Deixo que fales. Tu sabes... as coisas... que ...

"— Sim. Não é necessário falar. Gosto de ti, gosto de ti... Nunca pensei...")

Deixar-se-ia levar. Deixar-se-ia querer; mas, ao despertar, voltaria a recordar tudo e oporia seu rancor silencioso à força do homem.

"Não te direi. Vences-me de noite. Venço-te de dia. Não te direi. Que nunca acreditei no que nos contaste. Que meu pai sabia esconder sua humilhação atrás de seu ar senhoril, esse homem cortês, mas posso vingá-lo em segredo e por toda a vida."

Levantava-se da cama, trançando o cabelo solto, sem olhar para o leito em desordem. Acendia o castiçal e orava em silêncio, como em silêncio demonstraria, durante as horas de sol, que não havia sido vencida, embora a noite, a segunda gravidez, o ventre grande dissessem o contrário. E só nos momentos de verdadeira solidão, quando nem o rancor do passado nem a vergonha do prazer ocupavam seu pensamento, sabia dizer-se com honradez que ele, sua vida, sua força,

"...oferecem-me esta aventura estranha, que me enche de temor..."

Era um convite à aventura, a lançar-se de cabeça num futuro desconhecido, em que os procedimentos não estariam sancionados pela santidade do uso. Tudo era inventado e criado a partir de nada, como se coisa alguma houvesse acontecido antes. Adão sem pai, Moisés sem Tábuas. A vida não era assim, não era assim o mundo organizado por Dom Gamaliel.

"Quem é? Como surgiu de si mesmo? Não, não tenho o valor necessário para acompanhá-lo. Devo conter-me. Não devo chorar quando me lembro de minha vida de menina. Que nostalgia!"

Comparava os dias felizes da infância com este galope irrepreensível de rostos duros, ambições, fortunas arruinadas ou criadas do nada, hipotecas vencidas, juros caducados, orgulhos submetidos.

("— Reduziu-nos à miséria. Não podemos ter relações contigo; és parte do que ele nos faz.")

Era certo. Este homem.

"Este homem que me ama irremediavelmente, este homem que talvez me ame de verdade, este homem a quem não sei o que

dizer, este homem que me leva e traz do prazer para a vergonha, da vergonha mais deprimente ao prazer mais, mais..."

Este homem viera destruí-los: já os havia destruído e ela só salvara seu corpo, mas não sua alma, vendendo-se a ele. Passou longas horas ante a janela aberta para o campo, perdida na contemplação do vale sombreado de pirules, balançando às vezes o berço do menino, esperando o segundo parto, imaginando o futuro que poderia oferecer-lhes o aventureiro. Entrou no mundo como entrara no corpo da esposa, vencendo o pudor, com essa alegria, rompendo as regras da decência, com esse prazer. Sentou-se à mesa com esses homens, capatazes das terras, peões de olhar brilhante, gente que desconhecia as boas maneiras. Aboliu todas as hierarquias encarnadas por Dom Gamaliel. Converteu aquela casa num estábulo de homens rudes que falavam de coisas incompreensíveis, tediosas, sem graça. Começou a receber comissões de vizinhos, a escutar frases de adulação. Deveria ir à capital, ao novo Congresso. Eles o apoiaram. Quem, senão ele, poderia representá-los de verdade? Se ele e sua senhora quisessem percorrer as vilas no domingo, veriam como eram queridos e como era segura sua reputação.

Ventura voltou a inclinar a cabeça antes de colocar o chapéu. A caleça foi conduzida por um peão até a grade e ele deu as costas ao índio e caminhou para a cadeira de balanço onde estava a mulher grávida.

"Ou é meu dever manter até o fim o rancor que sinto?" Estendeu a mão, e ela a segurou. As ameixas apodrecidas abriram-se sob seus pés. Os cães ladravam e correram à volta da caleça e os ramos das ameixeiras espalharam a frescura do orvalho. Ao dar-lhe apoio para que subisse à caleça, apertou involuntariamente o braço da esposa e sorriu.

— Não sei se te ofendi em algo. Se o fiz, rogo-te que me perdoes.

Esperou uns instantes. Se ela, pelo menos, mostrasse certa perturbação. Isso ter-lhe-ia bastado: um gesto que, ainda que não fosse de carinho, delatasse a mínima fraqueza, o sinal suficiente de uma ternura, de um desejo de proteção. "Se apenas pudesse decidir-me, se apenas pudesse." Como durante seu primeiro encontro, ele correu a mão para a palma da esposa e voltou a tocar uma carne sem emoção. Pegou as rédeas e ela se sentou a seu lado e abriu a sombrinha azul, sem dirigir o olhar para seu marido.

— Cuidem do menino.

"Dividi minha vida em noite e dia, de forma a satisfazer duas razões. Por que não posso escolher uma só, meu Deus?"

Ele olhou fixamente para o oriente. A terra de milho, sulcada por fios de água canalizados pelos camponeses, com as mãos, até as sementeiras jovens, protegendo os montículos onde se escondia a semente, passou ao longo do caminho.

Os gaviões planavam ao longe: emergiram os cetros verdes das pitas; os machados trabalham cortando incisões nos troncos: essa seiva. Só o gavião, do alto, podia distinguir a mancha úmida e fértil que marcava os extremos das terras do novo senhor, as antigas terras de Bernal, Labastida e Pizarro.

"Sim: ele me quer, deve querer-me."

A saliva prateada dos riachos esgotava-se logo e a exceção cedia lugar à regra: a planície calcária das pitas. À passagem da caleça, os trabalhadores abandonaram machados e enxadões, os arrieiros chicotearam os burricos: as nuvens de pó se levantaram sobre outra terra, seca, sem transição. Adiante da caleça, como um enxame negro, ia a procissão religiosa que não demoraram em alcançar.

"Devia dar-lhe todas as razões para que me quisesse. Não me agrada sua paixão por mim? Não me agradam suas palavras de amor, sua ousadia, as provas de seu prazer? Ainda assim. Ainda grávida, não me deixa. Sim, sim, agradam-me."

O lento avançar dos peregrinos deteve-os: meninos vestidos com túnicas brancas de filetes dourados, às vezes com halos de papel prateado e arame tremendo sobre suas cabeças negras, seguros pela mão das mulheres embuçadas, pômulos vermelhos e olhares vítreos, que se benziam e murmuravam as litâneas antigas; de joelhos, com os pés descalços e as mãos acorrentadas aos rosários; detinham o homem de pernas chagadas que ia cumprir uma promessa, açoitavam o pecador que recebia com gozo as pancadas sobre a espádua nua e a cintura cingida por espinheiros; as coroas de espinhos abriam feridas nas testas morenas, os escapulários de nopal nos peitos nus: os murmúrios em língua indígena não se levantavam para além do nível do chão pontilhado de gotas vermelhas que os pés lentos aplanavam e depois ocultavam: pés de crosta, dura, calosos, acostumados a carregar essa segunda capa de pele lodosa. A caleça não avançava.

"Por que não sei aceitar tudo isso sem algo estranho em meu coração, sem uma reserva? Quero entendê-lo como a demonstração de que ele não pode resistir à atração de meu corpo e só posso entendê-lo como uma prova de que o submeti, de que posso arrancar-lhe todas as noites esse amor e no dia seguinte desprezá-lo com minha frieza e distância. Por que não me decidir? por que devo decidir-me?"

Os enfermos apertavam as rodela de cebola contra as têmporas ou se deixavam percorrer pelos ramos santos das mulheres: centos, centos: só um uivo ininterrupto quebrava o silêncio surdo dos murmúrios: mesmo os cachorros babosos, de pele sarnenta, ladravam baixo, correndo por entre a multidão de passo lento que esperava a aparição, a distância, das torres de gesso rosado, o pórtico de azulejos e as cúpulas de mosaico amarelo. As acácias subiam aos lábios finos dos penitentes e pelos queixos escorria a espuma do pulque. Olhos em branco, verminados; rostos manchados pela tina; cabeças raspadas de meninos doentes;

narizes picados pela varíola, sobrelhas borradas pela sífilis: a marca do conquistador nos corpos dos conquistados que avançavam de joelhos, agachados, de pé, na direção do santuário erigido para honrar o deus dos teúles. Centenas, centenas: pés, mãos, sinais, suor, lamentos, equimoses, pulgas, lodo, lábios, dentes: centenas.

"Devo decidir-me; não tenho outra possibilidade na vida além de ser, até minha morte, mulher deste homem. Por que não o aceitar? Sim, é fácil pensar nisso. Não é tão fácil esquecer os motivos de meu rancor. Deus. Deus, dize-me se estou destruindo minha própria felicidade, dize-me se devo preferi-lo a meus deveres de irmã e filha..."

A caleça abria caminho com dificuldade pela senda de pó, entre os corpos que não conheciam a pressa, que avançavam de joelhos, de pé, agachados, para o santuário. Os flancos de pita impediam sair do caminho para fazer a volta e a mulher branca defendia-se do sol com a sombrinha entre os dedos, era roçada suavemente pelos ombros dos peregrinos: os olhos de gazela, os lóbulos rosados, a brancura una da tez, o lenço que lhe cobria o nariz e a boca, os seios altos atrás da seda azul, o ventre grande, os pequenos pés cruzados e os sapatinhos de cetim:

"Temos um filho. Meu pai e meu irmão estão mortos. Por que o passado me hipnotiza? Deveria olhar para a frente. E não sei decidir-me. Permitirei que os fatos, a sorte, algo fora de mim, decida por mim? É possível. Deus. Espero outro filho...":

As mãos se estenderam para ela: primeiro o membro caloso de um índio velho e encanecido, depois os braços, nus sob o xale, das mulheres; um murmúrio admirado de apreço e carinho, uma ânsia de tocá-la, umas sílabas aflautadas: "Mamãezinha, mamãezinha". A caleça parou e ele saltou, empunhando o chicote sobre as cabeças escuras, gritando para que abrissem caminho: alto, vestido de negro, com o chapéu galardoado inclinado até as sobrelhas...

"...Deus, por que me colocaste neste compromisso?..."

Pegou as rédeas, dirigiu violentamente o cavalo para a direita, arrojando os peregrinos ao solo, até que o cavalo relinchou, levantou as patas dianteiras, quebrou as vasilhas de barro, os cestos com galinhas que cacarejaram, esvoaçaram, golpeou as cabeças dos índios caídos no chão, girou, suando e brilhante, com os nervos do pescoço esticados e os olhos bulbosos; ela sentiu sobre seu corpo todos os suores e as chagas, a gritaria surda, os bichos, a subida do tufo de pulque; chicoteou com as rédeas o lombo do animal, levantada, equilibrada pela gravidade do ventre. A multidão abriu caminho, com pequenos gritos de inocência e assombro, braços alçados, corpos lançados para a muralha das pitas, e ela regressou,

"Por que me deste esta vida em que devo escolher? Não nasci para isso...",

Arquejante, longe dessa gente, na direção do limite perdidas as reverberações, oculto pela rápida altura das árvores que ele plantara.

"Sou uma mulher fraca. Só queria uma vida tranquila, em que os outros decidissem por mim. Não... não sei decidir-me... Não posso... Não posso..."

As compridas mesas foram colocadas perto do santuário, sob o sol; as moscas voavam em esquadrihas densas sobre as grandes panelas de feijão e os espetos duros amontoados sobre uma toalha de papel de jornal; as garrafas empilhadas de pulque curado e as espigas secas e os doces tricolores de leite e amêndoas rompiam a opacidade da comida e das panelas. O prefeito subiu ao palanque e apresentou-o e elogiou-o e ele aceitou sua candidatura para deputado federal, arranjada meses antes em Puebla e na capital, com o governo, que reconhecia seus méritos revolucionários, seu bom exemplo de retirar-se do Exército para cumprir os postulados da reforma agrária e seus excelentes serviços ao suprir a ausência de autoridade na comarca, instaurando a



ordem por sua conta e risco. Rodeava-o o murmúrio surdo e persistente dos peregrinos que entravam e saíam do templo, choravam em voz alta para sua virgem e seu deus, lamentavam-se, ouviam os discursos e bebiam dos garrafões. Alguém gritou. Soaram vários tiros. O candidato não perdeu a compostura, os índios mascavam a comida e ele cedeu a palavra a outro letrado da região, enquanto a banda indígena o saudava e o sol se escondia atrás das montanhas. — Como avisei — murmurou Ventura quando as gotas redondas da chuva pontual começaram a soar em seu chapéu. — Ali estavam os valentões de Dom Pizarro, visando-o, desde que o senhor subiu para o palanque.

Ele, sem chapéu, colocou na cabeça o abrigo de folhas de milho. — Como ficaram?

— Bem estrepados — sorriu Ventura. — Cercamo-los antes que comessem a função.

Pôs o pé no estribo do cavalo. — Atirem-nos bem na porta de Pizarro.

Odiou-a quando entrou na sala caiada, vazia, e a encontrou só, movendo-se na cadeira e acariciando os braços como se a chegada do homem a enchesse de um frio intangível, como se o alento do homem, o suor seco de seu corpo, o tom temido de sua voz trouxessem um vento gelado. O nariz fino e reto da mulher tremeu: ele lançou o chapéu sobre a mesa e as esporas avançaram riscando o chão de tijolo.

— Fiquei... fiquei assustada...

Ele não falou. Tirou o abrigo e estendeu-o perto da lareira. A água corria silvando pelas telhas do telhado. Era a primeira vez que ela tentava uma justificação.

— Perguntaram por minha mulher. Hoje foi um dia importante para mim.

— Sim, sei...

— Como te direi?... todos... todos necessitamos de testemunhos de nossa vida para poder vivê-la...

— Sim...

— Tu...

— Eu não escolhi minha vida! — disse ela com voz alta, apertando com as mãos os braços da cadeira. — Se obrigas as pessoas a fazer a tua vontade, não esperes depois gratidão de ninguém, nem... — Contra a tua vontade? por que te amo, então? Por que gritas na cama se depois ficas de cara má? Quem te entende?

— Miserável!

— Vamos, hipócrita, responde, por quê?

— Seria o mesmo com qualquer homem.

Levantou os olhos para enfrentá-lo. Já estava dito. Preferia rebaixar-se.

— Que sabes? Posso dar-te outra cara e outro nome...

— Catalina... Eu te quis... Não falhei, do meu lado.

— Deixa-me. Estou em tuas mãos para sempre. Já tens o que querias. Contenta-te e não peças coisas impossíveis. — Por que renuncias? Sei que te agrado...

— Deixa-me. Não me toques. Não lances em meu rosto minha debilidade. Juro-te que não voltarei a deixar-me levar... nisso.

— És minha mulher.

— Não te aproximes. Não te faltarei. Isso te pertence... É parte de teus triunfos.

— Sim, e vais ter que o suportar pelo resto da vida.

— Agora já sei como consolar-me. Com Deus a meu lado, com meus filhos, nunca me faltará alívio...

— Por que Deus deverá estar a teu lado, farsante?

— Não me importam teus insultos. Já sei como consolar-me.

— De quê?

— Não te faças de desentendido. De saber que vivo com o homem que humilhou meu pai e traiu meu irmão.

— Ora, Catalina Bernal. Estás metendo-me na cabeça que devo recordar teu pai e teu irmão a cada vez que me abrires as pernas...

— Já não podes ofender-me.

— Não estejas tão certa.

— Faze como quiseres. A verdade faz-te mal? Mataste meu irmão.

— Teu irmão não teve tempo para ser traído. Tinha vontade de ser mártir. Não se quis salvar.

— Ele morreu e estás aqui, bem vivo, e aproveitando sua herança. Isso é tudo o que sei.

— Então rebenta, e pensa que nunca renunciarei a ti, nunca, nem quando morrer; também sei humilhar. Vais sofrer por não ter percebido...

— Pensas que não distingui tua cara de animal quando dizias me querer?

— Não te queria afastada, mas integrada em minha vida...

— Não me toques. Isso nunca poderás comprar.

— Esquece-te deste dia. Pensa que vamos viver juntos toda a vida.

— Afasta-te. Sim. Penso nisso. Em tantos anos à frente.

— Perdoa-me, então. Peço-te outra vez. Perdoa-me?

— Não tenho nada a perdoar.

— Perdoar-me que eu não te perdoe o esquecimento em que vai caindo o outro, o que me amava de verdade? Se apenas pudesse lembrar o seu rosto... Por isso também te odeio, porque me fizeste esquecer esse rosto... Se apenas tivesse possuído esse primeiro amor, poderia dizer que vivi... Procura entender-me; odeio-o mais que a ti, pois se deixou assustar e nunca mais voltou... Talvez te diga essas coisas por não poder dizê-las a ele... sim, diz-me que é uma

covardia pensar assim... não sei; eu... eu sou fraca... e tu, se quiseres, podes amar muitas mulheres, mas eu estou ligada a ti. Se ele me houvesse tomado pela força, hoje não teria que o lembrar e odiar sem poder recordar o seu rosto. Fiquei insatisfeita para sempre, entendes-me? ... ouve-me, não te afastes... e, como não tenho coragem para culpar-me de tudo o que aconteceu e também não o tenho perto para odiá-lo, lanço-te a culpa, odeio-te, tu, que és tão forte, que podes arcar com tudo... Dize-me se perdoas isto, porque eu não poderei perdoar-te enquanto não me perdoe a mim mesma e a ele, que se foi... tão fraco... Mas não quero pensar nem falar; deixa-me viver em paz e pedir perdão a Deus, não a ti.

— Acalma-te. Preferia-te com teus silêncios astutos.

— Já sabes. Podes ferir-me quantas vezes quiseres. Até essa arma te dei. De repente, porque quero que me odeies também e acabem de uma vez as ilusões...

— Seria mais simples esquecer tudo e começar de novo.

— Não somos feitos assim.

A mulher imóvel lembrou-se de sua primeira decisão, quando Dom Gamaliel disse-lhe o que ocorria. Sucumbir com força. Deixar-se vitimar para poder vencer.

— Nada me pode deter, vês? Dize-me um motivo que me possa deter.

— Isto é mais fácil.

— Digo-te que não me toques, não me acaricies!

— É mais fácil o ódio, digo-te. O amor é mais difícil e exige mais...

— Isso é natural. É o que me acontece.

— Não é preciso cultivá-lo e querê-lo. Sai sozinho.

— Não me toques!

Não olhou mais o marido. A ausência de palavras esfumava a proximidade desse homem alto e escuro, de bigode espesso, que sentia as têmporas e a nuca oprimidas por uma dor pétrea.

Adivinhou algo mais nos olhos belos e nublados da esposa. Essa boca fechada lançava-lhe ao rosto, com um ricto de desprezo dissimulado, as palavras que nunca diria.

"Pensas que, depois de fazer tudo o que fizeste, ainda tens direito ao amor? Pensas que as regras da vida podem ser mandadas para que, acima de tudo, recebas essa recompensa? Perdeste tua inocência no mundo exterior. Não poderás recuperá-la aqui dentro, no mundo das afeições. Talvez tenhas tido teu jardim. Eu tive o meu, meu pequeno paraíso. Agora os perdemos. Tenta lembrar. Não podes encontrar em mim o que já sacrificaste, o que já perdeste para sempre e por tua obra. Não sei de onde vens. Não sei o que fizeste. Só sei que perdeste em tua vida o que depois me fizeste perder: o sonho, a inocência.

Nunca seremos os mesmos."

Ele quis lê-las no rosto imóvel da esposa. Involuntariamente, sentiu-se perto da razão que ela não expressava. A palavra voltou a seu temor oculto. Cainita: essa palavra atroz não devia brotar, jamais, dos lábios da mulher que — embora se perdesse a esperança do amor — seria, sem dúvida, seu testemunho — mudo, receoso — durante os anos vindouros. Apertou os maxilares. Só um ato poderia, talvez, desfazer este nó da separação e o rancor. Só umas palavras, ditas agora ou nunca mais. Se ela as aceitasse, poderiam esquecer e começar de novo. Se não as aceitasse...

"Sim, estou vivo e a teu lado, aqui, porque deixei que outros morressem por mim. Posso-te falar dos que morreram porque lavei as mãos e encolhi os ombros. Aceita-me assim, com estas culpas, e olha-me como um homem necessitado ... Não me odeies. Tem pena de mim, amada Catalina. Porque te quero: pesa de um lado minhas culpas e do outro meu amor, e verás que meu amor é maior..."

Não se atrevia. Perguntava-se por que não se atrevia. Por que ela não lhe exigia a verdade — a ele, incapaz de revelá-la, consciente de que essa covardia afastava-os ainda mais e fazia-o, também,

responsável pelo amor fracassado —, para que os dois se lavassem da culpa que, para ser redimido, este homem queria compartilhar?

"Sozinho não, sozinho não posso."

Durante esse breve minuto íntimo e silencioso...

"Já sou forte. Minha força é aceitar sem luta essas fatalidades."

...ele aceitou também a impossibilidade de remontar, de regressar... Ela se levantou murmurando que o menino dormia sozinho no quarto. Ficou só e imaginou, imaginou-a ajoelhada ante o crucifixo de marfim, cumprindo o último ato que a desprendia

"de meu destino e de minha culpa, aferrada a tua salvação pessoal, recusando isto, isto que devia ser nosso, embora oferecido em silêncio; já não voltarás..."

Cruzou os braços e saiu para a noite do campo, levantando a cabeça para saudar a brilhante companhia de Vênus, a primeira estrela de uma abóbada que se povoava velozmente de luzes. Numa outra noite olhara para os astros; nada ganhava em recordar. Já não era aquele, nem os astros eram os mesmos que o seu olhar juvenil contemplara.

A chuva parará. O pomar desprendia um aroma profundo de goiaba e ameixa, ameixa e pera. Havia plantado as árvores do jardim. Havia levantado a cerca que separava a casa e o pomar, seu domínio íntimo, das terras de cultivo.

Quando as botas pisaram a terra úmida, enfiou as mãos nos bolsos das calças e caminhou lentamente até a grade. Abriu o portão e continuou até o casario vizinho. Durante a primeira gravidez de sua esposa, a jovem índia recebera-o ocasionalmente, com um silêncio inerte e uma ausência total de perguntas ou previsões.

Entrou sem avisar, empurrando repentinamente a porta da casinha de tijolos quebrados. Pegou-a pelo braço, levantando-a do sono, já tocando o calor da carne escura, dormida. A moça olhou

assustada a cara descomposta do senhor, o cabelo ondulado que caía sobre os olhos de vidro verde, os grossos lábios rodeados por um velo revoltado e áspero.

— Vem, não te assustes.

Ela levantou os braços para colocar a blusa branca e estendeu a mão para pegar o xale. Ele a levou para fora. Lamentava-se baixinho, como um bezerro laçado. E ele levantou o rosto para o céu, para a noite enfeitada com todas as suas luzes.

— Vês aquela estrelinha brilhante? Parece que está ao alcance da mão, não é? Mas até tu sabes que nunca a vais tocar. Deve-se dizer não ao que não podemos tocar com as mãos. Vem; vais viver comigo na casa-grande. A jovem entrou no jardim com a cabeça baixa.

As árvores lavadas pelo aguaceiro brilharam na escuridão. A terra fermentada encheu-se de cheiros densos e ele respirou fundo.

E lá em cima, no quarto, ela deixou a porta entreaberta e deitou-se. Acendeu a vela. Virou-se para a parede, cruzou as mãos sobre os ombros e dobrou as pernas. Um instante depois, esticou-as e buscou às apalpadelas os sapatos no chão. Levantou-se e caminhou pelo quarto, levantando e baixando a cabeça. Ninou, sem perceber, o menino adormecido na cama pequena. Acariciou o ventre. Voltou a se deitar e ficou assim, esperando que os passos do homem se fizessem ouvir no corredor.

Eu deixo que façam, não posso pensar nem desejar; acostumo-me a essa dor: nada pode durar eternamente sem converter-se em costume; a dor que sinto sob as costelas, em volta do umbigo, nos intestinos, já é minha dor, uma dor que rói: o sabor de vômitos em minha língua é meu sabor, a inchação de meu ventre é meu parto, parece com o parto, é engraçado. Tento tocá-lo. Percorro-o do umbigo ao púbis. Novo. Redondo. Pastoso. Mas o suor frio cede. Esse rosto sem cor que consigo ver nos vidros sem simetria da bolsa de Teresa, que passa junto à minha cama, nunca

larga a bolsa, como se houvesse ladrões no quarto. Sofro esse colapso. Já não sei. O médico foi embora. Disse que ia buscar outros médicos. Não se quer responsabilizar por mim. Já não sei. Mas vejo-os. Entraram. Abre-se, fecha-se a porta de acaju, e não se ouvem os passos no tapete alto. Fecharam as janelas. Correram, com um silvo, as cortinas cinzentas. Entraram. Ah, há uma janela. Há um mundo lá fora. Há este vento forte, de meseta, que agita umas árvores negras e finas. Deve se respirar...

— Abram a janela...

— Não, não. Podes resfriar-te e complicar tudo.

— Abram...

— Domine non sum dignus...

— Cago para Deus...

— ...porque acreditas nele...

Muito esperto. Isso foi muito esperto. Acalma-me. Já não penso nessas coisas. Sim, para que vou insultá-lo, se não existe? Isso me faz bem. Vou admitir tudo isso porque rebelar-me é conceder que essas coisas existem. Vou fazer isso. Não sei em que pensava. Perdão. Padre me entende. Perdão. Não lhes vou dar razão rebelando-me. Assim é melhor. Devo arvorar uma cara de tédio. É o que convém. Quanta importância se dá a isto! A um fato que para o mais interessado, para mim, significa o fim da importância. Sim. Assim está certo. Assim. Quando percebo que tudo deixará de ter importância os demais tratam de convertê-lo no mais importante: a própria dor, a salvação da alma alheia. Lanço este som oco pelas narinas e deixo-os agir e cruzo os braços sobre o estômago. Oh, afastem-se todos, deixem-me ouvir. Para ver se me entendem. Para ver se não compreendem o que quer dizer um braço dobrado assim...

"— ... alegam que aqui no México podem ser fabricados carros iguais. Mas nós vamos impedi-lo, não é? Vinte milhões de pesos são um milhão e meio de dólares.



"— Plus our commissions...

"— O gelo não lhe vai fazer muito bem com essa tosse.

"— Just hay fever. Well, I'll be...

"— Não termino. Ademais, dizem que os fretes cobrados às companhias mineiras pelo transporte do centro da República até a fronteira são baixíssimos, que equivalem a um subsídio, que custa mais caro transportar legumes que conduzir os minerais de nossas companhias...

"— Nasty, nasty...

"— Como não? O senhor compreende que, se aumentam os fretes, será improdutivo trabalhar as minas... "— Less proffits, sure, less proffit sure lesslessless..."

— Que acontece, Padilla? Ora, Padilla. Que cacofonia é essa? Ora, Padilla.

— Acabou a fita. Um instante. Continua do outro lado.

— Ele não escuta, licenciado.

Padilla há de sorrir como ele sabe. Padilla conhece-me. Escuto. Oh, eu escuto, ai. Esse ruído enche-me de eletricidade o cérebro. Esse ruído de minha própria voz, minha voz reversível, sim, que volta a silvar e pode escutar-se correndo para trás, com um chiado de esquilo, mas minha voz, como meu nome que só tem onze letras e pode ser escrito de mil maneiras Amuc Reoztrir Zurtec Marzi Itzau Erimor mas que tem sua clave, seu patrão Artemio Cruz, ah, meu nome, soa o nome que silva, para, corre no sentido contrário:

"— Seja amável, Mr. Corkery. Telegrafe tudo isso às matrizes interessadas, nos Estados Unidos. Que movam a imprensa de lá contra os ferroviários comunistas do México.

"— Sure, if you say they're commies, I feel my duty to uphold by any means our...

"— Sim, sim, sim. Que bom que nossos ideais coincidam com nossos interesses, não é? E outra coisa: fale com seu

embaixador, para que exerça pressão sobre o governo mexicano, que é recente e está meio verde ainda.

"— Oh, we never intervene.

"— Perdoe minha brusquidão. Recomende-lhe que estude o assunto serenamente e ofereça sua opinião desinteressada, dada sua natural preocupação com os interesses dos cidadãos norte-americanos no México. Que lhes explique que é necessário manter um clima favorável para o investimento, e com estas agitações...

"— OK, OK."

Oh, que bombardeio de signos, de palavras, de estímulos para meu ouvido cansado; oh, que fadiga; oh, que linguagem sem linguagem; oh, mas disse, é minha vida, devo escutá-la; oh, não entenderão meu gesto porque só posso mover os dedos: que o afastem, já me aborreceu, que tem a ver, que chato, que chato... Tenho algo a lhes dizer:

— Dominaste-o e o arrancaste a mim.

— Naquela manhã esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

— Lanço-te a culpa. A ti. És o culpado.

Teresa deixa cair o jornal. Catalina diz, ao se aproximar do leito, como se eu já não pudesse escutar: — Está muito mal.

— Já disse onde está? — pergunta Teresa com voz mais baixa.

Catalina nega com a cabeça. — Os advogados não o têm. Deve ser manuscrito. Embora fosse capaz de morrer intestado, para complicar-nos a vida.

Escuto-as com os olhos fechados e dissimulo, dissimulo.

— O padre não pode tirar nada?

Catalina deve ter negado. Sinto que se ajoelha à cabeceira e diz com voz lenta e cortada: — Como te sentes? Não tens vontade de conversar um pouco?... Artemio... Há algo muito greve...

Artemio... Não sabemos se deixaste testamento. Gostaríamos de saber onde...

A dor vai passando. Elas não veem o suor frio que desce pela minha testa, nem minha imobilidade tensa. Escuto as vozes, mas só agora volto a distinguir as silhuetas. Tudo volta a seu foco normal e distingo-as inteiras, com seus rostos e maneirismos, e quero que a dor volte ao meu ventre. Digo-me, digo-me lúcido que não as quero, que nunca as quis.

— ...gostaríamos de saber onde...

Imaginem-se ante um vendeiro que não fia, cabras ante um despejo, ante um advogado chicaneiro, ante um médico embrulhão, imaginem-se na pingue classe média, cabras, fazendo fila, fazendo fila para comprar leite adulterado, pagar impostos prediais, obter audiência, conseguir um empréstimo, fazendo fila para sonhar que podem chegar mais alto, invejando a passagem da mulher e da filha de Artemio Cruz em seu automóvel, invejando a casa nas Lomas de Chapultepec, invejando um abrigo de mink, um colar de esmeraldas, uma viagem ao estrangeiro, imaginem-se num mundo sem meu orgulho e minha decisão, imaginem-se num mundo em que eu fosse virtuoso, em que eu fosse humilde: até embaixo, donde saí, ou até em cima, onde estou; só aí, digo-lhes, há dignidade, não no meio, não na inveja, na monotonia, nas filas; tudo ou nada; conhecem minha jogada? Entendem-na?: tudo ou nada, tudo no negro ou tudo no vermelho, com o total, eh? Com o total, jogando-a, rompendo a madre, expondo-se a ser fuzilado pelos de cima ou pelos de baixo; isso é ser homem, como fui, não como gostariam, homem pela metade, homem de lamentações, homem de gritos imoderados, homem de bordéis e cantinas, macho de cartão-postal, ah, não, eu, não! eu não tive de gritar-lhes, não tive de embebedar-me para assustá-las, não tive de bater-lhes para impor-me, não tive de humilhar-me para rogar-lhes carinhos: dei-lhes a riqueza sem esperar recompensa, carinho, compreensão, e porque nada exige

não puderam abandonar-me, prenderam-se ao meu luxo, maldizendo-me como talvez não o fizessem com meu pobre salário envolto em manilha, mas obrigadas a me respeitar como não teriam respeitado minha mediocridade, ah, velhas rasteiras, velhas presumidas, velhas impotentes que tiveram todos os objetos da riqueza e continuam tendo a cabeça da mediocridade; se ao menos houvessem aproveitado o que lhes dei, se ao menos houvessem compreendido para que servem, como se usam as coisas do luxo; enquanto que eu tive tudo, ouvem-me? Tudo que se compra e que não se compra, tive Regina, ouvem-me, amei Regina, chamava-se Regina e me amou, amou-me sem dinheiro, seguiu-me, deu-me a vida lá embaixo, ouvem-me?; ouvi-te, Catalina, escutei o que me disseste um dia: Teu pai; teu pai, Lorenzo... Crês...? Crês que se pode aprovar...?

Não sei, de homens santos... de verdadeiros mártires..." — Domine, non sum dignus...

Tu cheirarás, no fundo de tua dor, esse incenso que não acaba de dissipar-se e saberás, por trás de teus olhos fechados, que as janelas também foram fechadas, que já não respiras o ar fresco da tarde: só o odor do incenso, os passos do sacerdote que virá dar-te absolvição, um ofício que não pedirás, que aceitaras, porém, para não gratificá-los com tua rebeldia de última hora: quererás que tudo suceda sem que devas nada a ninguém e quererás recordar uma vida em que não deveras nada a ninguém; ela te impedirá isso, a sua lembrança — chamarás: Regina; chamarás: Laura; chamarás: Catalina; chamarás: Lilia —, que somará todas as tuas lembranças e te obrigará a reconhecê-la; mas transformarás mesmo essa gratidão — saberás, por trás de cada grito agudo de dor — em autocompaixão, em perda de tua perda; ninguém te dará mais, para tirar-te mais, que essa mulher, a mulher que amaste com quatro nomes diferentes: quem mais?

Resistirás: terás formulado um voto secreto: não reconhecer tuas dívidas; terás envolvido, no mesmo esquecimento, Teresa e Gerardo: um esquecimento que justificarás porque nada saberás deles, porque a moça crescerá ao lado de sua mãe, longe de ti, que só terás vida para teu filho, porque Teresa se casará com esse rapaz cujo rosto nunca poderás fixar na memória, esse rapaz indistinto, esse homem cinzento que não deverá gastar e ocupar o tempo grátis concedido a tua memória; e Sebastián: não quererás lembrar-te do Professor Sebastián: não quererás lembrar as mãos quadradas que te puxarão as orelhas, te baterão com uma régua: não quererás recordar teus dedos doloridos, teus dedos brancos de giz, tuas horas ante o quadro-negro aprendendo a escrever, a multiplicar, a desenhar coisas elementares, casas e círculos, não quererás: é tua dívida; gritaras e os braços te deterão: quererás levantar-te e caminhar para acalmar tua dor; cheirarás o incenso, cheirarás o jardim fechado, pensarás que não se pode escolher, que não se deve escolher, que aquele dia não escolheste: deixaste-te levar, não foste responsável, não criaste nenhuma das duas morais que te solicitaram naquele dia: não pudeste ser responsável pelas opções que não criaste; sonharás, distante desse corpo que grita e se torce, longe desse machado que se cravou em teu estômago até arrancar-te lágrimas, sonharás com esse arranjo da vida criado por ti, que nunca poderás revelar porque o mundo não te dará a oportunidade, porque o mundo só te oferecerá suas regras estabelecidas, seus códigos em disputa, que tu não sonharás, que tu não pensarás, que tu não vi verás; o incenso será um cheiro com tempo, um cheiro que se conta; o Padre PácZ viverá em tua casa, será escondido no sótão por Catalina: tu não terás a culpa, não terás a culpa não recordarás o que dirão, tu e ele, nessa noite, no sótão; não lembrarás se ele, se tu, o dizem: como se chama o monstro que voluntariamente se disfarça de mulher, que se castra voluntariamente, que voluntariamente se embriaga com o sangue fictício de um Deus?;

quem dirá isso?; mas que ama, juro, porque o amor de Deus é muito grande e habita todos os corpos, justifica-os: temos nossos corpos por graça e bênção de Deus, para dar-lhes os minutos de amor de que a vida gostaria de despojar-nos; não sintas vergonha, não sintas nada e em troca esquecerás teus males; que não pode ser pecado porque todas as palavras e todos os atos de nosso amor breve, apressado, de hoje e nunca de amanhã, são só uma consolação que nos damos, tu e eu, uma aceitação das penas necessárias da vida que depois justifique nossa contrição, pois como há de haver contrição verdadeira sem o reconhecimento do mal verdadeiro em nós? como perceberemos o pecado cujo perdão deveremos pedir de joelhos, se não cometemos antes o mesmo pecado?; esquece tua vida, deixa-me apagar a luz, esquece tudo e depois pediremos perdão juntos e levantaremos uma súplica que apague nossos minutos de amor; para consagrar este corpo que foi criado por Deus e diz Deus em cada desejo irrealizado ou insatisfeito, diz Deus em cada carícia secreta, diz Deus na entrega de um sêmen que Deus plantou entre tuas coxas; viver é trair teu Deus; cada ato da vida, cada ato que nos afirma como seres vivos, exige que se violem os mandamentos de teu Deus; falarás naquela noite com o Major Gavilán num bordel, com todos os velhos camaradas, e não lembrarás o que disseram, naquela noite, não recordarás se dizem, se dizes, com a voz fria que não será a voz dos homens: a voz fria do poder e do interesse; desejamos o maior bem possível para a pátria: enquanto for compatível com nosso bem-estar pessoal; sejamos inteligentes: podemos chegar longe; façamos o necessário, não o impossível: determinemos de uma vez todos os atos de força e crueldade que nos sejam úteis: para não ter de repeti-los; vamos escalonando os benefícios para que o povo os saboreie: a Revolução pode ser feita muito depressa; mas amanhã nos exigiriam mais, e mais, e mais: e então não teríamos nada a oferecer se já tivéssemos feito e dado tudo; talvez só o nosso

sacrifício pessoal; para que morrer se não vamos ver os frutos de nossa heroicidade?; tenhamos sempre algo de reserva: somos homens, não mártires; tudo nos será permitido se mantivermos o poder: perde o poder e te xingam; percebe nossa sorte: somos jovens mas estamos nimbados com o prestígio da Revolução armada e triunfante; para que lutamos?; para morrermos de fome?; quando é necessário, a força é justa: o poder não se divide; e amanhã? estaremos mortos. Deputado Cruz; que se arrumem os que nos sucederem: domingo non sum dignus, domine non sum dignus; sim, um homem que pode falar dolorosamente com Deus, um homem que pode perdoar o pecado porque o cometeu, um sacerdote que tem direito a sê-lo porque sua miséria humana permite-lhe realizar a redenção em seu próprio corpo antes de outorgá-la aos demais: domine non sum dignus: rechaçarás a culpa; não serás culpado da moral que não criaste, que encontraste feita: terias querido querido querido querido oh, sim, eram felizes aqueles dias com o Professor Sebastián que não quererás lembrar mais, sentado em seus joelhos, aprendendo as coisas elementares de que se deve partir para ser um homem livre, não um escravo dos mandamentos escritos sem te consultarem; oh, sim, eram felizes aqueles dias de aprendizagem, aqueles ofícios que ele te ensinou para que pudesses ganhar a vida; aqueles dias com a forja e os martelos, quando o Professor Sebastián voltava cansado e começava essas aulas só para ti, para que pudesses valer-te na vida e criar tuas próprias regras; tu rebelde, tu livre, tu novo e único; não quererás lembrá-lo; ele te mandou, tu foste para a Revolução; não sai de mim esta lembrança, não te alcançará; não terás resposta para os dois códigos opostos e impostos;

tu inocente, tu

quererás ser

inocente, tu

não

escolheste,  
aquela noite.



## 1927: 23 de novembro

Ele olhou com os olhos verdes para a janela e o outro perguntou-lhe se não queria nada e ele piscou e olhou com os olhos verdes para a janela. Então o outro, que até esse momento havia permanecido muito, muito calmo, tirou violentamente a pistola do cinturão e colocou-a de golpe sobre a mesa: ele escutou o retinir dos copos e das garrafas e esticou a mão, mas o outro já sorria, antes que pudesse dar nome à sensação física que o gesto abrupto, o golpe e seu efeito sobre esses copos de cristal azul, essas garrafas brancas, despertaram na boca de seu estômago. Mas o outro sorriu e um automóvel passou rapidamente pela rua, entre assobios e xingamentos, e os faróis iluminaram a cabeça redonda do outro. O outro girou o tambor do revólver e indicou-lhe que só havia duas balas; girou de novo, ajustou o gatilho e colocou a boca da arma contra sua têmpora. Ele tratou de desviar o olhar, só que o quartinho não oferecia um ponto fixo para a atenção: as paredes nuas, pintadas de azul-anil e o chão de tezontle igual e as mesas, as duas cadeiras, os dois homens. O outro esperou até que os olhos verdes parassem de circular pelo quarto e voltassem ao punho, ao revólver e à têmpora. Sorria, mas suave, e ele também. Tentou distinguir no silêncio o tique-taque do relógio guardado no bolso direito do paletó. Talvez batesse menos que seu coração; dava no mesmo, porque a detonação da pistola já estava em seus ouvidos, desde antes, e, ao mesmo tempo, o silêncio dominava todos os demais ruídos, inclusive o possível — ainda não — de um revólver. O outro esperou. Ele o viu. O outro apertou o gatilho e um clique seco e metálico perdeu-se no silêncio e, fora, a noite continuava a

mesma, sem lua. O outro permaneceu com a arma apontada para a têmpera e começou a sorrir, a rir às gargalhadas; o corpo gordo tremia desde dentro, como um pudim, desde dentro, porque não se movia por fora. Assim permaneceram vários segundos e ele também não se movia; agora respirava o cheiro de incenso que desde essa manhã o acompanhava por toda parte e só através dessa fumaça imaginária pôde distinguir o rosto do outro, que continuava rindo desde dentro antes de voltar a colocar a pistola sobre a mesa, estender os dedos chatos, amarelados, e empurrar lentamente a arma para ele. A felicidade turva dos olhos do outro poderia ser o prenuncio de lágrimas retidas; ele não quis averiguar. Doía-lhe no estômago a lembrança, que ainda não o era, dessa figura obesa com a arma encostada à têmpera; o medo no outro, sobretudo o medo dominado, contraía-lhe os intestinos e impedia-o de falar; seria o fim; encontrá-lo-iam no quarto com o gordo morto, haveria um argumento contra ele. Já havia reconhecido sua própria arma, sempre guardada na gaveta do armário, sem perceber até agora que o gordo aproximava-a com os dedos curtos, com o punho envolto nesse lenço que talvez se houvesse desprendido da mão se o outro... Mas, em caso de não se desprender, o suicídio era evidente. Para quem? Um comandante da polícia morre num cômodo vazio com seu inimigo à sua frente. Quem dispôs de quem? O outro abriu o cinturão e bebeu de um gole até o fundo do copo. O suor manchava-lhe as axilas e corria-lhe pelo pescoço. Os dedos, desbastados de tão curtos, insistiam em aproximar a pistola. Que diria? Que da sua parte tudo já estava provado; ele não se iria zangar?; verdade que não? Ele perguntou que coisa estava provada e o outro disse que estava provado que, da sua parte, não ficara, que se se tratava de morrer ele não desistia, que não podia continuar dando-lhe corda para sempre e que as coisas eram assim. Se isso não o convencia, não sabia o que poderia convencê-lo. Era uma prova — disse o outro — de que devia passar-se para o lado deles;

ou algum de seu bando estava disposto a demonstrar, a custo de sua vida, que o queriam daquele lado? Acendeu um cigarro e ofereceu-lhe outro e ele acendeu o seu e aproximou o fósforo do rosto café do gordo, mas o gordo apagou-o com um sopro e ele se sentiu perdido. Pegou a pistola e deixou o cigarro em equilíbrio precário na beira do copo, sem perceber que a cinza caiu dentro da tequila e depositou-se no fundo. Apertou a boca da pistola contra a têmpora e não sentiu temperatura alguma, embora imaginasse que deveria sentir frio e lembrasse que tinha trinta e oito anos, mas que isso não importava a ninguém e menos ao gordo e ainda menos a ele mesmo.

E nessa manhã vestira-se ante o grande espelho ovalado de seu quarto e o incenso chegara até seu nariz e ele abria as narinas. Também subira do jardim um cheiro de castanha sobre essa terra seca e limpa do mês. Viu o homem forte, de braços fortes, estômago liso e sem gordura, de músculos firmes pregueados em torno do umbigo escuro, onde morria o velo do sexo e do ventre. Passou a mão pelos pômulos, pelo nariz quebrado, e voltou a aspirar o incenso. Escolheu uma camisa limpa no armário e não percebeu que o revólver já não estava ali e terminou de vestir-se e abriu a porta do quarto. "Não tenho tempo; na verdade, não tenho tempo. Digo-te que não tenho tempo."

O jardim havia sido plantado com hortaliças ornamentais dispostas em ferradura e flor-de-lis, com rosas e arbustos, e sua franja verde rodeava a casa térrea, construída segundo o estilo florentino, com colunas esbeltas e frisos de gesso na entrada do portão. Os muros exteriores foram pintados de rosa e nos salões, que percorreu naquela manhã, a luz incerta da hora isolava os perfis tachonados dos lampiões, a estatuaria de mármore, as cortinas de veludo, as altas poltronas de brocado, os armários envidraçados e os filetes de ouro dos sofás. Mas parou junto à porta lateral no

fundo do salão, com a mão sobre a maçaneta de bronze, e não quis abri-la e descer.

"Era de uns que foram viver na França. Compramo-la por qualquer ninharia, mas a restauração custou-nos muito. Disse a meu marido: deixa-me fazer tudo, deixa por minha conta, sei como..."

O gordo saltou da cadeira, ágil, cheio de aprumo, e desviou a mão que empunhava a pistola: o tiro não foi escutado por ninguém, porque era tarde e estavam sozinhos, sim, talvez por isso ninguém o escutou, e foi incrustar-se na parede azul do quarto enquanto o comandante ria e dizia que bastava de jogos, por essa vez, e de jogos perigosos: para quê, se tudo poderia ser arrumado tão facilmente? Tão facilmente, pensou ele; já é tempo de que as coisas se arrumem facilmente; nunca viverei tranquilo?

— Por que não me deixam em paz? Por que não?

— Mas isso é o que há de mais fácil, meu mano. Depende de ti.

— Onde estamos?

Não chegou; trouxeram-no; e, embora estivessem no centro da cidade, o motorista desorientou-o, virou à esquerda, virou à direita, converteu o traçado espanhol, de retângulos, num labirinto de sucções imperceptíveis. Tudo isso era imperceptível, como a mão curta e frágil do outro, que arrebatou a arma, rindo sempre, voltando a sentar-se, outra vez pesado, gordo, suarento, com os olhos faiscantes.

— Sabes que não somos malandros comuns?

Sabes? Escolhe sempre teus amigos entre os grandes malandros, porque entre eles não há quem te tapeie. Vamos beber.

Brindaram e o gordo disse que este mundo se divide em malandros e otários e deveria fazer sua escolha já. Também disse que seria uma pena que o deputado — ele — não soubesse escolher

a tempo, porque eles eram muito legais, muito bons, e davam a todos a oportunidade de escolher, mas não eram todos tão vivos quanto o deputado, achavam-se muito machos e logo se levantavam em armas, quando era tão fácil mudar de lugar como quem não dá pela coisa e amanhecer no lado bom. A propósito, era a primeira vez que jogava? Onde havia passado os últimos quinze anos? Adormecia-o com a voz, gorda como a carne, sussurrante e coleante como uma cobra; uma garganta de anéis contrateis, lubrificada pelo álcool e pelos charutos: — Não gostas?

O outro olhou-o fixamente e ele continuou acariciando sem perceber a fivela do cinturão, até que retirou os dedos porque a chapa de prata lembrava-lhe o frio ou o calor da pistola e queria ter as mãos livres. — Amanhã vão ser fuzilados os padres. Digo-te isso também como prova de amizade, porque estou certo de que não és desses capados...

Afastaram as cadeiras. O outro dirigiu-se para a janela e apertou os nós dos dedos contra o vidro. Fez um gesto e depois estendeu a mão para o homem. O outro ficou na porta enquanto ele descia pelo corredor empestado e escuro e virou uma lata de lixo e tudo ficou cheirando a casca de laranja podre e jornal úmido. O homem que estava junto à porta levou o dedo ao chapéu branco e indicou-lhe que a Avenida 16 de Septiembre ficava daquele lado.

— Que achas?

— Que devemos passar para o lado do outro, — Pois eu não.

— E tu?

— Estou ouvindo.

— Ninguém mais nos ouve?

— A Saturno é de confiança e de sua casa não sai um boato...

— E se não saem, faço-os sair...

— Fizemo-nos com o chefe e com o chefe estão quebrando-nos.

— Está perdido. O novo preparou-lhe uma armadilha muito bem preparada.

— Que propões?

— Deve-se estar presente, digo.

— Primeiro deixo-me cortar as orelhas. Somos ou não somos?

— Como?

— Há maneiras.

— Mas assim, não muito evidentes, não?

— Certo. Quem sai...

— Não, não, não digo nada.

— Como sim e como não ao mesmo tempo.

— Digo tudo, como macho, com este ou com o outro...

— Acorde, general, está clareando.

— Então?

— Pois...aí fica a coisa. Cada um sabe para onde se atira.

— Pois... quem sabe?

— Eu diria.

— Crês firmemente que nosso caudilho não vai para a frente?

— Acho que sim, acho que sim...

— Quê?

— Não, não acho mais nada.

— E tu, afinal?

— Pois começo a achar também...

— Nada mais até a hora da coisa; não se lembrem de que conversamos hoje,

— Quem vai se lembrar de alguma coisa?

— Digo por via das dúvidas.

— As porcas dúvidas.

— Cala-te. Traze-nos algo, anda.

— As porcas dúvidas, messiê.

— Então, nada de seguirmos juntos?  
— Juntos sim, porém cada cabrito por seu caminho...  
— ... até que afinal continuem repartindo a bolota de carvalho onde sempre...

— Ali mesmo. Isso sim.

— O senhor não vai comer, General Jiménez?

— Cada qual sabe sua parte.

— Agora, se alguém soltar a língua...

— Mas em que pensas, irmão? Não somos todos irmãos aqui?

— Eu diria que sim, mas depois a gente se lembra da mamãezinha que nos pariu e, francamente, começam as dúvidas ...

— As porcas dúvidas, como diz a Saturno...

— As porquíssimas, Coronel Gavilán.

— E depois não se lembra.

— Vai-se e decide-se sozinho, e pronto.

— Mas quer-se salvar a pele, eh?

— Com honra, senhor deputado, sempre com honra.

— Com honra, general, sem dúvida.

— Então...

— Aqui não aconteceu nada.

— Nada, nadinha, nada.

— Mas vai, deveras, levar.

— Qual? o de antes ou o de agora?

— O de antes, o de antes...

Chicago, Chicago, that toddlin' town: a Saturno levantou a agulha do fonógrafo e bateu palmas: — Meninas, meninas, em ordem... — enquanto ele desviou o carrinho e afastou as cortinas, rindo, e só as viu de soslaio, refletidas no espelho manchado dessa sala, morenas mas empoadas e maquiladas, as pintas postiças desenhadas sobre as faces, sobre os seios, junto aos lábios, as sapatilhas de cetim e verniz, as saias curtas, as pálpebras azuladas e

a mão do Cérbero endomingado e também empoado: — Dê-me o prazer, senhor?

E aquilo ia continuar muito bem, ele sabia, ao cocar a barriga com a mão direita e ao parar no jardinzinho em frente à casa de tolerância para respirar o orvalho do gramado e a frescura da água em sua fonte de veludo lamacento: bem, o General Jiménez já teria tirado os óculos azuis e estaria cocando as pálpebras secas, as escamas de conjuntivite que lhe nevavam a barba; pediria que lhe tirassem as botas porque estava cansado e porque estava acostumado a que lhe tirassem as botas e todos ririam porque o general iria aproveitar a posição da moça para levantar-lhe as saias e mostrar as nádegas redondas e escuras cobertas de seda roxa, embora os demais preferissem o raro espetáculo desses olhos sempre velados, abertos uma vez como grandes ostras insípidas, e todos, os amigos, os irmãos, os companheiros, esticariam os braços e fariam com que as jovens pensionistas da Saturno lhes tirassem os sacos, mas elas iriam como abelhas para junto dos que vestiam a farda do Exército, como se nenhuma soubesse que coisa poderia haver debaixo do uniforme, dos botões com a águia e a serpente, as divisas de ouro; ele as via revoltear assim, úmidas, apenas saídas do fuso larvar, com os braços mestiços alçados e a caixa de pó e o xale nas mãos, branqueando as cabeças dos amigos, os irmãos, os companheiros deitados nas camas com as pernas abertas e as camisas manchadas de conhaque, as têmporas empapadas e as mãos secas, enquanto se filtrava o ritmo do charleston, enquanto elas os iam despindo lentamente e beijavam cada parte nua e gritavam quando eles estendiam os dedos; olhou as unhas com seus pontos brancos, que eram considerados prova de falsidade, e a meia-lua do polegar, e o cachorro latiu perto dele. Levantou a gola do paletó e caminhou até sua casa, embora preferisse voltar para outro lugar e dormir abraçado aos corpos empoados e expelir esse ácido que lhe distendia os nervos e obrigava-o a permanecer com os



olhos abertos, olhando incessantemente para essas fileiras de casas baixas, cinzentas, rodeadas de sacadas carregadas de vasos de porcelana e vidro, essas fileiras de palmeiras secas e poeirentas da avenida, cheirando desnecessariamente aos restos das tortas de milho e vinagrete.

Passou a mão pelas maçãs do rosto. Procurou no molho de chaves incômodas. Ela estaria lá embaixo neste momento: ela, que subia e descia as escadas atapetadas sem fazer barulho e sempre se assustava ao vê-lo entrar: — Ai! Que susto me deste. Não te esperava. Não, não te esperava já —, e ele se perguntava qual o motivo de ela tomar as atitudes de cumplicidade para lançar-lhe a culpa ao rosto. Mas isso eram nomes e os encontros, a atração repelida antes de iniciar seu movimento, a repulsão que às vezes os aproximava, ainda não possuíam nome, nem antes de nascer, nem depois de se consumir, porque ambos os atos eram o mesmo. Uma vez, na escuridão, seus dedos e os dela encontraram-se no corrimão da escada e ela lhe apertou a mão e ele acendeu a luz para que não tropeçasse, porque não sabia que ela descia enquanto ele subia, mas o rosto dela não era o sentimento da mão e ela apagou a luz e ele quis chamá-lo de perversidade, mas esse também não era o nome, porque o costume não pode ser perverso, quando deixa de ser premeditado e excepcional. Conhecia um objeto, suave, envolto em seda e lençóis de linho, um objeto do tato porque as luzes do quarto jamais estavam ligadas a esses momentos: só naquele momento da escada, e então ela não ocultou o rosto, nem fingiu. Foi só uma vez, que não era necessário recordar e que, não obstante, revolvía-lhe o estômago com um afã agridoce de repeti-la. Pensou-o e sentiu-o quando já se havia repetido, quando se repetiu na mesma madrugada e a mesma mão tocou a sua, desta vez no parapeito que levava ao sótão da casa, embora não tivesse acendido nenhuma luz e ela só lhe perguntasse: — Que procuras aqui? — antes de corrigir-se e repetir com a voz controlada: — Ai!, que susto! Não te

esperava. Juro-te que não te esperava tão já —: controlada, sem quedas, e ele só respirava esse cheiro quase encarnado, esse cheiro com palavras, com ruídos contínuos. Abriu a porta do porão e no começo não o distinguiu, porque também parecia feito de incenso; ela pegou o braço do hóspede secreto que tentava esconder as rugas da batina entre as pernas e esfumar o cheiro sagrado com o agitar dos braços, antes de perceber a inutilidade de tudo — a proteção dela, os paramentos negros — e baixar a cabeça num sinal imitativo de consumação que devia confortá-lo e assegurar-lhe que cumpria, para sua própria satisfação, senão para a das testemunhas que não o olhavam, que se entreolhavam, as atitudes consagradas da resignação. Quis, pediu que o homem que acabava de entrar o olhasse, o reconhecesse: de soslaio, o padre viu que não podia arrancar os olhos da mulher, nem ela dele, por mais que ela abraçasse, cobrisse este ministro do Senhor que sentia no espasmo da vesícula, na injeção amarela dos olhos e da língua, a promessa de um terror que, chegado o momento — o momento seguinte, porque não haveria outro —, não saberia ocultar. Só lhe restava este momento, pensou o sacerdote, para aceitar o destino, mas nesse momento não havia testemunhas. Esse homem de olhos verdes pedia: pedia a ela que pedisse, que se atrevesse a pedir, que tentasse o sim ou o não do azar, e ela não podia responder; já não podia responder. O padre imaginou que, noutro dia, ao sacrificar esta possibilidade de responder ou de pedir, ela havia sacrificado desde então esta vida, a vida do sacerdote. As velas destacavam a opacidade da pele, matéria que sustem a transparência e o brilho; as velas dobravam com um gêmeo negro todas as brancuras do rosto, do pescoço, dos braços. Esperou que lhe pedisse. Viu a contração dessa garganta que queria beijar. O padre suspirou; ela não lhe pediria e para ele restava apenas, ante o homem de olhos verdes, esse momento para fazer atuar a resignação, porque amanhã não poderia, sem dúvida, seria impossível, amanhã a

resignação esqueceria seu nome e se chamaria vísceras e as vísceras não conhecem as palavras de Deus.

Dormiu até meio-dia. Foi acordado pela música de um realejo na rua e não se preocupou com identificar a canção, porque o silêncio da noite anterior — ou sua lembrança, que era a noite e o silêncio — impunha longos momentos mortos que cortavam a melodia e em seguida recomeçava o ritmo lento e melancólico, que se imiscuía pela janela entreaberta, antes que essa memória sem ruídos voltasse a interrompê-lo. Soou o telefone e ele atendeu e escutou o riso contido do outro e disse:

— Bom.

— Já o temos na direção da província, senhor deputado.

— Sim?

— O senhor presidente está inteirado.

— Então...

— Sabes. Um gesto. Uma visita. Sem necessidade de dizer nada.

— A que horas?

— Chega aqui por volta das duas.

— Até lá.

Ela não escutou do quarto contíguo e começou a chorar, encostada à porta, mas depois já não se escutou nada e secou as faces antes de sentar-se ante o espelho.

Comprou o jornal e tentou lê-lo enquanto dirigia, mas só pôde lançar uma olhada para as manchetes que falavam do fuzilamento dos que atentaram contra a vida do outro caudilho, o candidato. Lembrou-o nos grandes momentos, na campanha contra Villa, na presidência, quando todos lhe juraram lealdade e olhou essa foto do Padre Pro, com os braços abertos, recebendo a descarga. Corriam ao seu lado as capotas brancas dos novos automóveis, passavam as saias curtas e os chapéus de sino das mulheres e as calças baloon dos almofadinhas de agora e os

engraxates sentados no chão, à volta da fonte da rã, mas não era a cidade o que corria ante esse olhar vidrado e fixo, mas a palavra. Saboreou-a e viu-a nos olhares rápidos que desde os passeios se cruzaram com o seu, viu-a nas atitudes, nas piscadas, nos gestos passageiros, nos ombros encolhidos, nos sinais soezes dos dedos. Sentiu-se perigosamente vivo, preso ao volante, desorientado pelos rostos, pelos gestos, pelos esfarrapados das ruas, entre duas oscilações do pêndulo. Hoje devia fazê-lo porque amanhã, fatalmente, os ultrajados de hoje o ultrajariam. Um reflexo de vidro cegou-o e ele levou a mão às pálpebras: sempre havia escolhido certo, o grão-malandro, o caudilho emergente contra o caudilho em ocaso. Abriu-se o imenso Zócalo, com os postos entre as arcadas, e os sinos da catedral entoaram o bronze profundo das duas da tarde. Mostrou a credencial de deputado para o guarda da entrada de Moneda. O inverno cristalino da meseta recortava a silhueta eclesiástica do México antigo e grupos de estudantes em época de exames desciam pelas calles de Argentina e Guatemala. Estacionou o automóvel no pátio. Subiu no elevador de grades. Percorreu os salões de pau-rosa e lustres luminosos e sentou-se na antessala. Em seu redor, as vozes mais baixas só se levantavam para pronunciar as três palavras:

- O senhor presidente.
- E senher presedente.
- A sanhar prasadanta.
- O Deputado Cruz? Entre.

O gordo estendeu-lhe os braços e os dois bateram-se nas espáduas e nas cinturas e roçaram as cadeiras e o gordo riu como sempre, desde dentro e para dentro, e fez com o dedo indicador o gesto de disparar para a cabeça e voltou a rir sem voz, com a agitação silenciosa da barriga e das faces escuras. Abotoou com dificuldade a gola do uniforme e perguntou-lhe se havia lido os jornais e ele disse que sim, que já entendera o jogo, mas que tudo

isso não tinha importância e que ele só vinha reiterar sua adesão ao senhor presidente, sua adesão incondicional, e o gordo perguntou-lhe se desejava algo e ele lhe falou de alguns terrenos baldios fora da cidade, que hoje não valiam grande coisa, mas que com o tempo poderiam ser divididos, e o outro prometeu arrumar o assunto porque afinal de contas já eram companheiros, já eram irmãos, e o senhor deputado vinha lutando, uuui, desde o ano 13 e já tinha direito a viver tranquilo e fora dos vaivéns da política: disse isso e acariciou-lhe o braço e voltou a bater-lhe nos ombros e nas cadeiras para selar a amizade. Abriu a porta de maçanetas douradas e saíram, da outra sala, o General Jiménez, o Coronel Gavilán e outros amigos que na noite passada haviam estado com a Saturno e passaram sem vê-lo, com as cabeças inclinadas, e o gordo voltou a rir e disse-lhe que muitos amigos seus haviam vindo colocar-se à disposição do senhor presidente nesta hora de unidade e estendeu o braço e convidou-o a passar.

No fundo do cômodo, junto a uma luz esverdeada, viu esses olhos atarraxados no fundo do crânio, esses olhos de tigre à espreita e baixou a cabeça e disse: — Às suas ordens, senhor presidente... Para servi-lo incondicionalmente, asseguro-lhe, senhor presidente...

Eu aspiro esse óleo velho que me passam nos olhos, no nariz, nos lábios, nos pés frios, nas mãos azuis, nas coxas, perto do sexo e peço que abram a janela: quero respirar. Lanço esse som oco pelas narinas e deixo-os fazer e cruzo os braços sobre o estômago. O linho do lençol, sua frescura. Isso, sim, é importante. Que sabem eles, Catalina, o padre, Teresa, Gerardo?

— Deixem-me.

— Que sabe o médico? Eu o conheço melhor. É outra burla.

— Não digas nada.

— Teresita, não contradigas teu pai... digo, tua mãe... Não vêes que...

— Ah! És tão responsável quanto ele. Tu, por débil e covarde, ele por... por...

— Basta. Basta.

— Boa tarde.

— Por aqui.

— Basta, por Deus.

— Andem, andem.

Em que estava pensando? Que lembrava?

— ...como mendigos; por que obriga Gerardo a trabalhar?

Que sabem eles, Catalina, o padre, Teresa, Gerardo? Que importância vão ter seus paramentos de luto ou as expressões de louvor que aparecerão nos jornais? Quem terá a honradez de dizer, como digo agora, que meu único amor foi a posse das coisas, sua propriedade sensual? Isso é o que quero. O lençol que acaricio. E tudo o mais, o que passa agora ante meus olhos. Um chão de mármore italiano, sulcado de verde e negro. As garrafas que conservam o verão daqueles lugares. Os quadros velhos, de verniz descascado, que recolhem num só borrão a luz do sol ou dos lustres, que permitem ser percorridos lentamente com a vista e o tato, sentado num sofá de couro branco com chapas de ouro, com o copo de conhaque numa mão e o cigarro na outra, vestido com um smoking leve, de seda, e sapatos de verniz macios plantados sobre um tapete alto e silencioso de merino. Ali um homem se apossa da paisagem e dos rostos de outros homens. Ali, ou sentado no terraço ante o Pacífico, olhando o pôr-do-sol e repetindo com os sentidos na maior tensão, ah sim, na maior tensão, o ir e vir, a fricção desse marulho contra a areia úmida. Terra. Terra que pode ser traduzida em dinheiro. Terrenos quadriculados da cidade sobre os quais começa a se levantar o bosque de estacas da construção. Terrenos verdes e amarelos do campo, sempre os melhores, perto das águas, percorridos pelo zumbido do trator. Terrenos verticais das

montanhas de minas, cofres pardos. Máquinas: esse cheiro saboroso da rotativa que vomita suas folhas com ritmo acelerado...

"— Eh, Dom Artemio, sente-se mal?

"— Não, é o calor. Esse forno. Que há, Mena? Quer abrir as janelas?

"— Agora mesmo..."

Ah, os ruídos da rua. De repente. Não é possível separar uns dos outros.

Ah, os ruídos da rua.

"— Que quer o senhor, Dom Artemio?

"— Mena, você sabe com quanto entusiasmo defendemos aqui, até o último momento, o Presidente Batista. Mas, agora que já não está no poder, não é tão fácil, e menos ainda, defender o General Trujillo, embora este continue no poder. Você representa os dois e deve compreender... Fica difícil...

"— Bom, não se preocupe. Dom Artemio, que tratarei de arranjar isso. Embora com tantas preocupações... E, já que falamos disso, trago-lhe agora umas linhas explicando a obra do Benfeitor... Mais nada..."

"— Como não? Deixe-as. Ah, olhe, Díaz, que bom chegarem! Publique isto na página editorial com um pseudônimo... Bom dia, Mena, espero notícias suas..."

Notícias suas. Notícias. Espero notícias suas. Notícias de meus lábios brancos, aai, uma mão, deem-me uma mão, ai, outro pulso para reavivar o meu, lábios brancos...

— Lanço-te a culpa.

— Estás aliviada? Podes ficar. Cruzamos o rio a cavalo.

Voltamos para minha terra. Minha terra.

— ...gostaríamos de saber onde...

Afinal, afinal me dão esse prazer de vir, fisicamente ajoelhadas, pedir isso. O padre já o antecipou. Algo deve rondar-me muito próximo quando elas chegam até minha cabeceira com esse

tremorzinho que não escapa à minha atenção. Tentam adivinhar minha burla, essa burla final que tanto saboreei sozinho, essa humilhação definitiva cujas consequências totais já não poderei gozar, mas cujos espasmos iniciais me deleitam neste momento. Talvez este seja o último calorzinho de triunfo...

— Onde... — murmuro com tanta suavidade, tanta dissimulação... — Onde... Deixem-me pensar... Teresa, acho que me lembro... Não há um estojo de acaju... onde guardo os cigarros...? Tem fundo duplo...

Não necessito terminar. As duas se levantam e correm para a enorme mesa em forma de ferradura onde pensam que, às vezes, passo as horas noturnas de insônia lendo: elas gostariam que fosse assim. As duas mulheres forçam as gavetas, esparramam papéis e encontram, finalmente, a caixa de ébano. Ah, então ali estava. Ali havia outra. Ou a trouxeram. Seus dedos devem abrir apressadamente o segundo fundo, deslizando-o da base com cuidado. Não há nada. Quando comi pela última vez? Urinei há muito. Mas comer.

Vomitei. Mas comer.

"— O subsecretário ao telefone, Dom Artemio..."

Correram as cortinas, não é? É noite, não é? Há plantas que precisam da luz da noite para florescer. Esperam até que apareça a escuridão. A convolvulácea abre suas pétalas ao entardecer. A convolvulácea. Nessa cabana havia uma convolvulácea, na cabana junto ao rio. Abria-se ao cair da tarde, sim.

"— Obrigado, senhorita... Bom... sim, é Artemio Cruz. Não, não, não, não há conciliação que valha a pena. É uma tentativa clara de derrubar o governo. Já conseguiram que o sindicato em massa abandonasse o partido oficial; se isto continuar, como se vão sustentar vocês, senhor subsecretário?... Sim... Esse é o único caminho: declarar inexistente a greve, enfrentá-los com o Exército,



abatê-los a golpes secos e prender os cabeças... Como não é séria a coisa, senhor...?"

A mimosa também, lembro-me de que também a mimosa tem sentimentos; pode ser sensitiva e pudica, casta e palpitante, viva, a mimosa...

"— ...sim, certo... e algo mais, para falar claro: se vocês se mostrarem débeis, eu e meus associados de proa colocaremos nossos capitais fora do México. Necessitamos de garantias. Ouça, o que aconteceria se em duas semanas saíssem do país cem milhões de dólares, por exemplo? ... eh?... Não, se entendo. Só faltava isso!..."

Já. Acabou-se. Ah. Isso foi tudo. Isso foi tudo? Quem sabe? não me lembro. Faz tanto tempo que não escuto mais as vozes desse gravador. Faz tempo que finjo e em realidade estou pensando nas coisas que gosto de comer, sim, é mais importante pensar em comida, porque não como há muitas horas e Padilla desliga o aparelho e eu mantive os olhos fechados e não sei o que pensam, o que dizem Catalina, Teresa, Gerardo, a menina — não. Gloria saiu, foi-se há bastante tempo com o filho de Padilla, estão-se beijando na sala, aproveitando que não há ninguém —, porque continuo com os olhos fechados e só penso em costeletas de porco, em lombo assado, em churrascos, em perus recheados, nas sopas de que gosto tanto, quase tanto quanto das sobremesas, ah, sim, sempre gostei muito de doces e aqui os doces são deliciosos, doces de amêndoa e abacaxi, de coco e de nata, ah, ah, de leite queimado também, puxapuxas zamoranos, penso nos puxa-puxas zamoranos, nas frutas cristalizadas, e nos huachinangos, robalos, linguados, penso em ostras e caranguejos de rio.

— Cruzamos o rio a cavalo. E chegamos até a barra e o mar.  
Em

Veracruz, perceves e calamares, polvos e ceviches, penso na cerveja, amarga como o mar, a cerveja, penso no veado yucateco, em que não sou velho, não, embora o tenha sido um dia, ante um

espelho, e os queijos podres, como me agradam, penso, quero, como isto me alivia, como me aborrece escutar minha própria voz exata, insinuante, autoritária, desempenhando esse mesmo papel, sempre, que tédio! quando poderia estar comendo comendo: como, durmo, fornico e tudo o mais, quê? quê? quê? quem quer comer dormir fornicar com meu dinheiro? tu Padilla e tu Catalina e tu Teresa e tu Gerardo e tu Paquito Padilla, assim te chamas? que hás de estar comendo os lábios de minha neta na penumbra de minha sala ou desta sala, tu que ainda és jovem, porque não vivo aqui, eu sou um velho, eh? um velho cheio de manias, que tem direito a tê-las porque se virou, veem, virou-se enganando os outros, escolheu a tempo, como naquela noite, ah já a recordei, naquela noite, aquela palavra, aquela mulher; deem-me de comer; por que não me dão de comer?; andem; ai dor: andem; xinguem sua mãe;

Tu a pronunciarás: é tua palavra; e tua palavra é a minha; palavra de honra: palavra de homem: palavra de roda: palavra de moinho: imprecação, propósito, saudação, projeto de vida, filiação, lembrança, voz dos desesperados, libertação dos pobres, ordem dos poderosos, convite à briga e ao trabalho, epígrafe do amor, sinal de nascença, ameaça e burla,- verbo testemunho, companheiro da festa e da bebedeira, espada do valor, trono da força, presa da astúcia, brasão da raça, salva-vidas dos limites, resumo da história: santo e senha do México: tua palavra:

- Engane sua mãe
- Filho da enganada
- Aqui estamos os enganados comuns
- Pára de enganar
- Agorinha vou enganá-lo
- Dá-lhe, pobre-diabo enganado
- Não te deixes enganar
- Enganei-me com essa cara
- Engana tu

- Engane você
- Engana bem sem ver a quem
- Explicou-se enganando
- Enganei-o em mil pesos
- Enganem, embora rebentem
- As minhas são enganadinhas
- O chefe me enganou
- Não me estragues o dia
- Vamos todos para a farra
- A farra levou tudo
- Engano-me, mas não me zango
- Enganaram o índio
- Os gachupines nos enganaram.
- Os gringos me enganam.

— Viva o México, filhos de sua malandragem: tristeza, madrugada, tostada, tisonada, goiaba, o mal dormir: filhos da palavra. Nascidos da malandragem, mortos na malandragem, vivos por pura malandragem: ventre e mortalha, escondidos na malandragem. Ela dá a cara, corta o baralho, joga as primeiras cartas, agasalha a reticência e o jogo duplo, descobre a pendência e o valor, embriaga, grita, sucumbe, vive em cada leito, preside os fastos da amizade, do ódio e do poder. Nossa palavra. Tu e eu, membros dessa maçonaria: a ordem da malandragem. És quem és porque soubeste ser malandro e não te deixaste iludir; és quem és porque não soubeste ser malandro e foste enganado: cadeia da malandragem que nos aprisiona todos: elo acima, elo abaixo, unidos a todos os filhos da malandragem que nos precederam e nos seguirão: herdarás a malandragem do alto; herdarás de baixo: és filho dos filhos da malandragem; serás pai de mais filhos da malandragem: nossa palavra, atrás de cada rosto, de cada sinal, de cada velhacaria: pica da malandragem, pau da malandragem, eu da malandragem: a malandragem manda em ti, a malandragem te livra

o peito, enganas a malandragem, a malandragem te pela, não terás mãe, mas terás tua malandragem: com a malandragem tens como que uma mãe, é teu descarnado, teu carnal, teu maninho, tua boca, tua melhor-que-nada; a malandragem: sacodes o esqueleto com a malandragem; sentes tudo dar com a malandragem, pões um lance excelente com a malandragem, franzes a cútis com a malandragem, pões os malandros adiante com a malandragem: não te zangues com a malandragem: prendes-te ao úbere da malandragem:

aonde vais com a malandragem?

ó mistério, ó engano, ó nostalgia: crês que com ela regressarás às origens, a quais origens? não tu: ninguém quer regressar à idade de ouro mentirosa, às origens sinistras, ao grunhido bestial, à luta pela carne do osso, pela caverna e pela pederneira, ao sacrifício e à loucura, ao terror inominável da origem, ao fetiche imolado, ao medo do sol, medo da tormenta, medo do eclipse, medo do fogo, medo das máscaras, terror dos ídolos, medo da puberdade, medo da água, medo da fome, medo do desamparo, terror cósmico: malandragem, pirâmide de negações, teocalli do espanto ó mistério, ó engano, ó miragem: crês que com ela caminharás para diante, afirmar-te-ás: para que futuro? não tu: ninguém quer caminhar carregado de maldição, de suspeita, de frustração, de ressentimento, de ódio, de inveja, de rancor, de desprezo, de insegurança, de miséria, de abuso, de insulto, de intimidação, de falso orgulho, de machismo, de corrupção de tua malandragem malandra:

deixa-a no caminho, assassina-a com armas que não sejam as suas; matemo-la: matemos essa palavra que nos separa, nos petrifica, nos apodrece com seu duplo veneno de ídolo e cruz: que não seja nossa resposta e nem nossa fatalidade:

ora, enquanto esse padre te unta os lábios, o nariz, as pálpebras, os braços, as pernas, o sexo com a extrema-unção; roga: que não seja nossa resposta nem nossa fatalidade; a malandragem,

filhos da malandragem, a mentira que envenena o amor, dissolve a amizade, esmaga a ternura, a mentira que divide, a mentira que separa, a mentira que destrói, a mentira que envenena; o sexo eriçado de serpentes e metal da mãe de pedra, a malandragem; o eructo bêbado do sacerdote na pirâmide, do senhor no trono, do hierarca na catedral; fumaça, Espanha e anahuac, fumaça, abonos da malandragem, excrementos da malandragem, mesetas da malandragem, sacrifícios da malandragem, honras da malandragem, escravidões da malandragem, templos da malandragem, línguas da malandragem: a quem iludirás hoje, para existir? a quem, amanhã? a quem iludirás; a quem usarás?: os filhos da malandragem são estes objetos, estes seres que converterás em objetos de teu uso, de teu prazer, de teu domínio, teu desprezo, tua vitória, de tua vida; o filho da malandragem é uma coisa que usas: melhor que nada cansas-te não a vences ouves os murmúrios das outras orações que não escutam tua própria oração: que não seja nossa resposta nem nossa fatalidade: lava-te da malandragem; cansas-te não a vences carregaste-a toda a vida: essa coisa: és um filho da malandragem do ultraje que lavaste ultrajando os outros homens do esquecimento que precisas para lembrar dessa cadeia sem fim de nossa injustiça te cansas me cansas; me vences; me obrigas a descer contigo a esse inferno; queres lembrar outras coisas, não isso: me obrigas a esquecer que as outras coisas serão, nunca que são, nunca que foram: vences-me com a malandragem cansas-te; repousa; sonha com tua inocência; dize que tentaste, que tentarás: que um dia a violação te pagará na mesma moeda, devolver-te-á sua outra face: quando quiseres ultrajar como jovem o que deverias agradecer como velho; o dia em que perceberás algo, o fim de algo: um dia em que amanhecerás — eu te venço — e te verás no espelho e verás, afinal, que terás deixado algo para trás; lembrarás: o primeiro dia sem juventude, primeiro dia de um novo tempo: fixa-o, fixarás, como uma estátua, para poder vê-lo todo;

afastarás as cortinas para que entre essa brisa matinal; ah, como te encherá, ah, te fará esquecer esse aroma de incenso, esse cheiro que te persegue, ah, como te limpará!

não te permitirá sequer insinuar a dúvida; não te conduzirá à lâmina dessa primeira dúvida.

## 1947: 11 de setembro

Ele afastou as cortinas e respirou o ar límpido. Havia entrado a brisa matinal, agitando as cortinas para se anunciar. Olhou para fora: estas horas do amanhecer eram as melhores, as mais tranquilas, as de uma primavera diária. Não tardaria a sufocá-las o sol palpitante. Mas, às sete da manhã, a praia ante a sacada iluminava-se com uma paz fresca e um contorno silencioso. As ondas apenas murmuravam e as vozes dos raros banhistas não chegavam para desviar a atenção do encontro solitário do sol nascente, do oceano tranquilo e da areia penteada pela maré. Afastou as cortinas e respirou o ar límpido. Três meninos andavam pela praia com seus baldezinhos, recolhendo os tesouros da noite: estrelas, caramujos, madeiras polidas. Um veleiro balançava perto da costa; o céu transparente projetava-se sobre a terra através de um filtro do verde mais pálido. Nenhum automóvel corria pela avenida que separava o hotel da praia.

Deixou cair a cortina e andou até o banheiro de azulejos mouriscos. Olhou no espelho esse rosto inchado por um sono que, contudo, era tão breve, tão delimitado. Fechou suavemente a porta. Abriu as torneiras e tampou o ralo da pia. Lançou o paletó do pijama sobre a tampa da privada. Escolheu uma lâmina de barbear nova, tirou-a de seu envoltório de papel encerado e colocou-a no aparelho dourado. Depois deixou cair o barbeador na água quente, umedeceu uma toalha e cobriu o rosto com ela. O vapor embaciou o vidro. Limpou-o com a mão e acendeu o cilindro de neon colocado sobre o espelho.

Espremeu o tubo de um novo produto norte-americano, o creme de barbear de aplicação direta; passou a substância branca e refrescante sobre as faces, o queixo e o pescoço. Queimou os dedos ao tirar o aparelho da água. Fez um gesto dolorido e com a mão esquerda distendeu uma das faces e começou a barbear-se, de cima para baixo, com esmero, torcendo a boca. O vapor fazia-o suar; sentia correr as gotas pelas costelas. Agora escanhoava-se lentamente e depois acariciava o queixo para assegurar a suavidade. Voltou a abrir as torneiras, a empapar a toalha, a cobrir o rosto com ela. Limpou as orelhas e passou no rosto uma loção que o fez espirrar com prazer. Limpou a lâmina e voltou a colocá-la no aparelho, e este no estojo de couro. Tirou a tampa e contemplou, por um instante, a sucção do charco cinzento de sabão e placas de pelos. Observou as feições: quis descobrir o mesmo de sempre, porque, ao limpar novamente o bafo que empanava o vidro, sentiu, sem o saber — nessa hora matinal, de atividades insignificantes, mas indispensáveis, de mal-estares gástricos e fomes indefinidas, de odores indesejados que cercavam a vida inconsciente do sono —, que havia passado muito tempo sem que, olhando-se todos os dias no espelho de um banheiro, se visse. Retângulo de mercúrio e vidro e único retrato verídico desse rosto de olhos verdes e boca enérgica, testa larga e pômulos salientes. Abriu a boca e tirou a língua raspada por ilhotas brancas; depois procurou no reflexo os buracos dos dentes perdidos. Abriu o armário e pegou a dentadura que dormia no fundo de um copo de água. Enxaguou-a rapidamente e, de costas para o espelho, colocou-a. Passou a pasta esverdeada na escova e limpou os dentes. Fez um gargarejo e tirou a calça do pijama. Abriu as torneiras do chuveiro. Verificou a temperatura com a palma da mão e sentiu o jorro desigual sobre a nuca, enquanto passava o sabonete sobre o corpo magro, de costelas salientes, o estômago flácido e os músculos que ainda conservavam certa rigidez nervosa, mas que agora tendiam a dobrar-se para



dentro, de uma maneira que lhe parecia grotesca, se ele não mantivesse uma vigilância enérgica e postiça... e só quando era observado, como nesses dias, pelas olhadas impertinentes do hotel e da praia. Recebeu o jorro do chuveiro no rosto, fechou as torneiras e esfregou-se com a toalha. Voltou a se sentir contente quando passou lavanda no peito e nas axilas e penteou a cabeleira negra. Pegou o calção de banho azul e a camisa branca de polo no armário. Calçou os sapatos italianos de lona e corda e abriu lentamente a porta do banheiro.

A brisa continuava agitando as cortinas e o sol não acabara de brilhar: seria uma pena, pena mesmo, se o dia fosse perdido. Em setembro, nunca se sabe. Olhou para a cama de casal. Lilia continuava dormindo, com essa postura espontânea, livre: a cabeça apoiada no ombro e o braço estendido sobre o travesseiro, as costas para o ar e um joelho dobrado, fora do lençol. Aproximou-se do corpo jovem, sobre o qual brincava graciosamente essa primeira luz, iluminando o velo dourado dos braços e os cantos úmidos das pálpebras, os lábios, a axila cor de palha. Agachou-se para olhar as pérolas de suor sobre os lábios e sentir o calor que subia do corpo de animalzinho em repouso, tostado de sol, inocentemente impudico. Estendeu os braços, com vontade de virá-la e ver a frente do corpo. Os lábios entreabertos fecharam-se e a moça suspirou. Ele desceu para tomar café.

Quando terminou o café, limpou os lábios com o guardanapo e olhou em volta. Sempre, nesta hora, pareciam tomar café as crianças, acompanhadas por suas amas. As cabeças lisas e úmidas eram as das que não haviam resistido à tentação de um banho antes do café e que agora se preparavam para voltar, com os calções molhados, para a praia, que acolhia esse tempo sem tempo a que só a imaginação de cada criança daria o ritmo desejado às horas, longas ou breves, de castelos e muralhas em construção, de alegres prólogos de enterro, de passeios chapinhados e brinquedos

desmoronados, de corpos estendidos sem tempo ao tempo do sol, de gritarias no envoltório intangível da água. Era estranho vê-los, tão crianças, já buscando no espaço aberto o buraco singular de um enterro fictício, de um castelo de areia. Agora retiravam-se as crianças e entravam os hóspedes adultos do hotel.

Acendeu um cigarro e se preparou para essa breve tontura que, há alguns meses, sempre acompanhava a primeira tragada do dia. Dirigiu o olhar para longe da sala de refeições, até a curva da praia recortada que ia serpenteando em espumas desde o extremo do oceano aberto até a meia-lua mais recolhida da baía, agora pontilhada de veleiros e de um rumor ascendente de atividade. Um casal conhecido passou a seu lado e cumprimentou-o com um gesto. Ele inclinou a cabeça e deu outra tragada.

Aumentaram os ruídos da sala de refeições: os talheres sobre os pratos, as colherinhas batidas dentro das xícaras, as garrafas abertas e o borbulhar da água mineral, as cadeiras arrastadas, as conversas dos casais, dos grupos de turistas. E o rumor crescente das ondas, que não se resignava a ser vencido pelo rumor humano. Da mesa via-se a esplanada da nova fachada moderna de Acapulco, levantada rapidamente para satisfazer a comodidade do grande número de viajantes norte-americanos, privados, pela guerra, de Waikiki, Portofino ou Biarritz, e também para ocultar os fundos molhados, enlameados dos pescadores nus e suas cabanas com meninos barrigudos, cachorros sarnentos, riachos de águas negras, triquina e bacilos. Sempre os dois tempos, nesta comunidade de rosto duplo, tão distante do que foi e tão distante do que quer ser.

Fumava, sentado, com um leve intumescimento das pernas, que já não toleravam, nem sequer às onze da manhã, esta roupa de verão. Cocou disfarçadamente o joelho. Devia ser um frio interior, porque a manhã explodia uma única luz redonda e o crânio do sol fervia com um penacho laranja. E Lilia entrava, com os olhos

ocultos por óculos escuros. Levantou-se e ofereceu a cadeira para a moça. Fez um sinal ao garçom. Notou o cochichar do casal conhecido. Lilia pediu mamão e café.

— Dormiste bem?

A moça assentiu, sorriu sem separar os lábios e acariciou a mão morena do homem, recortada sobre a toalha.

— Terão chegado os jornais da capital? —

disse, enquanto partia em pedacinhos a fatia de fruta. — Por que não vês?

— -Sim. Prepara-te, que às doze o iate nos espera.

— Onde vamos comer?

— No clube.

O homem, andou até a administração. Sim, seria um dia como o anterior, de conversa difícil, de perguntas e respostas inúteis. Mas a noite, sem palavras, era outra coisa. Por que iria pedir mais? O contrato, tácito, não exigia amor verdadeiro, nem sequer uma aparência de interesse pessoal. Queria uma garota para as férias. Tinha-a. Na segunda-feira, terminaria tudo, não tornaria a vê-la. Quem iria exigir mais? Comprou os jornais e subiu para pôr uma calça de flanela.

No automóvel, Lilia mergulhou nos jornais e comentou algumas notícias de cinema. Cruzou as pernas bronzeadas e deixou cair um dos sapatos. Ele acendeu o terceiro cigarro da manhã, não lhe disse que editava esse jornal, distraiu-se observando os anúncios que coroavam os novos edifícios e a estranha transição do hotel de quinze andares e da casa de hambúrgueres para a montanha rapada, de entranhas descobertas pela escavadora mecânica, que caía com seu ventre avermelhado sobre a estrada.

Quando Lilia saltou graciosamente para a coberta e ele tentou equilibrar-se, entrando finalmente no iate, o outro já estava ali, e foi quem lhes deu a mão para que saltassem do molhe flutuante.

— Xavier Adame.

Quase nu, com um traje de banho muito curto e o rosto escuro, com óleo em volta dos olhos azuis e das sobrancelhas espessas e móveis. Estendeu a mão com um movimento de lobo inocente: audaz, cândido, secreto. — Dom Rodrigo disse que não lhes importava compartilhar o barco comigo.

Ele concordou e procurou um lugar na cabina sombreada. Adame dizia a Lilia:

— ...O velho havia-me oferecido há uma semana e depois se esqueceu...

Lilia sorriu e estendeu a toalha sobre a popa ensolarada.

— Não queres nada? — perguntou o homem a Lilia quando o camareiro de bordo se aproximou com o carro das bebidas e garrafas.

Lilia, deitada, acenou que não. Ele se aproximou do carro e beliscou os salgadinhos enquanto o criado preparava-lhe um gim-tônica. Xavier Adame desaparecera sobre o telhado da cabina. Escutaram-se seus passos firmes, um diálogo rápido com alguém que estava sobre o cais, depois o movimento do corpo ao se deitar no tombadilho.

O pequeno iate saiu lentamente da baía. Ele pegou seu boné com viseira transparente e inclinou-se para beber seu gim-tônica.

Ante ele, o sol esfregava-se sobre Lilia. A moça desfez o nó da parte superior do maiô e ofereceu as costas. Todo o corpo fez um gesto de alegria. Levantou os braços e prendeu o cabelo solto, de um cobreado brilhante, sobre a nuca. Um suor finíssimo corria-lhe pelo pescoço, lubrificando a carne suave e redonda dos braços e as costas lisas, de separação acentuada. Olhava-a do fundo da cabina. Agora dormiria na mesma posição da manhã. Apoiada no ombro, com um joelho dobrado. Viu que havia raspado a axila. O motor arrancou e as ondas abriram-se em duas cristas velozes, levantando uma chuvinha salgada, igual, cortada, que caía sobre o corpo de

Lilia. A água do mar molhou o maio e grudou-o nas cadeiras, ajustando-o às nádegas. As gaiotas aproximaram-se, chilreando, da nave veloz, e ele sorveu lentamente os goles da sua bebida. Esse corpo jovem, longe de excitá-lo, enchia-o de contenção, de uma espécie de austeridade malévola. Brincava, sentado na cadeira de lona no fundo da cabina, com o retardamento de seus desejos, com seu armazenamento para a noite silenciosa e solitária, quando os corpos desapareciam na escuridão e não podiam ser objeto de comparações. À noite, só teria para ela as mãos experimentadas, amantes da lentidão e da surpresa. Baixou o olhar e viu as mãos morenas, de veias esverdeadas, proeminentes, que supriam o vigor e a impaciência de outras idades.

Encontravam-se em mar aberto. A costa desabitada, de mato desgrenhado e bastiões de rocha, levantava sobre si mesma um reverberar ardente. O iate fez uma volta no mar picado e uma onda se quebrou, empapou o corpo de Lilia: gritou alegremente e levantou o busto, detido por esses botões rosados que pareciam parafusar os seios duros. Voltou a deitar-se. O criado aproximou-se com uma bandeja cheirosa de ameixas, pêssegos e laranjas descascadas. Ele fechou os olhos e abriu caminho para um sorriso difícil, imposto pelo pensamento: esse corpo lúbrico, essa cintura estreita, essas coxas cheias, também levavam escondido numa célula agora minúscula o câncer do tempo. Maravilha efêmera, em que se distinguiria, com o passar dos anos, desse outro corpo que agora a possuía? Cadáver ao sol, gotejando óleos e suor, suando sua juventude rápida, perdida num abrir e fechar de olhos, capilaridade flácida, coxas que seriam maltratadas pelos partos e pela pura, angustiosa permanência sobre a terra e suas rotinas elementares sempre repetidas, exaustas de originalidade. Abriu os olhos. Olhou-a.

Xavier levantou-se do tombadilho. Viu aparecerem as pernas peludas, depois o nó do sexo escondido, finalmente o peito ardente.

Sim: caminhava como lobo, ao se agachar para entrar na cabina aberta e pegar dois pêssegos na travessa depositada numa bacia de gelo. Dirigiu-lhe um sorriso e saiu com a fruta na mão. Acocorou-se ante Lilia, com as pernas abertas ante o rosto da moça; tocou-lhe o ombro. Lilia sorriu e pegou um dos pêssegos oferecidos com umas palavras que ele não pôde entender, sufocadas pelo motor, pela brisa, pelas ondas velozes. Agora as duas bocas mastigavam ao mesmo tempo e o suco escorria-lhes pelos queixos. Se ao menos... Sim. O jovem fechou as pernas e estirou-se, estendendo-as para bombordo. Levantou os olhos sorridentes, franzindo o cenho, ao céu branco do meio-dia. Lilia olhava-o e movia os lábios. Xavier indicou algo, mexeu o braço e apontou para a costa. Lilia tentava olhar para lá, tapando os seios. Xavier voltou a se aproximar e ambos riram, quando ele lhe amarrou a parte superior do maiô e ela se sentou com o busto úmido e desenhado e colocou a mão na testa para ver o que ele assinalara na linha distante de uma praiazinha caída, como uma concha amarela, entre a espessura da selva. Xavier pôs-se de pé e gritou uma ordem para o timoneiro. O iate deu uma nova guinada e dirigiu-se para a praia. A jovem também se deitou a bombordo e aproximou a bolsa para oferecer um cigarro a Xavier. Falavam.

Ele via os dois corpos, sentados lado a lado, igualmente escuros e igualmente lisos, feitos de uma só linha ininterrupta, da cabeça aos pés esticados. Imóveis mas tensos, com uma espera segura: identificados em sua novidade, em seu afã apenas dissimulado de provar-se, de expor-se. Sorveu mais uns goles e pôs os óculos escuros, que juntamente com o boné de viseira quase disfarçavam o rosto.

Falavam. Terminavam de chupar o caroço do pêssego e diriam:

"Está bom", ou talvez:

"Gosto...", algo que ninguém dissera antes, dito por corpos, por presenças que começavam a vida. Diriam...

— Por que não nos vimos antes? Estou sempre pelo clube...

— Não, eu não...Vamos atirar os caroços. Um ...

Viu-os lançar os caroços ao mesmo tempo, com um riso que não chegou até ele; viu a força dos braços.

— Ganhei! — disse Xavier quando os caroços caíram sem ruído, longe do iate. Ela riu. Voltaram a deitar-se.

— Gostas de esquiar?

— Não sei.

— Vamos, eu te ensino...

Que diriam? Tossiu e aproximou-se do carro para preparar outra bebida. Xavier averiguaria a espécie de casal formada por Lilia e ele. Ela contaria sua pequena e sórdida história. Ele daria de ombros, obrigá-la-ia a preferir o corpo de lobo, ao menos por uma noite, para variar. Mas amar-se... amar-se...

— É questão de manter os braços rígidos, vês? não dobrar os braços...

— Primeiro, vejo como fazes...

— Pois não. Deixa que cheguemos à praia.

Ah, sim! Ser jovem e rico.

O iate parou a uns metros da praia escondida. Moveu-se, cansado, e deixou escapar seu arfar de gasolina, manchando o mar de cristais verdes e fundo branco. Xavier pegou os esquis e lançou-os à água; depois mergulhou, emergiu sorrindo e calçou-os.

— Joga-me a corda!

A moça procurou a "pegadeira" e lançou-a ao jovem. O iate tornou a arrancar e Xavier levantou-se da água, seguindo a esteira do barco com um braço levantado esticado, enquanto Lilia o contemplava e ele bebia o gim tônica: a franja de mar que separava os dois jovens aproximava-os de maneira misteriosa; unia-os mais que uma cópula apertada e fixava-os numa proximidade imóvel,

como se o iate não sulcasse o Pacífico, como se Xavier fosse uma estátua esculpida para sempre, arrastada pelo barco, como se Lilia houvesse parado sobre uma, qualquer, das ondas que aparentemente careciam de substância própria, levantavam-se, quebravam-se, morriam, voltavam a integrar-se — outras, as mesmas —, sempre em movimento e sempre idênticas, fora do tempo, espelho de si mesmas, das ondas da origem, do milênio perdido e do milênio vindouro. Largou o corpo nessa cadeira baixa e cômoda. Que iria escolher agora? Como escaparia desse azar pleno de necessidades que fugiam do domínio de sua vontade?

Xavier soltou a "pegadeira" e caiu ao mar ante a praia.

Lilia mergulhou sem o olhar, sem olhar para ele. Mas a explicação viria. Qual? Lilia lhe explicaria? Xavier pediria uma explicação a Lilia? Lilia daria uma explicação a Xavier? Quando a cabeça de Lilia, iluminada em mil listas estranhas pelo sol e pelo mar, apareceu na água junto à do jovem, soube que ninguém, exceto ele, ousaria pedir uma explicação; que lá embaixo, no mar tranquilo desta enseada transparente, ninguém buscaria as razões ou deteria o encontro fatal, ninguém corromperia o que era, o que devia ser. Que coisa se levantava entre os jovens? Esse corpo afundado na cadeira, vestido com camisa de polo, calça de flanela e boné de viseira? Esse olhar impotente? Lá embaixo, os corpos nadavam em silêncio e a borda impedia-lhe ver o que ocorria. Xavier assobiou. O iate arrancou e Lilia apareceu, por um momento, sobre a superfície do mar. Caiu; o iate se deteve. Os risos redondos, abertos, chegaram até seu ouvido. Nunca a escutara rir assim. Como se acabasse de nascer, como se não houvesse atrás, sempre atrás, lápides de história e histórias, sacos de vergonha, fatos cometidos por ela, por ele.

Por todos. Essa era a palavra intolerável. Cometidos por todos. A careta amarga não pôde conter essa palavra que desbordava. Que rompia todos os limites do poder e da culpa, do



domínio singular dos outros, de alguém, de uma garota em seu poder, comprada por ele, para fazê-los ingressar num mundo cheio de atos comuns, destinos similares, experiências sem etiquetas de posse. Então essa mulher não havia sido marcada para sempre? Não seria, para sempre, uma mulher possuída ocasionalmente por ele? Não seria essa sua definição e sua fatalidade: ser o que foi porque num dado momento fora sua?

Poderia Lilia amar como se ele nunca houvesse existido?

Levantou-se, caminhou até a popa e gritou:

— É tarde. Temos que voltar ao clube a tempo de comer.

Sentiu o seu próprio rosto, toda a sua figura, rígidos e cobertos por uma goma pálida, quando percebeu que seu grito não era escutado por ninguém, pois mal podiam ouvir dois corpos ágeis que nadavam sob a água opalina, paralelos, sem se tocar, como se flutuassem numa segunda capa de ar.

Xavier Adame deixou-os no cais e voltou ao iate: queria continuar esquiando. Despediu-se da proa. Agitou a blusa e em seus olhos não havia nada do que gostaria de ver. Como durante o almoço à beira da enseada, sob o teto de palmeira, quis ver o que não encontrou nos olhos castanhos de Lilia. Xavier não havia perguntado. Lilia não havia contado a triste história melodramática que ele saboreava interiormente enquanto distinguia os sabores mesclados do Vichyssoise. Esse casal de classe média, com o miserável de sempre, o machão, o castigador, o pobre-diabo; o divórcio e a putaria. Gostaria de contá-lo — ah, talvez devesse contá-lo — a Xavier. Custava-lhe recordar a história, contudo, porque fugira dos olhos de Lilia, à tarde, como se durante a manhã o passado houvesse fugido da vida da mulher.

Mas o presente não podia fugir porque o estavam vivendo, sentados nas cadeiras de palha e comendo mecanicamente o almoço especialmente encomendado: Vichyssoise, lagosta. Cotes du Rhône, Baked Alaska. Estava sentada ali, paga por ele. Parou o

pequeno garfo de mariscos antes de chegar à boca: paga por ele, mas escapava. Não podia tê-la mais. Naquela tarde, naquela mesma noite, procuraria Xavier, encontrar-se-iam em segredo, já haviam marcado o encontro. E os olhos de Lilia, perdidos na paisagem de veleiros e água parada, não diziam nada. Mas ele poderia falar, fazer uma cena... Sentiu-se falso, incômodo, e continuou comendo a lagosta... Agora, qual caminho?... um encontro fatal que se sobrepõe à sua vontade... Ah, na segunda-feira tudo acabaria, não tornaria a vê-la, não voltaria a buscá-la no escuro, certo de encontrar esse calor reclinado entre os lençóis, não voltaria...

— Não tens sono? — murmurou Lilia quando lhes serviram a sobremesa. — O vinho não te amolece?

— Sim. Um pouco. Serve-te.

— Não; não quero sorvete... Gostaria de dormir a sesta.

Ao chegar ao hotel, Lilia despediu-se com um aceno dos dedos e ele atravessou a avenida e pediu a um criado que lhe colocasse uma cadeira sob a sombra das palmeiras. Custou a acender o cigarro: um vento invisível, sem localização na tarde quente, empenhava-se em apagar-lhe os fósforos. Agora, alguns casais jovens sesteavam perto dele, abraçados, alguns entrelaçando as pernas, outros com as cabeças escondidas sob as toalhas. Começou a desejar que Lilia descesse e deitasse a sua cabeça sobre os joelhos macios, finos, duros. Sofria ou se sentia ferido, aborrecido, inseguro. Sofria com o mistério desse amor que não podia tocar. Sofria com a lembrança dessa cumplicidade imediata, sem palavras, estabelecida ante seu olhar com atitudes que em si nada diziam, mas que em presença desse homem, desse homem afundado numa cadeira de lona, afundado atrás da viseira, dos óculos escuros... Uma das jovens deitadas espreguiçou-se com um ritmo lânguido de braços e começou a despejar, com a mão, uma chuva de areia fina sobre o pescoço de seu companheiro. Gritou quando o jovem saltou, fingindo cólera, e pegou-a pela cintura. Os

dois rodaram pela areia; ela se levantou e correu; ele atrás, até voltar a pegá-la, arquejante, nervosa, e levá-la para o mar. Ele tirou os sapatos italianos e sentiu a areia quente sob as plantas dos pés. Percorrer a praia, até o fim, só. Caminhar com o olhar fixo em suas próprias pegadas, sem perceber que a maré as borrava e que cada nova pisada era a única, efêmera testemunha de si mesma.

O sol estava na altura dos olhos.

Os amantes saíram do mar — ele, confuso, não pôde medir o tempo desse coito prolongado, quase à vista da praia, mas envolto nos lençóis do mar prateado do poente — e aquele alarde brincalhão com que entraram na água só era, desta vez, duas cabeças unidas em silêncio e o olhar baixo dessa garota esplêndida, morena, jovem... Jovem. Os jovens tornaram a se deitar, tão perto dele, e tapando as cabeças com a mesma toalha. Também se cobriam com a noite, a lenta noite do trópico. O negro que alugava as cadeiras começou a recolhê-las. Ele se levantou e caminhou para o hotel.

Decidiu dar um mergulho na piscina antes de subir. Entrou no vestiário situado junto à lavanderia e voltou a tirar, sentado num banco, os sapatos. Os armários de ferro onde se guardavam as roupas dos hóspedes escondiam-no. Escutou uns passos úmidos sobre o tapete de borracha, às suas costas: riram umas vozes sem respiração; secaram os corpos com as toalhas. Tirou a camisa. Do outro lado, levantou-se um cheiro penetrante de suor, fumo negro e água de colônia. Uma baforada voou até o teto.

Hoje não apareceram a bela e a fera.

— Não, hoje não.

— Ela está ótima...

— É uma pena. O sujeito não deve aguentar.

— De repente morre de apoplexia.

— É. Prepara-te.

Voltaram a sair. Ele calçou os sapatos e saiu, pondo a camisa.

Subiu pela escada para o quarto. Abriu a porta. Não tinha com que se surpreender. Ali estava a cama desarrumada da sesta, mas Lilia não. Parou no meio do quarto. O ventilador girava como um abutre preso. Fora, no terraço, outra noite de grilos e vagalumes. Outra noite. Fechou a janela para impedir que escapasse o cheiro. Seus sentidos apossaram-se desse aroma de perfume recém-derramado, suor, toalhas molhadas, cosméticos. Não eram esses os seus nomes. O travesseiro, ainda afundado, era jardim, fruta, terra molhada, mar. Moveu-se lentamente até a gaveta onde ela ... Pegou o sutiã de seda, aproximou-o da face. A barba nascente raspou-o. Devia estar arrumado. Devia banhar-se, barbear-se novamente para esta noite. Soltou a prenda e caminhou com novo passo, outra vez contente, para o banheiro.

Acendeu a luz. Abriu a torneira de água quente. Lançou a camisa sobre a tampa da privada. Abriu o armário. Viu as coisas, as coisas dos dois. Tubos de pasta dental, creme de barba mentolado, pentes de tartaruga, cold cream, tubo de aspirina, pastilhas contra acidez, algodão, lavanda, lâminas azuis de barba, brilhantina, ruge, pílulas contra espasmos, gargarejante amarelo, preservativos, leite de magnésia, fitas adesivas, vidro de iodo, frasco de xampu, pinças, tesouras de unhas, lápis, colírio, inalador de eucalipto, xarope para a tosse, desodorante. Pegou o aparelho. Estava cheio de pelos castanhos, grossos, presos entre a lâmina e o metal. Parou com o barbeador na mão. Aproximou-o dos lábios e fechou involuntariamente os olhos. Ao abri-los, esse velho de olhos injetados, de pômulos cinzentos, de lábios murchos, que já não era o outro, o reflexo apreendido, devolveu-lhe uma careta, do espelho.

Vejo-os. Entraram. Abre-se, fecha-se a porta de acaju e os passos não são ouvidos por causa do tapete alto. Fecharam as janelas. Correram, com um cicio, as cortinas cinzentas. Gostaria de

pedir-lhes que as abrissem, que abrissem as janelas. Há um mundo lá fora. Há esse vento forte, de meseta, que agita umas árvores negras e finas. Deve-se respirar... Entraram. — Aproxima-te, filhinha, para que te reconheça. Diz teu nome.

Cheira bem. Ela cheira gostoso. Ah, sim, ainda posso distinguir as faces afogueadas, os olhos brilhantes, toda a figura jovem, graciosa, que a passos hesitantes se aproxima de meu leito.

— Sou... sou Gloria...

Naquela manhã esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

— Vês em que acabou? Vês, vês? Como meu irmão. Assim acabou.

— Estás aliviada? Podes ficar.

— Ego te absolvo...

O ruído fresco e doce de notas novas quando pegadas pela mão de um homem como eu. O arranque suave de um automóvel de luxo, construído especialmente, com clima artificial, bar, telefone, almofadas para a cintura e tamboretas para os pés, eh! padre, eh, eh? lá em cima também, eh? E esse céu que é o poder sobre os homens, incontáveis, de rostos escondidos, de nomes olvidados; sobrenomes das mil relações da mina, da fábrica, do jornal; esse rosto anônimo que me leva mananitas no dia de meu santo, que me esconde os olhos sob o capacete quando visito as escavações, que me dobra a nuca em sinal de cortesia quando percorro os campos, que me caricatura nas revistas de oposição; eh, eh? Isso sim, existe, isso sim é meu. Isso sim é ser Deus, eh? ser temido e odiado e mais ainda, isso sim é ser Deus, de verdade, eh? Diga-me como salvo tudo isso e deixo-o cumprir todas as suas cerimônias, bato no peito, caminho de joelhos até um santuário, bebo vinagre e me coroo de espinhos. Diga-me como salvar tudo isso, porque o espírito...

— ...do filho e do espírito santo, amém... Continua lá, de joelhos, com a cara lavada. Trato de ficar de costas para ele. A dor das costas me impede. Aaaai.

Logo acabará. Estarei absolvido. Quero dormir. Lá vem a pontada. Lá vem. Aaaah-ai. E as mulheres. Não, não estas. As mulheres. As que amam. Como? Sim. Não. Não sei. Esqueci esse rosto. Por Deus, esqueci o rosto. Era meu, como posso esquecer?

"— Padilla... Padilla... Chame o chefe de reportagem e a cronista social." Tua voz, Padilla, a recepção oca de tua voz através do interfone...

"— Sim, Dom Artemio. Dom Artemio, há um problema urgente. Os índios estão agitados. Querem que lhes pague a dívida por cortar seus bosques.

"— O quê? Quanto é?

"— Meio milhão.

"— Só isso? Diga ao comissário distrital que os ponha na linha, pois para isso lhe pago. Só faltava...

"— Mena está aqui na antessala. Que lhe digo?

"— Mande-o entrar."

Ah, Padilla, não posso abrir os olhos e ver-te, mas posso ver teu pensamento, Padilla, por trás da máscara de dor: o homem que agoniza é Artemio Cruz, apenas Artemio Cruz; só morre este homem, eh? Ninguém mais. É como um golpe de sorte que adia as outras mortes. Desta vez, só morre

Artemio Cruz. E essa morte pode ser no lugar de outra, talvez da tua, Padilla...

Ah. Não. Ainda tenho coisas para fazer. Não estejam tão certos, não...

— Disse-te que estava fingindo.

— Deixa-o descansar.

— Digo que está fingindo'

Eu as vejo de longe. Seus dedos abrem apressadamente o fundo falso, deslizando-o da base com cuidado. Não há nada. Mas eu já agito o braço, assinalando a parede de carvalho, o grande armário que toma todo um lado do quarto. Elas correm para ele, abrem todas as portas, correm todos os cabides carregados com ternos azuis, de riscas, de dois botões, de lã irlandesa, sem recordar que não são meus ternos, que minha roupa está em minha casa, correm todos os cabides, enquanto indico, com mãos que apenas posso mover, que talvez o documento esteja guardado num dos bolsos interiores direitos de algum dos ternos. Cresce a urgência de Teresa e Catalina, remexem já sem recato, lançam ao tapete os paletós vazios, até que revistam todos e viram-se para mim. Não posso ficar mais sério. Estou defendido pelos travesseiros e respiro com dificuldade, mas meu olhar não perde um só detalhe. Sinto-o veloz e ávido. Peço com a mão que se aproximem:

— Já me lembro... num sapato... lembro-me bem... Vejo as duas de quatro patas, sobre a desordem de paletós e calças, oferecendo-me suas cadeiras largas, movendo as nádegas com um balançar obsceno, entre meus sapatos, e só então a amarga doçura nubla meus olhos, levo a mão ao coração e fecho as pálpebras.

— Regina...

O murmúrio de indignação e de esforço das duas mulheres vai perdendo-se na escuridão. Mexo os lábios para murmurar aquele nome. Não há muito tempo para recordar, para recordar, para recordar o outro, o que amou... Regina ...

"— Padilla... Padilla... Quero comer algo leve ... Não estou muito bem do estômago. Venha acompanhar-me quando isto estiver pronto..."

Como? Seleccionas, constróis, fazes, preservas, continuas: nada mais... Eu...

"— Sim, até logo. Meus cumprimentos.

"— Bem falado, senhor. É fácil dominá-los.

"— Não, Padilla, não é fácil. Dá-me essa travessa ... essa, a dos canapés...

Vi essa gente em marcha. Quando se decidem, é difícil contê-los..."

Como era a canção? Desterrado fui para o sul, desterrado pelo governo, e após um ano voltei; ai, que noites tão intranquilas passo sem ti, sem ti; nem um amigo, nem um parente que se preocupe; só o amor, só o amor por essa mulher me fez voltar...

"— Por isso é que preciso agir agora, quando está nascendo o descontentamento contra nós e pode-se cortá-lo pela raiz. Carecem de organização e estão jogando no escuro. Coma, coma os canapés, que dão para nós dois..."

"— Agitação estéril..."

Tenho meu par de pistolas com coronha de marfim para sair em tiroteios com os da estrada de ferro eu sou fundidora de trilhos tenho meu Juan ele é meu encanto eu sou seu querer: se porque me vêes com botas pensas que sou militar sou um pobre fundidor de trilhos da estrada de ferro central.

"— Não, se têm razão. E não a têm. Mas o senhor que foi marxista na mocidade, há de entender melhor. Tem medo do que está acontecendo. Eu já não..."

"— Lá fora está Campanela."

Que disseram? quiseste? hemorragia? hérnia? oclusão? perfuração? vólculos? eólicas?

Ah, Padilla, devo apertar um botão para que entres, Padilla, não te vejo porque tenho os olhos fechados, tenho os olhos fechados porque já não confio nessa pele minúscula, imperfeita, da minha retina: que tal se abrir os olhos e a retina não receber nada, não transmitir nada ao cérebro? que tal?

— Abram a janela.

— Lanço-te a culpa. Como a meu irmão. Sim.



Tu não saberás, não entenderás por que Catalina, sentada a teu lado, quer compartilhar contigo essa lembrança, essa lembrança que se quer impor a todas as outras; tu nesta terra, Lorenzo naquela? o que queres lembrar? tu com Gonzalo na prisão? Gonzalo sem ti naquela montanha?: não saberás, não entenderás se és ele, se ele será tu, se aquele dia viveste sem ele, com ele, ele por ti, tu por ele. Lembrarás. Sim, naquele último dia, tu e ele estivestes juntos — então ele não viveu aquilo por ti, ou tu por ele, estivestes juntos —, naquele lugar. Ele te perguntou se iríeis juntos até o mar; iríeis a cavalo; perguntou-te se iríeis juntos, a cavalo, até o mar: perguntar-te-á onde iríeis comer e disse-te — dir-te-á — papai, sorrirá, levantará o braço com a espingarda e sairá do vau com o peito nu, segurando bem alto a espingarda e as mochilas de lona. Ela não estará lá. Catalina não se lembrará disso. Por isso, tratarás de concordar, para esquecer o que ela quer que recordes. Viverá fechada e tremerá quando ele regressar, por uns dias, à Cidade do México, para se despedir. Se só voltasse para se despedir. Ela acha que sim. Ele não o fará. Pegará o vapor em Veracruz, irá. Iria. Ela deverá recordar o quarto onde os humores do sono lutam por permanecer, embora o ar primaveril entre pela sacada aberta.

Ela deverá lembrar as camas separadas, os quartos separados, as cabeceiras de seda, os lençóis revoltos dos dois quartos separados, a depressão dos colchões, a silhueta persistente dos que dormiram nessas camas. Não poderá recordar as ancas da égua, semelhantes a joias negras, lavadas pelo rio lamacento. Tu, sim. Ao cruzar o rio, tu e ele distinguireis na outra margem um espectro de terra levantado sobre a fermentação brumosa da manhã. Essa luta do matagal escuro com o sol ardente tomará corpo num reflexo duplo de todas as coisas, num fantasma da umidade abraçada com a reverberação. Haverá cheiro de bananeira. Deverá ser Cocuya. Catalina nunca saberá o que foi, o que é, o que será Cocuya. Sentar-se-á esperando na beira da cama, com o espelho

numa das mãos e a escova na outra, entediada, com gosto de bÍlis na boca, decidindo que ficará assim, sentada, com o olhar perdido, sem vontade de fazer nada, dizendo que as cenas sempre a deixam assim: vazia. Não: só tu e ele sentireis os cascos do cavalo sobre a terra porosa da margem. Também, ao sair da água, sentireis a frescura mesclada com o fervilhar da selva e olhareis para trás: o rio lento que remove com suavidade os líquens da outra margem. E mais ao longe, no fundo do caminho de tabachines' em flor, pintada de novo, a sede da fazenda de Cocuya assentada sobre uma esplanada sombreada. Catalina repetirá: "Deus meu, não mereço isto"; levantará o espelho e perguntará se isso é o que Lorenzo verá quando regressar, se regressar: essa deformidade crescente do queixo e do pescoço. Perceberá as rugas disfarçadas que começarão a aparecer nas pálpebras e nas faces? Verá no espelho outro cabelo branco e o arrancará. E tu, com Lorenzo a teu lado, internar-te-ás na selva. Verás à tua frente o ombro nu de teu filho, que também alternará as sombras do mangue com os raios granulados do sol que atravessará o denso teto de ramos. As raÍzes nodosas das árvores romperão a crosta da terra, aparecerão pujantes e torcidas, pelo caminho aberto a facão. Um caminho que dentro em pouco voltará a emaranhar-se de lianas. Lorenzo trotará direito, sem mover a cabeça, chicoteando os flancos da égua para espantar as moscas zumbidoras. Catalina repetir-se-á que não terá confiança nele, não terá confiança nele, se não a olhar como antes, como quando era menino, e deitar-se-á com um gemido, com os braços abertos, com o olhar nublado, e deixará que os chinelos de seda lhe caiam dos pés e pensará em seu filho, tão parecido com o pai, tão magro, tão escuro. Os galhos secos estalarão sob os cascos e abrir-se-á a planície branca com seus corpetes de cama ondulante. Lorenzo apertará as esporas. Virará o rosto e seus lábios separar-se-ão num sorriso que chegará a teus olhos acompanhado por um grito de alegria e o braço levantado; braço forte, pele azeitonada,

sorriso branco como os de tua juventude; recordarás tua juventude por ele e por estes lugares e não queres dizer a Lorenzo o quanto significa para ti esta terra, porque, ao fazê-lo, talvez forçasse o seu afeto; lembrarás para lembrar dentro da lembrança. Catalina, na cama, recordará as carícias infantis de Lorenzo, desde os dias duros da morte do velho Gamaliel, recordará o menino ajoelhado junto dela, com a cabeça apoiada no regaço da mãe, enquanto ela o chamava de alegria de sua vida, porque antes que ele nascesse, não, havia sofrido muito, e sem poder dizê-lo, porque ela tinha deveres sagrados e o menino olhava-a sem compreender: porquê, porquê, porquê. Trarás Lorenzo para viver aqui a fim de aprender a gostar desta terra por si mesmo, sem necessidade de que expliques os motivos do carinhoso empenho com que terás reconstruído as paredes incendiadas da casa e aberto ao cultivo as terras da planície. Não por que, sem por que, por quê. Sairão ao sol. Pegarás o chapéu de abas largas, colocarás na cabeça. O vento arrancado pelo galope à atmosfera parada e reverberante encherá boca, olhos, cabeça: Lorenzo irá na frente, levantando um pó branco, pelo caminho aberto entre as plantações e atrás dele, a galope, terás a certeza de que ambos sentem o mesmo: a corrida dilata as veias, faz com que o sangue circule, alimenta o poder da vista, abre-a sobre essa terra ampla e fértil, tão diferente das mesetas, dos desertos que conhecerás, dividida em grandes quadrados, vermelhos, verdes, negros, pontilhada de altas palmeiras, turva e funda, cheirando a excrementos e cascas de fruta, que devolve seus sentidos lavrados aos sentidos despertos, excitados de teu filho e de ti mesmo, tu e teu filho que correis velozmente e livrais do torpor todos os nervos, todos os músculos esquecidos do corpo. Tuas esporas riscarão o ventre do animal, até sangrá-lo: saberás que Lorenzo quer corrida. Seu olhar interrogativo cortará as frases de Catalina. Ela parará, perguntar-se-á até onde pode chegar, dir-se-á que é questão de tempo, ir revelando as razões pouco a pouco, sim, até que ele as

entenda bem. Ela, sentada numa poltrona, e ele, a seus pés, com os braços cruzados sobre os joelhos. A terra trovejará sob os cascos; abaixarás a cabeça, como se quisesses aproximá-la da orelha do cavalo e instigá-lo com palavras, mas há esse peso, esse peso do yaqui que será colocado, de boca para baixo, sobre as ancas do mesmo cavalo, o yaqui que estenderá um braço para agarrar o teu cinturão: a dor te adormecerá: o braço e a perna penderão inertes e o yaqui continuará abraçando-te pela cintura e gemendo com o rosto congestionado: suceder-se-ão os túmulos de pedra e seguirão, cobertos pelas sombras, pelo desfiladeiro da montanha, descobrindo vales interiores de pedra, fundos barrancos repousando sobre leitos abandonados, caminhos de abrolhos e matagais: quem lembrará contigo? Lorenzo sem ti naquela montanha? Gonzalo contigo neste calabouço?

## 1915: 22 de outubro

Ele se envolveu na manta azul, porque o vento gelado dessas horas desmentia, com um barulho de restolho agitado, o calor vertical do dia. Haviam passado toda a noite em campo aberto, sem comer. A menos de dois quilômetros levantavam-se as coroas de basalto da serra, com a raiz plantada no deserto duro. Desde três dias antes, o destacamento de exploração caminhava às cegas, guiado apenas pelo faro do capitão, que acreditava conhecer as manhas e os caminhos das colunas, agora desfeitas e em fuga, de Francisco Villa. Atrás, a sessenta quilômetros de distância, ficaram as forças que só esperavam a chegada, imediata, de um emissário do destacamento para lançar-se sobre os restos de Villa e impedir-lhes que se unissem a tropas frescas em Chihuahua. Mas onde estariam esses farrapos do líder? Ele pensava sabê-lo: em algum despenhadeiro da montanha, seguindo o caminho mais difícil. No quarto dia — este — o destacamento deveria internar-se na serra, enquanto as forças leais a Carranza avançavam para o lugar que, de madrugada, ele e seus homens deveriam deixar. Desde o dia anterior haviam-se esgotado as bolsas de aguardente. E o sargento que, ao anoitecer, saiu a cavalo, carregando os cantis de todo o destacamento até o riacho que se despejava pelas rochas e se secava ao primeiro contato com o deserto, não o encontrou. Sim, pôde ver o leito de veios avermelhados, limpo e enrugado, vazio. Haviam passado por esse mesmo lugar dois anos antes, na época das chuvas, e agora só um astro redondo se movia, da aurora ao crepúsculo, sobre as cabeças ardentes dos soldados. Haviam acampado sem acender luzes; alguma sentinela poderia distingui-

las na montanha. Além disso, não era necessário. Não se cozinaria nenhum alimento e, na imensidade da planura desértica, uma fogueira isolada mal poderia aquecer alguém. Envolto no sarape, ele acariciou o rosto magro; o prolongamento do bigode crespo na barba dos últimos dias; as incrustações de pó nas comissuras dos lábios, nas sobrancelhas, no arco do nariz. Dezoito homens formavam o acampamento, perto do chefe: ele dorme ou vigia só, sempre, com um trecho de terra que o separa de seus homens. Perto, as crinas dos cavalos agitavam-se ao vento e suas silhuetas negras recortavam-se sobre a pele amarela da terra. Queria subir: a nascente do arroio estava na montanha e entre suas rochas formava-se esse jorro de frescura, breve e solitário. Queria subir: o inimigo não deveria estar longe. Seu corpo sentiu-se tenso essa noite. O jejum e a sede afundaram-lhe e abriram-lhe mais os olhos, os olhos verdes de olhar imutável e frio.

A máscara tingida de pó permaneceu fixa e desperta. Esperava a primeira linha da aurora para se pôr em marcha: no quarto dia, de acordo com o combinado. Quase ninguém dormia, porque o olhavam de longe, sentado com os joelhos dobrados, envolto na manta, imóvel. Os que tentavam fechar os olhos lutavam contra a sede, a fome e o cansaço. Os que não olhavam o capitão olhavam a fila de cavalos com as crinas dobradas. As rédeas foram amarradas a um tronco grosso que emergia, como um dedo perdido da terra. Os cavalos cansados olhavam para a terra. O sol deveria aparecer por trás da montanha. Já era tempo.

Todos esperavam por esse momento em que o chefe se levantou, tirou o sarape azul e descobriu o peito carregado de cartucheiras, a fivela brilhante da farda de oficial, as polainas de couro de porco. Sem dizer palavra, o destacamento pôs-se de pé e aproximou-se das montarias. O capitão tinha razão: o brilho progressivo apareceu por trás dos cimos mais baixos e lançou um arco de luz que foi saudado pelos pássaros invisíveis, distantes, mas

senhores do vasto silêncio da terra abandonada. Ele fez um sinal ao yaqui Tobías e disse-lhe em seu idioma: — Ficas atrás, para que, ao vermos o inimigo, dispares para avisar.

O yaqui concordou, colocando o chapéu novo, de copa redonda, enfeitado com uma pena vermelha cravada na banda. O capitão montou e a fila de homens começou o trote ligeiro até o pé da serra: o desfiladeiro de abismos ocres.

Três veredas se abriam no corte do desfiladeiro. A tropa tomou a segunda: a menos larga, mas capaz de admitir a passagem das montarias em fila indiana; a que conduzia à nascente. Os cantis vazios batiam ocamente nas coxas dos homens; a queda dos pedregulhos sob as ferraduras repetia esse som vazio e profundo, que se perdia, em ecos, com o golpe único de um tambor estirado, ao longo do desfiladeiro. Do alto via-se a pequena coluna cabisbaixa, avançando às apalpadelas. Só ele mantinha a vista firme, piscando os olhos contra o sol, deixando que o cavalo cuidasse dos acidentes do solo. Na frente do destacamento, não sentia medo nem orgulho. O medo ficara atrás, não nos primeiros, mas nos repetidos encontros que haviam feito do perigo a vida habitual e da tranquilidade o elemento surpreendente. Por isso, o silêncio total do desfiladeiro alarmava-o secretamente e por isso apertava as rédeas e, sem perceber, preparava os músculos dos braços e da mão para pegar velozmente a pistola. Pensava não conhecer a soberba. O temor antes, o costume depois, haviam-no impedido. Não podia sentir orgulho quando as primeiras balas assobiavam perto do seu ouvido e essa vida milagrosa impunha-se cada vez que o projétil errava o alvo: então, só podia sentir assombro ante a sabedoria cega de seu corpo para esquivar, para levantar-se ou agachar-se, para esconder o rosto atrás de um tronco de árvore; assombro e desprezo, quando pensava na tenacidade com que o corpo, mais ágil que a vontade, se defendia. Não podia sentir orgulho quando, mais tarde, nem sequer ouvia esse assobio pertinaz, habitual. Só

vivia uma aflição, dominada e seca, nesses momentos em que a tranquilidade imprevista o rodeava. Adiantou o queixo, num gesto de dúvida. O assobio insistente de um soldado, às suas costas, confirmou-lhe o perigo dessa passagem pelo desfiladeiro. E o assobio foi cortado por uma descarga repentina e um uivo bem conhecido: os cavalos villistas eram lançados verticalmente por seus cavaleiros, desde o cimo do desfiladeiro numa descida suicida, enquanto os fuzis apoiados no terceiro patamar feriam os homens do destacamento e os cavalos sangrentos empinavam-se e rodavam, envoltos num estrondar de pólvora, até o fundo das rochas pontudas: ele só pôde virar o rosto e ver Tobías descer, imitando os villistas, pelas ladeiras cortadas a pique, numa tentativa inútil de cumprir as ordens; o cavalo do yaqui perdeu pé e voou durante um segundo, antes de estatelar-se no fundo do desfiladeiro e esmagar com seu peso o cavaleiro. O uivo aumentou, acompanhado por um fogo cerrado; soltou-se do lombo esquerdo do cavalo e rodou, dominando sua queda com giradas e apoios, até o fundo; em sua visão cortada, as barrigas dos cavalos mexiam-se no alto, juntamente com os disparos, inúteis também, dos homens surpreendidos naquele caminho estreito, sem possibilidade de abrigo ou de manobra para as montarias. Caiu, arrastando-se pela ladeira, e os cavaleiros de Villa caíram no caminho, travando combate de corpo a corpo. Agora continuava o girar selvagem de corpos entrelaçados e cavalos loucos, enquanto ele tocava com as mãos ensanguentadas o fundo escuro do desfiladeiro e tirava a pistola. Só o aguardava um novo silêncio. As forças haviam sido aniquiladas. Arrastou-se, com o braço e a perna adormecidos, até uma rocha gigantesca.

— Saia, Capitão Cruz, renda-se...

E respondeu com a garganta seca: — Para que me fuzilem? Resistirei aqui...



Mas a mão direita, tolhida pela dor, apenas podia segurar o revólver. Ao levantar o braço, sentiu uma pontada profunda no ventre: atirou, com a cabeça baixa, porque a dor o impedia de levantar o olhar: disparou até que o gatilho só repetiu uma entonação metálica. Lançou a pistola para o outro lado do penhasco e a voz de cima voltou a gritar:

— Saia com as mãos sobre a nuca.

Do outro lado da rocha, jaziam mais de trinta cavalos mortos ou agonizantes. Alguns tentavam levantar a cabeça; outros se apoiavam numa pata dobrada; os outros mostravam florões vermelhos na cabeça, no pescoço, no ventre. E, às vezes em cima, às vezes debaixo dos animais, os homens dos dois lados estavam em posições distraídas: boca para cima, como se buscassem o jorro do arroio seco; boca para baixo, abraçados às pedras. Todos mortos, com exceção desse homem que gemia, esmagado pelo peso de uma égua marrom.

— Deixem-me tirar este — gritou para o grupo do cimo. — Pode ser um de vocês.

Como? Com que braços? Com que força? Mal se dobrou para pegar pelas axilas o corpo esmagado de Tobías, uma bala de aço assobiou e ricocheteou na pedra. Levantou o olhar. O chefe do grupo vencedor — um chapéu branco, visível na sombra do cimo — acalmou o atirador com um movimento dos braços. O suor emplastrado, poeirento, escorreu-lhe pelos pulsos, e, se um deles quase não se podia mexer, o outro conseguiu arrastar o tórax de Tobías com uma vontade concentrada.

Escutou, às suas costas, os cascos velozes dos villistas que se separaram da coluna para capturá-lo. Estavam junto a ele, quando as pernas quebradas do yaqui saíram de baixo do corpo do animal. As mãos dos villistas arrancaram-lhe as cartucheiras do peito.

Eram sete da manhã.

Quase não podia lembrar, ao entrar às quatro da tarde na prisão de Perales, a marcha forçada que o coronel villista Zagal impôs a seus homens e aos dois prisioneiros para atravessar, em nove horas, os abismos da serra e descer para o povoado chihuahuense. Na cabeça atravessada por dores fortes, ele só soube distinguir o caminho que tomava. O mais difícil, aparentemente. O mais fácil para quem, como Zagal, havia acompanhado Pancho Villa desde as primeiras perseguições e havia vinte anos percorria essas serras e conhecia seus esconderijos, passagens, desfiladeiros, atalhos. A forma de cogumelo do chapéu escondia metade do rosto de Zagal, mas seus dentes grandes e unidos sorriam sempre, salientados pelo bigode e pela barba negros. Sorriram quando ele foi montado com dificuldade sobre o cavalo e o corpo quebrado do yaqui colocado de boca para baixo, sobre as ancas do mesmo animal. Sorriram quando Tobías estendeu o braço e segurou o cinturão do capitão. Sorriram quando a coluna partiu, entrando por uma boca escura, uma verdadeira cova de duas aberturas, desconhecida por ele e pelos demais carrancistas, que permitia realizar numa hora o trajeto de quatro, nos caminhos abertos. Mas percebeu tudo isso pela metade. Sabia que ambos os lados da guerra civil fuzilavam imediatamente os oficiais do grupo contrário e perguntou-se qual seria o motivo de, agora, o Coronel Zagal conduzi-lo para um destino desconhecido.

O calor adormeceu-o. O braço e a perna, magoados na queda, pendiam inertes e o yaqui continuava a abraçá-lo e a gemer, com o rosto congestionado. Os túmulos de rocha escarpada sucederam-se e eles seguiram, cobertos pelas sombras, na base da montanha, descobrindo vales interiores de pedra, fundos barrancos repousando sobre leitos abandonados, caminhos em que os abrolhos e os matagais ofereciam um teto ilusório para a passagem da coluna. Talvez só os homens de Pancho Villa tenham passado por estas terras, pensou, e por isso puderam ganhar, antes, o

rosário de vitórias guerrilheiras que quebraram o cerne da ditadura. Mestres da surpresa, do cerco, da fuga veloz depois do golpe. O contrário de sua escola de armas, a do General Álvaro Obregón, que era da batalha formal, em campo aberto, com disposições exatas e manobras sobre terreno explorado.

— Juntos, em ordem. Não se desgarrarem — gritava o Coronel Zagal, cada vez que se separava da cabeça da coluna e cavalgava para trás, tragando pó e mostrando os dentes.

— Agora saímos da montanha e não se sabe o que nos espera. Todos prontos; agachados; olhos vivos para distinguir as poeiras; juntos vemos melhor que um só...

As massas de rocha iam-se abrindo. A coluna estava sobre um platô e o deserto de Chihuahua, ondulante, mosqueado de mezquites, abria-se a seus pés. O sol era cortado por rajadas fortes de ar: capa fresca que nunca tocava as bordas ardentes da terra.

— Vamos pela mina, para descer mais depressa — gritou Zagal. — Que seu companheiro se agarre bem, Cruz; a descida é a pique. A mão do yaqui apertou o cinturão de Artemio; mas havia em sua pressão algo mais que o desejo de não cair: uma insistência comunicativa. Artemio baixou a cabeça, acariciou o pescoço do cavalo e depois voltou o rosto para a cara congestionada de Tobías.

O índio murmurou na sua língua: — Vamos passar junto a uma mina abandonada há muito. Quando passarmos junto a uma das bocas de entrada, pule do cavalo e corra para dentro; está cheia de pedras desmoronadas e não o encontrarão, . .

Ele não deixou de acariciar a crina. Voltou a levantar a cabeça e tentou distinguir, na descida para o deserto, a entrada de que falara Tobías.

O yaqui murmurou: — Esqueça-se de mim. Estou com as pernas quebradas.

Doze horas? Uma? O sol era cada vez mais intenso.

Apareceram umas cabras sobre um penhasco e alguns dos soldados atiraram com os fuzis. Uma fugiu, outra caiu do seu pedestal e um soldado villista desmontou e colocou-a nos ombros.

— Que seja a última vez que alguém caça! — disse Zagal com sua voz rouca e sorridente. — Esses balaços vão faltar-te algum dia. Cabo Payán.

Depois, alçando-se nos estribos, disse a toda a coluna: — Entendam uma coisa, cornudos: vamos com os carrancistas pisando-nos os calcanhares. Não me voltem a desperdiçar munição. Que acham? Que vamos vitoriosos para o sul, como antes? Pois não. Vamos derrotados, para o norte, de onde saímos.

— Mas, coronel — gemeu com sua voz grave o cabo —, temos pouca comida.

— O que temos é muito pouco saco — gritou Zagal.

A coluna riu e o Cabo Payán amarrou a cabra morta sobre as ancas de seu cavalo.

— Que ninguém mexa na água ou na aguardente até chegarmos lá embaixo — ordenou Zagal.

Mas ele tinha o pensamento fixo nas passagens da descida. Lá estava, ao dobrar essa curva, a boca aberta da mina.

As ferraduras de Zagal chocaram contra os trilhos estreitos que avançavam meio metro para fora da entrada. Então Cruz pulou do cavalo e rolou pela leve encosta quando os fuzis surpreendidos ainda estavam sendo preparados e caiu de joelhos na escuridão: soaram os primeiros tiros e as vozes dos villistas gritavam. O frio repentino desanuviou a cabeça do homem; a escuridão a desorientou. Para a frente: as pernas correram esquecendo a dor, até que o corpo se estatelou contra a pedra; ao abrir os braços, estendeu-os para duas direções divergentes. Numa, soprava um vento forte; noutra, um calor enclaustrado. As mãos estendidas sentiram, nas pontas dos dedos, estas temperaturas opostas. Voltou a correr, pelo lado quente, que devia ser o mais profundo. Atrás,

corriam também, com sua música de esporas, os pés dos villistas. Um fósforo lançou seu brilho alaranjado e ele perdeu o pé e caiu por um buraco vertical e sentiu a batida seca de seu corpo contra umas vigas carcomidas. Lá em cima, o ruído das esporas não parava e um murmúrio de vozes reboava nas paredes da mina. O perseguido levantou-se penosamente; tentou distinguir as dimensões do lugar em que caíra, a saída por onde deveria continuar a fuga.

"É melhor esperar aqui..."

As vozes de cima cresceram, como se discutissem. Depois escutou, claramente, a gargalhada do Coronel Zagal. As vozes se retiraram. Alguém assobiou ao longe: um único assobio de atenção, ríspido. Ao esconderijo chegaram outros rumores indefiníveis, pesados, que se prolongaram durante vários minutos. Depois, nada. Os olhos começaram a acostumar-se; a escuridão.

"Parece que foram embora. Talvez seja uma cilada. É melhor esperar aqui."

No calor do poço abandonado, tocou o peito, apalpou as costas doloridas pelas batidas. Estava num espaço redondo sem saída: certamente, o ponto final de uma escavação. Algumas vigas quebradas jaziam no chão; outras sustinham o débil teto de argila. Certificou-se da estabilidade de algumas delas e permaneceu sentado, a esperar a passagem das horas. Uma das madeiras prolongava-se até a boca por onde havia caído; não era difícil trepar por ela e alcançar outra vez a entrada. Tocou vários rasgões da sua calça, da túnica cujas divisas se haviam desprendido. E cansaço, fome, sono. Um corpo jovem estirou as pernas e sentiu o latejar forte nas coxas. A escuridão e o repouso, o leve arfar e os olhos cerrados. Pensou nas mulheres que gostaria de conhecer; o corpo das conhecidas fugia da sua imaginação. A última fora em Fresnillo. Uma prostituta endomingada. Uma das que choram quando se pergunta: "De onde és? por que vieste para cá?" A pergunta de

sempre, para começar a conversa e porque todas gostam de inventar histórias. Essa não; só chorava. E a guerra não acabava. Claro que estas eram as últimas operações. Cruzou os braços sobre o peito e tratou de respirar regularmente. Assim que dominassem o exército desbaratado de Pancho Villa, haveria paz. Paz.

"Que vou fazer quando isto se acabar? E para que pensar que vai acabar? Nunca penso assim."

Talvez a paz significasse boas oportunidades de trabalho. Ao percorrer, em crucigrama, o território do México, só assistira à destruição. Mas se destruíam campos que se poderiam semear novamente. No Bajío, uma vez, vira um campo excelente, junto ao qual poderia construir-se uma casa de arcadas e pátios floridos e vigiar as sementeiras. Ver como cresce uma semente, cuidá-la, esperar o brotar de uma planta, colher os frutos. Poderia ser uma boa vida, uma boa vida...

"Não durmas, fica desperto..."

Beliscou a coxa. Os músculos da nuca puxaram-lhe a cabeça para trás.

Nenhum ruído descia do alto. Podia explorar. Apoiou-se na viga ascendente para alcançar, com o pé, uma saliência rochosa do buraco. Foi oscilando, com o braço forte, de saliência em saliência, até cravar as unhas na plataforma superior. Emergiu a cabeça. Estava no caminho quente. Mas agora parecia mais escuro e sufocante que antes. Caminhou até a encruzilhada. Reconheceu-a porque, ao lado do caminho mal ventilado, estava a outra, a da ventania. Porém, mais longe, a luz não entrava pela abertura original. Haveria anoitecido? Teria perdido a conta das horas?

As cegas, suas mãos buscaram a entrada. Não era a noite que a fechara, mas uma barricada de pedras pesadas, levantada pelos villistas antes de partirem. Haviam-no encerrado nessa tumba de veios esgotados.

Sentiu nos nervos do estômago que estava sufocado. Automaticamente, alargou as narinas num esforço imaginário de respiração. Levou os dedos às têmporas e acariciou-as. O outro caminho, o ventilado. Esse ar vinha de fora, subia do deserto, era chicoteado pelo sol. Correu para a segunda passagem. Seu nariz aspirou o ar doce, corrente, e, com as mãos apoiadas nas paredes, foi tropeçando pela escuridão. Uma gota molhou-lhe a mão. Encostou a boca aberta na parede, buscando a origem da água. Do teto negro gotejavam essas pérolas lentas, isoladas. Recolheu a outra com a língua; esperou a terceira, a quarta. Balançou a cabeça. Parecia terminar o caminho. Cheirou o ar. Vinha de baixo, sentia-o em volta dos calcanhares. Ajoelhou-se, procurou com as mãos. De uma abertura invisível, dela surgia: era a passagem atravancada que lhe dava uma força maior que a da origem. As pedras estavam soltas. Começou a puxá-las, até que a fenda ampliou-se e, afinal, ruiu; uma nova galeria, iluminada por veios prateados, abria-se por trás do desmoronamento. Passou o corpo e, na nova passagem, percebeu que não podia caminhar ereto; só cabia de bruços. Assim foi arrastando-se, sem saber aonde o conduzia sua carreira de réptil. Veios cinzentos, reflexos dourados das divisas de oficial: só essas luzes desiguais iluminavam sua lentidão de cobra amortalhada. Os olhos refletiam os rincões mais negros da escuridão e um fio de saliva corria-lhe pelo queixo.

Sentiu a boca cheia de tamarindos: talvez a lembrança involuntária de uma fruta que mesmo na memória excita as glândulas salivares, talvez o mensageiro exato de um cheiro desprendido num pomar distante e que, carregado pelo ar imóvel do deserto, chegara até a estreita passagem. O olfato desperto percebeu algo mais. Uma aspiração completa de ar. Um pulmão cheio. Um sabor inconfundível de terra próxima: inconfundível para alguém que há tanto tempo estava encerrado no gosto de rocha. A galeria tendia para baixo; agora, detinha-se abruptamente

e caía, a pique, sobre um amplo espaço interior e um solo de areia. Pulou da galeria alta e caiu sobre o leito branco. Alguns braços vegetais haviam entrado até ali. Por onde?

"Sim, agora torna a subir. Mas é a luz! Parecia um reflexo da areia e é luz!"

Correu, com o peito cheio, até a abertura banhada de sol.

Correu, sem escutar nem ver. Sem escutar a guitarra lenta e a voz que a acompanhava, uma voz preguiçosa e sensual de soldado cansado.

As garotas duranguenhas vestem-se de azul e verde, das oito em diante, a que não belisca morde...

Sem ver a pequena fogueira sobre a qual era mexido o esqueleto da cabra caçada na montanha e os dedos que arrancavam pedaços de pele.

Caiu, sem escutar nem ver, sobre a primeira franja de terra iluminada. Como iria ver, sob esse sol das três da tarde, derretido, que iluminava como um cogumelo de cal, o chapéu do homem que ria e estendia a mão?

— Vamos, capitão, vai fazer com que cheguemos tarde. Olhe só como o yaqui entra na boia. E agora sim, podem ser usados os cantis.

As garotas chihuahuenses já não sabem o que fazer, pedindo a Deus que haja um homem que as saiba bem querer...

O prisioneiro levantou o rosto e, antes de ver o grupo reclinado do Coronel Zagal, deixou que os olhos se perdessem na paisagem seca, de pedregulhos e arbustos espinhosos, amplo e lento, silencioso e vertical. Depois levantou-se e chegou ao pequeno acampamento. O yaqui olhava-o fixamente. Ele estendeu o braço, arrancou um pedaço chamuscado do lombo da cabra e sentou-se, para comer.

Perales.



Era um lugar de adobes, que pouco se distinguia dos demais. Só uma rua, a que passava em frente da prefeitura, era calçada. As outras eram de pó planado pelos pés nus dos meninos, dos vagabundos que se espojavam nas entradas das ruas, pelas patas da matilha de cachorros que ora dormiam ao solo, ora corriam em bando, ladrando, sem rumo. Havia, talvez, uma ou duas casas boas, com portões grandes, de chapas de ferro e calhas de latão: eram sempre a do agiota e a do chefe político (quando um e outro não eram o mesmo), agora fugindo da justiça expedita de Pancho Villa. As tropas haviam ocupado as duas residências, enchendo seus pátios — escondidos atrás dos compridos muros que davam seu rosto de fortaleza para a rua — de cavalos e palha, caixas de munição e ferramentas: o que a Divisão do Norte, derrotada, conseguia salvar em sua marcha para a terra natal.

A cor da vila era parda; só a fachada da prefeitura ostentava um tom rosa que, logo depois, se perdia, nos fundos e nos pátios, no mesmo tom acinzentado da terra. Havia água próxima; por isso fundou-se o lugar, cuja riqueza se limitava a alguns perus e galinhas, algumas milpas' secas cultivadas nas vielas de pó, um par de forjas, uma carpintaria, uma loja de barrotes e algumas indústrias domésticas. Vivia-se por milagre. Vivia-se em silêncio. Como na maioria das aldeias mexicanas, era difícil saber onde se escondiam seus moradores. De manhã como à tarde, à tarde como à noite, poder-se-ia escutar a batida de um martelo, insistente, ou o vagido de um recém-nascido, mas seria difícil encontrar um ser vivo nas ruas ardentes. Os meninos apareciam, às vezes, minúsculos, descalços. Também a tropa permanecia por trás dos muros das casas confiscadas ou escondida nos pátios da prefeitura, que era para onde se encaminhava a coluna fatigada. Quando desmontaram, um piquete avançou e o Coronel Zagal mostrou o índio yaqui. — Esse para o calabouço. Venha comigo, Cruz.

Agora, o coronel não ria. Abriu as portas da sala caiada e, com a manga, secou o suor da testa. Desapertou o cinturão e sentou-se. O prisioneiro olhou-o, de pé.

— Pegue uma cadeira, capitão, e conversemos à vontade. Quer um cigarro?

O prisioneiro segurou-o e o fogo aproximou os dois rostos.

— Bom — voltou a sorrir Zagal —, a coisa é muito simples. Poderia dizer-nos quais são os planos dos que nos vêm perseguindo e nós o poríamos em liberdade. Sou franco. Sabemos que estamos perdidos, mas assim mesmo queremos defender-nos. Você é bom soldado e entende isto.

— Certo. Por isso mesmo não vou falar.

— Sim. Mas seria muito pouco o que nos poderia contar. Você e os mortos que ficaram no desfiladeiro formavam uma patrulha, claro. Isso quer dizer que o grosso da tropa não estava longe. Até seguiram o caminho que tomamos para o norte. Mas, como não conhecem bem a passagem da montanha, tiveram que atravessar toda a planície, e isso leva vários dias. Agora: quantos são, há tropas que se adiantaram de trem, em quanto calcula as reservas de munições, quantas peças de artilharia trazem? Que tática combinaram? Onde se vão encontrar as brigadas que vêm seguindo nossa pista? Olhe que simples: conta-me tudo isso e está livre. Palavra.

— Que garantias tenho?

— Caramba, capitão, de qualquer maneira vamos perder. Sou franco. A divisão está desintegrada. Fracionou-se em bandos que se perderão pelas montanhas, cada vez mais espalhados, porque ao longo do caminho irão ficando em suas aldeias, em seus ranchos. Estamos cansados. São muitos anos de luta, desde que nos levantamos contra Dom Porfirio. Depois lutamos com Madero, contra os "colorados" de Orozco, depois contra os peões de Huerta, depois contra vocês, os carrancistas. São muitos anos. Já nos

cansamos. O nosso povo é como as lagartixas, toma a cor da terra, entra nas cabanas de onde veio, volta a vestir-se como peão e volta a esperar a hora de continuar lutando, embora dentro de cem anos. Já sabe que desta vez perdemos, como os zapatistas no sul. Vocês ganharam. Por que morrerá se a luta foi vencida pelos seus? Deixe-nos perder lutando. Só peço isso. Deixe-nos perder com um pouquinho de honra.

— Pancho Villa não está aqui.

— Não. Mais para a frente. E as pessoas vão ficando. Já somos muito poucos.

— Que garantias me dão?

— Deixamo-lo vivo aqui no cárcere até que seus amigos o resgatem.

— Isso, se os nossos ganharem. Se não...

— Se os derrotarmos, dou-lhe um cavalo para que vá embora.

— E assim poderão fuzilar-me pelas costas, quando sair.

— Você dirá...

— Não. Não tenho nada para contar.

— No calabouço estão seu amigo o yaqui e o Licenciado Bernal, um enviado de Carranza. Espere com eles a ordem de fuzilamento.

Zagal levantou-se.

Nenhum dos dois tinha sentimentos. Isso, cada qual, em seu bando, havia perdido, aguçado pelos fatos cotidianos, pelo rebite sem tréguas da luta cega. Haviam falado automaticamente, sem comprometer suas emoções. Zagal solicitava a informação e dava a oportunidade de escolher entre a liberdade e o paredão, o prisioneiro negava a informação; não como Zagal e Cruz, mas como engrenagens de duas máquinas de guerra opostas. Assim, a notícia do fuzilamento era recebida pelo prisioneiro com indiferença absoluta. Uma indiferença, justamente, que o obrigava a perceber a

tranquilidade monstruosa com que aceitava a própria morte. Então, também se levantou e alçou o queixo.

— Coronel Zagal, levamos muito tempo a obedecer a ordens, sem ter tempo para fazermos algo, como direi? algo que diga: isto faço como Artemio Cruz; nessa, meto-me sozinho, não como oficial do Exército. Se tem de matar-me, mate-me como Artemio Cruz. Já disse que isto vai terminar, que estamos cansados. Não quero morrer como o último mártir de uma causa vitoriosa e o senhor também não quer morrer como o último de uma causa perdida. Seja homem, coronel, e deixe-me sê-lo. Proponho-lhe que duelemos com revólveres. Trace uma risca no pátio e saiamos ambos armados, de duas esquinas opostas. Se conseguir ferir-me antes que eu cruze a risca, mata-me. Se eu cruzá-la sem que me pegue, deixa-me livre.

— Cabo Payán! — gritou Zagal com um brilho nos olhos. — Conduza-o à cela.

Depois virou-se para o prisioneiro. — Não saberão da hora da execução, de maneira que estejam prontos. Pode ser dentro de uma hora, pode ser amanhã ou depois. Não pense mais no que eu lhe disse.

Pelas grades entrava o sol poente que recortava em amarelo as silhuetas dos dois homens, um de pé, o outro deitado. Tobías tentou murmurar um cumprimento; outro, o que andava nervosamente, aproximou-se dele quando a porta da cela rangeu e as chaves do cabo de guarda soaram na fechadura.

— O senhor é o Capitão Artemio Cruz? Sou Gonzalo Bernal, enviado do Primeiro-Mandatário Venustiano Carranza.

Vestia terno civil: um terno de casimira café, com cinturão postiço na parte traseira. E ele o observou como a todos os civis que de vez em quando se imiscuíam no núcleo suarento dos que lutavam: com um olhar rápido de troça e indiferença, até que Bernal continuou, passando um lenço pela testa larga e pelo bigode loiro:

— O índio está muito mal. Tem uma perna quebrada. O capitão encolheu os ombros. — Para que vai durar?

— O que sabe? — perguntou Bernal, e parou o lenço sobre os lábios, de forma que as palavras saíram sufocadas.

— Vão matar-nos todos, Mas não dizem a que horas. Não morreremos de tosse.

— Não há esperanças de que antes cheguem os nossos?

Então, foi o capitão que parou — permanecera dando voltas observando o teto, as paredes, a janelinha gradeada, o solo de pó: a busca instintiva do lugar por onde fugir — e olhou um novo inimigo: o delator plantado na cela.

Perguntou: — Não há água?

— O yaqui bebeu.

O índio gemeu. Ele se aproximou do rosto cor de cobre apoiado contra a cabeceira de pedra do banco nu que servia de cama e assento. Sua face deteve-se junto à de Tobías e, pela primeira vez, com uma força que o obrigou a afastar-se, sentiu a presença desse rosto que nunca havia sido mais do que uma pasta escura, parte da tropa, mais reconhecível na integridade nervosa e rápida de seu corpo guerreiro que nesta serenidade, nesta dor. Tobías tinha um rosto; ele o viu. Centenas de traços brancos — traços de riso e raiva e olhos piscados ante o sol — percorriam os cantos das pálpebras e quadriculavam os grandes pômulos. Os lábios grossos e proeminentes sorriam com ternura e nos olhos pardos, pequenos, havia algo semelhante a um poço de luz turva, encantada, disposta.

— Sempre chegaste — disse Tobías em sua língua, aprendida pelo capitão no trato diário com as tropas da serra sinaloense.

Apertou a mão nervuda do yaqui.

— Sim, Tobías. É melhor que saibas de uma coisa: vão nos fuzilar.

— Tem que ser assim. Farias o mesmo.

— Sim.

Permaneceram em silêncio, enquanto o sol desaparecia. Os três homens se prepararam para passar a noite. Bernal andava lentamente pela cela: ele se levantou e em seguida sentou-se outra vez sobre o pó e riscou o chão. Fora, no corredor, afixou-se uma lâmpada de petróleo e escutou-se o movimento dos maxilares do cabo de guarda. Um vento frio levantou-se sobre o campo desértico. Novamente de pé, aproximou-se da porta da cela: traves grossas, ocotea sem envernizar, e a pequena abertura à altura do olhar. Do outro lado, levantava-se a fumaça do cigarro de palha que o cabo acendia. Ele fechou os punhos em volta das grades oxidadas e observou o perfil chato de seu guardião. Os cabelos negros brotavam do boné de lona e acabavam no pômulo quadrado e imberbe. O prisioneiro buscou seu olhar e o cabo respondeu com um gesto rápido, um "que quer?" silencioso com a cabeça e a mão livre. A outra apertava a carabina com o hábito da profissão.

— Já têm a ordem para amanhã?

O cabo olhou-o com os olhos grandes e amarelos. Não respondeu.

— Não sou daqui. E tu?

— Lá de cima — disse o cabo.

— Como é o lugar?

— Qual?

— Onde nos vão fuzilar. Que se vê dali?

Parou e fez um sinal para que o cabo lhe passasse o fogo.

— O que se vê?

Só então lembrou que sempre olhara para a frente, desde a noite em que atravessou a montanha e escapou da velha fazenda veracruzense. Desde então, queria saber-se sozinho, sem outras forças além das próprias... E agora ... não podia resistir a essa pergunta — como é, que se vê dali? — que talvez fosse sua maneira

de disfarçar essa ânsia de lembrança, essa inclinação para uma imagem de fetos frondosos e rios lentos, de flores tubulares sobre uma cabana, de uma saia engomada e um cabelo suave, de cheiro de marmelo...

— Levam-nos para o pátio de trás — ia dizendo o cabo —, e o que se vê, mas o que há de ser? Uma simples parede alta, toda esburacada de tanto fuzilado que temos por aqui...

— E a montanha? Não se vê a montanha?

— Para falar a verdade, não me lembro.

— Viste muitos...?

— Uuuuuh...

— Pode ser que o que fuzile veja melhor que os fuzilados o que está acontecendo.

— Nunca estiveste num fuzilamento?

("Sim, mas sem concentrar-me, sem nunca pensar no que poderia sentir, que alguma vez poderia atingir-me. Por isso não tenho direito de te perguntar, não é? Tu só mataste como eu, sem te concentrares em nada. Por isso ninguém sabe o que se sente e ninguém pode contá-lo. Se se pudesse voltar, se se pudesse contar o que é escutar uma descarga e senti-la sobre o peito, na cara. Se se pudesse contar a verdade sobre isso, talvez já não nos atrevêssemos a matar, nunca mais; ou, talvez, não importasse a ninguém a morte... Pode ser terrível... mas pode ser tão natural como nascer... Que sabemos tu e eu?")

— Olha, capitão, essas divisas já não te servirão. Podes dá-las a mim.

O cabo introduziu a mão por entre as grades e ele lhe virou as costas. O soldado riu com um guincho sufocado.

Agora, o yaqui estava murmurando em sua língua e ele foi arrastando os pés até a cabeceira dura, para tocar com a mão a testa febril do índio e escutar suas palavras. Corriam com um som suave.

— Que diz?

— Conta coisas. Como o governo lhes tirou as terras de sempre para dá-las a uns gringos. Como lutaram para defendê-las e então chegou a tropa federal e começou a cortar as mãos dos homens e persegui-los pelas montanhas. Como levaram os chefes yaquis a uma canhoneira e dali nos jogaram ao mar, carregados de pesos.

O yaqui falava com os olhos fechados. — Os que ficaram foram arrastados para uma fila muito comprida e desde ali, desde Sinaloa, fizeram-nos caminhar até o outro lado, até Yucatán.

— Como tiveram que andar até Yucatán e as mulheres e os velhos e os meninos da tribo iam morrendo. Os que conseguiram chegar às fazendas de pita foram vendidos como escravos e os maridos foram separados das mulheres. Como obrigaram as mulheres a se deitar com estranhos, para que esquecessem sua língua e parissem mais trabalhadores ...

— Voltei, voltei. Assim que soube que havia começado a guerra, voltei com meus irmãos para lutar contra o mal. O yaqui riu baixinho e ele sentiu vontade de urinar. Levantou-se e abriu a braguilha da calça caqui; buscou um canto e escutou o chapinhar contra o pó. Franziu a testa, pensando no desenlace costumeiro dos valentes que morrem com uma mancha úmida na calça da farda. Bernal, agora com os braços cruzados, parecia buscar, através das altas grades, um raio de lua para esta noite fria e escura. Às vezes, o martelar persistente da vila chegava até eles; os cães latiam. Algumas conversas perdidas, sem sentido, conseguiam atravessar as paredes. Espanou a túnica e aproximou-se do jovem licenciado.

— Há cigarros?

— Sim... acho que sim... Estavam por aqui.

— Oferece ao yaqui.

— Já fiz isso antes. Não gosta dos meus.

— Tem os dele?

— Parece que acabaram.



- Talvez os soldados tenham cartas.
- Não; não poderia me concentrar. Acho que não poderia...
- Tens sono?
- Não.
- Tens razão. Não se deve dormir.
- Achas que algum dia te arrependerás?
- Do quê?
- Digo, por ter dormido antes...
- Engraçado, isso.
- Ah, sim. Então é melhor recordar. Dizem que é bom recordar.
- Não há muita vida para trás.
- Como não? Essa é a vantagem do yaqui. Talvez por isso não goste de falar.
- Sim. Não, não te entendo...
- Digo que o yaqui tem muitas coisas para lembrar.
- Talvez em sua língua não se lembre igual.
- Toda essa caminhada, desde Sinaloa. O que nos contou há um momento.
- Sim.
- Regina...
- Como?
- Não. Não repito mais nomes.
- Que idade tens?
- Vou para vinte e seis. E tu?
- Vinte e nove. Também não tenho muito para lembrar. E, de repente, a vida se tornou tão agitada.
- Quando se começará a lembrar da meninice, por exemplo?
- É verdade, é difícil.
- Sabes? Agora, enquanto falávamos...
- Sim?

— Bem; repeti uns nomes. Sabes? Já não dizem nada, já não ecoam.

— Vai amanhecer.

— Não penses nisso.

— Estou suando muito nas costas.

— Dá-me o cigarro. Que aconteceu?

— Perdão. Toma. Talvez não se sinta nada.

— Isso é o que dizem.

— Quem diz, Cruz?

— Claro. Os que matam.

— Importa-te muito?

— Ora...

— Por que não pensas em...?

— O quê? Que tudo vai dar na mesma, embora nos matem?

— Não, não penses para a frente, mas para trás. Penso em todos que já morreram na Revolução.

— Sim; lembro-me de Bule, Aparicio, Gómez, o Capitão Tiburcio Amarillas... alguns.

— Aposto que não sabes o nome de vinte. E não só eles. Como se chamavam todos os mortos? Não só os desta revolução; os de todas as revoluções e todas as guerras e até os mortos na cama. Quem se lembra deles?

— Olha, dá-me um fósforo.

— Desculpa.

— Agora já saiu a lua.

— Queres vê-la? Se te apoiares em meu ombro, podes alcançar...

— Não. Não vale a pena.

— Sorte que me tiraram o relógio.

— Sim.

— Quero dizer, para não ficar à espera.

— Claro, compreendi.

- A noite pareceu mais... mais comprida...
- Isto aqui é um mijador desgraçado.
- Olha o yaqui. Dormiu. Ainda bem que ninguém mostrou medo.
- Agora, outro dia metidos aqui.
- Quem sabe? De repente, vêm-nos buscar.
- Estes, não. Gostam de fazer seu jogo. Há costume demais de fuzilar ao amanhecer. Vão brincar conosco.
- Mas não era tão impulsivo?
- Villa sim. Zagal não.
- Cruz... mas não é absurdo?
- O quê?
- Morrer nas mãos de um dos caudilhos e não acreditar em nenhum deles.
- Iremos juntos ou nos levarão um por um?
- É mais fácil de uma vez, não é? Tu és o militar.
- Não te lembras de nenhuma piada?
- Vou te contar uma coisa. Olha que é para morrer de rir.
- O quê?
- Não te diria se não estivesse certo de que não sairei daqui. Carranza mandou-me nesta missão com o simples objetivo de que me agarrassem e fossem os responsáveis por minha morte. Meteu na cabeça que mais lhe valia um herói morto que um traidor vivo.
- Tu, um traidor?
- Depende de como o olhes. Só andaste pelas batalhas; obedeceste a ordens e nunca duvidaste de teus chefes.
- Claro. Trata-se de ganhar a guerra. Por quê? Não estás com Obregón e Carranza?
- Da mesma forma que podia estar com Zapata ou Villa. Não acredito em nenhum.
- E daí?

— Esse é o drama. Só existem eles. Não sei se te lembras do começo. Foi há tão pouco, mas parece tão distante... quando não importavam os chefes.

— Sim. Até o yaqui, que primeiro começou a lutar por suas terras, agora só luta pelo General Obregón e contra o General Villa. Não, antes era outra coisa. Antes que se degenerasse em facções. Lugar por onde passava a Revolução era lugar onde se acabavam as dívidas do camponês, expropriavam os agiotas, libertavam os presos políticos e destruíam os velhos caciques. Mas ficaram para trás os que acreditavam que a Revolução não era para engordar chefes, mas para libertar o povo.

— Haverá tempo.

— Não, não haverá. Uma revolução começa a ser feita nos campos de batalha, mas uma vez corrompida, embora continue ganhando batalhas militares, já está perdida. Todos fomos responsáveis. Deixamo-nos dividir e dirigir pelos concupiscentes, pelos ambiciosos, pelos medíocres. Os que querem uma revolução de verdade, radical, intransigente, infelizmente são homens ignorantes e sanguinários. E os letrados ' só querem uma revolução pela metade, compatível com a única coisa que lhes interessa: medrar, viver bem, substituir a elite de Dom Porfirio. Esse é o drama do México. Eu, por exemplo. Toda a vida lendo Kropotkin, Bakunin, o velho Plekhanov, com meus livros desde menino, discuto e discuto. E na hora decisiva tenho de ligar-me a Carranza, porque é o que me parece gente decente, o que não me assusta. Vês que covardia? Tenho medo dos simples, de Villa e Zapata... "Continuarei sendo uma pessoa impossível enquanto as pessoas que hoje são possíveis continuem sendo possíveis..." Ah, sim. Como não?

— Desmascaras-te na hora da morte...

— "Tal é o defeito radical de meu caráter: o amor pelo fantástico, pelas aventuras nunca vistas, pelos empreendimentos

que abrem horizontes infinitos e imprevisíveis... " Ah, sim. Como não?

— Por que nunca disseste isso lá fora?

— Disse, no ano 13, a Iturbe, Lúcio Blanco, Buelna, a todos os militares honrados que nunca pretenderam converter-se em caudilhos. Por isso não souberam cortar as asas do velho Carranza, que dedicou a vida inteira a semear discórdia e a dividir porque, de outro modo, quem pensaria nele para o poder, no velho medíocre? Por isso fazia progredir os medíocres, os Pablo González, os que não lhe podiam fazer sombra. Assim dividiu a Revolução, converteu-a em guerra de facções.

— E por isso te mandaram para Perales?

— Com a missão de convencer os villistas à rendição. Como se todos não soubéssemos que fogem derrotados e em seu desespero passam pelas armas qualquer carrancista que encontrem. O velho não gosta de sujar as mãos. Prefere que o inimigo faça os trabalhos sujos. Artemio, Artemio, os homens não estiveram à altura de seu povo e de sua revolução.

— Por que não passas para Villa?

— Para outro caudilho? Para ver quanto dura e depois passar-me para outro e outro, até que volte a encontrar-me noutra cela esperando outra ordem de fuzilamento?

— Mas salvaste esta vez...

— Não... Acredita-me, Cruz, gostaria de salvar-me, voltar a Puebla. Ver minha mulher, meu filho. Luisa e Pancholín. E minha irmãzinha Catalina, que tanto depende de mim. Ver meu pai, meu velho Dom Gamaliel, tão nobre, tão cego. Tratar de explicar-lhe por que me meti nisto. Ele nunca compreendeu que há deveres que é preciso cumprir, embora se saiba de antemão que tudo vai dar em nada. Para ele, aquela ordem é eterna; as fazendas, o ágio disfarçado, tudo isso... Oxalá houvesse alguém que eu pudesse encarregar de ir vê-los e dizer-lhes qualquer coisa de minha parte.

Mas daqui ninguém sai vivo, sei. Não; tudo é um sinistro jogo de eliminações. Já estamos vivendo entre criminosos e anões, porque o caudilho maior protege pigmeus que não lhe façam sombra e o caudilho menor tem que assassinar o grande para subir. Que lástima, Artemio. Que necessário é o que está acontecendo e que desnecessário é corrompê-lo. Não foi isto que quisemos, quando fazíamos a Revolução com todo o povo, em 1913... E tu, decide-te. Quando eliminarem Zapata e Villa, só ficarão dois chefes, teus chefes atuais. Com qual vais ficar?

— Meu chefe é o General Obregón.

— Ainda bem que já decidiste. Veremos se não te custa a vida; veremos se...

— Esqueces de que nos vão fuzilar.

Bernal riu com surpresa, como se houvesse tentado voar e o peso esquecido de uns grilhões lhe houvesse impedido isso.

Apertou o ombro do outro prisioneiro e disse:

— Maldita mania política! Ou talvez seja intuição. Por que não passas para Villa?

Não pôde distinguir bem o rosto de Gonzalo Bernal, mas na escuridão sentiu esses olhos gozadores, esse arzinho de sabe-tudo desses licenciadinhos que nunca lutavam, que só falavam muito, enquanto eles ganhavam batalhas.

Afastou bruscamente o seu corpo do de Bernal.

— Que houve? — sorriu o licenciado.

Ele grunhiu e acendeu seu charuto apagado. — Assim não se fala — disse entre dentes. — O quê? Falo-te certo? Pois cago para os que se abrem sem que ninguém lhes peça, e ainda mais na hora da morte. Fique calado, licenciado, e diga para suas entranhas o que quiser, mas deixe-me morrer sem que me zangue.

A voz de Gonzalo cobriu-se com uma capa metálica: — Olha, machão, somos três homens condenados. O yaqui contou-nos sua vida...

E a raiva era contra ele mesmo, porque se havia deixado levar à confiança e à conversa, abrira-se para um homem que não merecia confiança.

— Essa foi uma vida de homem. Tinha direito.

— E tu?

— Só lutando. Se houve mais, não me lembro.

— Gostaste de alguma mulher...

Crispou os punhos.

— ...tiveste pais; talvez até tenhas um filho. Não?

Eu sim, Cruz; penso que tive uma vida de homem, que gostaria de estar livre para segui-la; tu não?; não gostarias agora de estar acariciando...? A voz de Bernal se descompunha quando as mãos o buscaram na escuridão, lançaram-no contra a parede, sem dizer palavra, com um mugido opaco, com as unhas cravadas na gola de casimira desse novo inimigo armado de ideias e ternuras, que só estava repetindo o mesmo pensamento oculto do capitão, do prisioneiro, dele: que acontecerá depois da nossa morte? E Bernal repetia-o apesar dos punhos cerrados que o espancavam:

— ... se não nos matassem antes de trinta anos... que haveria sido de nossas vidas?; eu queria fazer tantas coisas... Até que ele, com as costas suadas e o rosto muito perto do de Bernal, também murmurou — ... tudo vai continuar na mesma, não sabes?; o sol vai nascer; vão continuar nascendo vira-latas, embora tu e eu estejamos bem mortos, não o sabes?

Os dois homens se desprenderam do abraço violento. Bernal caiu no chão; ele caminhou até a porta da cela, decidido: contaria um plano falso a Zagal, pediria a vida do yaqui, deixaria Bernal sofrer sua sorte. Quando o cabo de guarda, cantarolando, conduziu-o até à presença do coronel, ele só sentiu a dor perdida de Regina, a lembrança doce e amarga que tanto ocultara e que agora vinha em jorros, pedindo-lhe que continuasse vivendo, como se uma mulher morta necessitasse da lembrança de um homem vivo para

continuar a ser algo mais que um corpo devorado pelos vermes num túmulo sem nome, numa aldeia sem nome.

— Vai ser difícil nos enganar — disse com sua eterna voz sorridente o Coronel Zagal. — Agorinha mesmo, sairão duas patrulhas para ver se o que nos conta é verdade, e, se não for, ou se o ataque vier pelo outro lado, vá encomendando-se ao céu e pense que só ganhou algumas horas de vida, às custas de sua honra.

Zagal esticou as pernas e moveu progressivamente os dedos dos pés calçados de meias. As botas estavam sobre a mesa, cansadas e sem armação.

— E o yaqui?

— Isso não estava no combinado. Olhe: a noite está alta. Para que iludir os coitadinhos com um novo sol? Cabo Payán!... Vamos mandar os dois presos para uma vida melhor. Tire-os da cela e leve-os lá para trás.

— O yaqui não pode andar — disse o cabo.

— Deem-lhe marijuana — gargalhou Zagal. — Tirem-no de maca e apoiem-no, como puderem, contra a parede.

Que viram Tobías e Gonzalo Bernal? O mesmo que o capitão, embora este estivesse mais alto, parado junto a Zagal, no terraço da prefeitura. Lá embaixo, o yaqui era tirado de maça e Bernal caminhava cabisbaixo e os dois homens eram colocados contra o paredão e entre dois lampiões. Uma noite em que os brilhos da aurora tardavam em aparecer e em que a silhueta das montanhas não era visível, nem sequer quando os fuzis dispararam com espasmos avermelhados e Bernal esticou a mão para tocar o ombro do yaqui. Tobías ficou apoiado contra o muro, oculto pela maça. Os lampiões iluminaram seu rosto desfeito, marcado pelas balas. Só iluminaram os calcanhares do corpo caído de Gonzalo Bernal, por onde começaram a correr os fios de sangue.

— Aí tem os seus mortos — disse Zagal.



E outra fuzilaria, distante e cerrada, comentou suas palavras e, em seguida, foi apoiada por um canhão que fez voar um canto do edifício. A gritaria dos villistas subia confusa até o terraço branco, onde Zagal gritava com uma animação desarticulada:

— Já chegaram! Já nos acharam! São os carrancistas!

— Enquanto isso ele o derrubava e apertava a mão (rediviva, concentrada com toda a sua força) sobre o coldre do revólver do coronel. Sentiu nas mãos a segura metálica da arma. Com ela, golpeou as costas de Zagal e, com o braço direito, rodeou o pescoço do coronel, apertou-o e manteve-o no solo, com os maxilares duros e a espuma entre os lábios. Por cima da cornija, pôde ver a confusão que reinava no pátio de execuções. Os soldados do pelotão corriam, pisando os cadáveres de Tobías e Bernal, virando os lampiões; as explosões granizadas sucediam-se em toda a vila de Perales, acompanhadas por gritos e incêndios, galopes e relinchos. Mais villistas saíram para o pátio, pondo as fardas, arrumando as calças. As luzes caídas desenhavam uma linha dourada em cada perfil, em cada cinturão, em cada botão. As mãos se estenderam para pegar os fuzis e as cartucheiras. A tranca do estábulo foi aberta rapidamente e os cavalos relinchantes saíram para o pátio, foram montados pelos cavaleiros e arrancaram pelo portão aberto. Alguns retardatários correram atrás da cavalaria e, por fim, o pátio ficou deserto. Os cadáveres de Bernal e do yaqui. Dois lampiões. A gritaria afastou-se; ia ao encontro do ataque inimigo. O prisioneiro soltou Zagal. O coronel manteve-se de joelhos, tossindo, acariciando o pescoço estrangulado. A voz foi apenas audível:

— Não se rendam. Estou aqui.

E a manhã, por fim, mostrou sua pálpebra azul sobre o deserto.

Parou o estrondo imediato. Pelas ruas corriam villistas para o cerco. Suas blusas brancas tingiram-se de azul. Nem um murmúrio subiu do pátio. Zagal levantou-se, desabotoando a túnica

cinzenta, num gesto de oferecer o peito. O capitão adiantou-se também, com a pistola na mão.

— Vale o oferecimento — disse com voz seca ao coronel.

— Vamos para baixo — disse Zagal, e soltou os braços.

Na sala, Zagal pegou o Colt que tinha em sua gaveta. Caminharam, armados, através dos corredores frios até o pátio. Calcularam a metade do retângulo. O coronel jogou para um lado, com o pé, a cabeça de Bernal. O capitão levantou os lampiões. Cada um se colocou num canto. Avançaram. Zagal atirou primeiro e sua bala atingiu novamente o yaqui Tobías. O coronel parou e uma esperança iluminou seus olhos negros: o outro avançava sem disparar. O ato se consumava como um gesto de honra. O coronel apegou-se — um segundo, dois segundos, três segundos — à esperança de que o outro respeitaria sua valentia, de que os dois se encontrariam na metade do pátio sem novo disparo. Ambos pararam na metade do pátio. O sorriso voltou ao rosto do coronel. O capitão atravessou a linha imaginária. Zagal, rindo, fez um gesto de amizade com a mão, quando dois tiros seguidos lhe atravessaram o estômago e o outro viu-o dobrar-se e cair a seus pés. Então largou a pistola sobre o crânio empapado de suor do coronel e ficou, imóvel, de pé.

O vento do deserto mexeu-lhe os cabelos ondulados caídos na testa, os rasgões da farda manchada de suor, as tiras rotas de suas polainas de couro. A barba de cinco dias eriçava-se sobre as faces e os olhos verdes perdiam-se por trás das pestanas poeirentas e das lágrimas secas. De pé, herói solitário sobre o campo cercado pelos mortos. De pé, herói sem testemunhas. De pé, rodeado pelo abandono, enquanto se travava a batalha fora da vila, com esse bater de tambores.

Baixou o olhar. O braço morto do Coronel Zagal estendia-se para a cabeça morta de Gonzalo. O yaqui estava sentado, com o corpo contra o paredão; suas costas haviam deixado uma marca

listrada sobre a lona da maça. Ajoelhou-se junto ao coronel e fechou-lhe os olhos.

Levantou-se rapidamente e respirou um ar em que quis encontrar, agradecer, dar nome à sua vida e à sua liberdade. Mas estava só. Não tinha testemunhas. Não tinha companheiros. Um grito surdo escapou-lhe da garganta, apagado pela metralha contínua a distância. "Estou livre; estou livre."

Juntou os punhos sobre o estômago e o rosto torceu-se de dor.

Levantou a vista e viu, afinal, o que devia ver um condenado, ao amanhecer: a distante linha de montanhas, o céu já esbranquiçado, os muros de adobe do pátio. Escutou o que devia escutar um condenado ao amanhecer: os chilreios dos pássaros escondidos, um grito agudo de criança faminta, o martelar estranho de algum trabalhador da vila, alheio ao estrondo invariável, monótono, perdido, do canhoneio e da fuzilaria que continuavam às suas costas. Trabalho anônimo, mais forte que o ribombar, certo de que passada a luta, a morte, a vitória, o sol voltaria a nascer, todos os dias ...

Eu não posso desejar; deixo que o façam. Tento tocá-lo. Percorro-o do umbigo ao púbis. Redondo. Pastoso. Já não sei. O médico foi embora. Disse que ia buscar outros médicos. Não se quer responsabilizar por mim. Já não sei. Mas os vejo. Entraram. Abre-se, fecha-se a porta de acaju e os passos não são escutados no tapete alto. Fecharam as janelas. Correram, com um cicio, as cortinas cinzas. Entraram.

— Aproxima-te, filhinha... para que te reconheça ... dize-lhe teu nome...

Cheira bem. Cheira gostoso. Ah sim, ainda posso distinguir as faces coradas, os olhos brilhantes, toda a figura jovem, graciosa, que a passos hesitantes se aproxima de meu leito.

— Sou... sou Gloria...

Tento murmurar seu nome. Sei que não se escutam minhas palavras. Pelo menos devo agradecer isto a Teresa: ter aproximado de mim o corpo jovem de sua filha. Se apenas conseguisse distinguir melhor o seu rosto. Se pudesse ver melhor sua expressão. Deve perceber este cheiro de escamas mortas, de vômito e sangue, deve olhar este peito afundado, esta barba cinza e revolta, estas orelhas cerosas, este fluido incontrolável do nariz, esta saliva seca sobre os lábios e o queixo, estes olhos sem rumo que devem tentar outro olhar ... estes...

Afastam-na de mim.

— Pobrezinha... impressionou-se...

— Hein?

— Nada, papai; descanse.

Dizem que é noiva do filho de Padilla. Como deve beijá-la, que palavras deve dizer-lhe, ah, sim, que rubor! Entram e saem. Tocam-me o ombro, mexem as cabeças, murmuram frases de consolo, sim, não sabem que os escuto, apesar de tudo: escuto as conversações mais distantes, os diálogos nos cantos dos quartos, não os próximos, as palavras ditas junto a minha cabeceira.

— Como o acha, Sr. Padilla?

— Mal, mal.

— Deixa todo um império.

— Sim.

— Tantos anos à frente de seus negócios!

— Será muito difícil substituí-lo.

— Vou-lhe dizer. Depois de Dom Artemio, ninguém mais indicado que o senhor...

— Sim, estou compenetrado...

— E quem tomaria o seu lugar, nesse caso?

— Sobram pessoas preparadas.

— Então estudam-se várias alterações?

— Como não? Toda uma nova distribuição de responsabilidades. Ah, Padilla, aproxima-te. Trouxeste o gravador?

— O senhor se responsabiliza?

— Dom Artemio... Aqui trago...

"— Sim, patrão.

"— Esteja pronto. O governo vai agir com mão de ferro e o senhor deve estar preparado para assumir a direção do sindicato.

"— Sim, patrão.

"— Advirto-lhe que várias velhas raposas também se estão preparando. Já insinuei às autoridades que o senhor é quem goza de nossa confiança. Não quer provar alguma coisa?

"— Obrigado, mas já comi. Comi há pouco.

"— Não deixe que comam seu mandato. Dê uma voltinha, agora, pela secretaria, pela CTM, por aí...

"— Pois não, patrão. Conte comigo.

"— Adeus, Campanela. Vá ajeitando as coisas. Muito olho. Abusado. Vamos, Padilla..."

Pronto. Acabou-se. Ah! Isso foi tudo. Isso foi tudo? Quem sabe? Não me lembro. Faz tempo que não escuto as vozes do gravador. Faz tempo que finjo. Quem me toca? Quem está tão perto de mim? Que inútil, Catalina. Digo-me: que inútil, que carícia inútil. Pergunto-me: que vais dizer-me? pensas que encontraste afinal as palavras que nunca te atreveste a pronunciar? Ah, tu me quiseste? Por que não o dissemos? Eu te quis. Já não me lembro. Tua carícia obriga-me a ver-te e não sei, não entendo por que, sentada a meu lado, compartilhas afinal esta lembrança comigo, e, desta vez, sem censuras em teu olhar. O orgulho. O orgulho salvou-nos. O orgulho matou-nos. — ...por um salário miserável, enquanto nos ofende com essa mulher, esfrega-nos o luxo nos narizes, dá-nos o que nos dá como se fôssemos mendigos...

Não entenderam. Não fiz nada por eles. Não os tomei em conta. Fiz isso por mim. Não me interessam essas histórias. Não me

interessa recordar a vida de Teresa e Gerardo. Não me importam.

— Por que não lhe exigiste que te desse teu lugar, Gerardo? És tão responsável quanto ele... Não me interessam.

— Acalma-te, Teresita, compreende minha posição; não me queixo.

— Um pouco de personalidade; nem isso...

— Deixem-no descansar.

— Não te ponhas ao lado dele! Não fez ninguém sofrer mais que ti...

Eu sobrevivi. Regina. Como te chamavas? Não. Tu, Regina. Como te chamavas, soldado sem nome? Gonzalo. Gonzalo Bernal. Um yaqui. Um pobre yaqui. Sobrevivi. Vocês morreram.

— E eu também. Como vou esquecer? Nem sequer apareceu no casamento. Em meu casamento, o casamento de sua filha...

Nunca compreenderam. Não precisei delas. Fiz-me sozinho. Soldado. Yaqui. Regina. Gonzalo.

— Se destruiu até o que lhe quis, mamãe, sabes...

— Não fales. Por Deus, não fales...

O testamento? Não se preocupem: existe um papel timbrado, estabelecido ante o notário; não esqueço ninguém — para que iria esquecê-los, odiá-los?; não teriam agradecido em segredo? não lhes daria prazer pensar que até o último momento neles pensei para divertir-me?: não, lembro-os com uma indiferença de trâmite frio, querida Catalina, filha gentil, neta, genro: por eles divido uma riqueza estranha, que adjudicarão, em público, a meu esforço, a minha vontade, a meu sentido de responsabilidade, a minhas qualidades pessoais. Façam-no. Sintam-se tranquilos. Esqueçam que ganhei essa riqueza expondo a pele, sem o saber, numa luta que não quis entender porque não me convinha compreendê-la, entendê-la, porque só a poderiam compreender, entender, aqueles que não esperavam nada de seu sacrifício. Isto é o sacrifício, não é?: dar tudo em troca de nada. Como se chamará,

então, dar tudo em troca de tudo? Mas aqueles não ofereceram tudo para mim. Ela me ofereceu tudo. Não tomei. Não soube tomá-lo. Como se chamará?

"— OK. The picture's clear enough. Say, the old boy at the Embassy wants to make a speech comparing this Cuban mess with the old-time Mexican revolution. Why don't you prepare the climate with an editorial...?"

"— Sim, sim. Nós o faremos. Uns vinte mil pesos?"

"— Seems fair enough. Any ideas?"

"— Sim. Diga-lhe que estabeleça um claro contraste entre um movimento anárquico, sangrento, destruidor da propriedade privada e dos direitos humanos com uma revolução ordeira, pacífica e legal como a do México, que foi dirigida por uma classe média inspirada por Jefferson. Afinal, as pessoas têm má memória. Diga-lhe que nos agrade.

"— Fine. So long, Mr. Cruz, it's always..."

Oh, que bombardeio de signos, de palavras, de estímulos para meu ouvido cansado; oh, que fadiga; não entenderão meu gesto porque só posso mexer os dedos: que desliguem já, já me aborreceu, que tem a ver, que chato, que chato ...

— Em nome do Pai, do Filho...

— Naquela manhã, esperava-o com alegria. Cruzamos o rio a cavalo.

— Por que o arrancaste de meu lado?

Vou legar-lhes as mortes inúteis, os nomes mortos de Regina, do yaqui... Tobías, agora me lembro, chamavam-no Tobías... de Gonzalo Bernal, de um soldado sem nome. E ela? Outra.

— Abram a janela.

— Não. Podes resfriar-te e complicar tudo.

Laura. Por quê? Por que tudo aconteceu assim? Por quê?

Tu sobreviverás: voltarás a roçar os lençóis e saberás que sobreviveste, apesar do tempo e do movimento que a cada

momento encurtam teu destino; entre a paralisia e o desenfrear está a linha da vida: a aventura; imaginarás a segurança maior, nunca te moveres: imaginarás a ti mesmo imóvel, ao abrigo do perigo, do acaso, da incerteza; tua quietude não deterá o tempo que corre sem ti, embora tu o inventes e o meças, o tempo que nega tua imobilidade e te submete a seu próprio perigo de extinção; aventureiro, medirás tua velocidade com a do tempo:

o tempo que inventarás para sobreviver, para fingir a ilusão de uma permanência maior sobre a terra: o tempo que teu cérebro criará à força de perceber essa alternância de luz e sombras no quadrante do sono; à força de reter as imagens da placidez ameaçadas pelos cúmulos concentrados e negros das nuvens, o prenuncio do trovão, a posteridade do raio, a descarga tempestuosa da chuva, a aparição certa do arco-íris; à força de escutar os chamados cíclicos dos animais no monte; à força de gritar os signos do tempo: uivo do tempo da guerra, uivo do tempo de luto, uivo do tempo de festa; à força, enfim, de dizer o tempo, de falar o tempo, de pensar o tempo inexistente de um universo que não o conhece porque nunca começou e jamais terminará: não teve princípio, não terá fim e não sabe que inventarás uma medida do infinito, uma reserva de razão:

tu inventarás e medirás um tempo que não existe,

tu saberás, discernirás, julgarás, calcularás, imaginarás, preverás, acabarás pensando o que não terá realidade além da criada por teu cérebro, aprenderás a dominar tua violência para dominar a dos teus inimigos: aprenderás a esfregar duas madeiras até incendiá-las porque precisarás lançar uma tocha na entrada de tua caverna e espantar os animais que não te distinguirão, que não diferenciarão tua carne da carne de outros bichos, e terás que construir mil templos, ditar mil leis, escrever mil livros, adorar mil deuses, pintar mil quadros, fabricar mil máquinas, dominar mil cidades, romper mil átomos para voltar a lançar tua tocha acesa na



entrada da caverna, e farás tudo isso porque pensas, porque terás desenvolvido uma congestão nervosa no cérebro, uma rede espessa capaz de obter informação e transmiti-la da frente para trás: sobreviverás, não por seres o mais forte, mas pela sorte obscura de um universo cada vez mais frio, onde só sobreviverão os organismos que saibam conservar a temperatura de seu corpo ante as alterações do meio, os que concentrem essa massa nervosa frontal e possam prever o perigo, buscar o alimento, organizar seu movimento, e dirigir seu nadar no oceano redondo, proliferante, atestado das origens; ficarão no fundo do mar as espécies mortas e perdidas, tuas irmãs, milhões de irmãs que não emergiram das águas com suas cinco estrelas contrateis, seus cinco dedos cravados na outra margem, na terra firme, nas ilhas da aurora; emergirás com a ameba, o réptil e o pássaro cruzados: as aves que se lançarão dos novos cimos para estatelar-se nos novos abismos, aprendendo com o fracasso, enquanto os répteis voam e a terra se esfria; sobreviverás com as aves protegidas por penas, enroupadas pela velocidade de seu calor, enquanto os répteis frios dormem, invernam e finalmente morrem e tu cravarás as úngulas na terra firme, nas ilhas da aurora, e suarás como um cavalo, e treparás nas árvores novas com tua temperatura constante e descerás com tuas células cerebrais diferenciadas, tuas funções vitais automatizadas, tuas constantes de hidrogênio, açúcar, água, oxigênio: livre para pensar além dos sentidos imediatos e das necessidades vitais descerás com teus dez milhões de células cerebrais, com tua pilha elétrica na cabeça, plástico, mutável, a explorar, satisfazendo tua curiosidade, propondo-te fins, realizando-os com o menor esforço, evitando as dificuldades, prevendo, aprendendo, esquecendo, lembrando, unindo ideias, reconhecendo formas, somando graus à margem deixada livre pela necessidade, subtraindo tua vontade às atrações e repulsões do meio físico, buscando as condições favoráveis, medindo a realidade com o critério do mínimo,

desejando secretamente o máximo, não te expondo, entretanto, à monotonia da frustração: acostumando-te, amoldando-te às exigências da vida em comum:

desejando; desejando que teu desejo e o objeto desejado sejam a mesma coisa; sonhando com a realização imediata, com a identificação sem limites do desejo e do desejado:

reconhecendo-te a ti mesmo:

reconhecendo os demais e deixando que eles te reconheçam: e sabendo que te opões a cada indivíduo, porque cada indivíduo é um obstáculo a mais para alcançares teu desejo:

escolherás, para sobreviver escolherás, escolherás entre os espelhos infinitos um só, um só que te refletirá irrevogavelmente, que encherá de sombra negra os demais espelhos, matará antes de te oferecer, mais uma vez, os caminhos infinitos para a escolha: decidirás, escolherás um dos caminhos, sacrificarás os demais: sacrificar-te-ás ao optar, deixarás de ser todos os outros homens que poderias ter sido, quererás que outros homens — outro — cumpram por ti a vida que mutilaste ao escolher: ao escolher sim, ao escolher não, ao permitir que, ao invés de teu desejo, idêntico a tua liberdade, teu interesse, teu medo, teu orgulho, te assinalassem um labirinto:]

temerás o amor, nesse dia:

mas poderás recuperá-lo: repousarás com os olhos fechados, mas não deixarás de ver, não deixarás de desejar, porque, assim, farás tua a coisa desejada:

a memória é o desejo satisfeito hoje que tua vida e teu destino são a mesma coisa.

## 1934: 12 de agosto

Ele escolheu um fósforo, riscou-o contra o lado áspero da caixa, contemplou a chama e aproximou-a da ponta do cigarro. Fechou os olhos. Aspirou a fumaça. Esticou as pernas e afundou-se na poltrona de veludo; afagou o veludo com a mão livre e cheirou o perfume de uns crisântemos colocados dentro de um vaso de cristal, na mesa, às suas costas. Escutou a música lenta, reproduzida pelo fonógrafo, também às suas costas.

— Já estou quase pronta.

Procurou, às apalpadelas, com a mão livre, o álbum aberto colocado sobre a pequena mesa de nogueira, à sua direita. Tocou as capas de papelão, leu Deutschen Grammophon Gessellschaft e escutou a entrada majestosa do cello que afastava, fazia-se presente, vencia afinal o refrão dos violinos e relegava-os no segundo término do coro. Deixou de escutar. Ajeitou a gravata e durante alguns segundos acariciou a seda dilatada, essa seda que soava levemente quando tocada pelos dedos.

— Preparo-te algo?

Dirigiu-se para a mesa baixa, sobre rodas, destinada a sustentar a variedade de garrafas e copos, de onde escolheu uma de escocês e um pesado, de cristal da Boêmia, e mediu dois dedos de uísque dentro do copo, depois buscou um cubo de gelo e despejou um pouco de água.

— O que tomares.

Então ele repetiu a operação e pegou os dois copos entre as mãos, fez com que batessem, girou-os um pouco nas palmas, para misturar bem o uísque e a água, e aproximou-se da porta do quarto.

- Um minuto.
- Escolheste-o por mim?
- Sim. Lembras?
- Sim.
- Perdoa-me o atraso.

Voltou à poltrona. Tornou a pegar o álbum, colocou-o sobre os joelhos. Werke von Georg Friedrich Händel. Escutaram os dois concertos na sala excessivamente aquecida e, por casualidade, ficaram sentados juntos, escutando — ela — que ele falava espanhol e comentava com um amigo que havia demasiada calefação na sala. Ele lhe pediu o programa em inglês e ela sorriu e disse-lhe, em espanhol, que com muito prazer. Os dois sorriram. Concerti grossi, opus 6.

Encontraram-se no mês seguinte, quando ambos deveriam chegar a essa cidade, quando ambos deveriam chegar a essa cidade, nesse café da Rue Caumartin, perto do Boulevard des Capucines, que ele voltaria a visitar depois, sem ela, sem poder localizá-lo exatamente, desejando voltar a vê-lo, voltar a pedir o mesmo, que localizou como um café de decoração vermelha e sépia, com curuis romanas e uma comprida barra de madeira avermelhada, não um café ao ar livre, mas aberto, sem portas. Beberam menta com água. Tornou a pedi-lo. Ela disse que setembro era o mês melhor, fins de setembro e começos de outubro. O verão índio. A volta das férias. Pagou. Ela lhe segurou o braço, rindo, respirando, e atravessaram os pátios do Palais Royal, caminharam entre as galerias e os pátios, pisando as primeiras folhas mortas, acompanhados pelas pombas, e entraram no restaurante de mesas pequenas e espaldares de veludo e paredes de espelho pintado, decorado com uma velha pintura, um velho verniz de ouro, azul e sépia.

- Pronta.

Olhou por sobre o ombro e viu-a sair do quarto, prendendo os brincos nos lóbulos, ajeitando, com a mão, o cabelo liso, cor de

mel. Ofereceu-lhe o uísque preparado e ela bebeu um pequeno gole, franzindo o nariz, e sentou-se na poltrona vermelha, cruzou a perna direita sobre a outra e levantou o copo à altura dos olhos. Ele correspondeu com um gesto idêntico e sorriu-lhe, enquanto ela lhe sacudia algo da lapela do terno negro. O cravo conduzia o refrão central desse descenso, acompanhado pelos violinos: ele o imaginou como um descenso da altura, não como uma andadura em frente: um descenso leve, imperceptível, que ao tocar a terra se convertia em alegria de contrapontos entre os tons graves e agudos dos violinos. O cravo só servira, como as asas, para descer e tocar a terra. Agora a música, na terra, bailava. Os dois se olharam.

— Laura...

Ela fez um sinal com o dedo indicador e os dois continuaram escutando; ela sentada, com o copo entre as mãos; ele de pé, fazendo girar em seu eixo o globo do firmamento, detendo-o de vez em quando para distinguir as figuras desenhadas com ponta de prata sobre a suposta figura das constelações: corvo, escudo, lebréu, peixe, altar, centauro. A agulha girou sobre o silêncio; ele caminhou até o fonógrafo, afastou-a do disco, colocou-a na posição de descanso.

— O apartamento ficou muito bem.

— Sim. Está interessante. Mas não couberam todas as coisas.

— Está muito bem.

— Tive que alugar um depósito para guardar tudo o que não coube.

— Se quisesses, poderias...

— Obrigado. — Disse, rindo: — Se só quisesse um casarão, continuaria com ele.

— Queres ouvir mais música, ou vamos?

— Não. Acabemos a bebida e saiamos.

Pararam ante esse quadro e ela disse que gostava muito dele e sempre vinha vê-lo porque esses trens parados, essa fumaça azul,

esses casarões azul e ocre do fundo, essas figuras borradas, apenas insinuadas, esse telhado horrível, de ferro e vidros opacos, da Estação de Saint-Lazare pintada por Monet agradavam-lhe muito, era o de que gostava nessa cidade onde as coisas, talvez, não fossem muito belas vistas isoladamente, em detalhe, mas eram irresistíveis quando vistas em conjunto. Ele lhe disse que essa era uma ideia e ela riu e acariciou-lhe a mão e disse-lhe que tinha razão, que simplesmente lhe agradava, gostava de tudo, estava contente, e ele, anos depois, voltou a ver essa pintura, quando já estava instalada no Jeu-de-Paume e o guia disse-lhe que era notável, em trinta anos esse quadro havia quadruplicado seu valor, agora custava vários milhares de dólares, era notável.

Ele se aproximou, parou atrás dela, acariciou o espaldar da poltrona e depois tocou os ombros de Laura. Ela inclinou a cabeça sobre a mão do homem, roçou a face com os dedos. Suspirou um novo sorriso, afastou-se e tomou um pouco de uísque. Lançou a cabeça para trás, com os olhos fechados, e tragou o gole depois de tê-lo parado entre a língua e o palato.

— Poderíamos voltar no ano que vem. Não achas?

— Sim. Poderíamos voltar.

— Lembro-me muito de como passeávamos pelas ruas.

— Eu também. Nunca havias ido ao Village. Lembro-me de que te levei.

— Sim. Poderíamos voltar.

— Há algo tão vital nesta cidade. Lembras? Não havias aprendido a distinguir o cheiro de rio e mar unidos. Não o havias localizado. Caminhamos até o Hudson e fechamos os olhos para percebê-lo.

Ele pegou a mão de Laura, beijou-lhe os dedos. Soou a campainha do telefone e ele se adiantou para pegar o fone, levantou-o e escutou a voz que repetia: — Bom... Bom, bom?... Laura?

Colocou uma mão sobre o fone e deu-o a Laura. Ela deixou o copo sobre a mesinha e foi até o telefone.

— Sim?

— Laura. É Catalina.

— Sim. Como estás?

— Não te interrompo?

— Estava de saída.

— Não, não te segurarei muito tempo.

— Fala.

— Não te tomo tempo?

— Não, digo-te que não.

— Creio que cometi um erro. Tinha que te dizer ...

— Sim?

— Sim, sim. Devia comprar-te o sofá. Agora que estou preparando a nova casa, percebi. Lembras-te do sofá, aquele sofá com os brocados de ponto? Olha que ficaria muito bem no vestíbulo, porque comprei uns gobelins, uns gobelins para enfeitar o vestíbulo, e acho que a única coisa que vai bem ali é teu sofá de bordados...

— Quem sabe? Talvez sejam muitos bordados.

— Não, não, não. É que meus gobelins são de tom escuro e teu sofá de tom claro, de maneira que há um bonito contraste.

— Mas sabes que esse sofá foi instalado aqui, no apartamento.

— Ai, não sejas assim. Sobram-te móveis. Não me contaste que deixaste mais da metade num depósito? Sim, contaste, não é?

— Sim. Mas é que arrumei a sala de um tal jeito que...

— Então pensa. Quando vens ver a casa?

— Quando quiseres.

— Não, não assim, tão indefinido. Escolhe uma data e tomaremos chá juntas e conversaremos.

— Na sexta?

— Não, na sexta não posso, mas na quinta sim.

— Então na quinta.

— Mas digo-te que sem teu móvel perde-se o vestíbulo, quase preferia não ter vestíbulo, vês? Iria perder-se. Um apartamento é fácil de arrumar. Logo verás.

— Então na quinta.

— E vi teu marido passar na rua. Cumprimentou-me muito atento. Laura, é um pecado, um pecado que se divorciem. Achei-o muito bem. Vê-se que lhe fazes falta. Por quê, Laura, por quê?

— Isto já passou.

— Então na quinta. Sozinhas, para conversar à vontade.

— Sim. Catalina. Até quinta.

— Adeus.

Convidou-a a dançar e atravessaram os salões de palmeiras em vasos do Hotel Plaza e foram até o salão e ele a tomou nos braços e ela acariciou os dedos compridos do homem, tocou o calor da palma da mão, reclinou a cabeça sobre o ombro de seu companheiro, afastou-a, olhou-o fixamente, como ele a olhava: olhando-se, olhando-se, olhos verdes, cinzentos os dela, olhando-se, só no salão de baile com essa orquestra que tocava um blues muito lento, olhando-se, com os dedos, a cintura enlaçada, girando lentamente, a saia de pregas, a saia...

Ela se levantou e o olhou e esperou. Caminhou até o sofá de bordados e acariciou-o e voltou a olhar o homem.

— Queres acender a luz? Essa que está a teu lado. Obrigada.

— Ela não sabe nada.

Laura afastou-se do sofá e olhou-o. — Não, é luz demais. É que ainda não sei distribuí-la bem. Não é o mesmo que iluminar uma casa grande...

Sentiu-se cansada, sentou-se sobre o sofá, pegou um livro pequeno, encadernado em couro, da mesa lateral e folheou-o. Ajeitou para o lado a mecha loira que lhe cobria a metade do rosto,



buscou a luz da lâmpada e murmurou em voz baixa o que lia, com as sobranceiras altas e uma tênue resignação nos lábios. Leu e fechou o livro e disse: — Calderón de la Barca — e repetiu de memória, olhando para o homem: — Não há de haver prazer algum dia? Deus, dizei, para que criastes flores, se o olfato não vai sentir o suave odor de seus aromas fragrantes...

Estendeu-se no sofá, tapando os olhos com as mãos, repetindo com voz precisa, cansada, uma voz que não se queria escutar ou ser escutada: — ...se o ouvido não as ouvirá... se os olhos não as verão?... e sentiu a mão dele sobre seu pescoço, tocando as pérolas vivas, em contato com a pele do peito. — Eu não te obriguei...

— Não, não tens nada a ver com isso. Isso já vinha de antes.

— Por que aconteceu?

— Oh, talvez porque tenha uma concepção demasiado presunçosa de mim mesma... porque creio ter direito a outro tratamento... a não ser um objeto, mas uma pessoa ...

— E comigo?

— Não sei. Não sei. Tenho trinta e cinco anos. É difícil começar de novo, a menos que alguém nos dê a mão ... Falamos aquela noite, lembras?

— Em Nova York.

— Sim. Dissemos que nos devíamos conhecer...

— ... que era mais perigoso fechar as portas que as abrir... Já não me conheces?

— Nunca dizes nada. Nunca me pedes nada.

— Devia fazer isso, não é? Por quê?

— Não sei...

— Não sabes. Só soletrando para ti é que saberias ...

— Talvez.

— Gosto de ti. Disseste-me que gostas de mim. Não, não queres compreender... Dá-me um cigarro.

Tirou o maço do bolso do paletó. Pegou um fósforo, acendeu-o enquanto ela pegava o cigarro e sentia o papel entre os lábios, umedecia-o, afastava a crosta arrancada, pegada aos lábios, com dois dedos, e a fazia circular entre os dois dedos, lançava-a displicentemente e esperava. E ele a olhava.

— Agora talvez retorne às minhas aulas. Aos quinze anos queria pintar. Depois esqueci-me.

— Não vamos sair?

Ela tirou os sapatos, ajeitou a cabeça numa almofada, lançou ao teto as volutas de fumaça.

— Não, já não vamos sair.

— Queres outro escocês?

— Sim, dá-me outro.

Ele pegou o copo vazio na mesa, olhou a mancha de batom na borda, escutou o choque do cubo de gelo agitado contra o cristal, foi até a mesa baixa, tornou a medir o uísque, pegou outro cubo de gelo com o pegador de prata ...

— Sem água, por favor.

Ela lhe perguntou se não se preocupava em saber para onde olhava, para quem ou para que coisa olhava a moça que está de pé sobre o balanço, vestida de branco — de branco e sombra —, com as fitas ao longo do vestido; disse-lhe que algo sempre ficava fora do quadro, porque o mundo representado pelo quadro devia alongar-se, estender-se mais além e estar cheio de outras cores, outras presenças, outras solitudes, graças às quais o quadro se compunha e era. Saíram sob o sol de setembro. Caminharam, rindo, sob as arcadas da Rue de Rivoli, e ela lhe disse que devia conhecer a Place des Vosges, que talvez fosse a mais bela. Pararam um táxi. Ele estendeu sobre os joelhos o mapa do metropolitano e ela foi seguindo, com o dedo, a linha vermelha, a linha verde, segurando seu braço, com a respiração muito próxima da sua, dizendo que

esses nomes encantavam-na, não se cansava de repeti-los, Richard Lenoir, Ledru-Rollin, Filies du Calvaire...

Deu-lhe o copo e tornou a girar o globo dos céus, a ler os nomes lúpus, crater, sagittarius, piseis, horologium, argo navis, libra, serpens. Fê-lo girar, deixando seu dedo a roçar a esfera, tocar as frias, distantes estrelas.

— Que fazes?

— Olho o mundo leste.

— Ah.

Ajoelhou-se e beijou-lhe o cabelo solto; ela assentiu com a cabeça, sorriu.

— Tua mulher quer este sofá.

— Já ouvi.

— Que me recomendas? Devo ser generosa?

— Como desejares.

— Ou indiferente? Esquecer que me falou? Prefiro ser indiferente. A generosidade é como um insulto feio e sem graça às vezes, não achas?

— Não te entendo.

— Põe um pouco de música.

— O que queres agora?

— O mesmo. Põe o mesmo, por favor.

Leu os números das quatro faces. Ordenou-as, apertou o botão, deixou cair o disco, cair com sua bofetada seca sobre o prato de camurça. Cheirou essa mistura de cera e tubos quentes e madeira polida e voltou a escutar as asas do cravo, a queda suave para a alegria, a renúncia do cravo, renúncia ao ar, para tocar com os violinos a terra firme, o sustentáculo, as espáduas do gigante.

— Está bom o volume?

— Um pouco mais alto, Artemio...

— Sim?

— Já não posso mais, meu amor. Tens que escolher.

- Tem paciência, Laura. Vê que...
- O quê?
- Não me obrigues.
- A quê? Tens medo de mim?
- Não estamos bem assim? Falta algo?
- Quem sabe? Talvez nada falte.
- Não te ouço bem.
- Não, não diminuas o volume. Escuta-me, apesar da música. Estou-me cansando.
- Não te enganei. Não te forcei.
- Não te transformei, o que é diferente. Não estás disposto.
- Gosto assim de ti, como fomos até agora.
- Como no primeiro dia.
- Sim, assim.
- Já não é o primeiro dia. Agora me conheces. Dize-me.
- Entende, Laura, por favor. Essas coisas perturbam. Deve-se cuidar...
- Das aparências? Ou do medo? Se não vai acontecer nada, tem a certeza de que não acontecerá nada.
- Deveríamos sair.
- Agora não. Não, agora não. Mais alto.

Os violinos chocaram-se contra os cristais: a alegria, a renúncia. A alegria dessa expressão forçada sob os olhos claros e brilhantes. Pegou o chapéu que estava sobre uma cadeira. Caminhou até a porta do apartamento. Parou com a mão na maçaneta. Olhou para trás. Laura deitada, com as almofadas entre os braços, de costas para ele. Saiu. Fechou a porta com cuidado.

Eu desperto outra vez, mas, desta vez, com um grito: alguém me cravou um punhal comprido e frio no estômago; alguém de fora; não posso atentar contra minha própria vida desta maneira; há alguém, há outro que me cravou um aço nas entranhas; estendo os braços, faço um esforço para me levantar e já estão ali as mãos, os

braços alheios sujeitando-me, pedindo calma, dizendo que devo permanecer quieto, e um dedo disca depressa os números no telefone, erra, volta a tentar, volta a errar, afinal consegue o chamado, chama o doutor, pronto, depressa, porque eu gostaria de levantar-me e disfarçar a dor com o movimento e eles não me deixam — quem serão? quem serão? — e as contrações sobem, imagino-as como os anéis de uma serpente, sobem até o peito, até a garganta, e me enchem a língua, a boca, com esse bolo moído, amargo, de uma velha refeição de que me esqueci e que agora vomito, boca abaixo, buscando em vão um recipiente e não esse tapete manchado pelo líquido hediondo e grosso de meu estômago: não para, rasga-me o peito, é tão amargo e me dá riso na garganta, faz-me cócegas espantosas; continua, não para, é uma velha digestão com sangue, vomitada sobre o tapete do quarto, e não me necessito ver para sentir a palidez do rosto, a lividez dos lábios, o ritmo acelerado do coração enquanto o pulso desaparece: cravaram-me um punhal no umbigo, o mesmo umbigo que, uma vez, me nutriu de vida, uma vez, e não posso crer no que os dedos me dizem quando toco esse ventre pegado a meu corpo, mas que não é meu ventre: inflado, inchado, avultado por esses gases que sinto circular e que não posso expelir, por mais que force; esses arrotos que sobem até a garganta e voltam a descer para o ventre, para os intestinos, sem que os possa expelir; mas posso aspirar meu próprio hálito fétido, agora que consigo deitar-me e sentir que, a meu lado, limpam apressadamente o tapete; cheiro a água com sabão, o trapo molhado que tenta vencer esse cheiro de vômito; quero levantar-me; se caminhar pelo quarto, a dor irá embora, sei que irá:

- Abram a janela.
- Se destruiu até de quem gostou, mamãe, sabes.
- Não fales. Por Deus, não fales.
- Não matou Lorenzo, não...?

— Cala-te, Teresa! Proíbo-te que continues falando. Estás ferindo-me.

Eh, Lorenzo? Não importa. Não me importa. Que digam tudo. Sei há muito o que dizem sem se atreverem a dizer-me. Que o digam agora. Que aproveitem. Eu me impus. Eles não entenderam. Eles me olham como estátuas, enquanto o sacerdote me unta o óleo nas pálpebras, nas orelhas, nos lábios, nos pés e nas mãos, entre as pernas, perto do sexo. Liga o gravador, Padilla.

— Cruzamos o rio... E ela me detém, Teresa, e desta vez vejo o medo em seus olhos, o pânico na expressão sem pintura dos lábios, e no braço de Catalina um peso insuportável de palavras jamais pronunciadas e que a impeço de pronunciar: conseguem deitar-me; não posso, não posso, a dor dobra-me a cintura, tenho que tocar as pontas dos pés com as pontas das mãos para saber que os pés estão ali e não desapareceram, gelados, já mortos, aaaaahaaai, já mortos e só agora percebo que sempre, toda a vida, havia um movimento imperceptível nos intestinos, todo o tempo, um movimento que só agora reconheço porque de repente não o sinto: parou, era um movimento ondulatório que me acompanhou toda a vida, e agora não o sinto, não o sinto, mas olho minhas unhas quando estico as mãos para tocar os pés gelados que já não sinto, olho minhas novas unhas azuis, escuras, preparadas para morrer, aaaah-aaai, não, já passará, não quero essa pele azul, essa pele pintada de sangue morto, não, não, não quero, azul outra coisa, céu azul, lembranças azuis, cavalos azuis que cruzam os rios, cavalos lustrosos azuis e mar verde, flores azuis, eu azul não, não, não, não, aaaaa-aaaai, tenho que cair de costas porque não sei para onde ir, como mexer-me, não sei para onde dirigir os braços e as pernas que não sinto, não sei para onde olhar, já não me quero levantar porque não sei para onde ir, só tenho essa dor no umbigo, essa dor no ventre, essa dor junto às costelas, essa dor do reto enquanto forço inutilmente, forço rasgando-me, forço com as pernas abertas e já

não cheiro nada, mas escuto os prantos de Teresa e sinto a mão de Catalina em meu ombro. Não sei, não entendo por quê, sentada a meu lado, compartilhas, afinal, esta lembrança comigo, e desta vez sem censura em teu olhar. Ah, se entendesse. Se entendêssemos. Talvez haja outra membrana atrás dos olhos abertos e só agora vamos rompê-la, ver. Pode sair do corpo tanto como o próprio corpo pode receber do olhar, da carícia alheios. Afagas-me. Tocas-me a mão e sinto a tua sem sentir a minha. Toca-me. Catalina acaricia-me a mão. Será amor. Pergunto-me. Não entendo. Será amor? Estávamos tão acostumados. Se eu oferecesse amor, ela me devolveria censura: se ela oferecesse amor, eu lhe devolveria orgulho: talvez duas metades e um só sentimento, talvez. Toca-me. Quer recordar isso comigo, só isso; compreendê-lo.

— Por quê?

— Cruzamos o rio a cavalo... Eu sobrevivi. Regina. Como te chamavas? Não. Tu, Regina. Como te chamavas, soldado sem nome? Sobrevivi. Vocês morreram. Eu sobrevivi.

— Aproxima-te, filhinha... para que te reconheça ... dize teu nome...

Mas escuto o choro de Teresa e sinto a mão de Catalina em meu ombro e o passo rápido e rangente desse homem que me apalpa o estômago, toma-me o pulso, abre-me violentamente as pálpebras e inunda meus olhos com uma luz falsa que acende e apaga, acende e apaga e volta a apalpar-me o estômago, introduz-me um dedo no ânus, introduz-me o termômetro quente e alcoólico na boca e as demais vozes param e o recém-chegado diz algo para a distância, no fundo de um túnel:

— Não é possível saber. Pode ser uma hérnia estrangulada. Pode ser uma peritonite. Pode ser uma eólica nefrítica. Inclino-me a pensar que seja uma eólica nefrítica. Neste caso, teria que injetar dois centigramas de morfina. Mas pode ser perigoso. Acho que devemos ter a opinião de outro médico.

Ai, dor que se está vencendo a si mesma, ai, dor que te prolongas até não importar, até converter-te em normalidade: ai, dor, já não suportaria tua ausência, já me acostumo a ti, ai, dor, ai...

— Diga algo. Dom Artemio. Fale, por favor. Fale.

— ... não a recordo, já não a recordo, sim, como vou esquecer...

— Olhe: o pulso para totalmente quando fala.

— Dê-lhe a injeção, doutor; para que não sofra...

— Tenho que ver outro médico. É perigoso.

— ... como vou esquecer...

— Descanse, por favor. Não diga nada. Assim. Quando urinou pela última vez?

— Esta manhã... não, há duas horas, sem perceber. — Não a conservaram?

— Não... Não.

— Ponham-lhe o urinol. Guardem-na; é preciso analisá-la.

— Não estive lá; como vou recordar?

Outra vez esse artefato frio. Outra vez o membro morto colocado na boca metálica. Aprenderei a viver com tudo isto. Um ataque; um ataque pode acontecer a um velho da minha idade; um ataque não é nada do outro mundo; já passará; tem que passar; mas há tão pouco tempo, por que não me deixam recordar isso?; sim, quando o corpo era jovem; uma vez foi jovem; foi jovem... Ah, o corpo morre de dor, mas o cérebro enche-se de luz: separam-se, sei que se separam: porque agora me lembro desse rosto.

— Faça um ato de contrição:

tenho um filho, eu o fiz: porque agora me lembro desse rosto; por onde o pego? por onde, para que não se escape? por onde, por Deus, por onde, por favor, por onde?

Tu clamarás desde o fundo de tua memória; baixarás a cabeça como se quisesses aproximá-la da orelha do cavalo e incitá-lo com palavras. Sentirás — e teu filho deverá sentir o mesmo — esse



alento feroz, fumegante, esse suor, esses nervos tensos, esse olhar vidrado de esforço. As vozes se perderão sob o estrondo dos cascos e ele gritará: "Nunca pudeste com a égua, papai!", "Quem te ensinou a montar? hein?", "Digo-te que nunca pudeste com a égua!", "Vamos ver!" "Deves contar-me tudo, Lorenzo, como até agora, igual... igual até agora... nada deve envergonhar-te se contares para tua mãe; não, não, nunca te perturbes em minha presença; sou teu melhor amigo, talvez teu único amigo..." Repetilo-á nesta manhã, estendida na cama, nesta manhã de primavera, e repetir-se-ão todas as conversas que

Ele preparou desde a infância de seu menino, monopolizando-o, cuidando dele o dia inteiro, sem aceitar uma ama, encerrando a menina, desde os seis anos, no internato religioso, para que todo o tempo fosse para Lorenzo, para que Lorenzo se acostumassem a essa vida cômoda, sem opções. A velocidade te arrancará lágrimas dos olhos: abraçarás com as pernas o ventre do cavalo, arrojarte-ás violentamente sobre a crina, mas a égua negra continuará com três corpos de vantagem. Erguer-te-ás, cansado; diminuirás o galope. Parecer-te-á mais belo ver a égua e o jovem cavaleiro afastarem-se, com esse estrépito perdido no coro de papagaios, nos baldios que descerão das ladeiras: deveras piscar para não perder de vista a égua de Lorenzo, que agora se desviará do caminho para voltar a trotar até a espessura, de volta ao curso do rio. Não: sem opções difíceis, sem necessidades alarmantes de escolher, dir-se-á Catalina, pensando que tu, no princípio, ajudaste-a com tua indiferença, sem o querer, porque tu pertencias a outro mundo, esse mundo de trabalho e força que ela conheceu quando tomaste as terras de Dom Gamaliel, deixando que o menino se incorporasse, no princípio, ao outro mundo de quartos na penumbra; inclinação natural, clima de exclusões e incorporações quase insensíveis, fabricado por ela entre murmúrios sagrados, dissimulações teimosas. A égua de

Lorenzo desviar-se-á do caminho para voltar a trotar até a espessura, de volta ao curso do rio. O braço levantado do rapaz indicará o oriente, por onde saiu o sol, até a laguna separada do mar pela barra do rio. Fecharás os olhos ao sentir, novamente, a subida do vapor quente até teu rosto, a descida da sombra fresca sobre tua cabeça. Deixarás que o cavalo siga o caminho por sua conta e te mexa sobre a sela empapada. Por trás de tuas pálpebras cerradas, espalhar-se-á em fundas invisíveis a forma do sol e a forma da sombra, recortar-se-á o espectro azul da figura jovem e forte. Haverás despertado nesta manhã, como em todas, com a alegria esperada. "Sempre dei a outra face", repetirá Catalina, com o menino perto dela, "sempre; sempre suportei tudo; se não fosse por ti", e quererás esses olhos espantados, interrogativos, que se deixarão levar: "Algum dia te contarei..." Não te equivocarás ao trazer Lorenzo para Cocuya desde os doze anos; repetirás: não. Só para ele terás comprado as terras, reconstruído a fazenda e o terás deixado ali, menino-dono, responsável pelas colheitas, aberto para a vida dos cavalos e da caça, do nadar e da pesca. Verás ao longe, a cavalo, e dirás que já é a imagem de tua juventude, esbelto e forte, moreno, com os olhos verdes afundados nos pômulos altos. Aspirarás a podridão lodosa da margem. "Algum dia te contarei... Teu pai; teu pai, Lorenzo..." Desmontarão junto às plantas ondulantes da laguna. Livres, os cavalos baixarão os focinhos, lamberão a água, lamberão um ao outro, com os beijos úmidos. E, depois, correrão lentamente, com um trote hipnótico, separando as plantas entrelaçadas, agitando as crinas, levantando uma espuma desfeita, deixando-se dourar pelo sol e pelo reflexo da água. Lorenzo colocará a mão em teu ombro. "Teu pai; teu pai, Lorenzo ... Lorenzo: amas de verdade Deus Nosso Senhor? Crês em tudo o que te ensinei? Sabes que a Igreja é o Corpo de Deus na terra e os sacerdotes, os ministros do Senhor...? Crês...?" Lorenzo colocará a mão em teu ombro. Os olhos se encontrarão, sorrirão. Pegarás

Lorenzo pelo pescoço; o rapaz fingirá um soco em teu estômago; tu o despentearás, rindo; abraçar-se-ão numa luta fingida mas forte, entregue, ofegante, até caírem cansados sobre a grama, rindo, sufocados, rindo... "Deus meu, por que te pergunto isto? Não tenho direito, na realidade, não tenho direito... Não sei, de homens santos... de verdadeiros mártires... Pensas que se pode aprovar?... Não sei por que te pergunto..." Voltarão os cavalos, cansados como vocês, e já caminharão, pegando nas rédeas, pela ponte de areia que conduz ao mar, ao mar aberto, Lorenzo, Artemio, ao mar aberto, para onde Lorenzo correrá, ágil, para as ondas que se quebram à volta de sua cintura, para o mar verde do trópico que lhe molhará as calças, o mar vigiado pelo voo baixo das gaivotas, o mar que só mostra sua língua cansada sobre a praia, o mar que tu, impulsivamente, tomaras na palma de tua mão e levarás aos lábios; o mar que tem gosto de cerveja amarga, cheira a melão, guanabano, goiaba, marmelo, morango; os pescadores arrastarão suas pesadas redes para a areia, vocês se aproximarão, quebrarão com eles as conchas das ostras, comerão com eles os caranguejos e os lagostins, e Catalina, sozinha, tratará de fechar os olhos e dormir, esperará a volta do rapaz que não vê há dois anos, desde que completou quinze, e Lorenzo, ao romper a casca rosada dos lagostins e agradecer o pedaço de limão que lhe passam os pescadores, perguntar-te-á se nunca pensas no que há do outro lado do mar, porque ele acha que a terra é toda igual, só o mar é diferente. Tu lhe dirás que há ilhas. Lorenzo dirá que no mar acontecem tantas coisas que é como se tivéssemos que ser maiores, mais completos, quando vivemos no mar. E tu só gostarias, ao deitar-te sobre a areia e escutar a guitarra jarocho dos pescadores, só gostarias de explicar-lhe que nos anos passados, há quarenta, algo se rompeu aqui, para que algo começasse ou para que algo, ainda mais novo, não começasse jamais. Sob o sol brumoso da aurora, no sol duro e derretido do meio-dia, sobre os caminhos negros e junto a este mar,

este, quieto agora, denso, verde, existia para ti um espectro, não real, embora verdadeiro, que pôde... Não foi isso — a verdade dessas possibilidades perdidas — o que te inquietou tanto, o que te levou de volta a Cocuya com Lorenzo pela mão, mas algo mais difícil — dirás com teus olhos fechados, com o sabor de marisco na boca, com o som veracruzense em teus ouvidos, perdido na enormidade deste entardecer — de expressar, de pensar sozinho; e, embora quisesses dizê-lo a teu filho, não te atreverás: ele deve entender por si mesmo; tu o escutas entender, acocorar-se, de rosto para o mar aberto, com os dez dedos abertos, sob o céu nublado, subitamente escuro: "Sai um barco dentro de dez dias. Já reservei passagem"; o céu e a mão de Lorenzo que se estende para receber as primeiras gotas da chuva, como se as mendigasse: "Tu não farias o mesmo, papai? Tu não ficaste em casa. Acreditar? Não sei. Trouxeste-me aqui, ensinaste-me todas estas coisas. É como se houvesse voltado a viver tua vida, entendes-me?" "Sim." "Agora há esse adiante. Penso que é o único adiante que me resta. Vou partir"... Oh essa dor, ai, essa pontada, ai, que vontade terás de levantar-te, correr, esquecer a dor caminhando, trabalhando, gritando, ordenando: e não te deixarão, segurar-te-ão pelos braços, obrigar-te-ão a ficar quieto, obrigar-te-ão, fisicamente, a continuar recordando, e não queres, queres, ai, não queres: só terás sonhado dias teus: não queres saber de um dia que é mais teu que outro qualquer, porque será o único que alguém viverá por ti, o único que poderás recordar em nome de alguém; um dia curto, terror, um dia de álamos brancos, Artemio, também teu dia, também tua vida... ai...

## 1939: 3 de fevereiro

Ele estava sobre o terraço, com um rifle entre as mãos, e lembrava-se de quando os dois saíam caçando pela laguna. Mas este era um fuzil oxidado, que não servia para a caça. Do terraço via-se a fachada do bispado. Só restava a frente, como uma casca, sem chão nem teto. Por trás da fachada, as bombas haviam destruído tudo. Podiam-se ver uns móveis velhos, sepultados; pela rua caminhavam em fila um homem com pescoço de pomba e duas mulheres vestidas de negro. Piscavam os olhos e levavam uns pacotes nas mãos e iam com passo cauteloso junto da fachada. Bastava vê-los para reconhecer os inimigos.

— Eh, para o outro lado da rua!

Gritou-lhes do terraço e o homem levantou o rosto e o sol cegou-lhe os óculos. Agitou o braço para indicar-lhes que atravessassem a rua e evitassem o perigo da fachada que parecia prestes a desmoronar. Cruzaram a rua e ao longe soaram as salvas de artilharia dos fascistas — ocas quando retumbavam nas profundezas da montanha e agudas quando silvavam no ar. Depois sentou-se num saco de areia. A seu lado estava Miguel. Para nada, afastava-se da metralhadora. Viram desde o terraço as ruas desertas do lugar. Havia crateras nas ruas, postes de telégrafo quebrados e fios emaranhados — o eco interminável das salvas e o pac, pac, pac de alguns fuzis, os tijolos secos e frios:

só a fachada do antigo bispado continuava de pé nessa rua. — Só nos resta uma fila de cartuchos para a metralhadora — disse para Miguel, que lhe respondeu: — Esperemos até o entardecer. Depois...

Encostaram-se no muro e acenderam cigarros. Miguel se encolheu até esconder a barba loira. Lá longe, as montanhas estavam nevadas; a neve descera muito, embora o sol brilhasse. De manhã, a serra se recortava e parecia avançar para eles. Depois, ao entardecer, retirar-se-ia; já não se podiam ver os caminhos e os pinheiros das ladeiras. No final do dia, seria só uma massa distante e roxa.

Mas, nesse meio-dia, Miguel olhou para o sol e piscou os olhos e disse: — Se não fossem os canhões e o tiroteio, dir-se-ia que estamos em paz. São belos estes dias de inverno. Olha até onde desceu a neve.

Ele olhou as rugas brancas e fundas que corriam das pálpebras de Miguel para a face barbada; essas rugas eram como a neve de seu rosto. Não as esqueceria, porque nelas aprendera a ver a alegria, a coragem, a raiva, a serenidade. Às vezes ganharam, antes que voltassem a lançá-los para trás. Às vezes só perderam. Mas, antes de ganhar ou perder, já estava nas linhas do rosto de Miguel a atitude que deveriam assumir. Aprendeu muito no rosto de Miguel. Só faltava vê-lo chorar.

Apagou o cigarro no chão e a ponta foi regada por uma chicotada de estrelas e perguntou a Miguel por que estavam perdendo e ele mostrou as montanhas da fronteira e disse: — Porque nossas metralhadoras não passaram por lá.

Também Miguel apagou o cigarro e começou a cantarolar:

Os quatro generais, os quatro generais, os quatro generais, mamãezinha, que se levantaram...

e ele lhe respondeu, também encostado nos sacos de areia: Naquela noite de Natal, mamãezinha, serão enforcados, serão enforcados... Cantaram muito, para passar o tempo. Havia muitas horas como essa, em que vigiavam e não acontecia nada; então cantavam. Não anunciavam que iam cantar. Também não sentiam vergonha de cantar em voz alta ante os outros. Era igual quando

riam sem motivo e brincavam de lutar e também cantavam na praia perto de Cocuya, com os pescadores. Só que agora cantavam para estimular-se, embora a letra parecesse uma burla, porque os quatro generais não haviam sido enforcados e mantinham-nos cercados nesse lugar e ante eles estava a fronteira da montanha. Já não tinham para onde ir. O sol começou a esconder-se cedo, por volta das quatro da tarde, e ele acariciou seu velho fuzil de cano largo, com sua coronha pintada de amarelo, e pôs o boné. Encolheu-se, como Miguel. Há dias queria propor-lhe uma coisa. Suas botas estavam gastas, mas ainda aguentavam. Em troca, Miguel andava com umas alpargatas velhas, envoltas em trapos e amarradas com barbantes. Queria dizer-lhe que podiam alternar as botas: um dia ele, o outro, eu. Mas não se atrevia. As rugas da cara diziam-lhe que não devia fazê-lo. Sopraram nas mãos, porque já sabiam o que era passar uma noite de inverno no terraço. Então, do fundo da rua, como se houvesse saído de uma das crateras, apareceu correndo um soldado amigo, republicano. Agitava os braços e, finalmente, caiu de bruços. Atrás dele, vários soldados republicanos golpeavam com as botas as calçadas bombardeadas. Aquele canhoneio, que parecia tão distante, aproximou-se repentinamente e da rua um dos soldados gritou:

— Armas, por favor, armas!

— Não parem! — gritou o homem que ia à frente dos soldados. — Não sejam um alvo fácil!

Passaram correndo sob eles e eles apontaram a metralhadora para a retaguarda de seus companheiros: pensaram que estavam sendo perseguidos.

— Já devem estar perto — disse a Miguel.

— Aponta, mexicano, aponta bem — disse-lhe Miguel, e pegou entre as palmas das mãos o último pente de cartuchos que lhes restava.

Mas outra metralhadora falou primeiro. A dois ou três quarteirões de distância, outro ninho emboscado, porém dos fascistas, esperara nossa retirada e agora a metralha salpicava a rua, matando nossos soldados. Não o chefe, que se lançou ao chão e gritou: — Pulando de barriga! Nunca aprenderão!

Ele trocou a posição da metralhadora para disparar sobre esse ninho emboscado e o sol perdeu-se atrás da montanha. O fogo da metralhadora em suas mãos fustigava-lhe o corpo e Miguel murmurou: — Não bastam os lutadores.

Os inimigos têm melhor equipamento.

Porque sobre suas cabeças zumbiram os motores.

— Já chegaram os Caproni.

Combatiam lado a lado, mas já não se viam na escuridão. Miguel estendeu o braço e tocou-lhe o ombro. Pela segunda vez nesse dia, a aviação italiana bombardeava o lugar.

— Vamos, Lorenzo. Os Caproni já voltaram.

— Para onde vamos? O quê? Deixamos a metralhadora?

— Já não adianta. Não temos bala.

A metralhadora inimiga também se calara. Sob eles, na rua, passou um grupo de mulheres. Distinguiram-nas porque cantavam, apesar de tudo, em voz alta:

Com Líster e Campesino, com Galán e com Modesto, com o Comandante Carlos, não há milicianos com medo...

Eram vozes estranhas, entre tanto ruído de bombas, mas mais fortes que as bombas, porque estas caíam de vez em quando e as vozes cantavam o tempo todo. "E não que fossem vozes muito marciais, papai, mas vozes de mulheres enamoradas. Estavam cantando para os guerreiros da República como para seus enamorados, e lá em cima, antes de abandonar a metralhadora, Miguel e eu batemos nossas mãos acidentalmente e pensamos na mesma coisa. Que nos cantavam, Miguel e Lorenzo, e que nos amavam..."



Então, desmoronou a fachada do bispado e eles se lançaram ao chão, cobertos de poeira, e ele pensou em Madri, quando chegara, com os cafés cheios de gente até as duas ou três da madrugada, quando só falavam da guerra e sentiam uma grande euforia, uma grande certeza de que ganhariam, e ele pensou que Madri continuava resistindo e que com as bombas as madrilenhas faziam saca-rolhas... Arrastaram-se até a escada. Miguel estava inerte. Ele ia arrastando seu fuzil de cano largo. Sabia que só tinha um fuzil para cada cinco combatentes. Decidiu não largar o fuzil.

Desceram pela escada em caracol.

"Acho que um menino chorava num quarto. Não sei, porque talvez tenha confundido seu choro com o dos alarmas aéreos."

Mas imaginou-o ali, abandonado. Desceram às apalpadelas, na escuridão. Era tanta, que, ao sair para a rua, parecia de dia. Miguel disse: "Não passarão!", e as mulheres responderam-lhe: "Não passarão!" A noite cegou-os e deveriam ter andado um pouco desorientados, porque uma mulher correu até eles e disse: — Por aí não. Venham conosco. Quando se acostumaram à luz da noite, estavam todos deitados na rua. O desmoronamento isolara-os das metralhadoras inimigas: a rua estava cortada; ele respirou o pó solto, mas também o suor das moças deitadas a seu lado. Tentou ver seus rostos. Só viu uma boina, um gorro de estame, até que a moça deitada a seu lado levantou o rosto e ele viu seu cabelo solto, castanho, branqueado pela cal do desmoronamento, e ela disse:

— Sou Dolores.

— Lorenzo. Esse é Miguel.

— Eu sou Miguel.

— Perdemos-nos do grupo.

— Éramos do 4.º Corpo.

— Como sairemos daqui?

— É preciso fazer uma volta e cruzar a ponte.

— Vocês conhecem o lugar?

- Miguel conhece.
- Sim, conheço.
- De onde és? — Sou mexicano.
- Ah, então não é difícil entender-se.

Os aviões distanciaram-se e todos ficaram de pé. Nuri com a boina e Maria com o gorro de estame disseram seus nomes e eles repetiram os seus. Dolores usava calças e uma jaqueta e as outras macacões e mochilas. Avançaram em fila pela rua deserta, muito perto dos muros das casas altas, sob as sacadas escuras, com suas janelas abertas, como se fosse um dia de verão. Ouviam o matraquear incessante, mas não sabiam de onde vinha. As vezes pisavam em vidros quebrados, ou Miguel, que ia na frente da fila, dizia que tivessem cuidado com um fio. Um cachorro latiu num cruzamento e Miguel jogou-lhe uma pedra. Numa sacada estava um velho, sentado em sua poltrona, com um lenço amarrado em volta da cabeça. Não os olhou quando passaram e não entenderam o que fazia ali: se esperava a volta de alguém ou se aguardava a saída do sol, ou o quê. Não os olhou.

Ele respirou fundo. Deixaram o lugar para trás e chegaram a um campo de alamos nus. Naquele outono, ninguém recolhera as folhas secas que estalavam sob seus pés, já enegrecidas pela umidade. Olhou os trapos empapados que envolviam os pés de Miguel e quis, outra vez, oferecer-lhe suas botas, mas o companheiro caminhava com tal firmeza, sustentavam-no duas pernas tão fortes e esbeltas, que percebeu como seria inútil oferecer-lhe o que não necessitava. Ao longe esperavam-nos as ladeiras escuras. Então talvez delas necessitasse. Agora não. Agora, ali estava a ponte e, sob ela, corria um rio turbulento e fundo e todos pararam para vê-lo.

— Pensei que estaria congelado — ele fez um gesto de enfado.

— Os rios da Espanha nunca ficam gelados — murmurou Miguel.

— Correm sempre.

— Por quê? — perguntou-lhe Dolores.

— Porque assim poderíamos evitar a ponte.

— Por quê? — disse Maria, e as três, com as perguntas nos olhares, eram como meninas curiosas.

Miguel disse: — Porque geralmente as pontes estão minadas.

O pequeno grupo não se moveu. O rio rápido e branco que passava a seus pés hipnotizava-os. Não se mexeram. Até que Miguel levantou o rosto e olhou para a montanha e disse:

— Se cruzarmos a ponte, poderemos chegar à montanha e dali até a fronteira. Se não a cruzarmos, fuzilar-nos-ão.

— Então? — disse Maria, com um soluço reprimido, e pela primeira vez os dois homens viram seu olhar vidrado e cansado.

— Já perdemos! — gritou Miguel, e apertou os punhos vazios e moveu-se assim, como se buscasse no chão, atapetado de folhas negras, um fuzil. — Não há como voltar para trás! Já não temos aviação, nem artilharia, nem nada!

Ele não se moveu. Ficou olhando Miguel até que Dolores, a mão quente de Dolores, os cinco dedos que acabava de tirar da axila, pegaram os cinco dedos do jovem e ele compreendeu. Buscou seus olhos e ele viu, também pela primeira vez, os dela. Piscou e viu que eram verdes, como o mar perto de nossa terra. Viu-a despenteada e sem pintura, com as faces enrubescidas pelo frio e os lábios ressequidos e cheios. Os outros três não se olharam. Caminharam, ela e ele, de mãos dadas e andaram sobre a ponte. Ele duvidou um momento. Ela não. Os dez dedos unidos deram-lhes calor, o único calor que ele sentira em todos aqueles meses.

"...o único calor que sentia em todos aqueles meses de lenta retirada para a Catalunha e os Pireneus..."

Escutaram o barulho do rio sob eles e o ranger das tábuas da ponte. Se Miguel e as moças gritaram da outra margem, eles não ouviram. A ponte aumentava, parecia atravessar um oceano e não o rio inquieto.

"Meu coração batia rapidamente. A pulsação deveria refletir-se na minha mão, porque ela a levantou e levou-a a seu peito e ali senti a força de seu coração..."

Então, já caminhavam sem medo, lado a lado, e a ponte encurtou-se.

Do outro lado do rio, surgiu o que não haviam visto. Um grande olmeiro sem folhas, grande, belo, branco. Não estava coberto de neve, mas por um gelo brilhante. Brilhava como uma joia, de tão branco, na noite. Ele sentiu o peso de seu fuzil sobre o ombro, o peso de suas pernas, seus pés de chumbo sobre a madeira da ponte: tão leve, luminoso e branco parecia-lhe esse olmeiro que os esperava. Apertou os dedos de Dolores. O vento gelado cegava-os. Fechou os olhos.

"Fechei os olhos, papai, e abri-os, temendo que a árvore já não estivesse ali..."

Então, os pés sentiram a terra, pararam, não olharam para trás, os dois correram para o olmeiro, sem atender aos gritos de Miguel e das duas moças, sem escutar a nova corrida dos companheiros sobre a ponte, correram e abraçaram o tronco nu, branco e coberto de gelo, moveram-no enquanto as pérolas de frio caíam sobre suas cabeças, suas mãos tocaram-se, abraçando-o, e afastaram-se violentamente da árvore para que ele e Dolores se abraçassem, para que ele lhe afagasse a testa e ela, a sua nuca: ela se afastou para que ele visse melhor seus olhos verdes, úmidos e a boca entreaberta, antes de afundar a cabeça no peito do rapaz e levantar o rosto e dar-lhe os lábios, antes que os companheiros os rodeassem, mas sem abraçar a árvore, como haviam feito...

"...Que ardente, Lola, que ardente és, e como já te amo..."

Acamparam ao pé da serra, sob a coroa de neve. Miguel e o jovem buscaram galhos e fizeram uma fogueira. Ele se sentou junto a Lola e tornou a pegar-lhe a mão. Maria tirou de sua mochila uma vasilha quebrada e encheu-a de neve e derreteu-a sobre o fogo e também tirou um pedaço de queijo de cabra. Depois, rindo, Nuri tirou do peito uns pacotinhos enrugados de chá Lipton e todos riram com a cara desse capitão de iate inglês que enfeitava os pacotes de chá.

Nuri contou que, antes da queda de Barcelona, haviam chegado pacotes de fumo, chá e leite condensado mandados pelos americanos. Nuri era gorda e alegre e trabalhara antes da guerra numa fábrica de tecidos, mas Maria falava e recordava os dias em que estudava em Madri e vivia na Residência dos Estudantes e saía nas greves contra Primo de Rivera e chorava nas estreias de Lorca.

"Escrevo-te, com o papel sobre os joelhos, enquanto as ouço falar e tento dizer-lhes quanto amo a Espanha e só me ocorre falar de minha primeira visita a Toledo, uma cidade que eu imaginava como pintada por El Greco, envolta numa tormenta de relâmpagos e nuvens esverdeadas, assentada sobre um Tejo largo, uma cidade, como direi? que estivesse em guerra contra si mesma. E encontrei uma cidade banhada de sol, uma cidade de sol e silêncio e um alcácer bombardeado, porque o quadro de Greco — tento dizer-lhes — é toda a Espanha e, se o Tejo de Toledo é menor, o talho da Espanha vai de mar a mar. Isso foi o que vi aqui, papai. Isso tento dizer-lhes..."

Isso lhes disse, antes que Miguel começasse a contar como se unira à brigada do Coronel Asencio e quanto lhe custara aprender a lutar. Disse-lhes que todos do Exército Popular eram muito valentes, mas que isso não chegava para vencer. Tinham que saber lutar. E os soldados improvisados demoravam muito a compreender que há regras para a segurança e que é melhor continuar vivendo para continuar lutando. Além disso, depois que

aprendiam a defender-se, ainda precisavam de aprender a atacar. E, quando já sabiam tudo isso, faltava aprender o mais difícil de tudo, ganhar a vitória mais difícil, que era a vitória sobre eles mesmos, sobre seus costumes e comodidades. Falou mal dos anarquistas, que segundo Miguel eram uns derrotistas, e falou mal dos traficantes, que prometiam à República armas que já haviam vendido para Franco. Disse que sua grande mágoa, a que levaria para a tumba, era não entender como todos os trabalhadores do mundo não se levantavam em armas para defender-nos na Espanha, porque, se a Espanha perdesse, seria como se todos perdessem. Disse isso e partiu um cigarro e deu metade para o mexicano e os dois fumaram, ele junto a Dolores; passou-lhe a ponta, para que ela também fumasse.

Escutaram um bombardeio, muito cerrado, ao longe. Do acampamento, via-se um fulgor amarelado, um leque de pó na noite. — É Figueras — disse Miguel. — Estão bombardeando Figueras.

Olharam para Figueras. Lola estava perto dele. Não falou a todos. Falou só para ele, em voz baixa, enquanto olhavam o pó e o ruído distantes. Disse que tinha vinte e dois anos, três mais que ele, e ele aumentou sua idade, dizendo que tinha vinte e quatro. Ela disse que era de Albacete e que fora para a guerra a fim de seguir seu noivo. Os dois haviam estudado juntos — estudavam química —, e ela o seguiu, mas ele fora fuzilado em Oviedo. Ele lhe contou que vinha do México e que lá vivia num lugar quente, perto do mar, cheio de frutas. Ela lhe pediu que falasse das frutas tropicais e riu dos nomes que nunca escutara e disse que "mamey" parecia nome de veneno e "guanabano" nome de pássaro. Ele lhe disse que gostava de cavalos e que, quando chegara, estivera na cavalaria, mas agora não havia cavalos nem nada. Ela lhe disse que nunca montara; ele tentou explicar-lhe a alegria que dá montar, sobretudo na praia, ao amanhecer, quando o ar tem cheiro de iodo e o norte está-se

aplacando, mas ainda chove um pouco e a espuma levantada pelos cascos mistura-se com a garoa e anda-se de peito nu e lábios cheios de sal. Gostou disso. Disse que talvez ainda lhe restasse uma lembrança de sal na boca e beijou-o. Os outros haviam dormido junto à fogueira e a fogueira estava-se apagando. Ele se levantou para atizar o fogo, ainda com o sabor de Lola na boca. Viu que todos haviam adormecido, abraçados por causa do frio, e voltou para o lado de Lola. Ela abriu a jaqueta forrada de lã e ele juntou as mãos sobre as costas da moça e sua blusa de algodão e ela lhe cobriu o ombro com a jaqueta. Disse-lhe ao ouvido que deveriam fixar um lugar para encontrar-se, caso se separassem. Ele lhe disse que se encontrariam num café que conhecia perto de Cibeles, quando Madri fosse libertada, e ela respondeu que se veriam no México, e ele disse que sim, na praça do porto de Veracruz, sob as arcadas, no Café de La Parroquia. Tomariam café e comeriam caranguejos.

Ela sorriu e ele também e ele lhe disse que queria despenteá-la e beijá-la e ela se adiantou e tirou-lhe o boné e revolveu-lhe o cabelo enquanto ele colocava as mãos sob a blusa de algodão, acariciava-lhe o ombro, buscava-lhe os seios soltos e então ele não pensava em nada e ela também não, certamente, porque sua voz não pronunciava palavras, mas expressava tudo o que pensava nesse murmúrio contínuo que era ao mesmo tempo obrigada amo-te não me esqueças vem...

Vão percorrendo a montanha e, pela primeira vez, Miguel caminha com dificuldade e não pela subida, que é dura. O frio enfiou-se em seus pés, um frio com dentes que todos sentem no rosto. Dolores apoia-se no braço de seu enamorado e, se ele a olha de soslaio, vê que está preocupada, mas, se a olha diretamente, ela sorri. Ele só pede — todos pedem — que não haja tempestade. Ele é o único que tem fuzil e seu fuzil só tem duas balas. Miguel disse-lhes que não deveriam ter medo.

"Eu não tenho medo. Do outro lado está a fronteira e passaremos esta noite na França, numa cama, sob um teto. Jantaremos bem. Lembro-me de ti e penso que não sentirias vergonha, que farias o mesmo que eu. Também lutaste e gostarias de saber que sempre há alguém que continua a luta. Sei que gostarias. Mas agora essa luta vai acabar. Enquanto cruzamos a fronteira, o membro rasgado das brigadas internacionais acabará e começará outra coisa. Nunca esquecerei esta vida, papai, porque nela aprendi tudo o que sei. É muito simples. Contarei quando voltar. Agora não me vêm as palavras."

Tocou com um dedo a carta que levava no bolso da camisa. Não podia abrir a boca nesse frio. Respirava arquejando. Lançou, por entre os dentes cerrados, um arfar branco. Iam tão lentamente... A fila de refugiados era enorme; perdia-se de vista. Iam, na frente deles, as carroças cheias de trigo e chouriços levados até a França pelos camponeses; iam as mulheres carregando o colchão e a manta, e outros levavam quadros e cadeiras, jarros e espelhos. Os camponeses diziam que na França continuariam plantando. Avançavam muito devagar. Iam crianças também, algumas de peito. A terra da montanha era seca, áspera, abrolhosa, cheia de arbustos. Iam percorrendo a montanha. Ele sentiu o punho de Dolores escondido em seu costado e também sentiu que deveria salvá-la e protegê-la. Queria-a mais que na noite passada. E sabia que amanhã a queria mais que hoje. Ela também, a ele. Não havia necessidade de dizê-lo.

Amavam-se. Isso é que importa. Amamo-nos. Já sabiam rir juntos. Tinham coisas para contar.

Dolores separou-se dele e correu até Maria. A miliciana parará junto a uma pedra, com a mão na testa. Disse que não era nada. Sentiu-se muito cansada. Tiveram que chegar para o lado, para que passassem os rostos coloridos, as mãos geladas, as carroças pesadas. Maria voltou a dizer que estava um pouco tonta.



Lola pegou-a pelo braço e continuaram pelo caminho e foi então, sim, então, que sentiram próximo o ruído do motor e pararam. Não se distinguia o avião. Todos o procuraram, mas o céu estava leitoso. Miguel foi o primeiro a distinguir as asas negras, a cruz gamada e o primeiro a gritar para todos: — Deitem-se! De bruços!

Todos deitados, entre as rochas, sob as carroças. Todos, menos esse fuzil que ainda tem duas balas. E não atira, maldito, maldita escorva enferrujada, não atira por mais que se aperte o gatilho, de pé, até que o ruído passe sobre as cabeças, encha-os com essa sombra veloz e com uma metralha que goteja sobre a terra e explode sobre a pedra...

"— Deita-te, Lorenzo, deita-te, mexicano!"

Deita-te, deita-te, deita-te, Lorenzo, e essas botas novas sobre a terra seca, Lorenzo, e teu fuzil no solo, mexicano, e uma maré dentro de teu estômago, como se levasses o oceano nas entranhas e já teu rosto sobre a terra com teus olhos verdes e abertos e um sono pela metade, entre o sol e a noite, enquanto ela grita e sabes que afinal as botas vão servir para o pobre Miguel com sua barba loira e suas rugas brancas e dentro de um minuto Dolores lançar-se-á sobre ti, Lorenzo, e Miguel dir-lhe-á que é inútil, chorando pela primeira vez, que devem continuar o caminho, que a vida está do outro lado das montanhas, a vida e a liberdade, porque sim, foram essas as palavras que escreveu: pegaram essa carta, tiraram-na da camisa manchada, ela a apertou entre as mãos, que calor! cai a neve que o sepultará, quando o beijaste outra vez, Dolores, caída sobre seu corpo e ele quis levar-te ao mar, a cavalo, antes de tocar seu sangue e dormir contigo em seus olhos... que verde... não te esqueças...

Eu diria a verdade, se não sentisse meus lábios brancos, se não me dobrasse em dois, incapaz de conter-me, se suportasse o peso das cobertas, se não voltasse a estender-me, retorcido, de bruços, para vomitar esta bília, este muco: diria que não bastava

reiterar o tempo e o lugar, a pura permanência, diria que algo mais, um desejo que nunca expressei, obrigou-me a levá-lo — ai, não sei, não percebo —, sim, a obrigá-lo a encontrar os fios do cabo que rompi, a reatar minha vida, a completar meu outro destino, a segunda parte que não pude cumprir, e ela só me pergunta, sentada à minha cabeceira:

— Por que aconteceu assim? Dize-me: por quê? Criei-o para outra coisa. Por que o levaste?

— Não enviou à morte o seu próprio filho mimado? Não o separou de ti e de mim para deformá-lo? Não é verdade?

— Teresa, teu pai não te escuta...

— Finge. Fecha os olhos e finge.

— Cala-te.

— Cala-te.

Eu já não sei. Mas os vejo. Entraram. Abre-se, fecha-se a porta de acaju e não se escutam mais os passos sobre o tapete alto. Fecharam as janelas.

Correram, com um cicio, as cortinas cinzentas. Entraram.

— Sou... sou Gloria...

O ruído fresco e doce de notas de dinheiro e ações novas quando nas mãos de um homem como eu. O arranque suave de um automóvel de luxo, construído especialmente, com ar condicionado, bar, telefone, almofadas para a cintura e tamboretas para os pés, eh, padre, eh? também lá em cima, eh?

— Quero lá voltar, para a terra...

— Por que aconteceu assim? Dize-me: por quê? Criei-o para outra coisa. Por que o levaste? e não percebe que há algo mais doloroso que o cadáver abandonado, que o gelo e o sol que o sepultaram, que os olhos abertos para sempre, devorados pelas aves; Catalina para de esfregar o algodão nas minhas têmporas e afasta-se e não sei se chora; tento levantar a mão para encontrá-la; o esforço corre-me em pontadas entrecortadas do braço ao peito e do

peito ao ventre; que apesar do cadáver abandonado, que apesar do gelo e do sol que o sepultaram, que apesar dos olhos abertos para sempre, devorados pelas aves, há algo pior: este vômito incontido, esse desejo incontido de defecar sem poder fazê-lo, sem conseguir nem que os gases saiam desse ventre inchado, sem poder deter esta dor difusa, sem poder encontrar o pulso na munheca, sem já poder sentir as pernas, sentindo que o sangue rebenta, verte-se em meu interior, sim, em meu interior, sei e eles não, e não posso convencê-los, não o veem correr desde meus lábios, entre minhas pernas; não acreditam, só dizem que já não tenho temperatura, ah, temperatura, só dizem colapso, colapso, só adivinham tumefação, tumefação de contornos fluidos, dizem isso enquanto me retêm, me apalpm, falam de pedras, sim, ouço-os, pedras violáceas no ventre que já não sinto, já não vejo: que apesar do cadáver abandonado, que apesar do gelo e do sol que o sepultaram, que apesar dos olhos abertos para sempre, devorados pelas aves, há algo pior: não poder recordá-lo, só poder recordá-lo por esses retratos, esses objetos deixados no quarto, esses livros anotados: mas como cheira seu suor? nada repete a cor de sua pele; não posso pensar nele, quando já não posso vê-lo e senti-lo; estava a cavalo, naquela manhã; lembro-me disso: recebi uma carta com selos estrangeiros mas pensar nisso ah, sonhei, imaginei, soube esses nomes, lembrei-me dessas canções, ai, obrigado, mas saber, como posso saber?; não sei, não sei como foi essa guerra, com quem falou antes de morrer, como se chamavam os homens, as mulheres que o acompanharam à morte, o que disse, o que pensou, como estava vestido, o que comeu nesse dia, não sei: invento paisagens, invento cidades, invento nomes e já não os lembro: Miguel, José, Federico, Luis? Consuelo, Bolores, Maria, Esperanza, Mercedes, Nuri, Guadalupe,

Esteban, Manuel, Aurora? Guadarrama, Pireneus, Figueras, Toledo, Teruel, Ebro, Guernica, Guadalajara?: o cadáver

abandonado, o gelo e o sol que o sepultaram, os olhos abertos para sempre, devorados pelas aves:

ai, obrigado, ensinaste-me o que pôde ser minha vida, ai, obrigado, por viveres esse dia por mim, que há algo mais doloroso:

eh, eh? Isso sim, existe, isso é meu. Isso é ser Deus, eh? ser temido e odiado e tudo o mais, isso sim é ser Deus de verdade, eh? Diga-me como salvar tudo isso, padre, e deixo-o cumprir todas as cerimônias, baterei no peito, caminharei de joelhos até um santuário, beberei vinagre e coroar-me-ei de espinhos. Diga-me como salvar tudo isso, porque o espírito...

— ... do filho, e do espírito santo, amém...

Que há algo mais doloroso:

— Não, nesse caso, haveria um tumor benigno, sim, mas também uma deslocação ou saída parcial de uma ou outra víscera...

— Repito: são vólculos. Essa dor é só causada pelo retorcer das asas intestinais, e daí a oclusão...

— Nesse caso, deveria operar...

— A gangrena pode estar se desenvolvendo, sem que a evitemos...

— A cianose já é evidente...

— Fades...

— Hipotermia...

— Lipotimia...

Calem-se... Calem-se!

— Abram as janelas

Não posso me mexer; não sei para onde olhar, para onde me dirigir, não sinto a temperatura, só o frio que vai e vem das pernas, mas não o frio e o calor de tudo o mais, de tudo o que está guardado, que nunca vi...

— Pobrezinha...impressionou-se...

...calem-se... adivinho minha aparência, não digam... sei que tenho as unhas enegrecidas, a pele azulada... calem-se...

- Apendicite?
- Devemos operar.
- É um risco.
- Não há hemorragia.

Obrigado. Poderia ter morrido em Perales. Poderia ter morrido com esse soldado. Poderia ter morrido naquele quarto vazio, ante o homem gordo. Sobrevivi. Morreste. Obrigado.

- Parem-no. A vasilha.

Parem-no. Está indo. Parem-no. Vomita esse sabor que antes só cheirara. Já não se pode virar. Vomita de boca para cima. Vomita sua merda. Escorre por seus lábios, pelo queixo. Seus excrementos. Elas gritam. Elas gritam. Não as ouço, mas deve-se gritar. Não ocorre. Isso não acontece. É preciso gritar para que não aconteça. Param-me, seguram-me. Agora não. Vai. Vai sem nada, nu. Sem suas coisas. Parem-no. Vai.

Tu lerás essa carta, fechada em um campo de concentração, selada no estrangeiro, assinada Miguel, que envolverá a outra, escrita rapidamente, assinada Lorenzo: receberás essa carta, lerás "Não tenho medo... Lembro-me de ti... Não sentirias vergonha... Nunca esquecerei esta vida, papai, porque nela aprendi tudo o que sei... Contarei quando regressar"; lerás e escolherás outra vez; escolherás outra vida:

escolherás deixá-lo nas mãos de Catalina, não o levarás para essa terra, não o colocarás à beira de sua própria escolha; não o impelirás para esse destino mortal, que poderia ter sido o teu; não o obrigarás a fazer o que não fizeste, a resgatar tua vida perdida; não permitirás que numa senda rochosa, desta vez, morras tu e se salve ele; escolherás abraçar esse soldado ferido que entra no bosquezinho providencial, deitá-lo, limpar-lhe o braço metralhado com as águas desse breve manancial, queimado pelo deserto, vendá-lo, permanecer com ele, manter seu alento com o teu, esperar, esperar que sejam descobertos, capturem-nos, fuzilem-nos

num lugar de nome esquecido, como aquele poeirento, como aquele todo de adobes e pencas; fuzis para o soldado e para ti, para dois homens sem nome, nus, enterrados na vala comum dos justicados, sem lápide; morto aos vinte e quatro anos, sem mais avenidas, sem mais labirintos, sem mais escolhas; morto, de mãos dadas com um soldado sem nome salvo por ti; morto; dirás a Laura: sim dirás a esse homem gordo no quarto nu, pintado de azul: não escolherás permanecer ali com Bernal e Tobías, seguir seu destino, não chegar a esse pátio ensanguentado para justificar-te, para pensar que com a morte de Zagal lavaste a dos companheiros não visitarás o velho Gamaliel em Puebla não possuirás Lilia quando voltar esta noite, não pensarás que nunca poderás ter, já, a outra mulher romperás o silêncio nessa noite, falarás a Catalina, pedirás que te perdoe, falar-lhe-ás dos que morreram por ti, pedirás que te aceite assim, com essas culpas, pedirás que não te odeie, que te aceite assim ficarás com Lunero na fazenda, nunca abandonarás esse lugar permanecerás ao lado do Professor Sebastián — como era? como era? —, não te unirás à Revolução no norte, serás um peão serás um ferreiro ficarás de fora, com os que ficaram de fora não serás Artemio Cruz, não terás setenta e um anos, não pesarás setenta e nove quilos, não medirás um metro e oitenta e dois, não usarás dentadura, não fumarás cigarros negros, não usarás camisas de seda italiana, não colecionarás ajoujos, não encomendarás tuas gravatas numa casa nova-iorquina, não vestirás esses ternos azuis de três botões, não preferirás a casimira irlandesa, não beberás gim-tônica, não terás um Volvo, um Cadillac e uma perua Rambler, não lembrarás e amarás esse quadro de Renoir, não tomaras, no café da manhã, ovos pochés e torradas com marmelada Blackwell's, não lerás um jornal de tua propriedade todas as manhãs, não folhearás Life e Paris Match algumas noites, não estarás escutando a teu lado esse sortilégio, esse coro, esse ódio que te quer arrebatá-la vida

antes do tempo, que invoca, invoca, invoca, invoca o que pudeste imaginar, sorrindo, há pouco e agora não tolerarás:

De profundis clamavi

De profundis clamavi

Olha-me, ouve-me, ilumina meus olhos, não me adormeça na morte/ Porque o dia em que dele comeres certamente morrerás/ Não te alegres com a morte de ninguém, lembra-te de que todos morreremos/ A morte e o inferno foram lançados ao tanque de fogo e essa foi a segunda morte/ O que temo domina-me, o que me atemoriza possui-me/ Quão amarga é tua memória para o homem que se sente satisfeito com suas riquezas/ Abriram-te as portas da morte?/ O pecado principiou com a mulher e por ela todos morreremos/ Viste as portas da região tenebrosa?/ Bom é teu julgamento para o indigente e sem forças/ E que frutos obtiveram então?/ Os de que se envergonham agora, porque seu fim é a morte/ Porque o apetite da carne é morte: palavra de Deus, vida, profissão da morte, de profundis clamavi, domine, otnnes eodem cogimur, omnium versatur urna quee quasi saxum Tantalum semper impendet quid quisque vitet, nunquam homini satis cautum estin horas mors tamen inclusum protrahet inde caput nascentes morimur, finisque ab origine pendet atque in se sua per vestigia volvitur annus omnia te vita perfuncta sequentur coro, sepulcro; vozes, pira; imaginarás, na zona, esquece tua consciência, esses ritos, essas cerimônias, esses ocasos: enterro, cremação, bálsamo; exposto no alto de uma torre, para que não a terra, mas o ar te decomponha; encerrado na tumba com teus escravos mortos; chorado por carpideiras contratadas; enterrado com teus objetos mais apreciados, tua companhia, tuas joias negras: vela, vigília, réquiem externam, dona eis Domine de profundis clamavi, Domine a voz de Laura, que falava dessas coisas, sentada no chão, com os joelhos dobrados, com o pequeno livro encadernado nas mãos... diz que tudo nos pode ser mortal, mesmo o que nos dá vida... diz que,

não podendo curar a morte, a miséria, a ignorância, faríamos bem, para ser felizes, em não pensar nelas... diz que só a morte súbita é temível; por isso, os confessores vivem nas casas dos poderosos... diz: sê homem; teme a morte fora do perigo, não no perigo... diz que a premeditação da morte é a premeditação da liberdade... diz que mudos passos trazes, ó morte fria... diz mal te perdoarão as horas; as horas que estão limando os dias... diz mostrando-me cortado o nó apertado... diz não é minha porta fabricada de dobrados metais?... diz mil mortes morrerei, pois espero minha própria vida... diz que querer o homem viver quando Deus quer que morra... diz para que os tesouros, vassalos, criados...?

para quê? para quê? que entoem, que cantem, que planjam: não tocarão os entalhes suntuosos, as marchetarias opulentas, as molduras de gesso e ouro, os estojos de osso e tartaruga, as chapas e aldravas, os cofres com cantos e fechaduras de ferro, os olorosos escanos de ayacahuite, os assentos de couro, os enfeites barrocos, os espaldares curvos, os travessões torneados, as carrancas policrômicas, os tachos de bronze, os couros lavrados, os pés cabriolantes de garra e bola, as casulas de fio de prata, as poltronas de damasco, os sofás de veludo, as mesas de refeições, os cilindros e as ânforas, os tabuleiros trabalhados, as camas de baldaquim e linhos, os postes estriados, os escudos e as orlas, os tapetes de merino, as chaves de ferro, os óleos rachados, as sedas e as casimiras, as lãs e os tafetás, os cristais, os candelabros, as vasilhas pintadas a mão, as vigas calorosas, isso não tocarão: isso será teu:

estenderás a mão:

um dia qualquer, que entretanto será um dia excepcional; faz três, quatro anos; não lembrarás; lembrarás por lembrar; não, lembrarás porque a primeira coisa que lembras, quando tentas lembrar, é um dia separado, um dia especial, um dia separado dos demais pelos números vermelhos; e este será o dia — tu mesmo pensarás então — em que todos os nomes, pessoas, palavras, fatos



de um ciclo fermentam e fazem ranger a crosta da terra; será uma noite em que celebrarás o ano novo; teus dedos artríticos segurarão, com dificuldade, o corrimão de ferro; enfiarás a outra mão no fundo do bolso do paletó e descerás pesadamente: estenderás a mão.

## 1955: 31 de dezembro

Ele segurou, com dificuldade, o corrimão de ferro. Enfiou a outra mão no fundo do bolso do paletó de usar em casa e desceu pesadamente, sem olhar para os nichos dedicados às virgens mexicanas. Guadalupe, Zapopan, Remédios. O sol poente, ao entrar pelas vidraças, dourou os estofados cálidos, os tecidos amplos semelhantes a velames de prata; avermelhou a madeira queimada das vigas; iluminou meio rosto do homem. Já vestia a calça, a camisa e a gravata do smoking; coberto pelo casaco vermelho, parecia um prestidigitador velho e cansado; imaginou a repetição, nessa noite, dos atos que alguma vez puderam revelar-se com um encanto singular: hoje, reconheceria com tédio os mesmos rostos, as mesmas frases que ano após ano davam o tom à festa de São Silvestre na enorme residência de Coyoacán. Os passos soaram ocos sobre o chão de tezontle. Ligeiramente apertados nos sapatos de verniz negro, os pés se arrastaram com essa gravidade cambaleante que já não podia evitar. Alto, bamboleando-se sobre os saltos indecisos, com o peito grande e as mãos pendendo, nervosas, sulcadas por veias grossas, percorreu com lentidão os corredores caiados, pisando os altos tapetes de lã, olhando-se nos espelhos patinados e nos vidros dispersos das cômodas coloniais, roçando com os dedos as chapas e aldravas, os cobs com cantos e fechaduras de ferro, os olorosos escanos de ayacahuite, as marchetarias opulentas. Um criado abriu-lhe a porta do grande salão; o velho parou, pela última vez, ante um espelho e arrumou a gravata de fitas. Alisou, com a palma da mão, os escassos cabelos cinzentos, ondeados, que rodeavam a testa alta. Apertou os

maxilares para acomodar bem a dentadura e entrou no salão de chão polido, vasta esplanada de cedros brilhantes, despojada dos móveis para permitir o baile, aberta sobre o jardim gramado e terraços de ladrilhos, decorada com quadros da Colômbia: São Sebastião, Santa Lúcia, São Jerônimo, São Miguel.

Ao fundo esperavam-no os fotógrafos, reunidos ao redor da poltrona de damasco verde, sob o candelabro de cinquenta luzes pendurado no teto. Soaram as sete no relógio colocado sobre a lareira aberta junto aos tamboretos de couro, sobre o fogo aceso durante esses dias de frio. Cumprimentou com a cabeça e sentou-se na poltrona, arrumando o peitilho duro e os punhos de pique. Outro criado aproximou-se com os dois mastins cinzentos, de lábios rosados e olhos melancólicos, e colocou as correias ásperas entre as mãos do dono. As coleiras dos cachorros, tachonadas de bronze, brilharam com luzes contrastadas. Levantou a cabeça e apertou os dentes, novamente. Os flashes iluminaram com tonalidades de cal a grande cabeça grisalha. À medida que lhe solicitavam novas poses, ele insistia em alisar o cabelo e em percorrer com os dedos as duas bolsas pesadas que lhe pendiam das aletas do nariz e se perdiam no pescoço. Só as maçãs altas mantinham a dureza de sempre, embora fossem percorridos pelas redinhas de rugas, nascidas nas pálpebras, cada dia mais profundas, como se quisessem proteger esse olhar entre divertido e amargo, essas íris esverdeadas escondidas entre as pregas de carne solta.

Um dos cães latiu e quis desprender-se da sujeição. Um flash disparou no momento em que ele foi puxado bruscamente, com uma expressão de desconcerto rígido, da poltrona pela força do cachorro. Os demais fotógrafos olharam com severidade para o que havia tomado a chapa. O responsável tirou o retângulo negro da máquina e entregou-o, em silêncio, a outro fotógrafo.

Quando os fotógrafos saíram, ele estendeu a mão trêmula e pegou um cigarro com filtro na caixa de prata colocada sobre a mesa rústica. Acendeu o isqueiro com dificuldade e percorreu lentamente, assentindo com a cabeça, a hagiografia desses óleos velhos, envernizados, manchados por grandes espaços mortos de luz direta que cegavam os detalhes centrais das obras, mas que, em troca, davam um relevo opaco aos cantos de tom amarelo e sombra avermelhada. Afagou o damasco e aspirou o fumo filtrado. O criado aproximou-se sem fazer ruído e perguntou-lhe se podia servir algo. Disse que sim e pediu um martini muito seco. O criado afastou duas folhas de cedro lavrado para descobrir a espelharia encravada, o aparador de rótulos de cores e líquidos engarrafados: opala verde-esmeralda, vermelha, branca cristalina: Chartreuse, Peppermint, Acquavit, Vermouth, Courvoissier, Long John, Calvados, Armagnac, Beherovka, Pernod e as fileiras de copos de cristal, bruto e lapidado, delgado e tilintante. Recebeu a taça. Disse ao criado que fosse à adega para escolher as três marcas da ceia. Esticou as pernas e pensou no detalhe com que havia cuidado da construção e das comodidades dessa, de sua verdadeira casa. Catalina podia viver no casarão de Las Lomas, despido de personalidade, idêntico a todas as residências de milionários. Ele preferiu encontrar esses velhos muros, com seus dois séculos de cantaria e tezontle, que de maneira misteriosa aproximavam de episódios do passado, de uma imagem da terra que não queria perder de todo. Sim, percebia que em tudo isso havia uma substituição, um passe de mágica. Entretanto, as madeiras, a pedra, as grades, as molduras, as mesas de refeições, a marcenaria, os pinázios e entrepanos, o trabalho de torneado das cadeiras conspiravam para devolver-lhe, realmente, com um levíssimo perfume de nostalgia, cenas, ares, sensações táteis da juventude.

Lilia queixava-se; mas Lilia nunca compreenderia. Que podia dizer a esta moça um teto de vigas antigas? Uma janela gradeada

com opacidades de ferrugem? O tato suntuoso da casula sobre a lareira, escamada de ouro, bordada com fios de prata? O cheiro de ayacahuite das arcas? O brilho lavado da cozinha de azulejo rústico? As cadeiras arcebispaís da sala de jantar? Tão preciosa, tão sensual, tão suntuosa era a posse desses objetos, como a do dinheiro e os sinais mais evidentes da plenitude. Ah, sim, que prazer total, que sensualidade das coisas inanimadas, que prazer, que gozo isolado... Só uma vez por ano participavam de tudo isso os convidados para a célebre recepção de São Silvestre... Dia de gozos multiplicados, porque os hóspedes deveriam aceitar esta como sua casa verdadeira e pensar na Catalina solitária que, reunida com eles, com Teresa, o Gerardo, ceava a essas horas na residência de Las Lomas... Enquanto ele apresentava Lilia e abria as portas de uma sala de jantar azul, louça azul, linho azul, paredes azuis... onde os vinhos se derramam e as travessas correm cheias de carnes raras, peixes rosados e mariscos cheirosos, ervas secretas, doces amassados...

Era necessário interromper seu descanso? Os chinelos indolentes de Lilia andando sobre o chão. Suas unhas sem pintura na porta do salão. O rosto cheio de gordura. Deseja saber se o vestido rosa vai bem para a noite. Não quer destoar como no ano passado, provocar esse desprezo desdenhoso. Ah, já está bebendo? Por que não a convida para uma taça? Está cansada de sua falta de confiança, desse armário fechado com cadeado, desse criado impertinente que lhe nega o direito de entrar na adega. Aborrece-se? Como se ele não o soubesse. Gostaria de estar velha, feia, para que ele a despachasse de vez e a deixasse viver a seu gosto. Que ninguém a detém? E o luxo, o dinheiro, a casa? Muito dinheiro, muito luxo, mas sem alegria, sem diversões, sem o direito de beber um traguinho sequer. Claro, ama-o muito. Disse-lhe mil vezes. As mulheres se acostumam a tudo; depende do carinho que lhes deem. Podem acostumar-se igualmente com um amor juvenil ou um amor paternal. Claro que o quer; só faltava isso... Vão para oito anos de

vida conjunta e ele não fez cenas, não a repreendeu... Nada mais a obrigou... Mas bem que gostaria de uma mudança de ares... O quê? Imaginava-a tão tonta?... Ora, ora, nunca soube aguentar uma brincadeira. De acordo, mas percebe as coisas... Ninguém dura eternamente... Pés de galinha à volta dos olhos... Os corpos... Só que ele também está acostumado a ela, não é? Na sua idade, custar-lhe-ia voltar a começar. Por mais milhões... custa trabalho e perde-se muito tempo buscando uma mulher... as malditas... conhecem tantas saídas, gostam tanto de se fazer requestadas... prolongar os momentos iniciais... a negativa, a dúvida, a espera, a tentação, ai! tudo isso!... e deixar os velhos tontos... Claro que ela é mais cômoda ... E não se queixa, não, que continue. Até lhe satisfaz a vaidade que venham render-lhe, a cada Ano Novo... E ama-o, sim, jura, já está demasiado acostumada a ele... mas como se aborrece... olha, que mal há em ter algumas amigas íntimas, em sair de vez em quando para divertir-se, em... em tomar um traguinho uma vez por semana...?

Ele permaneceu imóvel. Não lhe concedia este direito de fustigá-lo e contudo... uma lassidão tépida e abúlica ... completamente alheia a seu caráter... obrigava-o a permanecer ali... com o martíni entre os dedos endurecidos ... escutando as sandices dessa mulher cada dia mais vulgar e... e... não, era ainda apetecível... embora insuportável... Como iria dominá-la?... Tudo o que dominava obedecia, agora, só a certa prolongação virtual, inerte... da força de seus anos jovens... Lilia poderia abandoná-lo ... oprimiu-lhe o coração... Não bastava para conjurar isso ... esse medo... Talvez não houvesse outra oportunidade ... ficar só... Mexeu com dificuldade os dedos, o antebraço, o cotovelo e o cinzeiro caiu no tapete e despejou as pontas molhadas e amarelas na extremidade, o pó de capa branca, escama cinza, entranha negra. Agachou-se, respirando com dificuldade.

— Não te agaches. Chamarei Serafín.

— Sim.

Talvez... Tédio. Mas asco, repulsão... Sempre, imaginando de mãos dadas com a dúvida... Uma ternura involuntária fez com que voltasse o rosto para olhá-la...

Observava-o, do limiar da porta... Raivosa, suave . O cabelo tingido de loiro grisalho e essa pele morena . Ela também não podia voltar... nunca o recuperaria e isso os igualava... por mais que a idade e o caráter os separassem... Cenas, para quê?... Sentiu-se fatigado. Nada mais . . Não mais coisas, lembranças, nomes além dos conhecidos . . Tornou a acariciar o damasco... As pontas, a cinza derramada não cheiravam bem. E Lilia, parada ali, com o rosto engordurado.

Ela no umbral. Ele sentado na poltrona de damasco.

Então ela suspirou e foi arrastando os chinelos até o quarto e ele esperou sentado, sem pensar em nada, até que a escuridão surpreendeu-o ao se ver refletido com tanta nitidez nas portas de vidro que levavam ao jardim. O criado entrou com o paletó, um lenço e uma garrafa de água-de-colônia. De pé, o velho permitiu que lhe pusessem a roupa e depois abriu o lenço para que o criado derramasse umas gotas de loção. Quando colocou o lenço no bolso do coração trocou um olhar com o criado. O criado baixou os olhos. Não. Por que iria pensar no que poderia sentir esse homem?

— Serafín, rápido, as pontas...

Levantou-se, apoiando-se com ambas as mãos nos braços da poltrona. Deu alguns passos até a lareira e afagou os ferros toledanos e sentiu a respiração do fogo sobre o rosto e as mãos. Adiantou-se ao escutar os primeiros murmúrios de vozes — encantadas, admirativas — na entrada da casa. Serafín acabava de recolher as pontas.

Mandou que se atiçasse o fogo e os Regules entraram, enquanto o criado manejava os ferros e uma grande labareda ascendia pela tiragem. Da porta que comunicava com a sala de

jantar avançou outro criado com uma bandeja nas mãos. Roberto Regules recebeu uma taça, enquanto o casal jovem — Betina e seu marido, o jovem Ceballos —, de mãos dadas, percorria o salão e elogiava as velhas pinturas, as molduras de gesso e ouro, os entalhes suntuosos, os enfeites barrocos, os travessões torneados, as carrancas policrômicas. Estava de costas para a porta, quando o copo caiu no chão com um som de sino quebrado e a voz de Lilia gritou algo em tom de brincadeira. O velho e os convidados viram o rosto dessa mulher sem pintura que aparecia, segurando na maçaneta da porta: — Ora! Ora! Feliz Ano Novo!... Não te preocupes, velhinho, que numa hora vou aterrar... e aterro como se nada... só queria dizer-te que resolvi passar um ano muito suave... mas muitíssimo suave!...

Ele se dirigiu para ela com seu passo cambaleante e difícil e ela gritou: — Já me aborreci de ver programas de televisão o dia inteiro... velhinho!

A cada passo do velho, a voz de Lilia aflautava-se cada vez mais. — Já sei todas as histórias de mocinho... pum, pum... o xerife de Arizona... o acampamento pele-vermelha... pum, pum... já sonho com essas vozinhas... velhinho ... tome Pepsi... nada mais... velhinho... segurança com conforto; apólices...

A mão artrítica esbofeteou o rosto sem pintura e os cabelos tingidos caíram sobre os olhos de Lilia. Deixou de respirar. Virou as costas e foi embora, lentamente, tocando a face. Ele voltou para o grupo dos Regules e Jaime Ceballos. Olhou-os fixamente, cada um, durante vários segundos, com a cabeça alta. Regules bebeu o uísque; escondeu o olhar atrás do copo. Betina sorriu e aproximou-se do anfitrião com um cigarro nas mãos, como se pedisse fogo.

— Onde conseguiu essa arca?

O velho afastou-se e Serafín, o criado, acendeu um fósforo perto do rosto da moça e ela teve que afastar a cabeça do busto do velho e dar-lhe as costas. No fundo do corredor, por trás de Lilia,



entraram os músicos, encolhidos, tiritando de frio. Jaime Ceballos estalou os dedos e girou sobre os calcanhares, como um bailarino flamengo.

Sobre a mesa de patas de delfim, sob os candelabros de bronze, perdizes enriquecidas em molho de toucinho e vinagre, pescadas envoltas em folhas de mostarda tarragonesa, patos selvagens cobertos de cascas de laranjas, carpas flanqueadas por mariscos, sopa catalã espessa com cheiro de azeitona, coq-au-vin flambé nadando em Macon, pombas recheadas com purê de alcachofra, travessas de esquinado sobre massas de gelo, brochetes de lagosta rosada numa espiral de limão cortado, cogumelos e fatias de tomate, presunto de Bayonne, guisados de carne regados com Armagnac, pescoços de ganso recheados de patê de porco, purê de castanha e pele de maçãs fritas com nozes, molhos de cebola e laranja, de alho e pistache, de amêndoa e caracóis: nos olhos do velho, ao abrir-se a porta lavrada com cornucópias e anjinhos nadegados, policromada num convento de Querétaro, brilhou esse ponto inacessível; abriu as portas de par em par e lançou uma risada seca, rouca, cada vez que um prato de Dresde era oferecido por um criado a cada um dos cem convidados, unido à percussão dos talheres sobre a louça azul; as taças de cristal estendiam-se para as garrafas manejadas pela criadagem e ele mandou que se abrissem as cortinas que escondiam a vidraça aberta sobre o jardim sombreado de cerejeiras, de ameixeiras nuas, frágeis, de límpidas estátuas de pedra monacal: leões, anjos, frades emigrados dos palácios e conventos do vice-reinado; explodiu a pirotecnia de luzes, os grandes castelos de fogo-fátuo disparados para o centro da abóbada invernal, clara e distante: anúncio branco e crepitante cruzado com o voo vermelho de um leque serpenteado de amarelos: repuxo das cicatrizes abertas da noite, monarcas festivos que ostentavam seus medalhões de ouro sobre o pano negro da noite, carroças de luz em carreira para os astros enlutados

da noite. Por trás dos lábios cerrados, ele riu essa risada grunhida. As travessas vazias eram recolocadas com mais aves, mais mariscos, mais carne sangrenta. Os braços nus circularam à volta do velho sentado pesadamente num nicho da velha mobília de couro, marchetada, talhada com exuberância, enfeites caprichosos. Cheirou, olhou os perfumes das mulheres, as curvas dos decotes, o segredo depilado das axilas, os lóbulos carregados de joias, os pescoços brancos e as cinturas estreitas donde partia o voo do tafetá, da seda, da malha de ouro; aspirou o cheiro de lavanda e cigarros acesos, de batom e máscara, de sapatos femininos e conhaque derramado, de digestões pesadas e esmalte de unha. Levantou a taça e ficou de pé; o criado colocou-lhe nos dedos as correias dos cachorros que o acompanhariam durante as horas restantes da noite; explodiu a gritaria do novo ano; as taças estatelaram-se contra o chão e os braços acariciaram, apertaram, levantaram-se para festejar a festa do tempo, este funeral, esta pira da memória, esta ressurreição fermentada de todos os fatos, enquanto a orquestra tocava *Las golondrinas*, de todos os fatos, palavras e coisas mortas do ciclo, para festejar a tranquilidade destas cem vidas que interrompiam as perguntas, homens e mulheres, para dizer-se, às vezes com olhares úmidos, que não haverá mais tempo como esse, o vivido e encomprado durante estes instantes artificialmente estendidos pelo estalar dos foguetes e dos sinos lançados ao ar; Lilia afagou-lhe o pescoço como se pedisse perdão: ele sabia, talvez, que muitas coisas, muitos desejos pequenos deviam ser reprimidos para poder, num só momento de plenitude, gozar completamente, sem gasto prévio, e ela devia agradecer-lhe: ele o dizia num murmúrio. Quando os violinos, na sala, voltaram a tocar *Os pobres de Paris*, ela, num gesto familiar, pegou-o pelo braço, mas ele negou com a cabeça branca e caminhou precedido pelos cachorros até a poltrona que ocuparia o resto da noite, ante os pares... divertir-se-ia vendo os rostos, fingidos, ternos,

maliciosos, astutos, idiotas, inteligentes, pensando na sorte, na sorte que todos tiveram, eles e ele... rostos, corpos, danças de seres livres, como ele... afixam-no, asseguram-no ao se deslocarem levemente sobre o chão encerado, sob a aranha luminosa ... libertar, tornando-os opacos, suas lembranças... obrigam-no, perversamente, a desfrutar ainda mais esta identidade ... liberdade e poder... não estava só... esses pares acompanhavam-no... isso lhe foi dito pelo calor do ventre, pela satisfação das entranhas... escolta negra, carnavalesca, da velhice poderosa, da presença encanecida, artrítica, pesada... eco do sorriso persistente, rouco, refletido no movimento dos olhinhos verdes... braços recentes, como o seu... às vezes, ainda mais novos... giravam, giravam... conhece-os... industriais... comerciantes... malandros... filhinhos de papai... agiotas... ministros... deputados ... jornalistas... esposas... noivas... alcoviteiras... amantes... giravam as palavras cortadas dos que passavam dançando à sua frente...

— Sim... — Vamos depois... — ...mas meu pai... — ... amo-te — ... livre...? — Isso me contaram... — ... sobra-nos tempo... — Então... — ... assim... — ... gostaria... — Onde? — ...dize-me... — ...agora não voltarei mais... — ...gostavas?... — ...difícil... — isso se perdeu... — feita... — ... gostoso... — afundou-se... — ...muito merecido... — ...hummm...

Hmmm!... sabia adivinhar nos olhos, nos movimentos dos lábios, dos ombros... podia dizer-lhes em silêncio o que pensavam... podia dizer-lhes quem eram... podia recordar-lhes seus verdadeiros nomes... falências fraudulentas ... desvalorizações monetárias reveladas antecipadamente... especulação de preços... ágio bancário... novos latifúndios... reportagens a tanto por linha... contratos aumentados de obras públicas... traições em articulações políticas... desperdício da fortuna paterna... malandragem nas secretarias de Estado... nomes falsos: Arturo Capdevila, Juan Felipe Couto, Sebastián Ibarguen, Vicente Castaneda, Pedro Caseaux,

Jenaro Arriaga, Jaime Ceballos, Pepito Iburguen, Roberto Regules... E os violinos tocavam e as saias voavam e as caudas dos fraques... Não falarão de tudo isso... falarão de viagens e amores, de casas e automóveis, de férias e festas, de joias e criados, de doenças e sacerdotes... Mas estão ali, ali, em corte... ante o mais poderoso... destruí-los ou promovê-los com uma menção no jornal... impor-lhes a presença de Lilia... instá-los, com uma voz secreta, a dançar, comer, beber... senti-los quando se aproximam...

— Tive que trazê-lo, só para ver esse quadro do Arcanjo, esse, divino...

— Sempre lhe disse: só tendo o gosto de Dom Artemio...

— Como poderemos retribuir-lhe?

— Com razão o senhor não aceita convites.

— Tudo esteve tão magnífico que fiquei muda; muda, muda, muda. Dom Artemio; que vinhos! e esses patos com essas coisinhas tão magníficas!

...afastar o rosto e não entender... bastavam-lhe os ruídos... não queria fixar nada... os sentidos gozavam o puro murmúrio circundante... tatos, cheiros, sabores, imagens ... Que o chamem, entre risos e cochichos, de a múmia de Coyoacán... que riam de Lilia com sorrisos dissimulados... Aí estão, dançando sob seu olhar...

Levantou um braço: um sinal, para o maestro: a música parou no meio de uma canção e todos deixaram de dançar; o pot-pourri oriental apontado pelas cordas, o corredor aberto entre as pessoas, a mulher seminua que avançou da porta, ondulando os braços e as cadeiras até ocupar o centro do salão; um grito alegre; a bailarina ajoelhada ante o ritmo de tambores que domina a cintura; corpo untado com azeite, lábios alaranjados, pálpebras brancas e sobrancelhas azuis; de pé, bailando à volta do círculo, movendo o ventre em espasmos cada vez mais rápidos; escolheu o velho Iburguen e arrastou-o pelo braço para o centro da pista, sentou-o no chão, colocou os braços na posição de um deus Vishnu, dançou ao

seu redor e ele tentou imitar suas ondulações: todos sorriram; ela se aproximou de Capdevila, obrigou-o a tirar o paletó, a dançar à volta de Iburguen; o anfitrião riu, afundado em sua poltrona de damasco, acariciando as correias dos cachorros; a bailarina montou nos ombros de Couto e animou várias mulheres a imitá-la; todos riram; as cavalgadas, entre gargalhadas, destruíram os penteados e mancharam de suor as caras inflamadas das amazonas; as saias se enrugaram, levantadas acima dos joelhos; alguns jovens, entre risos agudos, esticaram as pernas, para fazer tropeçar os corcéis apopléticos que lutavam entre os dois velhos dançarinos e a mulher de coxas abertas.

Levantou o olhar, como se emergisse de um mergulho à força de lastro: por cima das cabeças despenteadas e dos braços ondulantes, o claro céu de vigas e as paredes brancas, os óleos do século XVII e os estofados angélicos... e, no ouvido desperto, a carreira oculta dos ratos imensos — caninos negros, focinhos afilados — que povoavam o forro e os cimentos desse antigo convento jerônimo, que às vezes corriam impudicamente pelos cantos da sala e que na escuridão, aos milhares, por cima e por baixo dos alegres dançarinos, esperavam... talvez... a oportunidade de pegar todos de surpresa... infectar a febre e a enxaqueca... a tontura e o tremor frio... a inchação dura e dolorosa entre as pernas e nas axilas... as manchas negras sobre a pele ... o vômito de sangue... se tornasse a levantar o braço ... para que os criados fechassem as saídas com barras de ferro... os escapes desta casa de ânforas e cilindros... tabuleiros trabalhados... camas de baldaquim e linho... chaves de ferro... rachas e mobílias... portas de metais lavrados... estátuas de frades e leões... e a companhia fosse obrigada a permanecer aqui... a não abandonar o navio ... esfregar os corpos com vinagre... acender fogueiras de madeira perfumada... pendurar rosários de tomilho ao redor do pescoço... espantar indolentemente as moscas verdes e zumbidoras... enquanto ele mandava dançar,

viver, beber... Procurou Lilia no mar de gente alvoroçada: bebia só e silenciosa num canto, com um sorriso inocente nos lábios, de costas para as danças e as lutas fingidas... alguns homens saíam para urinar... já levavam a mão à braguilha... algumas mulheres iam empoar-se... já abriam a bolsa de noite... sorriu com dureza... a única coisa que provocava o derramar de alegria e munificência: cacarejou em silêncio... imaginou-os... todos, cada um, em fila ante os dois banheiros do andar inferior... todos urinando com a bexiga carregada de líquidos esplêndidos... todos cagando os restos da comida preparada durante dois dias com uma minúcia, com um gosto, com uma seleção... completamente alheios a este destino final dos patos e das lagostas, dos purês e dos molhos... ah sim, o maior prazer de toda a noite...

Cansavam-se logo. A bailarina parou de dançar e ficou rodeada pela indiferença. As pessoas voltaram a conversar, a pedir mais champanha, a sentar-se nos sofás fundos; outros voltavam da excursão, abotoando as braguilhas, guardando as caixas de pó nas bolsas de noite. Esgotavam-se. A breve orgia prevista... a pontual exaltação programada... as vozes voltavam a seu tom calmo e cantante... ao dissimular da meseta mexicana... voltavam as preocupações... como se quisessem vingar-se do momento passado, do instante fugaz...

— ...não, porque a cortisona me produz erupções...

— ...não sabes que exercícios espirituais está dando o Padre Martínez...

— ...olha-a: quem diria?; dizem que foram...

— ...tive de expulsá-la...

—

S

u

í

ç

a

.

.

.

v

e

m

.

.

.

v

e

s

t

i

r

-

m

e

– Luís chega tão cansado que só tem vontade...

– não, Jaime não gosta...

– ficou muito saliente...

– de ver um pouco a televisão...

– já não se pode com as empregadas de hoje...

– amantes há cerca de vinte anos...

– ... como se vai dar voto a  
essa corja de índios?

– e a mulher só em sua casa;  
nunca...

– são questões de alta política; recebemos a...

– que o PRI continua elegendo a dedo e logo...

- consigna do senhor presidente na Câmara...
- se me atrevo...
- Laura; acho que se chama Laura...
- trabalhamos alguns...
- se se voltar a mencionar o income tax...
- para trinta milhões de zangões...
- simplesmente mando minhas economias para a
- os comunistas só entendem...
- não, Jaime, ninguém deve perturbá-lo...
- vai ser um negócio fabuloso...
- aos punhados...
- invertem-se cem milhões...
- é um Dali precioso...
- e os recuperamos em um par de anos...
- os agentes de minha galeria mandaram...
- ou menos...
- em Nova York...
- viveu muitos anos na França;
- decepções...
- devíamos nos reunir, só as senhoras...
- Paris é a cidade-luz por antonomásia...
- para nos divertir sozinhas...
- se quiseres, amanhã partimos para Acapulco...
- do riso; as rodas da indústria suíça...
- o embaixador americano me chamou para advertir
- movem-se graças aos dez bilhões de dólares.
- ...Laura; Laura Rivière; voltou a se casar lá...
- no teco-teco....



- que nós, latino-americanos, temos depositados...
- que nenhum país está livre da subversão...
- como não? li no Excelsior...
- digo: dança divinamente....
- Roma é a cidade eterna por excelência...
- mas não tem nem um quinto...
- suei para conseguir o que tenho...
- sim, cheira divinamente envolvida em ovo...
- por que vou pagar impostos a um governo de malandros...?
- chamam-no de múmia, a múmia de Coyoacán...
- Darling, um modista sensacional...
- créditos para a agricultura?...
- digo-te que no put sempre falha...
- pobre Catalina...
- e depois quem controla as secas e as neves?...
- não há outro jeito: sem inversões americanas...
- dizem que foi sua grande paixão, mas...
- Madri, divina; Sevilha, maravilhosa...
- nunca sairemos do fundo...
- mas como o México...
- as conveniências puderam mais, vês?...
- a dona da casa; se não fosse...
- recupero quarenta centavos em cada peso...
- dão-nos dinheiro e know-how...
- desde antes de emprestá-lo...
- e ainda nos queixamos...
- foi há vinte e poucos anos...
- de acordo: caciques,  
líderes venais e tudo o mais.
- decorou tudo em branco e ouro, horrível!

- mas o bom político não tenta reformar a realidade
- o senhor presidente honra-me com sua amizade
- mas aproveitá-la e trabalhar com ela...
- pelos negócios que tem com Juan Felipe...
- faz mil obras de caridade, mas nunca fala...
- eu só lhe disse: não há de quê...
- todos nós devemos favores, quem não?
- daria tudo para deixá-lo...
- ...logo ia embora, pobre Catalina!...
- ...regateou, mas menos de dez mil dólares...
- ...Laura; acho que dizem Laura; acho que foi muito bonita...
- ...mas que queres? é tão débil...

Afastava-os, aproximava-os: a maré do baile e da conversa. Só agora essa jovem de sorriso aberto e cabelo loiro ficou de cócoras ao lado do velho, balançou a taça de champanha na mão, pegou o braço da poltrona com a outra ... o jovem perguntou se não o afastaria e o velho disse-lhe:

— O senhor não fez outra coisa, Sr. Ceballos... e não olhou o jovem... continuou com o olhar fixo no meio do bulício... uma regra não escrita... os convidados não deveriam aproximar-se, salvo para elogiar a casa e a ceia apressadamente... respeitar sua distância... impune... agradecer a hospitalidade com a diversão... cena e poltrona ...não percebia... obviamente o jovem Ceballos não percebia... — Sabe? Admiro-o... buscou no bolso do paletó e tirou um maço enrugado de cigarros... acendeu-o lentamente... sem olhar o jovem... que dizia que só um rei podia olhar com o desprezo com que os olhara quando... e ele lhe perguntou se era a primeira vez que vinha a... e o jovem respondeu que sim... — Seu sogro não

lhe...?... — Como não? ... — Então... — Essas regras foram feitas sem consultar-me. Dom Artemio... não resistiu... com os olhos lânguidos... volutas de fumaça... voltou-se para Jaime e o jovem olhou-o sem pestanejar... astúcia no olhar ... jogo dos lábios e dos maxilares... do velho... do jovem... reconheceu-se, ah... desconcertou-o, ah... — O que, Sr. Ceballos?... o que sacrificou?... — Não o entendo... não o entendia, dizia que não o entendia... deu uma risada pelo nariz... — A ferida que causa trair-nos, amigo... Com quem pensa que está falando? Ocorre-lhe que me engano?... Jaime deu-lhe o cinzeiro... ah, cruzaram o rio a cavalo, naquela manhã... — ...numa justificação?... observava sem ser observado... — Certamente seu sogro e outras pessoas com quem o senhor trata... cruzaram o rio, nessa manhã... — ...que nossa riqueza se justifica, trabalhamos para consegui-la... — nossa recompensa, eh?... perguntou-lhe se iriam juntos, até o mar ... — O senhor sabe por que estou acima de toda essa gentalha... e a domino?... Jaime deu-lhe um cinzeiro; fez um gesto com o cigarro consumido... saiu do vau com o torso nu... — Ah, o senhor se aproximou, não o chamei... Jaime entrecerrou os olhos e bebeu da taça... — Perde suas ilusões?... Ela repetia: "Meu Deus, não mereço isso", levantando o espelho, perguntando se isso é o que ele veria quando regressasse... — Pobre Catalina... — Porque não me engano... distinguirão na outra margem um espectro de terra, um espectro, sim... — Que lhe parece esta festa?... vacilón, qué rico vacilón, cha cha cha... cheirava a plátano. Cocuya... — Não me importa... apertou as esporas; virou o rosto e sorriu... — ...meus quadros, meus vinhos, minhas cômodas, e domino-as como a vocês ... — Acham?... recordaste tua juventude por ele e por estes lugares... — O poder vale por si mesmo, isso é o que sei, e para tê-lo é preciso fazer tudo... mas não quiseste dizer-lhe quanto significava para ti, talvez porque assim tivesses forçado seu afeto... — ...como o fiz, e seu sogro, e todos os que dançam aí... naquela manhã esperava-o com alegria...

— ... como o senhor terá que fazer, se quiser ...

— Colaborar com o senhor, Dom Artemio, ver se em uma de suas empresas o senhor poderia... o braço levantado do rapaz indicou o oriente, onde sai o sol, para a laguna... — Geralmente, isso se arruma de outra maneira... os cavalos correram, lentamente, separando as plantas entrelaçadas, agitando as crinas, levantando uma espuma desfeita... — ...o sogro chama-me e insinua que o genro é... viram-se os olhos, sorriram ... — Mas, veja, tenho outros ideais... para o mar livre, para o mar aberto, para onde correu Lorenzo, ágil, para as ondas que se quebraram à volta de sua cintura... — Aceitou as coisas como são; fez-se realista... — Sim, isso é. Igual ao senhor, Dom Artemio... perguntou-lhe se nunca pensava no que há do outro lado do mar; a terra é toda parecida, só o mar é diferente... — Igual a mim!... Disse-lhe que havia ilhas... — ...lutou na Revolução, expôs a pele, esteve a ponto de ser fuzilado? ... o mar tinha gosto de cerveja amarga, cheirava a melão, marmelo, cereja... — Eh? ... — não... eu... — Sai um barco dentro de dez dias. Já comprei passagem... — O senhor chega no final do banquete, amigo. Apresse-se para recolher as migalhas... — Tu não farias o mesmo, papai?... — ...para cima, durante quarenta anos, porque fomos batizados com a glória dessa... — Sim... — ... mas o senhor? Pensa que isso se herda? Com o que vão prolongar...? — Agora há essa frente. Acho que é a única que resta... — Sim... — ...nosso poder?... — Vou partir... — Os senhores nos ensinaram como... — Bah! o senhor chegou tarde, repito... esperava-o com alegria, naquela manhã... Que os demais tratem de enganá-lo; eu nunca me enganei; por isso estou aqui... cruzaram o rio a cavalo... — ... apresse-se... farte-se... porque está levando... perguntou-lhe se iriam juntos, até o mar... — A mim, não me importa... o mar vigiado pelo voo baixo das gaviotas... — Morrerei e acharei graça... o mar que só lançava sua língua cansada sobre a praia... — ...e acharei graça ao pensar... para as ondas que se quebraram à volta de sua cintura... —

...manter vivo um mundo para o qual não têm tamanhos... o velho aproximou a cabeça do ouvido de Ceballos... o mar que tem gosto de cerveja amarga... — Quer que lhe confesse uma coisa? ... o mar que cheira a melão e goiaba... bateu secamente com o indicador na taça do jovem... os pescadores que arrastavam suas redes para a areia... — ...o verdadeiro poder sempre nasce da rebeldia... — Crer? Não sei. Trouxeste-me aqui, ensinaste-me todas essas coisas... — E o senhor ... vocês... Com os dez dedos abertos, sob o céu embuçado, de cara para o mar aberto... — ...e vocês... já não têm o que faz falta...

Tornou a olhar para o salão.

— Então — murmurou Jaime —, posso passar para vê-lo... um desses dias?

— Fale com Padilla. Boa noite.

O relógio do salão soou três vezes. O velho suspirou e chicoteou com as correias os cachorros adormecidos, que levantaram as orelhas e ficaram eretos, ao mesmo tempo que ele, apoiando-se nos braços da poltrona, levantava-se com esforço e a música parava.

Atravessou o salão entre murmúrios de gratidão e as cabeças ladeadas dos convidados. Lilia abriu caminho.

— Com licença... e pegou o braço rígido. Ele com a cabeça levantada (Laura, Laura); ela com olhar baixo e curioso, percorreram o caminho aberto entre os convidados, entre os entalhes suntuosos, as marchetarias opulentas, as molduras de gesso e ouro, os estojos de osso e tartaruga, as chapas e aldravas, os cofres com cantos e fechaduras de ferro, os olorosos escanos de ayacahuite, as poltronas de couro, os enfeites barrocos, os espaldares curvos, os travessões torneados, as carrancas policrômicas, os tachões de bronze, os couros lavrados, as patas cabriolantes de garra e bola, as casulas de fio de prata, as poltronas de damasco, os sofás de veludo, os cilindros e as ânforas, os

tabuleiros trabalhados, os tapetes de merino, os óleos rachados, sob os cristais dos candelabros, as vigas calorosas, até chegar ao primeiro degrau da escada. Então, ele afagou a mão de Lilia e a mulher ajudou-o a subir, pegando-o pelo cotovelo, agachando-se para melhor sustentá-lo. Sorriu:

— Não te cansaste muito?

Ele negou com a cabeça e tornou a afagar-lhe a mão.

Eu despertei... outra vez... mas desta vez... sim ... neste automóvel, nesta carruagem... não... não sei... corre sem fazer barulho... esta ainda não deve ser a consciência verdadeira... por mais que abra os olhos, não posso distinguir... objetos, pessoas... ovos brancos e luminosos que giram ante meus olhos... parede de leite que me separa do mundo... das coisas que se podem tocar e das vozes alheias... estou separado... morro... separo-me... não, um ataque... pode vir um ataque para um velho da minha idade... morte não, separação não... não quero dizer... quero perguntar... mas digo... se fizer um esforço... sim... já escuto os ruídos superpostos da sereia ... é a ambulância... da sereia e de minha própria garganta... minha garganta estreita e cerrada... a saliva goteja por ela... até um poço sem fundo... separar-se ... testamento?... ah, não se preocupem... existe um papel escrito, timbrado, registrado em notário... não esqueço ninguém... para que iria esquecê-los, odiá-los...? ...não lhes daria prazer pensar que até o último momento pensei em vocês para divertir-me?... ah, que riso, ah, que graça ... não... lembro-os com a indiferença de um trâmite frio ... partilho essa riqueza que atribuirão em público a meu esforço... a minha vontade... a meu sentido de responsabilidade... a minhas qualidades pessoais... façam-no... sintam-se tranquilos... esqueçam que ganhei, expus, ganhei essa riqueza... dar tudo em troca de nada... não é?... como se chamará dar tudo em troca de tudo?... ponham o nome que quiserem... voltarão, não se deram por vencidos ... sim, penso e sorrio... divirto-me comigo mesmo, divirto-

me com vocês. -. divertir-me com minha vida... não é meu privilégio? ... não é este o único momento para fazê-lo? ... não podia divertir-me enquanto vivia... agora sim... meu privilégio... deixar-lhes-ei o testamento... legar-lhes-ei esses nomes mortos... Regina... Tobías... Páez... Gonzalo... Zagal... Laura, Laura... Lorenzo... para que não me esqueçam... separado... posso pensá-lo e perguntar-me ... sem sabê-lo... porque estas últimas ideias ... isso sei... penso, dissimulo... correm alheias à minha vontade, ah, sim... como se o cérebro, o cérebro... pergunta... a resposta chega-me antes que a pergunta... provavelmente... as duas são a mesma coisa... viver é outra separação... com aquele mulato, junto à cabana e ao rio ... com Catalina, se houvéssemos falado... naquela prisão naquela madrugada... não cruces o mar, não há ilhas, não é verdade, enganei-te... com o Professor... Esteban? ... Sebastián?... não me lembro, . . ensinou-me tantas coisas... não me lembro... deixei-o e fui para o norte... ah, sim... sim... sim... sim, a vida teria sido diferente ... mas só isso... diferente... não a vida deste homem agonizante... não, agonizante não... digo-lhes que não não não... um ataque... um velho, um ataque... convalescença, isto sim... outra... ou a de outro... diferente ... mas também separada... ai, decepção... na terra do homem... vida escondida... prazo fatal... sem sentido... meu Deus... ah, esse pode ser o último negócio... quem me põe as mãos nos ombros?... acreditar em Deus... sim, boa inversão, como não?... quem me obriga a deitar-me, como se houvesse querido levantar-me daqui?... há outra possibilidade de acreditar que se continua sendo, mesmo quando não se acredita nela?... Deus Deus Deus... basta repetir mil vezes uma palavra para que perca todo o sentido e não seja mais que um rosário... de sílabas... ocas ... Deus

Deus... como estão secos os meus lábios!... Deus Deus... ilumina os que ficam... faze com que pensem em mim de vez... em quando... faze com que minha memória... não se perca... penso... mas não os vejo bem ... não os vejo... homens e mulheres de luto...

rompe-se esse ovo negro... vejo com meu olhar... que continuam vivendo... voltam para seus trabalhos... ócios... intrigas ... sem lembrar... o pobre morto... que escuta as pazadas de terra... molhada... sobre o rosto... o avanço sinuoso ... sinuoso... sinuoso... sim... luxurioso... desses vermes... a garganta... goteja-me como um mar... uma voz perdida que... quer ressuscitar... ressuscitar... continuar vivendo... continuar a vida onde a cortou a outra... morte... não... recomeçar desde o princípio... ressuscitar ... renascer... ressuscitar... voltar a decidir... ressuscitar ... voltar a escolher... não... que gelo nas têmporas... que unhas. . , azuis... que estômago... inchado... que náuseas... de merda... não morras sem razão... não não ... ah, velhas... velhas impotentes... que tiveram... todos os objetos da riqueza... e a cabeça... da mediocridade ... se ao menos... houvessem compreendido para que servem... como se usam... essas coisas... nem isso... enquanto eu tive tudo... ouvem-me?... tudo... o que se compra e... tudo o que não se compra... tive Regina ... ouvem-me?... amei Regina... chamava-se Regina... e amou-me... amou-me sem dinheiro... seguiu-me... deu-me a vida... lá longe... Regina, Regina... como te amo... como te amo hoje... sem necessidade de tê-la perto... corno me enches o peito de satisfação... cálida ... como... me inundas... com teu antigo perfume... esquecido, Regina... lembrei-te... viste? ... vê bem... antes te lembrei... pude lembrar-te... como és... como me queres... como te amei no mundo... que ninguém nos pode arrebatá-lo... Regina, tu e eu... que trago e conservo ... protegendo-o com as duas mãos... como... se fosse uma chama... pequena e viva... que tu me presenteaste... tu me deste... tu me deste... terei tirado... mas a ti, dei ... ai, olhos negros; ai, carne escura e olorosa, ai, lábios negros, ai, amor escuro, que não posso tocar, nomear, repetir: ai, tuas mãos, Regina... tuas mãos em meu pescoço... e o olvido de teus encontros... o olvido... de tudo o que existiu... fora de mim e ti... ai, Regina... sem pensar ... sem falar... sendo nas coxas escuras... da abundância sem tempo... ai, meu



orgulho irrepetível... o orgulho de te haver amado... o reto sem resposta... que nos pode dizer o mundo?... Regina... que pôde acrescentar a isso? ... que razão pôde falar-te?... da loucura... de quereremo-nos... o quê?... pomba, cravo, com vólvulo, espuma ... trevo... chave, arca, estrela, fantasma, carne: como te chamarei? ... amor... como te aproximarei novamente... de meu alento... como te suplicarei... a entrega... como te acariciarei... as faces... como te beijarei... os lóbulos ... como te respirarei... entre as pernas... como direi... teus olhos... como tocarei... teu sabor... como abandonarei... a solidão... de mim mesmo... para perder-me ... na solidão... dos dois... como repetirei... que te amo ... como desterrarei... tua lembrança para esperar tua volta... Regina, Regina... volta essa pontada, Regina, estou despertando ... desse meio sono a que me induziu o calmante ... estou despertando... com a dor... no centro... de minhas entranhas, Regina, dá-me a mão, não me abandones, não quero despertar sem encontrar-te a meu lado, meu amor, Laura, minha mulher adorada, minha lembrança salvadora, minha saia de percal, Regina, está doendo, minha ternura irrepetível, meu narizinho arrebitado, está doendo, Regina, percebo que está doendo; Regina, vem para que sobreviva outra vez; Regina, troca outra vez a tua vida pela minha; Regina, morre de novo para que eu viva; Regina. Soldado. Regina. Abracem-me. Lorenzo. Lilia. Laura. Catalina. Abracem-me. Não. Que gelo nas têmporas... Cérebro, não morras... razão... quero encontrá-la... quero... quero ... terra... país... amei-te... quis regressar... razão da sem-razão... contemplar de um lugar muito alto a vida vivida e não ver nada... e se não vejo nada... para que morrer?... por que morrer?... por que morrer sofrendo? ... por que não continuar vivendo?... a vida morta... por que passar?... do nada vivo ao nada morto?... some ... some arfante... o uivo da sereia... matilha... a ambulância para... cansado... mais cansado não... terra... entra outra luz em meus olhos... outra voz...

— Opera o Dr. Sabines.

Razão? Razão?

A padiola corre sobre as rodas, fora da ambulância. Razão? Quem vive? Quem vive?

Tu não poderás estar mais cansado, mais cansado não; terás caminhado muito, a cavalo, a pé, nos velhos trens, e o país não acaba nunca. Lembrar-te-ás do país? Lembrarás que não é um; são mil países com um só nome. Saberás disso. Trarás os desertos vermelhos, as estepes de pita e tuna, o mundo do nopal, o cinturão de lava e crateras geladas, as muralhas de cúpulas douradas e troneiras de pedra, as cidades de cal e pedra, as cidades de tezontle, as aldeias de adobe, as aldeias de carriço, os caminhos de lodo negro, os caminhos da seca, os lábios do mar, as costas espessas e olvidadas, os suaves vales do trigo e do milho, as pastagens nortistas, o lagos do Bajío, os bosques delgados e altos, os ramos carregados de feno, os cimos brancos, as planícies de chapopote', os portos da malária e do bordel, o casco calcário da piteira, os rios perdidos, precipitados, as perfurações de ouro e prata, os índios sem voz comum, voz cora, voz yaqui, voz huichol, voz pima, voz seri, voz chontal, voz tepehuana, voz huasteca, voz totonaca, voz nahua, voz maia, a charamela e o tambor, a dança cruzada, a guitarra e a viola, as plumagens, os ossos delgados de Michoacán, a carne estendida de Tlaxcala, os olhos claros de Sinaloa, os dentes brancos de Chiapas, as camisas, os pentes jarochos, as trancas mixtecas, os cinturões tzotziles, as embuçadas de Santa Maria, a marchetaria poblana, o vidro jalisciense, o jade exaquenho, as ruínas da serpente, as ruínas da cabeça negra, as ruínas do grande nariz, os sacrários e retábulos, as cores e os relevos, a fé paga de Tonantzintla e Tlacoahuaya, os nomes antigos de Teotihuacán e Papantla, de Tula e Uxmal: traze-os e pesam-te, são lousas muito pesadas para um só homem; não se movem nunca e tu as trazes amarradas ao pescoço; pesam-te e enfiaram-se em teu ventre... são teus bacilos, tuas parasitas, tuas amebas...

tua terra

pensarás que há um segundo descobrimento da terra nessa faina guerreira, um primeiro pé sobre montanhas e barrancos que são como um punho desafiante ao avançar desesperado e lento do caminho, do açude, do trilho e do poste de telégrafo: essa natureza que se nega a ser compartilhada ou dominada, que quer continuar existindo em solidão agreste e só concedeu aos homens alguns vales, alguns rios, para que se entretenham neles ou em suas margens; ela continua sendo a senhora arisca dos picos lisos e inalcançáveis, do deserto plano, das selvas e da costa abandonada; e eles, fascinados por esse poder altaneiro, permanecerão com os olhos fixos nele: se a natureza inóspita dá as costas para o homem, o homem dá as costas para o amplo mar esquecido, apodrecendo-se em sua feracidade quente, fervendo com riquezas perdidas

herdarás a terra

não verás outra vez os rostos que conhecestes em Sonora e em Chihuahua, que, um dia, viste adormecidos, tranquilizados e, no seguinte, encolerizados, lançados nessa luta sem razões nem paliativos, nesse abraço dos homens separados por outros homens, nesse dizer aqui estou e existo contigo e contigo e contigo também, com todas as mãos e todos os rostos vedados: amor, estranho amor comum que se esgotará por si; dir-te-ás, porque o viveste e não o entendeste ao vivê-lo; só ao morrer aceitarás e dirás abertamente que, mesmo sem compreendê-lo, temeste-o durante cada um de teus dias de poder; temerás que esse encontro amoroso volte a explodir; agora morrerás e não temerás porque já não o verás; mas dirás aos demais que o temam: temam a falsa tranquilidade que lhes lega, temam a concórdia fictícia, o palavreado mágico, a cobiça sancionada; temam essa injustiça que nem sequer sabe que o é:

aceitarão teu testamento: a decência que conquistaste para eles, a decência; darão graças ao otário Artemio Cruz porque os fez gente respeitável; agradecerão porque não se conformou em viver e

morrer numa choça de negros; darão graças porque saiu para tentar a vida; justificar-te-ão porque já não terão tua justificação: já não poderão invocar as batalhas e os chefes, como tu, e escudar-se atrás deles para justificar a rapinagem em nome da Revolução e o engrandecimento próprio em nome do engrandecimento da Revolução; pensarás e te assombrarás: que justificação vão encontrar? que barreira vão opor?: não o pensarão, desfrutarão o que lhes deixas enquanto puderem; viverão felizes, mostrar-se-ão entristecidos e agradecidos — em público, não pedirás mais — enquanto tu esperas com um metro de terra sobre o corpo, esperas, até voltar a sentir o tropel de pés sobre teu rosto morto e então dirás

— Voltaram. Não se deram por vencidos.

E sorrirás; divertir-te-ás com eles, contigo mesmo: é teu privilégio; a nostalgia tentar-te-á; seria a maneira de embelezar o passado; não o farás:

legarás as mortes inúteis, os nomes mortos, os nomes de quantos caíram mortos para que o teu nome vivesse; os nomes dos homens despojados para que teu nome possuísse; os nomes dos homens esquecidos para que teu nome nunca fosse esquecido:

legarás este país; legarás teu jornal, as cotoveladas e a adulação, a consciência adormecida pelos discursos falsos de homens medíocres; legarás as hipotecas, legarás uma classe desgastada, um poder sem grandeza, uma estultice consagrada, uma ambição anã, um compromisso bufão, uma retórica

apodrecida, uma covardia institucionalizada, um egoísmo rude; legarás seus líderes ladrões, seus sindicatos submetidos, seus novos latifúndios, suas inversões americanas, seus operários encarcerados, seus açambarcadores e sua grande imprensa, seus capangas, seus comparsas e seus agentes secretos, seus depósitos no estrangeiro, seus agiotas untuosos, seus deputados servis, seus ministros negociatas, suas divisões elegantes, seus aniversários e

suas comemorações, suas pulgas e suas tortilhas averminadas, seus índios analfabetos, seus trabalhadores escassos, seus montes rapados, seus homens gordos, armados de aqualung e ações, seus homens magros armados de garras: tenham seu México; tenham sua herança:

herdarás os rostos, suaves, alheios, sem amanhã, porque fazem tudo hoje, dizem hoje, são o presente e estão no presente; dizem "amanhã" porque não lhes importa o amanhã; tu serás o futuro sem o ser, tu te consumirás hoje pensando no amanhã; eles serão o amanhã porque só vivem hoje:

teu povo

tua morte;

animal que prevê tua morte, cantas tua morte, falas dela, danças, pintas, lembrás tua morte antes de morrer-la:

tua terra:

não morrerás sem voltar:

esse povoado ao pé do monte; habitado por trezentas pessoas e apenas distinguível por umas manchas de telha por entre a folhagem que, enquanto deita raízes na pedra da montanha, encrespa-se na suave ladeira que acompanha o rio em seu curso até o mar próximo; como uma meia-lua verde, o arco de Tamiahua a Coatzacoalcos devorará o rosto branco do mar numa tentativa inútil — devorado, por sua vez, pela coroa brumosa da serra, assento e limite da meseta índia — de ligar-se ao arquipélago tropical de ondulações graciosas e carnes quebradas: mão lânguida do México seco, imutável, triste, do claustro de pedra e pó encerrado no altiplano, a meia-lua veracruzense terá outra história, atada por fios dourados às Antilhas, ao oceano e, mais além, ao Mediterrâneo que, em verdade, só será vencido pelos contrafortes da serra Madre Oriental, onde os vulcões se sucedem e as insígnias silenciosas da pita levantam-se, morrerá um mundo que em ondas sucessivas envia suas cristas sensuais desde a partitura do Bósforo e os seios

do Egeu, seu chapinhar de uvas e delfins desde Siracusa e Túnis, seu profundo vagido de reconhecimento desde a Andaluzia e as portas de Gibraltar, sua reverência de negro emperucado e cortêsão do Haiti e Jamaica, seus participantes de danças e tambores e crioulos e corsários e conquistadores de Cuba: a terra negra absorve a maré; nos balcões de ferro e nos portais cafeeiros fixar-se-ão as ondas distantes; nas colunas brancas dos pórticos campestres e nas entonações voluptuosas do corpo e da voz morrerão os eflúvios; aqui haverá uma fronteira; depois se levantará o pedestal sombrio das águias e das pederneiras: uma fronteira que ninguém derrotará; nem os homens de Extremadura e Castela, que se esgotaram na primeira fundação e depois foram vencidos sem o saber, pela subida até a plataforma proibida que deixou que destruíssem e deformassem só as aparências: vítimas, afinal, da fome concentrada das estátuas de pó, da sucção cega da laguna que trouxe o ouro, os cimentos, os rostos de todos os conquistadores que a violaram; nem os bucaneiros que encheram seus bergantins com os escudos lançados do cimo da montanha indígena, com uma gargalhada amarga; nem os frades que cruzaram o passo de La Malinche para entregar novos disfarces a deuses inmovíveis que se faziam representar numa pedra destrutível, mas que habitavam o ar; nem os negros trazidos para as plantações tropicais e provocados pelos avanços das índias que ofereceram seus sexos sem pelos como um reduto de vitória sobre a raça crespa; nem os príncipes que desembarcaram dos veleiros imperiais e se deixaram enganar pela agradável paisagem de palmeiras e frutas carnudas e subiram com suas comitivas carregadas de bagagens e lavanda para a meseta de paredões a pique; nem sequer os caciques de tricórnio e dragonas que na muda opacidade do altiplano encontraram, finalmente, a derrota exasperante da reticência, da piada surda, do indiferente: tu serás esse menino que sai pela terra, encontra a terra, sai de sua

origem, encontra seu destino, hoje que a morte iguala a origem e o destino e entre os dois crava, apesar de tudo, o fio da liberdade:

## 1903: 18 de janeiro

Ele despertou ao escutar o murmúrio do mulato Lunero — Ah, bêbado, ah, bêbado —, quando todos os gaios (aves enlutadas que haviam caído na servidão silvestre, abandonados os galinheiros que noutra época haviam sido o orgulho desta fazenda, porque competiram com os de briga do grande senhor da região, há mais de meio século) anunciaram a veloz manhã do trópico, que era o fim da noite para o Sr. Pedrito, ocupado numa farra solitária a mais, além, no terraço de lousas coloridas da velha sede arruinada: chegou o canto ébrio do dono até o teto de folhas de palmeira sob o qual Lunero já estava de pé, regando o chão de terra com punhados de água colhidos na cabaça, vinda de outro lugar, cujos patos e florinhas pintados haviam ostentado um esmalte brilhante, em outros tempos. Lunero acendeu, em seguida, o braseiro para esquentar o picadinho de charal, sobra do outro dia; na fruteira procurou, piscando os olhos, as cascas mais negras para consumi-las em seguida, antes que a corrupção total, irmã da feracidade, as amolecesse e as enchesse de bichos. Depois, quando a fumaça da folha de ferro acabou de tirar a preguiça do menino, o cântico baboso parou, mas ainda se escutavam os tropeções do bêbado, cada vez mais longe, e depois a batida de porta final, prelúdio da longa manhã de insônia; de bruços sobre o colchão nu e manchado da grande cama de acaju, enredado no mosquiteiro, na cama de baldaquim sem lençóis, desesperado porque já se haviam acabado as reservas de aguardente. Antes — recordou Lunero, quando acariciou a cabeça revolta do menino que se aproximou do fogo com a camiseta curta, mostrando as primeiras sombras da puberdade



—, quando a terra era grande, as cabanas ficavam longe da casa e não se sabia o que nela acontecia, a menos que as cozinheiras gordas e as jovens negras que manejavam a escova e engomavam as camisas levassem suas histórias até o outro mundo dos homens tostados nos campos de tabaco. Agora, tudo estava próximo e, na fazenda diminuída pelos agiotas e pelos inimigos políticos do antigo dono morto, só restavam a casa sem vidros e a cabana de Lunero; naquela só suspirava a lembrança dos criados, mantida pela débil Baracoa, que continuava cuidando da avó encerrada no quarto azul do fundo; nesta, só viviam Lunero e o menino e eles eram os únicos trabalhadores.

O mulato sentou-se no chão batido e dividiu o prato de pescado, deixando metade na folha de ferro e colocando metade na vasilha de barro. Ofereceu uma manga ao menino e descascou uma banana e os dois comeram em silêncio. Quando o pequeno monte de cinzas se apagou, entrou pela única abertura — porta, janela, umbral dos cachorros farejantes, fronteira das formigas vermelhas detidas por uma risca de cal — a nuvem pesada do convólculo que Lunero plantou havia anos para dissimular os adobes pardos das paredes e enredar a cabana nessa fragrância noturna de flores tubulares. Não falavam. Mas o mulato e o menino sentiam essa mesma gratidão alegre de estar juntos que nunca diriam, que nunca, sequer, expressariam num sorriso comum, porque estavam ali, não para falar ou sorrir, mas para comer e dormir juntos e juntos sair a cada madrugada sem exceção silenciosa, carregada de umidade tropical, e juntos cumprir os trabalhos necessários para ir passando os dias, e entregar à índia Baracoa as moedas que, cada sábado, compravam a comida da avó e os garrafões do Sr. Pedrito. Eram belos esses grandes garrafões azuis separados do calor pela canastra tecida de carriços e de asa de couro: bojudos, de pescoço curto e estreito. O Sr. Pedrito ia arrumando-os na entrada da casa e, a cada mês, Lunero ia até o povoado ao pé da serra com a grande

estaca que, na fazenda, usava para carregar os baldes de água e voltava com ela atravessada sobre os ombros e os garrafões amarrados e balançando, porque a mula de antes morrera. Esse povoado ao pé do monte era a única vizinhança. Habitado por trezentas pessoas e apenas distinguível por uns manchões de telha por entre a folhagem que, ao deitar raízes na pedra da montanha, se encrespava na suave ladeira que acompanhava o rio em seu curso até o mar próximo.

O menino saiu da cabana e correu pelo caminho de fetos que rodeavam os troncos cinzentos e lisos das mangueiras; a pendente lodosa conduziu-o, sob o céu escondido pela flor vermelha e pelo fruto amarelo, à margem onde Lunero, a machadadas, abriu uma clareira junto ao rio — aqui começava a dilatar-se, ainda turbulento — para o trabalho diário. O mulato de braços compridos chegou arrumando a calça de mescla, larga nas bocas, lembrança de alguma perdida moda marinheira. O menino pegou o calção curto e azul, que passara a noite secando ao sereno, do círculo de ferro enferrujado, de que agora se aproximara Lunero. Alguns caules do mangue jaziam, abertos e polidos, com as extremidades dentro da água. Lunero parou um momento, com os pés mergulhados na lama. Rumo ao mar, o rio dilatava sua respiração e acariciava massas crescentes de fetos e bananais. O matagal parecia mais alto que o céu, porque este era plano, reverberante, baixo. Os dois sabiam o que fazer. Lunero pegou a lixa e continuou a polir os caules com uma força que fazia dançar os nervos gordos do antebraço. O menino pegou uma banquetta quebrada e apodrecida e colocou-a dentro do círculo de ferro, suspenso por uma haste central de madeira. Das dez aberturas perfuradas no círculo, pendiam outros tantos pavios de barbante. O menino fez girar o círculo e depois agachou-se para acender o fogo sob a caçarola: a murta derretida borbulhou sua espessura; o círculo girou; o menino ia derramando a cera nos furos.

— Está perto o dia da Purificação — disse Lunero com três pregos entre os dentes.

— Quando é?

A pequena fogueira sob o sol iluminou os olhos verdes do menino.

— Dia dois, menino Cruz, dia dois. Então se venderão mais velas, não só aos de perto, mas aos de toda a comarca. Sabem que as nossas são as melhores velas.

— Lembro-me do ano passado.

Às vezes, a cera quente dava uma chicotada; o menino tinha as coxas manchadas de pequenas cicatrizes redondas.

— É o dia em que a marmota procura sua sombra.

— Como sabes?

— É uma história que trouxeram de outro lugar. Lunero parou e pegou um martelo. Enrugou a testa escura. — Menino Cruz, achas que já sabes fazer as canoas?

Agora havia um grande sorriso branco no rosto do menino. Os reflexos verdes do rio e dos fetos úmidos acentuavam o perfil pálido, ossudo, do rosto. Penteado pelo rio, o cabelo caía na testa larga, na nuca escura. O sol havia contribuído com tons de cobre, mas a raiz era negra. Todo o tom de fruta verde corria pelos braços finos e pelo peito firme, feito para nadar corrente acima, com os dentes brilhantes na gargalhada do corpo refrescado pelo rio de fundo herbáceo e margens limosas.

— Sim, já sei. Vi como fazes.

O mulato baixou os olhos, já baixos, serenos mas espreitadores. — Se Lunero for embora, já saberás fazer todas as coisas?

O menino deixou de girar a roda de ferro. — Se Lunero for embora?

— Se tiver de ir.

Não devia dizer nada, pensou o mulato; não diria nada, ir-se-ia como iam os seus, sem dizer nada, porque conhece e aceita a fatalidade e sente um abismo de razões entre esse conhecimento e essa aceitação e o conhecimento e a repulsão de outros homens; porque conhece a nostalgia e a peregrinação. E, embora soubesse que não devia dizer nada, sabia que o menino — seu companheiro de sempre — havia visto, com curiosidade, com a cabecinha inclinada, o homem de sobrecasaca justa e suada que ontem procurara Lunero.

— Tu sabes, vender as velas no povoado e fazer mais quando chega o dia da Purificação; levar as garrafas vazias todos os meses e deixar a bebida na porta, para o Sr. Pedrito... fazer as canoas e levá-las todas, rio abaixo, a cada três meses... e também entregar o ouro a Baracoa, sabes, guardando uma moeda para ti e pescar os charales' aqui mesmo...

A pequena clareira, junto ao rio, já não pulsava com o rangido do círculo enferrujado, nem com o martelar sonâmbulo do mulato. Limitado pela vegetação, crescia o murmúrio da água veloz, que arrastava plantas e troncos fulminados pelas tempestades noturnas e grama ondulante dos campos mais altos. Revoluteavam as mariposas negras e amarelas, também em direção ao mar. O menino deixou cair os braços e interrogou o olhar baixo do mulato.

— Vais embora?

— Não sabes todas as histórias deste lugar. Em outros tempos, toda a terra, até a montanha, era dos daqui. Depois, foi perdida. O senhor avô morreu. O Sr. Atanasio foi ferido gravemente à traição e tudo foi ficando sem cultivar. Ou passou para outros. Só eu fiquei e deixaram-me em paz catorze anos. Mas tinha que chegar minha hora.

Lunero parou, porque não sabia como continuar. Os reflexos prateados da água distraíram-no e os músculos pediram-lhe que continuasse a tarefa. Treze anos antes, quando lhe entregaram o

menino, pensou em mandá-lo pelo rio, cuidado pelas mariposas, como o rei antigo das histórias brancas, e esperar seu regresso, poderoso e grande. Mas a morte do Sr. Atanasio havia-lhe permitido conservar o menino, sem sequer discutir com o Sr. Pedrito, incapaz de distrair-se ou altercar, sem discutir com a avó, que já vivia encerrada no quarto azul de cortinas de encaixe e candelabros que retiniam durante a tormenta e que jamais se inteiraria do crescimento do rapaz a alguns metros de sua loucura fechada. Sim, o Sr. Atanasio morrera a tempo; teria mandado matar o menino; Lunero salvou-o. Os últimos campos de fumo passaram para o novo cacique e restou-lhes apenas essas beiras de rio e matagais e a velha sede como uma panela vazia e trincada. Viu como todos os trabalhadores passaram-se para as terras do novo dono e como começaram a chegar novos homens, trazidos das terras altas, para trabalhar nos novos plantios e como foram tirados os homens de outros lugares e ranchos e ele, Lunero, teve que inventar esses trabalhos das velas e das canoas, para com eles ganhar o sustento de todos e pensar que dessa parcela improdutiva, mera unha entre o rio e a casa arruinada, ninguém o tiraria, porque ninguém o incomodaria ali, perdido entre as ruínas vegetais com seu rapazinho. O cacique demorou catorze anos para encontrá-lo, mas algum dia deveria terminar sua investigação obstinada da região, até dar com a última agulha perdida no palheiro. E por isso, na tarde do dia anterior, aparecera, sufocado na sobrecasaca negra e com o suor pingando das têmporas, o recrutador do cacique, para dizer a Lunero que amanhã mesmo — hoje — fosse à fazenda do senhor, no sul do Estado, porque escasseavam os bons trabalhadores do tabaco e Lunero passara catorze anos de folga cuidando de um bêbado e de uma velha louca. E isso era tudo o que Lunero não sabia contar ao menino Cruz, porque lhe parecia que não iria entender. O menino que só conhecera o trabalho à beira do rio e a frescura da água antes de almoçar; as viagens para o litoral,

onde era presenteado com caranguejos e siris vivos, e para o povoado próximo, povoado de índios, onde ninguém lhe falava. Mas, na realidade, o mulato sabia que, se começasse a desatar o fio da história, todo o tecido viria abaixo e teria que chegar à origem e perder o menino. E amava-o — disse-se agora o mulato de braços compridos, ajoelhado junto à casca lixada; — amava-o desde que correram, a pauladas sua irmã Isabel Cruz e entregaram-lhe o menino e Lunero deu-lhe de comer na cabana, deu-lhe leite da cabra velha que sobrara do gado dos Menchaca e desenhou-lhe no lodo aquelas letras que aprendera em menino, quando era criado dos franceses em Veracruz e ensinou-o a nadar, a distinguir e saborear as frutas, a manejar o facão, a fabricar as velas, a cantar canções que eram as trazidas, pelo pai de Lunero, de Santiago de Cuba, quando começou a guerra e as famílias se transferiram, com sua criadagem, para Veracruz. Era tudo o que Lunero queria saber do menino. E talvez não fosse necessário saber mais, exceto que o menino também amava Lunero e não queria viver sem ele. As sombras perdidas do mundo — o Sr. Pedrito, a índia Baracoa, a avó — avançavam agora, com perfil de navalha, para separá-lo de Lunero. O estranho, o fora da vida comum com o amigo, eram eles. E isso era o que pensava o menino e o que entendia.

— Vê que não falte vela e o padre se zangue — disse Lunero.

Uma brisa estranha fez com que se chocassem os cabos suspensos; um papagaio assustado deu o alarido do meio-dia.

Lunero levantou-se e entrou no rio; no meio da corrente estava a rede. O mulato mergulhou e emergiu com a redinha pendente no braço. O menino tirou o calção e lançou-se à água. Como nunca, sentiu a frescura em todas as juntas da carne; afundou e abriu os olhos: as ondulações cristalinas da camada superior, veloz, corriam sobre um fundo lodoso e verde. E lá em cima, atrás — deixava-se levar pela corrente, como uma flecha —, estava a casa em que nunca, nesses treze anos, havia entrado, com o

homem só visto de longe e a mulher que só conhecia de nome. Lunero já estava fritando o peixe e abrindo um mamão com o facão.

Pouco depois do meio-dia, os raios de sol filtraram-se pelo teto de folhas tropicais, batendo, forte, da descida para o poente. A hora dos ramos parados, em que nem sequer o rio parecia correr. O menino estendeu-se nu sob a palmeira solitária e sentiu o calor dos raios que lançavam cada vez mais longe a sombra do tronco e da folhagem. O sol iniciou sua carreira final; contudo, os raios oblíquos pareciam subir, iluminando, poro a poro, todo o corpo. Primeiro os pés, quando se deitou no pedestal nu. Depois as pernas abertas e o sexo adormecido, o ventre chato e os mamilos endurecidos pela água, o pescoço alto e o queixo recortado, onde a luz começava a quebrar duas comissuras fundas, juntas como arcos tirantes para os pômulos duros que sublinhavam a claridade dos olhos perdidos, essa tarde, na sesta profunda e tranquila. Ele dormia e Lunero, perto, tamborilava com os dedos na caçarola negra. Um ritmo ia ganhando-o. A lassidão aparente de corpo estendido não era mais que a tensão contemplativa de seu braço que dançava, que tirava tons concentrados do utensílio e começava a murmurar, como em todas as tardes, a memória recobrada de ritmo cada vez mais rápido, a canção da infância e da vida que já não viveu, quando seus antepassados se coroavam, junto à ceiba', de gorros enfeitados com guizos de cascavel e esfregavam os braços com aguardente e esse homem era colocado na cadeira com a cabeça coberta por um pano branco e todos bebiam até o fundo de açúcar mascavo a mistura de milho e laranja amarga e ensinava aos meninos que não deviam assobiar à noite:

*tó...*

*la hija de Yeyé...*

*le gusta marío... de otra mujé...*

*tó,*

*la hija de Yeyé, le gusta marío, de otra mujé...  
tola hija eyeyé le gusta.*

O ritmo ia dominando-o. Estendeu os braços e tocou os extremos da terra úmida e com os dedos continuou batendo sobre ela e com ela sujando a barriga e abriu um grande sorriso, que lhe quebrou as faces grudadas ao osso largo: le gusta marío de outra mujé... O sol da tarde caía forte sobre sua cabeça redonda e crespa e não se podia levantar de sua posição, gotejando suor na testa, nas costelas, entre as coxas, e o cântico ia-se fazendo mais silencioso e profundo. Quanto menos o escutava, mais o sentia e mais se apegava à terra, como se fornicasse com ela. Tólahijaeyeyc: ia abrir-se o sorriso, ia abrir-se o esquecimento do homem da sobrecasaca negra, o que ia vir essa tarde, que já é esta tarde, e Lunero estava perdido em seu canto e em sua dança deitada que lhe recordava a tumba, que lhe recordava a tumba francesa e as mulheres esquecidas na prisão dessa casa queimada.

Atrás, as frondes e a sede da fazenda com que sonha, entre sonhos, o menino banhado de sol. Essas paredes enegrecidas que foram incendiadas quando por ali passaram os liberais na campanha final contra o império, depois da morte de Maximiliano, e encontraram a família que cedera seus quartos ao marechal-chefe das forças francesas e suas adegas à tropa conservadora. Na fazenda de Cocuya, abasteceram-se os soldados de Napoleão III para sair, com as mulas carregadas de conservas, feijão e fumo, para o arrasamento das posições dos guerrilheiros juaristas na serra, de onde os bandos de foragidos fustigavam os acampamentos franceses da planície e as fortalezas das cidades veracruzenses. E, nas proximidades da fazenda, os zuavos encontraram os grupos de viola e harpa que cantavam *Balajú se fué a la guerra y no me quiso llevar*, e alegravam suas noites junto às índias e mulatos de olhos claros e pele avermelhada, que se chamaram Garduno e Álvarez,



quando se deviam chamar Dubois e Garnier. Sim, na mesma tarde esmagada pelo calor, a velha Ludivinia, encerrada para sempre no quarto de candelabros absurdos — dois pendendo do teto baixo e caído, um encostado na cama de postes estriados — e cortinas de encaixe amarelento, abanada pela índia Baracoa, que perdeu seu nome original, para receber este da população negroide da fazenda, tão mal adequado a seu perfil de águia e às suas trancas sebosas; a velha Ludivinia cantarola com olhos bem abertos essa maldita canção que, por querer, não recordaria e que, contudo, deseja saborear, porque faz pouco do General Juan Nepomuceno Almonte, que antes foi amigo da casa e compadre do defunto Ireneo Menchaca, o marido de Ludivinia, e parte da corte santanista e depois, quando o salvador do México e grande protetor dos Menchaca — vidas e fazendas — quis voltar do enésimo desterro e desembarcou e curava-se de um ataque de disenteria, renegou suas velhas lealdades, fez com que os franceses o prendessem e o embarcassem de novo: San Juan de Nepomuceno, ¡a monda. Ludivinia lembra-se do rosto escuro de Juan Nepomuceno Almonte, filho das mil mulheres cacarejantes do Padre Morelos, e torce a boca chupada, sem dentes, quando se lembra da estrofe picaresca desse maldito canto dos juaristas que mataram de humilhação o General Santa Anna: ...y qué te lo pareciera que llegaran los ladrones, se robaran a tu vieja y le bajaran los calzones... Ludivinia cacarejou de riso e, com um gesto, pediu à índia que acelerasse os movimentos do leque de palmeira. O quarto triste, caído, cheirava a trópico encerrado, suplantado, disfarçado de frio. As manchas de umidade das paredes agradavam à velha, porque faziam com que pensasse em outros climas, os de sua infância, antes de se casar com o Tenente Ireneo Menchaca e entregar-se à vida e à fortuna do General Antônio López de Santa Anna e obter, por sua vênua, as ricas terras junto ao rio, terras negras e extensas, próximas à montanha e ao mar. Allá en Francia,

guirí guirt guirá, se murió Benito Juárez, se acabo la libertad. E agora a cara enrugou-se com desgosto e desfez em mil crostas polvilhadas todo o rosto que permanecia unido por uma redinha de veias azuis. A garra trêmula de Ludivinia afastou, com outro gesto, Baracoa e sacudiu as mangas de seda negra e os punhos de renda rota. Renda e cristal, mas não só isso: mesas de álamo lavrado com pesadas lajes de mármore sobre as quais descansavam os relógios, sob campânulas de vidro, com pesadas patas cabriolantes de bola; cadeiras de balanço de vime, sobre o chão de azulejos, cobertas com os vestidos de anquinhas que nunca tornou a usar, tabuleiros trabalhados, tachões de bronze, cofres com cantos e fechaduras de ferro, retratos ovais de crioulos desconhecidos, rígidos, envernizados, com suíças frisadas e bustos altos e pentes de tartaruga, guarnição de folha-de-flandres para os santos e o Menino da Tocha, este reproduzido no estofado, velho, carcomido, que apenas conservava a primeira cama de folha de ouro, a cama de folhagens prateadas e baldaquim e postes estriados, depósito do corpo exangue, ninho de olores comprimidos e lençóis manchados, de convulsões e tumores de palha que surgiam pelos buracos abertos no colchão.

O incêndio não entrara até aqui. Nem a notícia das terras perdidas e o filho morto na emboscada e o menino nascido na cabana de negros: as notícias não, mas os pressentimentos sim.

— Índia, traz um copo de água.

Deixou que Baracoa saísse e então violou todas as regras, afastou as cortinas e enrugou o rosto para espreitar o que acontecia lá fora. Havia visto crescer esse menino desconhecido; espiara-o da janela, do outro lado da cortina. Havia visto os mesmos olhos verdes e cacarejara de prazer ao saber-se em outra carne jovem, ela, que trazia emplastrada no cérebro a memória de um século e nos sulcos do rosto, camadas de ar e terra e sol desaparecidos. Persistiu. Sobreviveu. Custou-lhe chegar à janela; quase caminhava de

gatinhas, com os olhos fixos nos joelhos e as mãos apertadas contra as coxas. A cabeça de cabelos brancos estava perdida nos ombros, às vezes mais altos que o crânio. Mas sobreviveu. Continuava aqui, tentando repetir, desde o leito revolto, os ademanes da jovem formosa e branca que abriu as portas de Cocuya para o comprido desfile de prelados espanhóis, comerciantes franceses, engenheiros escoceses, britânicos vendedores de ações, agiotas e flibusteiros que por aqui passaram em sua marcha para a Cidade do México e as oportunidades do país jovem, anárquico: suas catedrais barrocas, suas minas de ouro e prata, seus palácios de tezontle e pedra lavrada, seu clero negociante, seu perpétuo carnaval político e seu governo em dívida permanente, suas fáceis concessões alfandegárias para o estrangeiro de fala insinuante. Eram os dias gloriosos do México, aqueles em que os Menchaca deixaram a fazenda nas mãos do filho maior, Atanasio, para que se fizesse homem no trato com os trabalhadores, os bandidos, os índios, e subiram ao altiplano para brilhar na corte fictícia de Sua Alteza Sereníssima. Como iria viver o General Santa Anna sem seu velho companheiro Menchaca — agora coronel — •, que sabia de gaios e rinhas e podia passar a noite bebendo e recordando o plano de Casamata, a expedição de Barradas, El Álamo, San Jacinto, a Guerra dos Pastéis, inclusive as derrotas ante o Exército ianque invasor, a que o generalíssimo se referia com uma hilaridade cínica, enquanto batia a bengala no chão e levantava a taça e acariciava a cabeleira negra de Flor de México, a esposa-menina levada ao leito ainda quente do último estertor da primeira mulher? E eram os dias de dor, quando o Senhor foi expulso do México, pela facção liberal, e os Menchaca voltaram para a fazenda, a fim de defender o que era seu: os milhares de hectares obsequiados pelo tirano rinheiro e manco; apropriadas sem pedir licença aos camponeses indígenas que tiveram de permanecer como peões ou retirar-se para o pé da montanha; cultivadas pelo novo trabalho negro, barato, das ilhas do

Caribe; aumentadas com a cobrança das hipotecas impostas a todos os pequenos proprietários da região. Túmulos de tabaco estendido. Carroças carregadas de banana e manga. Manadas de cabras pastoreadas nos primeiros patamares da serra Madre. E, no centro, a sede de um andar, com sua torrezinha colorida e suas cavaliças vibrantes de relinchos, seus corredores de pedra e as carruagens. E Atanasio, o filho de olhos verdes, vestido de branco sobre o cavalo branco, também presente de Santa Anna, cavalgando a terra, feroz com o chicote em punho, pronto para impor sua vontade decisiva, para saciar seu apetite grosseiro com as camponesas jovens, para defender com o bando de negros importados a integridade das terras contra as incursões cada vez mais frequentes dos juaristas. Viva o México primeiro, que viva nossa nação, morra o príncipe estrangeiro... E os últimos dias do Império, quando avisaram ao velho Ireneo Menchaca que Santa Anna voltava do exílio para proclamar uma nova República: o velho saiu em sua carruagem negra com direção a Veracruz, onde o esperava um bote no cais, e sobre a coberta do Virginia, à noite. Santa Anna e seus flibusteiros alemães faziam sinais ante San Juan de Ulúa sem que ninguém lhes respondesse. A guarnição do porto estava com o império e fazia pouco do tirano caído, que passeava pela coberta, sob os galhardetes, desesperado, cuspidando palavrões pelos lábios carnudos. As velas tornaram a enfunar-se e os dois velhos amigos jogaram cartas no camarote do capitão ianque: navegavam num mar tórrido, lento, do qual apenas se percebia a linha da costa, perdida atrás de um véu de calor. Da silhueta enfeitada do navio, os olhos furiosos do ditador viram a silhueta branca de Sisal. E o velho manco desceu, seguido por seu velho compadre, lançou uma proclamação aos yucatecos e voltou a viver seu sonho de grandeza: Maximiliano acabava de ser condenado à morte em Querétaro e a República tinha o direito de contar, outra vez, com a patriótica entrega de seu chefe natural e autêntico, de seu monarca sem coroa.

Contaram-no a Ludivinia: como foram capturados pelo comandante de Sisal, como foram enviados a Campeche e, ali, passeados pelas ruas com as mãos algemadas, entre os empurrões da escolta, como ladrões vulgares. Como foram lançados a uma masmorra do presídio. Como morreu no verão sem latrinas, inchado de água putrefata, o velho Coronel Menchaca, enquanto os jornais norte-americanos faziam saber que Santa Anna havia sido executado pelos juaristas, como o inocente príncipe de Trieste. Não: só o cadáver de Ireneo Menchaca foi enterrado no cemitério ante a baía, fim de uma vida de azar e loterias, como a do próprio país, e Santa Anna, com a careta permanente de uma loucura infecciosa, saiu para novo exílio.

Atanasio disse-lhe isso, lembrou a velha Ludivinia nessa tarde quente, e desde então já não saiu do quarto e para lá levou suas melhores coisas, o candelabro da sala de jantar, as arcas chapeadas, os quadros mais envernizados. Para esperar uma morte que sua cabeça romântica julgava iminente, mas que demorara trinta e cinco anos perdidos, que não eram nada para uma mulher de noventa e três, nascida no ano da primeira revolta, quando a gritaria de paus e pedras se levantou no curato de Dolores e sua mãe pariu-a numa casa de portas trancadas pelo terror. Seus calendários se perderam e este ano de 1903 era, para ela, apenas um tempo roubado à rápida morte de tristeza que deveria seguir a do coronel. Como não existiu, no ano de 68, o incêndio da casa, parado nas portas do quarto fechado, enquanto os filhos — havia outro, não era só Atanasio, mas só gostou deste — gritavam-lhe que se salvasse e ela amontoava as cadeiras e as mesas contra a porta e tossia com aquela fumaça espessa que entrava por todos os buracos. Não quis ver ninguém mais, só a índia, por necessidade de que alguém lhe trouxesse a comida e lhe cerzisse a roupa negra. Não quis saber mais, só recordar os tempos passados. E, entre as quatro paredes, perdeu a razão de tudo, menos do essencial: sua viuvez, o

passado e, subitamente, esse menino que sempre corria ao longe, com um mulato desconhecido aos seus calcanhares.

— Índia, traz um jarro de água.

Mas, em vez de Baracoa, surgiu na porta o espectro amarelo.

Ludivinia gritou em silêncio e encolheu-se no fundo da cama: os olhos afundados abriram-se com espanto e todas as cascas do rosto pareceram pulverizar-se. O homem que surgira parou no umbral e estendeu uma mão trêmula.

— Sou Pedro...

Ludivinia não entendeu. Seu tremor impedia-a de falar, mas os braços conseguiram agitar-se, exorcizar, negar-se num tumulto de trapos negros, enquanto o fantasma pálido avançava com a boca aberta: — Eh... Pedro... eh... — disse, cocando a barbicha rala e manchada. — Pedro...

Com esse movimento nervoso nas pálpebras. A velha paralisada não entendeu o que disse esse homem sonolento, cheirando a suor e álcool barato: — Eh... não sobrou nada, sabe?... tudo... para o diabo... e agora... — balbuciava, com um pranto seco — levam o negro; mas a senhora não sabe, mamãe...

— Atanasio...

— Eh... Pedro... — o bêbado lançou-se na cadeira de balanço e abriu as pernas, como se houvesse chegado a seu porto de partida. — Levam o negro... que é quem nos dá de comer... à senhora e a mim...

— Não; um mulato; um mulato e um menino...

Ludivinia escutava, mas não olhava o espectro que se instalara para falar-lhe, porque não podia ter corpo uma voz que se deixasse escutar dentro da caverna proibida.

— Um mulato, pois; e um menino... eh?

— Que às vezes corre ao longe. Vi. Fico contente. É um menino.

— O recrutador veio avisar-me... Para tirar-me sono em pleno sol... Levam o negro... Que vamos fazer?

— Levam um negro? A fazenda está cheia de negros. O coronel diz que são mais baratos e trabalham mais. Mas, se o queres tanto, sobe-lhe o preço para seis reais.

E permaneceram, estátuas de sal, pensando no que teriam querido dizer, quando já fosse demasiado tarde, quando o menino já não estivesse entre eles. Ludivinia tentou aproximar o olhar da presença que se negava a admitir: quem seria o homem que, de propósito, só hoje, havia limpado suas melhores roupas para dar o passo proibido? Sim: o peitilho de holanda, manchado de musgo pela clausura tropical, as calças justas, demasiado apertadas, demasiado estreitas para a pequena barriga desse corpo exausto. As velhas roupas não toleravam a verdade do suor costumeiro — tabaco e álcool — e os olhos transparentes eram alheios a toda a afirmação e disposição que as roupas supunham: os olhos de um bêbado sem malícia, alheio a todo trato há mais de quinze anos. Ah — suspirou Ludivinia, encarapitada em seu leito revolto, admitindo afinal que essa voz tinha um rosto —, esse não é Atanasio, que era como o prolongamento de sua mãe na virilidade; este é como a mãe, mas com barba e testículos — falou a velha —, não como a mãe teria sido homem, como Atanasio; e por isso amou um filho não o outro — suspirou —, o filho que sempre viveu enraizado no lugar que lhes tocou na terra e não o que, mesmo com a derrota da casa, quis continuar usufruindo, lá em cima, nos palácios, o que já não lhes cabia: — teve a certeza — enquanto tudo fora deles, tinham direito de impor sua presença ao país inteiro; — hesitou; — quando nada era deles, seu lugar estava dentro destas quatro paredes.

A mãe e o filho se contemplaram, com a muralha de uma ressurreição entre ambos.

— Vens dizer-me que já não há terras nem grandezas para nós, que outros se aproveitaram de nós, como nós nos aproveitamos dos primeiros, dos donos originais de tudo? Vens contar-me o que sei, dentro de mim, desde a primeira noite de minha vida de esposa?

— Venho com um pretexto. Venho porque já não quero ficar sozinho.

— Gostaria de me lembrar de ti quando pequeno. Gostei de ti então, porque, na juventude, uma mãe deve gostar de todos os seus filhos. Quando velhos, sabemos mais. Não há por que gostar de alguém sem razão. O sangue nativo não é uma razão. A única razão é o sangue amado sem razão.

— Quis ser forte como meu irmão. Tratei com mão de ferro esse mulato e esse menino; proibi-os de pisar na casa-grande. Como fazia Atanasio, lembras? Mas então havia tantos trabalhadores. Hoje só restam o mulato e o menino. O mulato vai embora.

— Ficaste sozinho. Busca-me para não ficar sozinho. Pensas que estou só; vejo-o em teus olhinhos compadecidos. Tonto, sempre, e fraco, não, meu filho, não pediria compaixão a ninguém, exceto a minha própria imagem de esposa jovem. Agora não, agora não. Agora tenho uma vida inteira para acompanhar-me e deixar de ser velha. Velho és tu, que pensas que tudo terminou com tua madurez e tua bebedeira e tua falta de vontade. Ah, vejo-te, vejo-te, malandro! És o mesmo que subiu conosco para a capital; o mesmo que pensou que nosso poder era uma escusa para gastá-lo com as mulheres e os tragos e não uma razão para aprofundá-lo e fazê-lo mais forte e usá-lo como um chicote; o mesmo que pensou que nosso poder fora obtido sem custo para ele e que por isso pensou que podia permanecer lá em cima, sem nosso apoio, quando tivemos que descer novamente a essa terra quente, a esta fonte de tudo, a este inferno de que subimos e em que tínhamos que cair outra vez... Cheira! Há um cheiro mais forte que o suor de cavalo e a



fruta e a pólvora... Paraste para cheirar a cópula de um homem e de uma mulher? A terra aqui tem esse cheiro, de lençol de amor, e nunca o soubeste... Ouve, ah, eu te acariciei quando nasceste e amamentei-te e disse-te meu, filho meu, e só estava lembrando o momento em que teu pai te criou com toda a cegueira de um amor que não era para criar-te, mas para dar-me prazer; isso ficou e tu desapareceste... Lá fora, ouve...

— Por que não fala? Está certo... está certo... continue calada, que já é algo vê-la ali, olhando-me assim, já é algo mais que essa cama nua, e essas noites de vigília...

— Procuras alguém? E esse menino, lá fora, não está vivo? Desconfio de ti; hás de pensar que não sei nada, que não vejo nada daqui... Como se não pudesse sentir que há outra carne minha rondando por aqui, outro prolongamento de Ireneo e Atanasio, outro Menchaca, outro homem como eles, lá fora, ouve... Claro que é meu, quando não o buscaste... O sangue entende-se sem necessidade de aproximação ...) —Lunero — disse o menino, quando despertou da sesta e viu que o mulato jazia, esgotado, sobre a terra mais úmida. — Quero entrar na casa-grande.

Depois, quando tudo houvesse terminado, a velha Ludivinia romperia seu silêncio e sairia, como um corvo sem asas, a gritar pelas avenidas de fetos, com os olhos perdidos no matagal e levantados, afinal, para a serra; a estender os braços para a forma humana que espera encontrar, cega pela noite desacostumada em seu claustro de velas permanentes, atrás de cada ramo que lhe açoita o rosto sulcado por veias mortas. E cheiraria esse amálgama da terra e gritaria com voz surda os nomes esquecidos e recém-aprendidos, morderia as mãos pálidas com raiva, porque em seu peito, algo — os anos, a memória, o passado, que era toda a sua vida — dir-lhe-ia que ainda existiria uma margem de vida fora de seu século de lembranças: uma oportunidade de viver e querer outro ser de seu sangue; algo que não morrera com as mortes de

Ireneo e Atanasio. Mas agora, ante o Sr. Pedrito, no quarto que não abandonara em trinta e cinco anos, Ludivinia pensava ser o centro que ligava a memória e as presenças circundantes. O Sr. Pedrito acariciou a barbicha rala e tornou a falar, agora em voz alta:

— Mamãe, a senhora não sabe...

O olhar da velha gelou a voz do filho.

— O quê? Que nada podia durar? Que aquela força fundamentava-se em puras aparências, numa injustiça que devia perecer em mãos de outra injustiça? Que os inimigos que mandamos fuzilar para continuar sendo os senhores; que os inimigos de quem teu pai mandou cortar a língua ou as mãos, para continuar sendo o senhor; que os inimigos de quem teu pai arrebatou as terras para começar a ser o senhor, passaram um dia, vitoriosos, e puseram fogo nesta casa; passaram um dia, e nos tiraram o que não era nosso, o que tínhamos por nossa força e não por nosso direito? Que, apesar de tudo, teu irmão negou-se a aceitar a humilhação e a derrota e continuou sendo Atanasio Menchaca, não lá em cima, longe do cenário, como tu, mas cá embaixo, entre seus criados, dando a face ao perigo, violando as mulatas e as índias e, não como tu, seduzindo mulheres dispostas? Que dos mil coitos ferozes, descuidados, rápidos de teu irmão deveria restar uma prova, uma, uma, de sua passagem por nossa terra? Que, de todos os filhos disseminados por Atanasio Menchaca ao longo de nossas possessões, um deveria nascer perto? Que no mesmo dia em que nasceu seu filho numa cabana de negros — como teve que nascer, para baixo, para demonstrar outra vez a força do pai — Atanasio foi...)

Nos olhos de Ludivinia, o Sr. Pedrito não adivinhou as palavras. O olhar da velha, desprendido do rosto gasto, flutuou como uma onda de mármore sobre o líquido caloroso do quarto. O homem de roupas apertadas não precisou escutar a voz de Ludivinia.

(— Não me censure nada. Também sou seu filho ... Meu sangue era o mesmo de Atanasio... então, por que, esta noite... Para mim, só disseram: "O Sargento Robaina, da antiga tropa santanista, encontrou o que tanto procuraram. O cadáver do Coronel Menchaca, no cemitério de Campeche. Outro soldado, que viu onde enterraram teu pai sem lápide, disse para o sargento, quando o mandaram para a guarnição do porto. E o sargento, burlando o comando, roubou, à noite, os ossos do Coronel Menchaca e agora aproveita sua transferência para Jalisco, a fim de passar por aqui e entregar-lhes os restos. Espero-os, tu e teu irmão, esta noite, depois das onze, na clareira da selva, a dois quilômetros da entrada do povoado, onde estava outrora o poste para enforcar os índios rebeldes". Mas que esperto? Atanasio acreditou como eu; encheram-se os olhos de lágrimas e nunca duvidou da mensagem. Ai, para que terei vindo a Cocuya, naquela temporada? Sim, porque me começava a faltar dinheiro no México, e Atanasio nunca me negou nada; até preferia que eu andasse longe daqui, porque queria ser o único Menchaca da região, o único guardião da senhora. Havia essa lua vermelha da época mais quente, quando chegamos ao lugar. Ali estava o Sargento Robaina, de quem nos recordávamos quando éramos meninos, encostado ao cavalo. Os dentes brilhavam-lhe como arroz, e, da mesma forma, os bigodes brancos. Lembrávamo-nos dele quanto éramos crianças. Sempre acompanhara o General Santa Anna e tivera fama de domador de potros; sempre rira assim como se ele próprio fosse parte de uma piada colossal. E ali estava, no lombo do cavalo, a bolsa suja que esperávamos. Atanasio abraçou-o e o sargento riu como nunca; até assobiou de riso e surgiram do matagal os quatro homens, bem brilhantes sob a lua, porque todos estavam de branco. "As almas benditas", gritou com voz risonha o sargento, "as almas benditas que não se contentam em haver perdido e andam querendo recobrar!", e depois mudou de expressão e também avançou para Atanasio. Ninguém prestou

atenção em mim, juro; só avançavam olhando meu irmão, como se eu não existisse; nem sei como montei no cavalo e corri para fora desse círculo maldito dos quatro homens, que avançavam com os facões fora do cinto, enquanto Atanasio me gritava com uma voz entre rouca e serena: "Volta, irmão, lembra-te do que levas", e eu senti a coronha da espingarda bater contra meu joelho, mas já não pude ver como os quatro homens foram aproximando-se de Atanasio e primeiro amarraram-lhe as pernas e depois fizeram-no em pedaços, ali sob a lua, para que tudo fosse em silêncio. Que ajuda eu iria pedir na fazenda, se o sabia bem morto e, além disso, pelos capangas do novo cacique que necessitava matar Atanasio mais cedo ou mais tarde, para o ser deveras? Já desde então, quem se iria opor a ele? Já nem quis saber da nova cerca levantada, no dia seguinte, pelo senhor que nos havia derrotado em nossa terra. Para quê? Os trabalhadores passaram, sem protestar, para o lado dele; pior que Atanasio não devia ser. E como que para dizer-me que ficasse quieto o pelotão federal passou toda uma semana sem mover-se, nas vizinhanças. Como iria mexer-me? Tinha que lhes agradecer por ser perdoado. E por algo, no outro mês, o General Porfirio Díaz visitou a nova casa-grande da região. Nem a piada perdoaram. Com o cadáver mutilado de Atanasio, entregaram-me uns ossos de vaca, uma grande caveira com chifres: o que o sargento trazia na sua mochila. Só coloquei a espingarda carregada na entrada da casa, quem sabe? como um ato de homenagem ao pobre Atanasio. Nessa noite, deveras... nunca me ocorreu que eu a conduzia na montada, embora a coronha me batesse no joelho, durante essa cavalgada tão longa, mamãe, juro, tão longa...)

— Ali nunca se entrará — disse Lunero, e levantou-se de sua dança de terror e tristeza, de sua despedida silenciosa na última tarde junto ao menino; seriam cinco e meia e o recrutador não deveria tardar.

— Tenta meter-te pela terra adentro — dissera-lhe no dia anterior. — Tenta apenas. Temos algo melhor que sabujos, todos os desgraçados que preferem entregar um peão trabalhador a saber que alguém se livrou de ter a mesma sorte que eles.

Não: para a costa corriam os pensamentos de Lunero, encarcerado, afinal, por terror e nostalgia. Como o menino achou-o grande, quando viu o mulato levantar-se e observar a corrente rápida até o golfo do México! Que altos lhe pareciam seus trinta e cinco anos de carne canela e palmas rosadas! Os olhos de Lunero estavam no litoral e suas pálpebras pareciam pintadas de branco, não pela idade que aclara assim o olhar da raça, mas pela nostalgia que é outra idade, mais velha, para trás. Lá estava a barra que quebrava a saída do rio e tingia com uma mancha parda a primeira fronteira do mar. Mas mais longe começava o mundo das ilhas e depois chegava-se ao continente, onde alguém como ele poderia perder-se na selva e dizer que regressara. Atrás ficavam a serra, os índios, a meseta. Não quis olhar para trás. Respirou fundo e olhou para o mar, como fazendo um sortilégio de liberdade e plenitude. O menino soltou as amarras do pudor e correu para o mulato; seu abraço só alcançou as costelas de Lunero.

— Não vás, Lunero...

— Pelo amor de Deus, menino Cruz; que vou fazer? O mulato, emocionado, acariciou o cabelo do menino e não pôde evitar essa felicidade, essa gratidão, esse momento que sempre temeu tão doloroso. O menino levantou o rosto:

— Tenho que lhes falar e dizer-lhes que não podes ir...

— Lá dentro?

— Sim, na casa-grande

— Não nos querem ali, menino Cruz. Não vais entrar nunca. Vem, continuemos trabalhando. Em muitos dias, não me irei. Quem sabe se não terei que ir nunca?

O rio rumoroso da tarde recebeu o corpo de Lunero, que mergulhou para evitar as palavras e o tato de seu jovem companheiro de toda a vida. O rapaz voltou ao trabalho das velas e tornou a sorrir, quando Lunero, nadando contra a corrente, simulou o debater de um afogado, emergiu como uma flecha, deu uma volta na água, voltou a aparecer com um pau entre os dentes e depois, na margem, sacudiu-se e emitiu ruídos cômicos e, afinal, sentou-se de costas para o rapaz, ante as cascas polidas, e pegou o martelo e os pregos. Teve que pensar novamente: o recrutador não tardaria. O sol perdia-se atrás das copas das árvores. Lunero resistiu a pensar no que devia pensar; a lâmina da amargura cortava sua felicidade, já perdida.

— Traz mais lixa da cabana — disse ao menino, certo de que eram suas palavras de despedida.

Podia ir assim, com a camisa e a calça de sempre. Para que mais? Assim que o sol se perdesse, guardaria a entrada da vereda, para que o homem da sobrecasaca não tivesse que se aproximar da cabana. — Sim — disse Ludivinia; — Baracoa dá a entender tudo. Como vivemos do trabalho do menino e do mulato. Quererás reconhecer isso? Que comemos graças a eles. E não sabes o que fazer?

A voz real da anciã era difícil de compreender; tão acostumada ao murmúrio solitário, brotava com o silêncio e a gravidade de um manancial sulfuroso.

— ...o que teriam feito teu pai e teu irmão: sair em defesa desse mulato e do menino, impedir que os levem ... se necessário, dar a vida para que não nos pisem... vais sair ou precisarei ir, covarde?... traz o menino!... quero falar com ele... Mas o menino não distinguia as vozes, nem mesmo os rostos: só as silhuetas atrás do pano da cortina, agora que Ludivinia, com um gesto de impaciência, ordenava ao Sr. Pedrito que acendesse as velas. O menino afastou-se da janela e procurou, caminhando nas pontas dos pés, a frente

da casa-grande, com suas colunas manchadas de breu e o terraço esquecido, de onde pendia a rede dos festins solitários. E algo mais: sobre o limiar, suspensa por dois ganchos enferrujados, a espingarda que o Sr. Pedrito carregou na montada naquela noite de 1889 e que, desde então, conservara lubrificada e pronta, como último reduto de sua covardia, sabendo que nunca a usaria.

O cano duplo brilhava mais que o dintel branco. O rapaz cruzou-o: o que fora a sala da fazenda perdera o chão e o teto; a luz verde das primeiras horas noturnas entrava a jorro, iluminando um chão de grama e cinzas, onde coaxavam algumas rãs e, nos cantos, estancara-se água de chuva. Depois, abria-se o pátio de matagal e, no fundo, uma porta mostrava a linha de luz do quarto habitado. As vozes, que vinham de lá, elevavam-se. Do extremo oposto — o que restava da velha cozinha — surgiu a índia Baracoa, com olhos incrédulos: o menino escondeu o rosto na sombra da sala. Saiu para o terraço e aproveitou os tijolos quebrados para alcançar o umbral e a espingarda. O barulho das vozes aumentou. Chegavam numa mescla de fúria delgada e escusas balbuciantes. Afinal, uma sombra alta saiu do quarto: as extremidades da sobrecasaca chicoteavam-se com agitação e as botas de couro troavam sobre os ladrilhos do corredor. O rapaz não esperou; sabia o caminho que tomariam os pés; correu com a espingarda nos braços pela vereda que conduzia à cabana.

E Lunero já estava esperando, longe da casa-grande e da cabana, no lugar em que se uniam os caminhos de terra vermelha. Seriam sete da noite. Agora sim, não deveria tardar. Esquadrinhou as duas direções do caminho largo. O cavalo do recrutador levantaria uma poeirada imensa. Mas não esse estrondo distante, essa dupla explosão que Lunero escutou às suas costas e que, por um momento, impediu-o de se mexer ou pensar.

Porque o menino se agachou no mato, com a espingarda nas mãos, temeroso de que os passos o alcançassem, e viu passar as

botas apertadas, a calça chumbo e as extremidades da sobrecasaca: a mesma sobrecasaca do dia anterior; já não teve dúvidas, menos quando esse homem sem rosto entrou na cabana e gritou: — Lunero! — e em sua voz impaciente o rapaz adivinhou a irritação e a ameaça que ontem notara nas atitudes do homem da sobrecasaca que procurou o mulato. Quem iria procurar o mulato, a não ser para levá-lo à força? E a espingarda pesava, com um poder que prolongava a ira silenciosa do menino: ira, porque agora sabia que a vida tinha inimigos e já não era esse fluir ininterrupto do rio e do trabalho; ira, porque agora descobria a separação. Saíram da cabana as pernas das calças, a sobrecasaca cor de chumbo, e ele apontou para o alto o duplo cano e apertou o gatilho.

— Cruz! Meu filho! — gritou Lunero, quando se aproximou do rosto destruído do Sr. Pedrito, do peitilho tingido de vermelho, do sorriso simulado da morte súbita. — Cruz!

E o rapaz, ao sair tremendo do mato, não tinha por que distinguir o rosto banhado de sangue e pólvora, o rosto de um homem que sempre vira de longe, quase despido, com a garrafa empinada e a camiseta rasgada sobre o peito sem pelos e pálido. Este não era aquele, como não era o cavalheiro que desceu da Cidade do México, elegante e ereto; o que Lunero recordava; como não era o menino acariciado, havia sessenta anos, pelas mãos de Ludivinia Menchaca: era só uma cara sem feições, um peitilho ensanguentado, uma careta estúpida. Só as cigarras. Lunero e o menino não se mexeram, mas o mulato entendeu. O senhor morrera por ele. E Ludivinia abriu os olhos, molhou o indicador nos lábios e apagou a vela da cabeceira: quase de gatas, caminhou até a janela. Algo acontecera. O candelabro tornara a retinir. Acontecido para sempre. Estremecido pelo duplo disparo. Escutou as vozes perdidas, até que se apagaram e os insetos tornaram a cantar. Só as cigarras. Baracoa encolheu-se na cozinha; deixou que o fogo morresse e tremeu, pensando que haviam voltado os tempos da



pólvora. Ludivinia também não se mexeu, até que no silêncio venceu-a essa fúria delgada que já não cabia no fechamento do quarto e saiu, dando tropeções, diminuída pelo céu noturno que surgia por todos os bosquetes da casa incendiada, pequena lombriga branca e enrugada, que estendia os braços com a esperança de tocar uma forma humana que durante treze anos soube próxima, mas que só agora desejava tocar e chamar por seu nome, em vez de criá-la no pressentimento: Cruz, Cruz sem nome nem sobrenome verdadeiros, batizado por mulatos, com as sílabas de Isabel Cruz ou Cruz Isabel, a mãe que foi corrida a pauladas por Atanasio: a primeira mulher do lugar que lhe deu um filho. A velha desconheceu a noite; as pernas tremeram, mas insistiu em caminhar, em arrastar-se com os braços abertos, disposta a encontrar o último abraço da vida. Mas só se aproximou esse troar de cascos e essa nuvem de pó. Só esse cavalo suado que parou com um relincho, quando a forma acorada de Ludivinia cruzou o caminho e o recrutador gritou, da sela:

— Para onde foram o menino e o negro,  
velha malandra? Aonde foram, antes que solte  
os cachorros e a tropa?

E Ludivinia só soube responder com um punho nervoso, agitado na noite e sua maldição natural:

— Covarde — disse ao rosto que não chegou a ver, alto na sela. — Covarde — repetiu, com o hálito do cavalo perto do punho levantado.

O chicote alcançou-lhe o ombro e Ludivinia caiu por terra, enquanto o cavalo fez a volta, envolveu-a no pó e arrancou, para longe da fazenda.

Eu sei que me atravessam a pele do antebraço com essa agulha; grito antes de sentir qualquer dor; o prenuncio dessa dor viaja até meu cérebro antes que a pele o sinta... ah ... para prevenir-me da dor que sentirei... para pôr-me em guarda para que perceba...

para que sinta a dor com mais força... porque... perceber... enfraquece... converte-me em vítima... quando percebo... as forças que não me consultarão... não me levarão em conta... já: os órgãos da dor... mais lentos... vencem os de meu reflexo... dor que já não é... a da injeção... mas a mesma ... eu sei... que me tocam o ventre... com cuidado... o ventre inchado; . . pastoso... azul... tocam-no... não aguento... tocam-no... com essa mão ensaboada. . , esse aparelho que corta "os pelos do ventre, do púbis... não aguento... grito... devo gritar... sujeitam-me... os braços... os ombros... grito para que me larguem... larguem-me para morrer em paz... não me toquem... não tolero que me toquem... esse estômago inflamado... sensível... como um olho ferido... não tolero... não sei... dominam-me... apoiam-me... não se movem os meus intestinos ... não se movem, agora sinto, agora sei... os gases expandem-se, não saem, paralisam... não fluem os líquidos que deveriam fluir, já não fluem... incham-me... sei... não tenho temperatura... sei... não sei para onde mover-me, a quem pedir auxílio, direção para levantar-me e andar... forço ... forço... não chega o sangue... sei que não chega aonde deveria chegar... deveria sair-me pela boca... pelo ânus ... não sai... não sabem... adivinham... apalpam-me ... apalpam meu coração acelerado... tocam minha munheca sem pulso... dobro-me... dobro-me em dois... pegam-me pelas axilas... durmo... deitam-me... dobro-me... durmo ... digo-lhes... devo dizer-lhes antes de dormir... digo-lhes... não sei quem são... "Cruzamos o rio... a cavalo"... cheiro meu próprio arfar... fétido... deitam-me... a porta abre-se... abrem-se as janelas... corro ... puxam-me... vejo o céu... vejo as luzes borradas que passam ante minha vista... toco... cheiro... vejo... provo... ouço... levam-me... passo junto... junto... por um corredor... decorado... levam-me... passo junto tocando, cheirando, provando, vendo, cheirando os entalhes suntuosos — as marchetarias opulentas — as molduras de gesso e ouro — as caixas de osso e tartaruga — as chapas e aldravas — os cofres com portas e fechaduras de ferro — os cheirosos escanos de

ayacahuite — as cadeiras de couro — os enfeites e beirais barrocos — os espaldares curvos — as traves torneadas — as carrancas policrômicas — os tachões de bronze — os couros lavrados — as patas viradas de garra e bola — as poltronas de damasco — as casulas de fio de prata — os sofás de veludo — as mesas de refeitório — os cilindros e as ânforas — os tabuleiros chanfrados — as camas de baldaquim e linho — os postes estriados — os escudos e as orlas — os tapetes de merino — as chaves de ferro — os óleos rachados — as sedas e as casimiras — as lãs e os tafetás — os cristais e os lustres — as jarras pintadas a mão — as vigas ardentes — isso não tocarão... isso não será seu... as pálpebras... devem-se abrir as pálpebras... que abram as janelas... viro... as mãos grandes... os pés enormes... durmo... as luzes que passam ante minhas pálpebras abertas... as luzes do céu... abram as estrelas... não sei... Tu estarás ali, nas primeiras alturas do monte que a teus ombros ganhará em altura a respiração... A teus pés, descera a ladeira envolta ainda em ramos frondosos e chilreios noturnos, até diluir-se na planície tropical, tapete azul da noite que se levantará redonda e envolvente... Deter-te-ás na primeira plataforma da rocha, perdido na incompreensão agitada do que aconteceu, do fim de uma vida que em segredo acreditaste eterna... A vida da cabana cercada de campainhas, do banho e da pesca no rio, do trabalho com a cera de murta, da companhia do mulato Lunero... Mas ante tua convulsão interna... um alfinete na memória, outro na intuição do porvir... abrir-se-á este novo mundo da noite e da montanha e sua luz escura começará a abrir caminho nos olhos, também novos e tingidos com o que deixou de ser vida para tornar-se recordação, de um menino que agora pertencerá ao indomável, ao alheio às próprias forças, à amplidão da terra... Liberto da fatalidade de um lugar e de um nascimento... escravizado a outro destino, o novo, o desconhecido, o que espregueia por trás da serra iluminada pelas estrelas. Sentado, recuperando o fôlego, abrir-te-ás para o vasto

panorama imediato: a luz do céu pleno de estrelas chegar-te-á igual e permanentemente... A terra girará em seu curso uniforme sobre um eixo próprio e um sol senhor... girarão a terra e a lua ao redor de si mesmas e do corpo oposto e ambas ao redor do campo comum de seu peso ... Mover-se-á toda a corte do sol dentro de seu cinturão branco e o rasto de pólvora líquida mover-se-á ante os aglomerados externos, à volta dessa abóbada clara da noite tropical, na dança perpétua de dedos entrelaçados, no diálogo sem direção e fronteiras do universo... e a luz pestanejante continuará banhando-te, a planície, a montanha, com uma constância alheia ao movimento da estrela e ao girar da terra, do satélite, do astro, da galáxia, da nebulosa; alheia à fricções, às coesões e aos movimentos elásticos que unem e comprimem as forças do mundo, da rocha, de tuas próprias mãos juntas nessa noite, numa primeira exclamação de assombro... Quererás fixar a vista numa única estrela e recolher toda a sua luz, essa luz fria, invisível como a cor mais ampla da luz do sol... mas essa luz não se deixa sentir sobre a pele... Piscarás os olhos e, de noite como de dia, não poderás ver a verdadeira cor do mundo, proibida para os olhos do homem... Há de te perder, distraído, na contemplação da luz branca que penetrará em tua pupila com seu ritmo cortado e descontínuo... Desde todos seus mananciais, toda a luz do universo iniciará sua corrida veloz e curva, dobrando-se sobre a presença fugaz dos corpos adormecidos do próprio universo... Através da concentração móvel do tangível, os arcos de luz se contrairão, separar-se-ão e criarão em sua permanência veloz o contorno total, a armação ... Sentirás chegarem as luzes e ao mesmo tempo... próximos os sabores excessivos da montanha e da planície: a murta e o mamão, o fedegoso e o buxo, o pinheiro e o loureiro, a baunilha e o cravo, a violeta silvestre, a mimosa, a flor de tigre... verás que retrocedem claramente, cada vez mais para o fundo, num refluxo mareante das ilhas geladas... cada vez mais longe da primeira abertura e do primeiro estalido... A luz

correrá para teus olhos; correrá ao mesmo tempo para a extremidade mais distante do espaço... Cravarás as mãos no assento de pedra e fecharás os olhos ... Voltarás a escutar o rumor próximo das cigarras, o balir de um rebanho desgarrado... Tudo parecerá andar, nesse instante de olhos fechados, ao mesmo tempo, para a frente, para trás e para o solo que o sustem... esse abutre que voa ligado à atração do mais profundo recanto do rio veracruzense e que depois pousará na imobilidade de um penhasco, pronto a levantar o voo que cortará, em ondas escuras, a insistência sempre igual das estrelas... E tu não sentirás nada... Nada pareceria mover-se na noite: nem sequer o abutre interromperá a quietude... A corrida, o girar, a agitação infinita do universo não serão sentidos em teus olhos, em teus pés, em teu pescoço parados... Contemplarás a terra adormecida... Toda a terra: rochas e veios minerais, massa da montanha, densidade do campo arado, corrente do rio, homens e casas, bichos e aves, capas ignoradas do fogo subterrâneo, opor-se-ão ao movimento irreversível e imperturbável, mas não resistirão... Brincarás com um pedregulho, esperando a chegada de Lunero e da mula: vais jogá-lo pela encosta para que alcance um minuto de vida própria, veloz, enérgica: pequeno sol errante, breve caleidoscópio de luzes duplas... Quase tão rápido como a luz que o contrasta; em seguida, grão perdido no pé da montanha, enquanto a iluminação das estrelas continua correndo desde sua origem, com a rapidez imperceptível e total... Tua vista perder-se-á nesse precipício lateral por onde rolou a pedra... Apoiarás o queixo na mão e teu perfil recortar-se-á sobre a linha do horizonte noturno... Serás esse novo elemento da paisagem que logo desaparecerá para buscar, do outro lado da montanha, o futuro incerto de sua vida. , . Mas agora, aqui, a vida começará a ser o vindouro e deixará de ser o passado... A inocência morrerá, não nas mãos da culpa, mas do assombro amoroso... Tão alto, tão alto, nunca havias estado... Nunca havias visto as cruces da amplidão... A

proximidade costumeira do mundo junto ao rio será só uma proporção desta imensidade insuspeitada ... E não te sentirás pequeno ao contemplar e contemplar, nesse ócio sereno da incerteza, os distintos aglomerados de nuvens, o plano ondulado da terra e a subida vertical do céu... Vais te sentir melhor... ordeiro e distante... Não te saberás sobre um solo novo, emergido do mar nas últimas horas, apenas, para lançar cordilheira contra cordilheira e enrugar-se como um pergaminho apertado pela mão poderosa da época terciária... Sentir-te-ás alto sobre a montanha, perpendicular ao campo, paralelo à linha do horizonte... E sentir-te-ás na noite, no ângulo perdido do sol: no tempo ... Lá longe, estão essas constelações, como parece a olho nu, urna ao lado da outra, ou separa-as um tempo incontável? ... Girará outro planeta sobre tua cabeça e o tempo do planeta será idêntico a si mesmo: a rotação obscura e longínqua talvez se consuma neste instante, único dia do único ano, medida mercurial, separado para sempre dos dias de teus anos...

Aquele agora não será o teu, como não o será o presente das estrelas que voltarás a contemplar, adivinhando a luz passada de um tempo alheio, talvez morto ... A luz que teus olhos verão será só o espectro da luz que iniciou sua viagem há vários anos, vários séculos teus: continuará vivendo essa estrela?... Viverá enquanto teus olhos a virem... E só saberás que já estava morta enquanto a olhavas, na noite futura em que acabe de chegar a teus mesmos olhos — se ainda existir —, a luz que realmente brotou, no agora da estrela, quando teus olhos contemplavam a luz antiga e pensavam batizá-la com o olhar... Morto em sua origem o que estará vivo em teus sentidos... Perdido, calcinado, o manancial de luz que continuará viajando, já sem origem, até os olhos de um rapaz numa noite de outro tempo... De outro tempo... Tempo que se encherá de vida, de atos, de ideias, mas que jamais será um fluxo inexorável entre o primeiro marco do passado e o último do futuro... Tempo

que só existirá na reconstrução da memória isolada, no voo do desejo isolado, perdido, uma vez que se esgote a oportunidade de viver, encarnado neste ser singular que és, um menino, já velho agonizante, que ligas numa cerimônia misteriosa, esta noite, os pequenos insetos que se encarapitam nas rochas da vertente e os imensos astros que giram em silêncio sobre o fundo infinito do espaço... Nada sucederá no minuto sem ruído da terra, do firmamento e de ti... Tudo existirá, tudo se moverá e se separará, num rio de mudanças que nesse instante dissolverá, envelhecerá e corromperá tudo, sem que se levante uma voz de aviso... O sol está queimando-se vivo, o ferro está ruindo-se em pó, a energia sem rumo está dissipando-se no espaço, as massas estão gastando-se na radiação, a terra está esfriando-se de morte... E tu esperarás um mulato e um bicho para cruzar a montanha e começar a viver, encher o tempo, executar os passos e ademanes de um jogo macabro em que a vida avançará ao mesmo tempo que morrer; de uma dança de loucura em que o tempo devorará o tempo e ninguém poderá deter, vivo, o curso irreversível da desapareição... O menino, a terra, o universo; nos três, algum dia, não haverá luz, calor, vida... Só haverá a unidade total, esquecida, sem nome e sem homem que a nomeie: fundidos espaço e tempo, matéria e energia... E as coisas terão todas o mesmo nome... Nenhum... Mas ainda não... Ainda nascem os homens... Ainda escutarás o "aoooo" prolongado de Lunero e o som das ferraduras sobre a rocha... Ainda bater-te-á o coração com ritmo acelerado, consciente afinal de que a partir de hoje começa a aventura desconhecida, o mundo se abre e te oferece seu tempo... Tu existes ... Tu estás de pé na montanha... Tu respondes com um assobio ao chamado de Lunero... Vais viver... Vais ser o ponto de encontro e a razão da ordem universal... Teu corpo tem uma razão... Tua vida tem uma razão... És, serás, foste o universo encarnado... Para ti acender-se-ão as galáxias e incendiar-se-á o sol... Para que tu ames e vivas e sejas...

Para que tu encontres o segredo e morras sem poder participá-lo, porque só o possuirás quando teus olhos se fecharem para sempre... Tu, de pé. Cruz, treze anos, no gume da vida... Tu, olhos verdes, braços finos, cabelo cobreado pelo sol... Tu, amigo de um mulato esquecido ... Tu serás o nome do mundo... Tu escutarás o "aooo" prolongado de Lunero... Tu comprometes a existência de todo o fresco infinito, sem fundo, do universo... Tu escutarás as ferraduras sobre a rocha... Em ti se tocam a estrela e a terra... Tu escutarás o disparo do fuzil atrás do grito de Lunero... Sobre tua cabeça cairão, como se regressassem de uma viagem sem origem nem fim no tempo, as promessas de amor e solidão, de ódio e esforço, de violência e ternura, de amizade e desencanto, de tempo e esquecimento, de inocência e assombro... Tu escutarás o silêncio da noite, sem o grito de Lunero, sem o eco das ferraduras... Em teu coração, aberto para a vida, esta noite; em teu coração aberto...



## 1889: 9 de abril

Ele recolhido em si mesmo, no centro dessas contrações, ele, com a cabeça escura de sangue, pendendo, detido pelos laços mais tênues: aberto para a vida, afinal. Lunero segurou os braços de Isabel Cruz ou Cruz Isabel, sua irmã; fechou os olhos para não ver o que acontecia entre as pernas abertas de sua irmã. Perguntou-lhe, com o rosto oculto: "Contaste os dias?", e ela não pôde responder porque gritava, gritava para dentro, com os lábios fechados, os dentes apertados, e sentia que a cabeça já surgia, já vinha enquanto Lunero a segurava pelos ombros, só Lunero, com a vasilha de água fervendo sobre o fogo, a navalha e os panos prontos e ele saía entre as pernas, saía empurrado pelas contrações do ventre, cada vez mais repetidas, e Lunero devia soltar os ombros de Cruz Isabel, Isabel Cruz, ajoelhar-se entre as pernas abertas, receber essa cabeça úmida, negra, o pequeno corpo pegajoso, atado a Cruz Isabel, Isabel Cruz, o pequeno corpo finalmente separado, recebido pelas mãos de Lunero, agora que a mulher deixava de gemer, respirava, deixava escapar um grande suspiro, secava com as palmas brancas o suor do rosto, buscava, buscava-o, estendia os braços: Lunero cortou o cordão, amarrou o cabo, lavou o corpo, o rosto, acariciou-o, beijou-o, quis entregá-lo a sua irmã mas Isabel Cruz, Cruz Isabel já gemia com uma nova contração e as botas se aproximavam da cabana onde jazia a mulher sobre a terra solta, sob o teto de folhas de palmeira, aproximavam-se as botas e Lunero segurava esse corpo de cabeça para baixo, batia-lhe com a palma aberta para que chorasse, chorasse, enquanto as botas se aproximavam; chorou: ele chorou e começou a viver...

Eu não, sei... não sei... se ele sou eu... se tu foste ele... se eu sou os três... Tu... trago-te dentro de mim e vais morrer comigo... Deus... Ele... trouxe-o dentro e vai morrer comigo... os três... que falaram... Eu ... trá-lo-ei dentro e morrerá comigo... só...

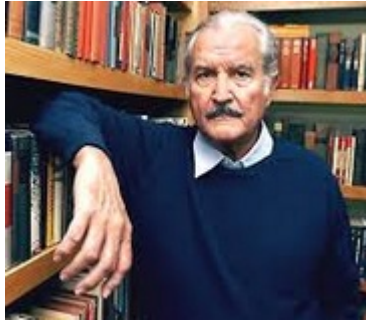
Tu já não saberás: não conhecerás teu coração aberto, esta noite, teu coração aberto... Dizem "bisturi, bisturi"... Eu sim o escuto, eu, que continuo sabendo, quando tu já não sabes, antes de que tu saibas... eu que fui ele, serei tu... eu escuto, no fundo do vidro, atrás do espelho, no fundo, embaixo, em cima de ti e dele... "Bisturi" ... abrem-te... cauterizam-te... abrem-te as paredes abdominais... separa-as a faca fina, fria, exata... encontram esse líquido no ventre... separam tua fossa ilíaca... encontram esse pacote de asas intestinais irritadas, inchadas, ligadas ao teu mesentério duro e injetado de sangue ... encontram essa placa de gangrena circular... banhada num líquido de cheiro fétido... dizem, repetem... "enfarte"... "enfarte do mesentério"... olham teus intestinos dilatados, de um vermelho vivo, quase negro... dizem... repetem ... "pulso"... "temperatura"... "perfuração puntiforme" ... comer, roer... o líquido hemorrágico escapa pelo teu ventre aberto... dizem, repetem... "inútil"... "inútil"... os três... esse coágulo se desprende, desprender-se-á do sangue negro... correrá, parará... parou... teu silêncio... teus olhos abertos... sem visão... teus dedos gelados... sem tato... tuas unhas negras, azuis... teus maxilares trêmulos... Artemio Cruz... nome... "inútil"... "coração"... "massagem"... "inútil"... já não saberás... trouxe-te dentro e morrerei contigo... nós três... morreremos ... Tu... morres... morreste... morrerei.

Havana, maio de 1960.

México, dezembro de 1961.

FIM

## O Autor



Filho de um diplomata de carreira, Carlos Fuentes nasceu na Cidade do México em 11 de novembro de 1928, tendo estudado em várias capitais da América Latina e em Genebra, na Suíça. Em 1950 tornou-se membro da delegação mexicana na Organização Internacional do Trabalho, e em 1954 passou a editar a "Revista Mexicana de Literatura", atividade que também exerceu junto a "El Espectador", "Siempre" e "Política". A partir de 1959, porém, resolveu dedicar-se somente à literatura. Desde então, produziu inúmeros romances, ensaios políticos, relatos de viagem, roteiros de cinema e peças de teatro.

Em todas as suas obras, Fuentes busca a essência da realidade mexicana, e frequentemente persegue uma linha mitológica. Por um lado, considera o passado asteca, cristão e revolucionário do México como uma força atávica, que deve ser levada em consideração no desenvolvimento de seu povo. Por outro, preocupa-se com o esquecimento das promessas políticas feitas durante a Revolução Mexicana, o que lhe trouxe a hostilidade dos representantes da ordem constituída.

Sua carreira literária começa com um livro de contos, "Los días enmascarados" (1954). A este se seguiram os romances "La región más transparente" (1958) e "Las buenas conciencias" (1959), obras em que fornece um vivo retrato da sociedade mexicana atual.

"A morte de Artemio Cruz" (1962) é talvez sua obra mais expressiva. A través das lembranças de um latifundiário às portas da morte, Fuentes apresenta um panorama vibrante do México de hoje em dia, criando uma atmosfera forte e rica em detalhes. A história possui também um profundo cunho político, na medida em que o autor aproveita os pensamentos da personagem para criticar duramente a estrutura social de seu país.

A esse livro seguiram-se vários outros: "Aura" (1962), que estabelece o uso da segunda pessoa na técnica narrativa; "Cambio de pie" (1967); "Cumpleaños" (1969); e "Cantar de ciegos" (contos, 1964). Dedicou-se também ao teatro, escrevendo "Todos los gatos son pardos" e "El tuerto es rey".

Tomando partido contra a repressão policial a demonstrações estudantis, durante os Jogos Olímpicos de 1968, foi expulso do México. Depois de um exílio em Paris, retornou em 1971, ligando-se a um grupo de intelectuais de esquerda e líderes trabalhistas. Nessa época, participou de uma nova e informal organização política, que se propunha a mudar, sem violência, o PRI (Partido Revolucionário Institucional), detentor único do poder político no país. Posteriormente, no entanto, passou a trabalhar no corpo diplomático mexicano.

Fuentes é, sem dúvida, um dos poucos escritores latino-americanos capazes de aprofundar com paixão e sensibilidade as raízes culturais que lhe são próprias. A multiplicidade de estilos oferecida por seus trabalhos apresenta ao leitor os resultados de uma constante pesquisa estético-formal, associada a um estilo vigoroso, capaz de desnudar sem medo os mais agudos problemas sociais.